

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Ana Resende Quadros

UM NOVO OLHAR?

A (des) construção do fazer jornalístico tradicional nas colunas políticas de Eliane Brum no El País.

Juiz de Fora

2021

Ana Resende Quadros

UM NOVO OLHAR?

a (des) construção do fazer jornalístico tradicional nas colunas políticas de Eliane Brum no El País.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial ao título de Mestre em Comunicação Social. Área de concentração: Mídias e Processos Sociais

Orientador: Prof. Dr. Luiz Ademir de Oliveira.

Juiz de Fora

2021

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Resende Quadros, Ana.

UM NOVO OLHAR? : A (des) construção do fazer jornalístico tradicional nas colunas políticas de Eliane Brum no El País. / Ana Resende Quadros. -- 2021.

206 p.

Orientador: Luiz Ademir de Oliveira

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2021.

1. Colunas políticas. 2. Jornalismo político. 3. Jornalismo literário. 4. Webjornalismo. 5. Eliane Brum. I. Oliveira, Luiz Ademir de, orient. II. Título.

Ana Resende Quadros

UM NOVO OLHAR?

a (des) construção do fazer jornalístico tradicional nas colunas políticas de Eliane Brum no El País.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial ao título de Mestre em Comunicação Social. Área de concentração: Mídias e Processos Sociais

Aprovada em 08 de fevereiro de 2021

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Luiz Ademir de Oliveira - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora



Pro. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal
Universidade Federal de Juiz de Fora



Profª Drª Carla Montuori Fernandes
Universidade Paulista

Aos meus pais, por tudo que me deram que é bom e é muito.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Por esta razão, agradeço à esta instituição bem como à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e ao corpo docente do seu Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) por me proporcionar tanto conhecimento.

Em especial agradeço ao meu orientador, o professor Luiz Ademir de Oliveira, por ter me guiado desde meus primeiros anos como pesquisadora, acreditado em meu potencial e me proporcionado tantas oportunidades, sem ele nem eu nem este trabalho seríamos o que somos. Também dedico meu muito obrigada ao professor Paulo Roberto Figueira Leal que ofereceu bem vindas sugestões para a realização deste trabalho e sempre esteve disposto a ajudar no que fosse necessário.

Agradeço ao meu pai por ter me apresentado à Eliane Brum e à minha mãe por ter estado sempre disposta a me atender em tudo que precisei para a realização deste trabalho e me acompanhou em cada passo do mestrado e da vida. É graças aos meus pais que pude seguir meus sonhos e aproveitar as oportunidades que se apresentaram, por isso, sou eternamente grata.

Também deixo registrado meu muito obrigada aos meus amigos, que sempre estiveram dispostos a me ouvir e me apoiar, em especial ao Lucas, que caminhou nesta jornada comigo e com quem aprendo sempre.

RESUMO

A proposta do trabalho é fazer uma análise de conteúdo, aos moldes de Bardin (2011), das colunas políticas publicadas por Eliane Brum no site do jornal global *El País* ao longo do ano de 2019 com o objetivo de averiguar se é possível e, se sim, de que forma, uma associação entre o jornalismo político e o jornalismo literário na internet. Para tanto, serão analisadas as temáticas tratadas por Brum em seus textos e sua proximidade com o jornalismo do Acontecimento ou do Desacontecimento, as fontes e personagens abordados, a proximidades e afastamentos dos textos de Brum com as características das colunas políticas, do jornalismo literário e do webjornalismo. Ao longo deste trabalho, foi possível perceber que Eliane Brum optou por não usar recursos literários com frequência. Isso não quer dizer, porém, que seja impossível usar esses recursos em textos políticos escritos para a internet.

Palavras-chave: Colunas políticas. Jornalismo político. Jornalismo literário. Webjornalismo. Eliane Brum.

ABSTRACT

The aim of the work is to make a content analysis along the lines of Bardin (2011) of the political columns published by Eliane Brum on the website of the global newspaper El País during the year 2019. The objective is of ascertaining whether it is possible and, if so, how, an association between political journalism and literary journalism on the internet can be done. For this purpose, will be analyzed the themes addressed by Brum in her texts and their proximity to the journalism of the Happening or of the “Not-Happening”, the sources and characters addressed, as well as the proximity and distances of Brum's texts with the characteristics of political columns, of literary journalism and of online journalism. Throughout this work, it was possible to notice that Eliane Brum chose not to use literary resources frequently. Never the less, the lack of those resources does not mean that it is impossible to use them on the internet in journalistic texts concerning politics.

Key-words: Political columns. Political journalism. Literary journalism. Online journalism. Eliane Brum.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 POR QUE COMUNICAÇÃO IMPORTA?	12
2.1 O QUE É COMUNICAÇÃO E O PORQUÊ DE SEU PODER?	12
2.2 CONCEPÇÕES DE COMUNICAÇÃO E A SUA CENTRALIDADE	18
2.3 DAS MÍDIAS MASSIVAS À COMUNICAÇÃO DIGITAL	24
3 JORNALISMO: DE ONDE VEIO E PARA ONDE VAI?	35
3.1 UMA ORIGEM LITERÁRIA	35
3.2 AS RAÍZES DO JORNALISMO DE MATRIZ POSITIVISTA E SEU PODER	40
3.3 JORNALISMO LITERÁRIO	44
3.4 JORNALISMO E LITERATURA NO BRASIL	49
3.5 GÊNEROS JORNALÍSTICOS	53
3.6 JORNALISMO DE OPINIÃO	58
3.7 WEB E AS MUDANÇAS TRAZIDAS PARA O JORNALISMO	62
4 ELIANE BRUM: A REPÓRTER DO COTIDIANO	67
4.1 TRAJETÓRIA DE ELIANE BRUM	67
4.2 O QUE É DITO DE ELIANE BRUM	70
4.3 O QUE DEFINE O ACONTECIMENTO OU O DESACONTECIMENTO	74
5 UM NOVO OLHAR?	76
5.1 METODOLOGIA E <i>CORPUS</i> DE ANÁLISE	76
5.2 AS COLUNAS SOB ANÁLISE	77
5.2.1 O Homem mediano assume o poder	78
5.2.2 O chanceler quer apagar a história do Brasil	81
5.2.3 Mourão, o moderado	83
5.2.4 As crianças tomam conta do mundo	88
5.2.5 Bolsonaro (des)governa o Brasil pelo Twitter	90
5.2.6 Quem mandou matar Marielle? E por quê?	92
5.2.7 Bolsonaro manda festejar o crime	94
5.2.8 Cem dias sob o domínio dos perversos	96
5.2.9 O “mártir” governa	99
5.2.10 EU + UM + UM + UM+	101
5.2.11 O golpe de Bolsonaro é pela família, contra a nação	103
5.2.12 A potência da primeira geração sem esperança	105
5.2.13 Ei, Bolsonaro, até o pênis está diminuindo	108

5.2.14 MBL usa aborto para reposicionar marca.....	110
5.2.15 “Empresários não podem ser batedores de carteira”	112
5.2.16 Doente de Brasil	114
5.2.17 As crianças de Altamira	117
5.2.18 Bolsonaro está espiando o Papa?	120
5.2.19 “A notícia é esta: o Xingu vai morrer”	121
5.2.20 Como vocês se atrevem?.....	124
5.2.21 Um Cristo amazônico... e mulher?	127
5.2.22 Lula livre, sim, mas sem fraudar a história	129
5.2.23 Erro de projeto coloca estrutura de Belo Monte em risco.....	132
5.2.24 O AI-5 já se instala na Amazônia (e nas periferias urbanas)	134
5.2.25 Belo Monte, a obra que une os polos políticos	137
5.2.26 Protejam Erasmo: ele pode ser assassinado a qualquer momento	139
5.3 UM OLHAR POSSÍVEL	143
5.3.1 Acontecimento <i>versus</i> Desacontecimento	144
5.3.2 Fontes e personagens	147
5.3.3 A imagem de Brasil construída por Eliane Brum	157
5.3.4 Aspectos textuais.....	164
5.3.5 Características do Webjornalismo.....	167
7 CONCLUSÃO.....	169
REFERÊNCIAS	172
ANEXOS	181

1 INTRODUÇÃO

Jornalismo e política são áreas irmãs. Desde seu surgimento, o jornalismo serviu como uma ferramenta tanto para a transformação quanto para a permanência das vivências sociais. Ligada a esses dois campos está a literatura. No século XIX imperava um estilo denominado por Habermas (1984) de jornalismo político-literário, quando realidade e ficção conviviam pacificamente nas páginas dos periódicos.

Contudo, o jornalismo, como a sociedade, é marcado por transformações. O fim do século XIX e princípio do século XX marcou a consagração da burguesia como classe dominante e, com isso, o fim de um jornalismo focado no debate político e o início do jornalismo focado no lucro (HABERMAS, 1984). Usando como base teórica o Positivismo, os jornais passaram a empregar estratégias de objetividade para se desconectar de entidades políticas e se ligar à lógica de mercado, estabelecendo um modelo em que o jornalismo se dizia o espelho da realidade e não um espaço onde ela pudesse ser debatida (BULHÕES, 2007).

Não havia lugar para literatura nas páginas dos jornais, mas a política seguia presente, tratada como se pudesse ser vista à distância, de forma isenta. Essas mudanças permitiram que a mídia tivesse um papel determinante na política. Ao se propor a ser espelho da sociedade, os jornais passaram a desempenhar papéis antes atribuídos aos partidos políticos, como o estabelecimento do que deveria ser debatido e, conseqüentemente, do que não era importante (LIMA, 2004).

E só era importante o que não era comum. O cotidiano de pessoas ordinárias não merecia estar nas páginas dos jornais, mas os feitos dos políticos, que costumam ser, como definiu a jornalista Eliane Brum (2019a), os melhores entre os seus, mereciam. Foi assim até a década de 1960, quando a literatura voltou a ter mais presença em textos jornalísticos. Aos olhos do Novo Jornalismo, diálogos, costumes, gestos e hábitos, fossem de pessoas famosas ou anônimas, podiam ter espaço no noticiário (WOLFE, 2005).

Desde então, alguns jornalistas abandonaram o objetivismo e a pretensa imparcialidade para seguir um estilo mais literário e humano de ser fazer jornalismo. O Jornalismo Literário pretende ser perene e profundo sem esconder que é parcial (PENA, 2013). Vários estilos surgiram dentro deste gênero, incluindo o Jornalismo do Desacontecimento, proposto por Eliane Brum.

A jornalista gaúcha é uma das mais premiadas do Brasil. Seu estilo propõe dar destaque àqueles que são esquecidos pelo noticiário e para a sociedade, chamados por ela de

invisíveis. A reportagem de Brum descreve os espaços, os objetos, as personagens, imprimindo as visões da jornalista. Suas entrevistas abrem espaço para que o entrevistado diga o que quiser dizer. Em seus textos, Brum reflete e convida para que o leitor faça o mesmo. Assim, ela mostra que não pretende retratar “a verdade”, e sim, “uma de muitas verdades”, quebrando, segundo Fonseca (2013), as barreiras do Positivismo.

Foi assim em seu livro reportagem “A vida que ninguém vê” (2006), ganhador do prêmio Jabuti, e foi assim em suas colunas de opinião do *El País*, a partir de 2013, como afirmam pesquisadores como Vivar e Abib (2018) e Leão (2019). Brum consagrou-se como sendo uma jornalista diferente dos demais, aquela que enxerga o invisível.

Se Brum era diferente é porque continuam existindo jornalistas que abordam o extraordinário, que privilegiam o acontecimento em detrimento do desacontecimento. Parte desses jornalistas seguem trabalhando com a política. Coutinho (2005) percebeu como colunistas podiam influenciar nas pautas tratadas pelos políticos. Aldé *et al* (2007) viu que os blogueiros tinham o poder de ditar como uma história do mundo da política seria percebida pelo público. Política é acontecimento.

Apesar disso, política não é o assunto preferido pelos leitores na internet. A web, é um espaço onde predomina o imediato, mas, como explica Bradshaw (2014), apenas 9% dos leitores se interessam por temas ligados à política, enquanto temas considerados menos relevantes, como esportes, arte e entretenimento, somam 40% da audiência.

Literatura é, sem dúvida, uma forma de entretenimento e já foi usada anteriormente para atrair o interesse do público, como descrito por Resende (2008). Seria possível que o jornalismo político, na internet, utilizasse recursos literários? É com o objetivo de responder a esta pergunta que este trabalho propõe um estudo de caso das colunas publicadas por Eliane Brum ao longo do ano de 2019.

Neste ano, Eliane Brum ganhou o prêmio Comunique-se 2019 na categoria “Nacional – mídia escrita”, destinado a jornalistas que atuam na editoria de política nacional. Sendo assim, ao estudar os textos de Brum sob a perspectiva da Análise de Conteúdo, como descrita por Bardin (2011), pode-se responder às seguintes perguntas: que características do jornalismo literário são e quais não são mantidas nas colunas políticas de Eliane Brum para o *El País*? É possível continuar a fazer jornalismo do desacontecimento mesmo tratando de assuntos tão tradicionalmente ligados ao acontecimento, como a política? Até que ponto é possível abordar personagens, fontes e temáticas do cotidiano quando sua pauta principal é a política? E se Eliane Brum consegue se diferenciar dos demais colunistas políticos, que características seus textos trazem para esse gênero jornalístico?

Com base nessas questões, tem-se por objetivo averiguar de que forma Eliane Brum aborda o acontecimento e o desacontecimento em seus trabalhos como colunista política do site El País Brasil. Também pretende-se observar se há um deslocamento da narrativa do desacontecimento para um lugar mais tradicional ou se ela une ambas as narrativas, além de perceber se e de que forma os recursos da internet são usados para isso.

Faz-se necessário responder a essas perguntas à medida que é inegável que o jornalismo se transformou com a chegada da internet, assim como a forma de consumi-lo. Além disso, é preciso admitir que ainda estamos em um momento de transição, em que ainda se busca o caminho a ser seguido. Contudo, como afirma Breadshaw (2014), a internet não pôs fim ao interesse por conteúdos jornalísticos mais complexos e contextualizados. Pelo contrário, ainda que possam ter menores números em audiência, as grandes reportagens e os conteúdos jornalísticos que demandam mais profundidade são aqueles capazes de atrair a interação do público, que, além de compartilhar o link em suas redes sociais, comenta seu conteúdo. Ademais, o jornalismo feito com maior profundidade consegue fazer com que o público pague pelo conteúdo jornalístico.

Tendo em vista esse cenário, acreditava-se que a possível resposta para as questões levantadas para esta pesquisa seria que, ainda que Eliane Brum não produza mais reportagens aos moldes que desenvolvia em seus trabalhos anteriores, a jornalista ainda seria capaz de tratar com profundidade tanto temas pouco debatidos pela mídia quanto os que despertaram grande interesse público.

Supunha-se que Brum teria conseguido, no formato da web, unir o desacontecimento, seu principal material em *A vida que ninguém vê*, com os principais acontecimentos da semana, como é típico de uma coluna. Ao mesmo tempo, previa-se uma preservação de um tipo de narrativa importada do jornalismo impresso, trazendo sua lógica de que todos somos ao mesmo tempo Zés e Ulisses, ordinários e extraordinários.

Dessa forma, em sua mudança para o universo da internet, esperava-se que Eliane Brum teria sido capaz de adaptar seu texto e suas temáticas para um novo meio, unindo características antigas com as que o meio online demanda. Brum, portanto, teria a habilidade de fazer uma desconstrução do jornalismo tradicional preservando muitas de suas características, não estando mais presa ao jornalismo impresso e também não sendo uma cópia de um modelo de jornalismo para a web.

Para pôr à prova estas hipóteses, foi feita uma Análise de Conteúdo no modelo proposto por Bardin (2011), ou seja, uma análise quantitativa e qualitativa a fim de verificar os elementos constitutivos das 26 colunas publicadas por Brum no site do El País ao longo do

ano de 2019 que foram reunidas pela própria colunista em seu site. O objetivo deste tipo de análise é encontrar padrões e produzir inferências. Portanto, foram selecionadas sete categorias de análise que permitiram que as perguntas propostas fossem respondidas. Tais categorias são: 1- Acontecimento *versus* desacontecimento; 2 – Fontes e personagens; 3 – A imagem de Brasil construída por Eliane Brum; 4 – Narrativas jornalísticas; 5 – O caráter opinativo do texto; 6 – Elementos empregados do jornalismo literário; 7 – Características do webjornalismo.

Para pôr à prova estas hipóteses, o trabalho foi estruturado da seguinte maneira. No primeiro capítulo, “Por que comunicação importa?” fez-se um levantamento bibliográfico do que é comunicação e de sua influência na sociedade desde seu princípio até a atualidade, quando a internet reforçou os significados da comunicação.

Em seguida, o capítulo “Jornalismo: de onde veio e para onde vai” dedica-se a debater a origem e transformações do jornalismo. É neste capítulo que se discute a relação entre jornalismo, política e literatura e as formas do fazer jornalístico antes e depois do surgimento da internet.

Já “Eliane Brum: repórter do cotidiano” é dedicado à introdução de quem é a jornalista Eliane Brum e como seus trabalhos anteriores são percebidos tanto por ela mesma quanto por pesquisadores. É também aqui que se distingue acontecimento de desacontecimento e elenca as propostas trazidas por Eliane Brum ao jornalismo, entendidas como tão diferentes a ponto de criar um novo subgênero jornalístico: o jornalismo do desacontecimento.

A análise do *corpus* se inicia no capítulo “Um novo olhar?”. Neste tópico são apresentadas a metodologia de pesquisa e as categorias estabelecidas para responder as perguntas propostas. As colunas são analisadas individualmente no tópico “As colunas sob análise” e, posteriormente, cada categoria é debatida com mais profundidade em “Um olhar possível”. As respostas para as perguntas propostas são apresentadas na “Conclusão”, quando foi possível perceber que nem todas as hipóteses foram confirmadas.

2 POR QUE COMUNICAÇÃO IMPORTA?

Este capítulo se dedica a debater algumas das principais Teorias da Comunicação, que emergem, ainda de forma fragmentada, no início do século XX e, aos poucos, consolidam-se, até se chegar, a partir dos anos 1970, a uma configuração do campo como uma área do saber com suas especificidades. Com essa revisão bibliográfica, pretende-se compreender o papel exercido pela mídia na sociedade e como ele foi compreendido ao longo dos anos, partindo dos estudos desenvolvidos na primeira metade do século XX até as perspectivas atuais, que englobam a internet.

2.1 O QUE É COMUNICAÇÃO E O PORQUÊ DE SEU PODER?

Comunicar vem do latim *comunicare*. Se consultarmos esse termo no dicionário, receberemos os seguintes significados: conversar, entrar em contato e transmitir. Sendo assim, a comunicação ou o ato de comunicar não estão presentes apenas nas relações humanas, mas também entre máquinas, animais etc. Martino (2001a) explica que a palavra comunicação vem de outro termo latino: *communicatio*. Esse, por sua vez, tem seu significado atrelado ao contexto religioso da Europa Medieval. Nos mosteiros, onde se vivia em isolamento, as refeições da noite feitas em comum ganharam a denominação de *communicatio*, momento em que o isolamento se rompia. Para o autor, a comunicação é uma ação intencional exercida em comum. Contudo, hoje, esse substantivo feminino passa a significar também uma disciplina, um saber.

Apesar de ter estado sempre presente na vida humana, França (2001) explica que os estudos sobre a comunicação somente começaram a ser desenvolvidos no início do século XX, principalmente a partir da década de 1920, quando o rádio passou a ser usado em larga escala, e, novamente em 1950, quando a televisão se tornou um veículo de massa e, posteriormente, hegemônico. Ainda assim, por se tratar de um objeto complexo e em constante mutação devido às revoluções tecnológicas, a comunicação tem dificuldade de se estabelecer como área de estudo.

Entretanto, desde o primeiro momento, quando foram constituídas a Teoria Crítica sobre a Indústria Cultural e a Teoria Hipodérmica, os teóricos eram capazes de perceber uma intrínseca relação entre a mídia e a sociedade. Para a autora, este momento foi marcado por um embate entre duas perspectivas teóricas: a Escola Americana *versus* a Escola Europeia. Embora as duas analisassem os efeitos das mensagens midiáticas sobre o público, a primeira

tinha uma visão mais positiva e pragmática da mídia e buscava fazer dela um instrumento eficaz para o sistema capitalista. A Escola Europeia, por outro lado, tinha um olhar mais pessimista, focado em compreender os processos interativos em profunda mutação, em especial o uso do rádio na divulgação de campanhas de informações massivas feitas na Alemanha nazista.

Conforme explica Wolf (2008), a Escola Americana pode ser dividida em quatro correntes: Teoria Hipodérmica, Abordagem Empírico-Experimental ou da Persuasão, Abordagem Empírica de Campo e Teoria Funcionalista. A primeira a ser formulada é a Teoria Hipodérmica ou Bala Mágica que acreditava que a mensagem era introjetada em cada elemento do público sem que este oferecesse qualquer resistência. Para essa teoria, o público, composto por indivíduos sensíveis, perde suas referências na sociedade de massa e é manipulado pelos meios de comunicação.

Já a Abordagem Empírico-Experimental acredita que os veículos de informação não conseguem manipular o público, mas sim persuadi-lo. Não basta divulgar uma mensagem qualquer, é preciso compreender as características dos destinatários para que se obtenha os efeitos desejados. Para isso, são feitas pesquisas que não apenas investigam essas características como também a melhor forma de transmitir as mensagens. Na Abordagem Empírica de Campo, a diversidade dos receptores ganha importância. Wolf (2008) aponta que, para esta teoria, os efeitos são limitados e, por esta razão, a mídia, no máximo, influencia as pessoas que estão vinculadas a grupos sociais. Por fim, a Teoria Funcionalista não se preocupa com os efeitos, mas com as funções dos *mass media*, como a manutenção da ordem e do *status quo*, além do estímulo à integração e ao progresso.

A Escola Europeia, por outro lado, tem como principal expoente a Teoria Crítica ou Escola de Frankfurt. Wolf (2008) escreve que, para essa perspectiva teórica, o público seria apenas um fantoche manipulado pela chamada indústria cultural. Muito do que diziam os teóricos dessa escola, como Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Walter Benjamin, relaciona-se ao contexto da Alemanha na Segunda Guerra. Embora também acreditem que os meios de comunicação de massa exercem grande poder de manipulação sobre as pessoas, para eles, este poder totalitário não parte necessariamente da mídia, que funcionaria apenas como uma vitrine de exibição dos produtos por meio da indústria cultural. O domínio é da própria racionalidade técnica presente no processo produtivo dos bens simbólicos.

Este conceito surgiu das análises feitas por Horkheimer e Adorno (2000) de fenômenos sociais característicos da sociedade americana entre os anos 1930 e 1940. Os

autores acreditavam que: “A civilização atual a tudo confere um ar de semelhança. Filmes, rádio e semanários constituem um sistema. Cada sistema se harmoniza em si e todos entre si” (HORKHEIMER; ADORNO, 2002, p.169).

O sistema a que se referem é a indústria cultural, termo que substitui cultura de massa. A necessidade de substituição se dá porque, para os autores, esse novo modelo de cultura não nascia espontaneamente das próprias massas, que seriam passivas e teriam perdido seus laços tradicionais. A migração para os grandes centros teria gerado conflitos de identidade entre o particular e o universal, criando uma poderosa indústria na qual os bens simbólicos já não se apresentam como arte, e sim como negócio. Nessa perspectiva, a sociedade se auto alienaria ao procurar pela média, pelo padrão, cabendo à indústria cultural construir clichês para atender às necessidades dos consumidores.

Se antes achava-se que o público era completamente passivo e manipulável, sendo incapaz de ter alguma influência sobre os emissores, hoje, seguindo uma visão construcionista, sabemos que a mídia influencia a sociedade, mas que o inverso também ocorre. Entre os principais pensadores dessa perspectiva teórica que enxerga a realidade como uma construção social estão Berger e Luckmann (1998). Para eles, o mundo é composto de diversas realidades e as compreensões delas podem entrar em choque. Os autores acreditam que a mais fundamental é a percepção da vida cotidiana, pois é nela que se exige o máximo da consciência do homem comum. Essa realidade é apresentada ao indivíduo pronta e varia conforme o meio em que ele está inserido. Nós incorporamos o que nos é apresentado antes que tenhamos tempo de influenciar a realidade.

Os autores enfatizam que, por mais que a realidade cotidiana possa ser alvo de diversas interpretações, existe um senso comum do qual todos fazem parte e compartilham, apesar das experiências individuais. Para que ocorra a transferência de todos esses conhecimentos (objetivação), é preciso fazer uso da linguagem. Além da linguagem estabelecida nas relações face a face, existe a linguagem por meio de sinais, que é influenciada pelo fator tempo. Assim, uma arma que em outros tempos era símbolo da caça, hoje passa a ser símbolo de violência.

Berger e Luckmann (1998) acreditam que a linguagem é o mais importante sistema de sinais inventado pelos humanos. Ela é o que permite a compreensão da realidade e da vida cotidiana, a interação com os semelhantes, além de se destacar da relação face a face e permitir que se fale de assuntos que não foram vividos ou não fazem parte da realidade direta do indivíduo.

É também por meio da linguagem que são instituídas as crenças. Manheim (*apud* LEGROS *et al*, 2007) destaca que os indivíduos baseiam suas ações nas representações imaginativas do mundo, que mudam conforme o tempo. Também não é possível pensar que por estarem inseridos em uma mesma cultura, todos pensarão da mesma maneira. Daí surge a diferença entre dois tipos de crença: a ideologia e a utopia. A primeira acontece quando os indivíduos alinham um tipo de pensamento com seus próprios interesses, preservando o *status quo*. A segunda acontece quando há uma pressão por mudança do que está estabelecido.

O estabelecimento de uma crença utópica ou ideológica depende da formação do “eu”, que, por sua vez, só pode ser compreendido levando-se em conta o contexto social em que foi formado. Assim, não existe uma essência humana boa ou má, já que a natureza humana é construída a partir das relações sociais. Para Berger e Luckmann (1998), a realidade objetiva tem por base ações que se repetem até se tornarem hábitos, ganham nomes, ou seja, são tipificados, e então são institucionalizados. A institucionalização, por sua vez, poupa os indivíduos de pensarem sobre suas decisões, pois as tomam baseados na tradição.

A institucionalização pode ser completa ou parcial. Ela é completa quando todos os problemas e realidades dos indivíduos são compartilhados e é parcial quando os indivíduos têm apenas um conjunto de problemas em comum. Nesse caso, apenas esse conjunto é institucionalizado.

A transmissão desses conhecimentos implica no uso de ferramentas de controle e legitimação. Uma delas são os papéis sociais, relacionados à divisão do trabalho e à ordem social. Também são ferramentas as regras de conduta e controle e as sanções que punem aqueles que não seguem as normas.

Legros *et al* (2007) lembram o poder dos mitos na construção do imaginário. Os autores citam Bataille e sua crença de que nem a ciência, nem a arte, nem a ação prática são capazes de dar sentido à existência e que os significados que atribuímos aos sentimentos é dado pelos mitos, entendido por ele como a realização de um projeto de destino. O mito só pode se dar na relação com a sociedade.

O sagrado seria o fundamento absoluto da vida social. Nenhum grupo de indivíduos pode, de fato, segundo esta perspectiva, achar sua substância sobre a base única das interações sociais recíprocas comandadas por imperativos materiais e sua tradução sobre o plano da ideologia secular. O conceito de sobressocialização é dado para evocar uma tendência natural de toda a comunidade de sacralizar o mais possível, a fim de aumentar sua grandeza e sustentar, eficazmente, sua ação e seus projetos (LEGROS *et al*. 2007, p.88-89).

Berger e Luckmann (1998) explicam que as objetivações sociais são interiorizadas pelas pessoas. Essa assimilação é que constrói a identidade do indivíduo. Isso quer dizer que a identidade é construída a partir do mundo objetivado e depende da posição do indivíduo dentro do grupo. Para que isso aconteça, o indivíduo deve passar por socializações.

Esta, por sua vez, ocorre em duas fases: a socialização primária e a secundária. A primeira é feita na infância, período em que o indivíduo constrói sua identidade a partir do que ele não é. Ele é apresentado ao mundo por “outros significativos” (família) com os quais se identifica. Isso é essencial, pois não é interiorização sem identificação (BERGER; LUCKMANN, 1998).

A personalidade é, para os autores, uma fusão da identidade atribuída pelos outros (objetiva) e a autoidentificação (subjativa). A criança não escolhe seus outros significativos e, portanto, também não escolhe sua visão de mundo, que passa a compartilhada por ela e pela família. É na socialização primária que a criança passa a ter o sentimento de pertencimento a um grupo. Já a socialização secundária acontece durante toda a vida do indivíduo nas instituições das quais fizer parte. Seus conhecimentos têm maior chance de não serem conservados, já que não estão associados a questões emocionais.

Como a socialização nunca está completa, é preciso pensar em maneiras de conservação da realidade. Isso pode ocorrer de duas maneiras: a conservação rotineira, ligada à vida cotidiana; e pela conservação crítica, usada nos momentos de crise. As técnicas usadas para manter a realidade nesses momentos críticos podem envolver rituais e até o uso de força (BERGER; LUCKMANN, 1998). Os autores acreditam que a maneira mais fácil de se manter a realidade é por meio da conversa, mas também é por meio dela que se pode transformar a realidade.

Dentre as teorias que seguem as premissas da perspectiva construtivista – de que o indivíduo é produto, mas também produtor da ordem social, estão os Estudos Culturais que emergem nos anos 70, procurando não se ater aos efeitos da mídia sobre o público, mas, principalmente, entender como os meios de comunicação estão inseridos no contexto social e cultural e de que forma os receptores também estão imbuídos de percepções subjetivas e atreladas ao seu universo cotidiano. Escosteguy (2014) explica que não há um conceito fixo para esta vertente – sejam Estudos Culturais ou Escola de Birmingham. Isso porque opera de forma similar em diversos contextos temporais, espaciais e culturais. Contudo, como no caso dos construcionistas, os teóricos dessa vertente acreditam que as estruturas constroem os sujeitos da mesma forma que os atores sociais constroem as estruturas.

Entre os diferenciais dessa escola está sua percepção da cultura comum que, para estudiosos como Raymond Williams, tem a mesma importância que as artes tradicionais, como a literatura e música. Escoteguy (2014) aponta que relações de poder, para essa perspectiva teórica, estão intrinsicamente ligadas à cultura. Para eles, o campo cultural serviria como local de embate para enfrentamentos provenientes das desigualdades sociais. Escoteguy (2014) aponta, no entanto, que hoje se pode elencar também desigualdades de gênero e raça, por exemplo.

De modo mais específico, destacam-se três aspectos dentre suas repercussões propriamente na pesquisa em comunicação. O primeiro deles associado a um desenvolvimento de um determinado tipo de investigação sobre as audiências, ou sobre o processo de recepção; o segundo, à crítica a uma compreensão da comunicação como um fenômeno centrado nas próprias tecnologias de comunicação; e o terceiro, ao questionamento do enfoque fragmentado e esquemático do processo comunicativo, predominante na área (ESCOTEGUY, 2014, p.254).

Para se compreender os fenômenos comunicacionais contemporâneos, é preciso enxergar os processos da comunicação como um ambiente de circulação, em que as mensagens não necessariamente são interpretadas pelo outro da forma pretendida pelo emissor. A visão matemática da comunicação ou a visão de que a linguagem se trata apenas de um código limita as possibilidades de estudo dos fenômenos comunicacionais.

Fausto Neto (2013) acredita que, ao percebermos a comunicação como ferramenta, deixamos de lado todas as possibilidades que a circulação oferece. Segundo o autor, é impossível que se controle a interação antes que ela aconteça. Para ele, os dois lados produzem sentidos para uma mensagem que não são necessariamente iguais. O locutor, portanto, não teria controle do efeito de sua mensagem no receptor.

Braga (2013) aponta que somente a existência de um código compartilhado não garante a comunicação, tendo em vista sua necessidade de adaptação à situação e ao contexto em que é utilizado. Isso é mais um indício de que os códigos não funcionam como a criptografia, em que é possível codificar e decodificar uma mensagem sem alterações. Ainda assim, os códigos têm um sistema de regras e padrões compartilhados que permite um maior potencial de entendimento entre os falantes. E, mais que isso, possibilita a produção de ações plurais.

Via de regra, para que ocorra uma interação, é necessário apenas que os interlocutores tenham alguma referência em comum. Entretanto, essa comunhão não garante que a compreensão e a reação à mensagem serão as mesmas. Afinal, “estamos em um espaço no qual a ‘ação em comum’ não é necessariamente harmônica” (BRAGA, 2013, p.161).

Para Fausto Neto, os momentos de desequilíbrio na comunicação ocorrem quando a circulação se torna mais perceptível. É nesses momentos que surgem os meios de comunicação, que tem o objetivo de diminuir a distância nas condições de contato entre emissor e receptor.

2.2 CONCEPÇÕES DE COMUNICAÇÃO E A SUA CENTRALIDADE

Diante de novas perspectivas sobre o campo da comunicação, a mídia passou a ocupar um lugar estratégico nas sociedades contemporâneas. Com o processo de modernidade, há uma autonomização dos campos sociais, conforme aponta Rodrigues (1990). Por isso, é importante entender a lógica que remete ao conceito de campo social ou campo simbólico. Nesse sentido, são muito ricas as considerações do sociólogo Pierre Bourdieu (2001). Para o sociólogo, em nosso mundo, existe uma gama de poderes, e é necessário procurar pelos tipos de poder que geralmente passam despercebidos, o poder simbólico. Essa modalidade somente pode ser exercida com a cumplicidade daqueles que estão sujeitos a ele e daqueles que o exercem.

O poder simbólico está presente em todos os campos sociais e universos simbólicos que, ao mesmo tempo são construídos por ele e ajudam a estruturá-lo. Isso ocorre porque os símbolos são instrumentos do conhecimento e da comunicação e, assim, constroem um consenso quanto a ordem social. É desta maneira que as ideologias, que são representações de interesses particulares, são apresentadas como sendo de interesse coletivo.

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os “sistemas simbólicos” cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação de dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço de sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a “domesticação dos dominados” (BOURDIEU, 2001, p.11).

Dessa forma, as classes entram em disputa para que sua própria visão de mundo prevaleça sobre as outras. A força dos sistemas simbólicos está no fato de que os poderes exercidos não são percebidos. Esse poder simbólico é, na verdade, o poder de fazer ver e fazer crer, ou seja, ditar o que se crê que é real. O poder simbólico é uma forma de expressão de outros tipos de poder. Os capitais (as vantagens que diferenciam os poderosos) dos outros poderes são transformadas em capital simbólico.

Para Bourdieu, como a força do poder simbólico está no fato de ele não ser percebido, a única maneira de destruí-lo seria revelá-lo, ou seja, destruir a crença na qual ele se baseia, a tomada de consciência de que aquela situação não é natural, mas sim construída.

A recusa dessa tomada de consciência é expressa pelo que Bourdieu chama de *habitus*, ou seja, agir conforme um conhecimento adquirido, uma disposição incorporada. O *habitus* não é o mesmo para toda a sociedade. Isso porque a sociedade se divide em campos, cada qual com suas próprias crenças, linguagem, coisas materiais e simbólicas. Sendo assim, cada campo tem suas próprias relações de poder.

Nesses campos multidimensionais que são os campos sociais, podem ser recortadas diversas classes, definidas por Bourdieu como um grupo de pessoas em condições semelhantes que tendem a agir de forma parecida. Para ele, não existem classes no sentido de grupos mobilizados para a luta (classes no papel), o que existe é um espaço de relações, tão real quanto um espaço geográfico. Há mais chance de aproximação e mobilização de grupos quando mais próxima for a distância no espaço de relações.

O sentido de uma posição ocupada nesse espaço é dado pela incorporação das estruturas vigentes, tidas como naturais. A tendência de aceitar as coisas como são é maior do que a de se rebelar contra elas. E quem dita a realidade são as pessoas com maior capital simbólico (distinção). Esse capital é tido como algo óbvio, o que faz com que as pessoas com maior reconhecimento do grupo no qual se inserem tendem a permanecer poderosas. E a distribuição do poder é extremamente desigual.

Nesse contexto, os menos poderosos nomeiam os mais poderosos para serem os porta-voz dos grupos. Quem detém o maior capital passa a agir e falar pelo grupo, fazendo com que o grupo só exista por meio dele. Sendo assim, as classes não existem de fato, mas apenas na crença que os mandatários conseguem impor.

Tem-se a impressão de que esses aparelhos são ou bons ou ruins, porém, ao serem vistos desta maneira, “às figuras alegóricas da dominação só se podem opor outras personificações míticas” (BOURDIEU, 2001, p.75).

Reduzir os agentes ao papel de executantes, vítimas ou cúmplices, de uma política inscrita na Essência dos aparelhos, é permitir-nos deduzir a existência da Essência, ler as condutas na descrição dos Aparelhos e, ao mesmo tempo, fugir à observação das práticas e identificar a pesquisa como a leitura de *discursos* encaradas como matrizes reais das práticas (BOURDIEU, 2001, p.77).

Bourdieu afirma que a construção do passado e o julgamento das ações dependem da posição no campo social. Assim, o herdeiro de um grupo sempre fará o que é apropriado para

aquele grupo. Se um agente estiver em uma posição de privilégio, ele lutará para manter esse privilégio. Da mesma forma, o agente que não está em posição de privilégio lutará para ocupar esse lugar. E assim o campo permanece sempre em luta, sem que ninguém lucre com esse jogo, mesmo os que o dominam.

Os sujeitos são produto da história e dos resultados de lutas passadas. Os agentes, portanto, não podem ser julgados como bons ou maus pela posição que ocupam no espaço social.

O mundo social está assim povoado de instituições que ninguém concebeu nem quis, cujos “responsáveis” aparentes não só não sabem dizer [...] como se “inventou a fórmula” – como também se surpreendem que elas possam existir como existem, tão bem adaptadas a fins nunca formulados expressamente por seus fundadores (BOURDIEU, 2001, p. 93).

Ao mesmo tempo em que existe uma luta constante para derrubar as instituições existentes, quanto mais essas estruturas perduram, mais difícil é para a classe dominada se libertar dessa situação. Parte dessa luta pode ser travada com o auxílio da imprensa. Jornalistas como Eliane Brum dedicam parte de seu trabalho a tentar revelar essas violências invisíveis. Por vezes, a imprensa consegue até mesmo diminuir opressões. É relatado no livro *O olho da rua* (BRUM, 2008), que parte das demandas da população da Terra do Meio foram atendidas após reportagem feita por Brum no lugar.

Essa influência da mídia leva Adriano Duarte Rodrigues (1990) a afirmar que os meios de comunicação desempenham um papel central na nossa sociedade, permeando os diferentes campos simbólicos. O autor afirma que a instância comunicativa midiática passa a ser mediadora da vida social. Fazendo uma intermediação dos outros campos sociais, o discurso midiático assume uma natureza exotérica, ou seja, constrói-se como um discurso de fácil compreensão dos repertórios dos demais campos simbólicos. Uma das estratégias para atingir esse objetivo é o uso de metáforas. A mídia abarca:

[...] todos os dispositivos, formal ou informalmente organizados, que têm como função compor os valores legítimos divergentes das instituições que adquiriram nas sociedades modernas o direito a mobilizarem autonomamente o espaço público, em ordem à prossecução dos seus objectivos e ao respeito dos seus interesses (RODRIGUES, 1990, p.152).

Braga (2011) aponta três razões pelas quais é possível considerar a mídia como central na sociedade moderna. A primeira delas seria que os meios de comunicação, em especial os audiovisuais, foram os responsáveis para a percepção social de que a sociedade conversa consigo mesma, ou seja, para a objetivação do objeto comunicação.

Um segundo ponto elencado pelo autor são os processos comunicacionais provocados pelos meios de comunicação social (MCS), capazes de produções de sentidos compartilhadas por toda a sociedade. Grande parte do que se comunica na contemporaneidade, seja sob o aspecto quantitativo ou de relevância, é feito por meio dos MCS.

Pela primeira vez na história, uma sociedade se dotou de um vasto aparato tecnológico-empresarial-cultural-profissional-mítico voltado especificamente para (ou proposto expressamente como sendo para) veiculação de mensagens e para a produção de efeitos de fruição estética ou de entretenimento. Ao mesmo tempo, por sua dimensão, complexidade e diversidade de ações e poder intrínseco, este aparato não pode ser visto como inteiramente a serviço de uma outra determinada ordem de objetivos e processos sociais (BRAGA, 2011, p.68).

Essa produção de mensagens e efeitos faz com que a mídia se aproprie de funções antes pertencentes a outros campos sociais. Para Braga, esse é o terceiro fator que atesta a centralidade midiática. Para o autor, os MCS incluem tudo que conseguem representar em sua narrativa. Ao fazerem isso, os meios penetram nos processos sociais, alterando-os conforme sua própria lógica. Esse conjunto de fatores permite afirmar que vivemos em uma “sociedade de comunicação” ou “sociedade mediática”.

De todas as áreas que fazem uso da mediação para transmitir seus discursos, talvez a política seja a que mais dependa da mídia para atingir seus objetivos. Thompson (1998) explica que o surgimento da mídia eletrônica nos possibilitou um maior acesso à imagem de líderes políticos e celebridades do que se tinha antes. Muitas vezes somos capazes de nos sentirmos íntimos de pessoas que nunca encontraremos em nossas vidas cotidianas. Essa evolução tecnológica modificou as formas de poder e, também, a maneira como distinguimos o público e o privado.

Os políticos sempre controlaram sua visibilidade. Porém, essa antiga prática tornou-se mais difícil nos tempos modernos. Antes, suas interações eram basicamente com os membros da corte, salvo grandes eventos como coroações, marchas de vitórias e funerais. Nesses eventos maiores, onde interagiam com o público, conseguiam se colocar metafórica e literalmente acima e distante de todos, mantendo o caráter sagrado do poder. Com os jornais, os governantes podiam divulgar a própria imagem para aqueles que antes não teriam acesso a ela, por outro lado, seus opositores poderiam fazer circular imagens dos governantes que não condiziam com o que estes diziam deles mesmos.

Com a televisão, o público receptor das imagens dos governantes (tanto boas quanto ruins) se tornou muito maior e mais disperso. Além disso, o público pode realmente ver seus líderes, causando o aumento da importância da aparência (vestimenta, apresentação, modo

como se portar). Ademais, com as sociedades democráticas e, conseqüentemente, a escolha de novos líderes de tempos em tempos, os governantes não têm escolha “senão a de se submeterem à lei da visibilidade compulsória” (THOMPSON, 1998, p.124).

A obrigatoriedade de exposição midiática também é percebida por Rodrigues (1990), que, por sua vez, afirma que a realidade é determinada pela mídia, ou seja, tudo que não é abordado por ela não tem existência reconhecida pela sociedade. Essa perspectiva faz Lima (2004) desenvolver sete teses que relacionam a mídia e a política no Brasil.

A primeira delas aponta que a mídia exerce um papel central nas atividades humanas. Na segunda tese, Lima afirma que a política não sobreviveria sem a mídia, já que cabe a esta definir o que é ou não público no mundo atual, ao passo que a política é essencialmente pública e visível.

Ao pautar o que é público, a mídia, de acordo com a terceira das sete teses de Lima, passa a desempenhar papéis antes exercidos pelos partidos políticos. Entre eles estão a construção da agenda pública, a transmissão de informações políticas, a fiscalização das ações governamentais e a canalização das demandas populares. Essa conjuntura fez com que as campanhas eleitorais se alterassem profundamente, se tornando muito mais dependentes da mídia, como aponta Lima em sua quarta tese. Sendo assim, como afirma a quinta tese, a mídia se torna, ela própria, um importante ator político, permitindo aos proprietários de grandes grupos de comunicação alterarem os rumos dos governos.

Uma das formas de alteração no cenário político é a inclusão de pessoas da própria mídia na política. Para que um indivíduo ingresse no meio político é preciso que se tenha acesso aos recursos materiais e simbólicos necessários. Um desses recursos simbólicos, como lembram Miguel *et. al* (2015), é o capital político que, como todo capital, está distribuído de forma desigual pela sociedade. Ele trata da popularidade usada pelo político para angariar votos. Essa popularidade pode advir do status econômico, de relações familiares, de associações com movimentos sindicais, da trajetória acadêmica e, ainda, da proeminência na mídia, como no caso de atores, jornalistas, esportistas e celebridades, sendo, posteriormente, transposta para a política.

Em sua sexta tese, Lima afirma também que as características históricas do povo brasileiro permitiram o cenário atual entre mídia e política, principalmente no campo eleitoral. A razão é o alto índice de analfabetismo ou analfabetismo funcional, levando que a população se informe e entretenha principalmente através da televisão. Por fim, a sétima tese de Lima aponta que tanto a mídia (devido a maus investimentos) quanto a política estão em crise,

sendo este, então, o momento propício para pensar a relação entre as duas esferas e, assim, ajustá-las às demandas sociais.

Nesse contexto, Braga (2006, 2011) defende que é necessário ressaltar a interação entre mídia e sociedade, ao contrário do que fazem alguns pesquisadores ao atribuírem aos produtos midiáticos muito mais poder do que de fato possuem. Ou seja, é preciso frisar que não apenas a relação da mídia com os demais campos sociais se alterou, mas também houve mudanças na própria mediação. Atualmente, as práticas interacionais não estão restritas à mídia de massas. Entende-se, agora, o receptor como um sujeito que também é ativo no processo comunicacional. Braga (2012, p.36) ressalta que “o surgimento das novas tecnologias crescentemente disponibiliza possibilidades de midiatização para setores ‘não-midiáticos’”. Cria-se assim um fluxo contínuo de comunicação, no qual as mensagens são criadas com o foco nas respostas esperadas ou pretendidas.

Desse modo, uma das estratégias para se manter na mídia é a midiatização, ou seja, tornar algo parte do discurso midiático. Braga descreve esse processo como:

[...] uma criação e recriação contínua de circuitos, nos quais, articulados com processos de oralidade e processos do mundo da escrita, os processos que exigem ou exercem intermediação tecnológica se tornam particularmente caracterizadores da interação (BRAGA, 2012, p.50).

Hjarvard (2012) afirma que não se pode tratar a mídia como uma instituição independente da cultura, da família e da religião. Para o autor, a mídia integrou-se e se interpôs às demais instituições e deve-se compreender as formas pelas quais elas e os processos culturais se reformularam a fim de se adaptarem a lógica midiática. Ele lembra ainda que o termo midiatização foi aplicado primeiramente ao impacto dos meios de comunicação na comunicação política. Uma forma dessa adaptação da política à lógica da mídia, para ele, é quando os políticos formulam suas declarações públicas em termos que personalizam e polarizam as questões, para que as mensagens tenham mais chances de serem veiculadas pela mídia.

Fausto Neto (2012) exemplifica uma estratégia de midiatização por meio de uma análise da atuação do Instituto Lula no período da descoberta e tratamento do câncer do ex-presidente. Conforme explica, as duas operações feitas pelo Instituto Lula – antecipar a existência da doença e os efeitos sobre o corpo de Lula do tratamento quimioterápico – foram uma importante estratégia de midiatização ao se antecipar e evitar que o campo jornalístico autorizado fosse o enunciador e principal mediador da enfermidade do ex-presidente. Nesse

sentido, o Instituto Lula apresentou os fatos a partir dos enquadramentos que considerava mais importantes para Lula, sem poder de interferência dos medias noticiosos.

Nesse sentido, Braga afirma que, ao criar novos circuitos informativos e comunicacionais, o processo de mediatização coloca em xeque, de certa forma, o poder dos campos simbólicos instituídos. Quebram a sua hierarquia e ignoram suas formas de funcionamento. Como se trata de um processo que se intensificou nos últimos anos, o autor é cauteloso em afirmar até que ponto isso, de fato, coloca em risco o poder de tais campos, ressaltando que é um período de transição, de mudanças na lógica também de como os sujeitos atuam na esfera pública.

2.3 DAS MÍDIAS MASSIVAS À COMUNICAÇÃO DIGITAL

Uma maior circularidade da comunicação e a emergência de novos circuitos informacionais estão, sem dúvida, relacionados ao surgimento e consolidação das mídias digitais a partir dos anos 1990. Esse processo se intensificou no século XXI com a web 2.0, pautada, principalmente, na interatividade que aciona. Nesse sentido, para nos ajudar a compreender como funciona a comunicação na contemporaneidade, Castells (2017) retoma o conceito do termo. Para ele, “Comunicação é o compartilhamento de significado por meio da troca de informação” (CASTELLS, 2017, p. 101). Esse processo pode ser feito de duas formas: interpessoal ou social (chamada de comunicação de massa). O que as distingue, em sua essência, é que a comunicação interpessoal é, necessariamente, interativa, enquanto a comunicação de massa pode ser unidirecional.

Castells aponta, ainda, é que, com a chegada da internet, surgiu um terceiro modelo de comunicação: a autocomunicação de massa. Nesse formato, o emissor poderá enviar uma mensagem em tempo real para um grande número de pessoas, sendo tanto mídia quanto público para mensagens.

Contudo, segundo Han (2018), a falta de hierarquia e a possibilidade que todos têm de serem tanto receptores quanto destinatários (ou produtores) de mensagens é danosa para o poder e permitem a criação de *shitstorms*. Atualmente, tem poder aquele que “*dispõe do Shitstorm da rede*” (HAN, 2018, p.20). Além disso, Han (2018) aponta como sendo típico do digital as ondas de indignação. Segundo o autor, embora elas sejam eficientes em chamar a atenção e mobilizar as pessoas, elas são voláteis demais para conseguirem organizar um discurso político na esfera pública.

Essa sociedade marcada pelo escândalo, pela desobediência, pela histeria e pela rebeldia é denominada por Han como sendo uma sociedade da indignação. Essa indignação vem em ondas e pouco causam identificação com a sociedade, não gerando resultados reais. “A indignação digital [...] é, antes de tudo, um estado afetivo, que não desenvolve nenhuma força com poder de ação” (HAN, 2018, p. 23). Segundo o autor, a sociedade digital perdeu o olhar, afastando-nos uns dos outros. O smartphone com sua tela sensível ao toque pode ser considerada transparente, mas que esconde o olhar.

A parcela verbal da comunicação é muito pequena. As formas não verbais de expressão como gesticulação, expressões de rosto ou linguagem corporal constituem a comunicação humana. Elas lhe concedem a sua tatilidade [*Taktilität*]. Com tátil não se quer dizer o contato corporal, mas sim a pluridimensionalidade e multiplicidade de camadas da percepção humana, da qual fazem parte não apenas o visual, mas também outros sentidos. A mídia digital furta a comunicação a tatilidade e a corporeidade (HAN, 2018, p.44).

Isso teria transformado a sociedade em um enxame digital, que pode ser considerado a nova massa, mas consiste em indivíduos singulares, ainda que seja um alguém anônimo. É a singularidade que impede a ação do enxame, permitindo uma exploração sem dominação.

A massa é estruturada de um modo inteiramente diferente. Ela revela propriedades que não podem ser referidas aos indivíduos. Os indivíduos se fundem em uma nova unidade, na qual eles não têm mais nenhum *perfil próprio*. Um aglomerado contingente de pessoas ainda não forma uma massa. E primeiramente uma alma ou um espírito que os funde em uma massa fechada e homogênea. Uma alma de massa ou um espírito de massa falta inteiramente ao enxame digital. Os indivíduos que se juntam em um enxame não desenvolvem nenhum *Nós*. Não lhes caracteriza nenhuma consonância que leve a massa a se unir em uma massa de ação. O enxame digital, diferentemente da massa, não é em si mesmo coerente. Ele não se externa como uma *voz*. Também falta ao *Shitstorm* a uma voz. Por isso ele é percebido como *barulho* (HAN, 2018, p.27).

Han acredita que a mídia digital leva ao atrofiamento da mão e do pensamento. Ele aponta para uma sociedade em que a circulação da informação aumentou, mas o saber se tornou mais raro. Han (2018) acredita que a informação, por ser transparente, não combina com o poder, que opera no âmbito do oculto e do segredo. O poder combina mais com as mídias de massa, como o rádio. Nesse sentido, o viés pessimista da teoria de Han dialoga, em parte, com os estudos dos teóricos da Escola de Frankfurt que acreditam no forte poder de manipulação da indústria cultural, com ressalvas para as devidas divergências entre as correntes, tanto do ponto de vista histórico quanto epistemológico.

Por outro lado, Castells (2017) lembra que autocomunicação em massa não elimina as demais formas de comunicação. Pelo contrário, os três tipos de processos comunicacionais

interagem a todo momento, produzindo novas maneiras de se lidar com a comunicação. Também é incorreto afirmar que os meios de comunicação de massa tiveram sua importância reduzida em grande escala com a internet.

Jenkins (2015) argumenta que, na verdade, as mídias atuam de forma complementar. Isso ocorre, principalmente, no mundo do entretenimento, no qual são criados universos ficcionais presentes em diversas mídias de forma tal que cada um dos meios utilizados construa a história.

Para se encaixar nesse modelo, denominado pelo autor de narrativa transmídia, não basta que uma mesma história se repita em diversos meios, como é o caso de tantos filmes que se baseiam em livros. Nesses casos, seria apenas a adaptação de uma história. Para que uma narrativa seja de fato transmidiática, uma pessoa precisa ser capaz de adentrar a história por qualquer um dos meios, ainda que exista uma história principal contada em algum deles (JENKINS, 2009).

Inicialmente, esse modelo de narrativa era criado durante a produção da história, não sendo pensada com antecedência. A trilogia de filmes Matrix¹, exemplo citado por Jenkins (2015), gerou revistas em quadrinhos, jogos e outros produtos que agregavam à história, ainda que seguissem personagens secundários.

Inúmeros exemplos podem ser apontados, como Harry Potter², Senhor dos Anéis³, Star Wars⁴ e muitas outras grandes sagas da cultura pop. O que todos esses universos transmidiáticos têm em comum é a necessidade de participação dos fãs. Aqueles que acompanham a história em múltiplas mídias começam, com a internet, a criar dentro do universo ficcional, gerando especulação de teorias, criação de fanfics (histórias desenvolvidas sobre personagens de universos ficcionais já existentes) e fóruns de discussão na internet.

¹ Matrix é, originalmente, uma trilogia de filmes criada pelas irmãs Lana Wachowski e Lilly Wachowski. No enredo, o jovem programador Thomas Anderson descobre que vive em uma realidade simulada, um sistema inteligente e artificial criado por máquinas para manipular a mente das pessoas chamado Matrix. O primeiro filme da saga foi lançado em 1999.

² Harry Potter é uma saga literária composta por sete livros escritos pela autora britânica J.K. Rowling entre 1997 e 2007. Em 2001 os livros, que contam a história do jovem bruxo Harry Potter, começaram a ser adaptados para o cinema. A saga já deu origem a filmes derivados e um site com informações extras do mundo bruxo.

³ Senhor dos Anéis narra a história de Frodo e seus companheiros em busca de destruir o Um Anel, que confere ao seu criador, Sauron, poder sobre os demais seres da Terra Média. O livro, de 1954, foi escrito por J.R.R. Tolkien e adaptado para os cinemas em 2001. A saga serviu como base para outros produtos midiáticos, como videogames.

⁴ Star Wars é uma série de filmes de ficção científica criados por George Lucas. O universo criado para os filmes gerou histórias em quadrinhos, videogames e outros produtos.

Muitos dos produtos transmidiáticos tem como uma de suas principais vertentes a televisão, como é o caso da série *Game of Thrones*⁵. Esse fato reforça a percepção de Castells (2017) de que a televisão segue sendo um dos grandes expoentes da comunicação de massa, sendo ainda um meio popular. Segundo o autor, o que mudou, mesmo antes da internet, foi a maneira como se consome televisão. Com a popularização de pacotes de TV por assinatura e tecnologias que permitem gravar a programação, os telespectadores podem escolher entre uma gama muito mais ampla de canais, aumentando seu poder de customização e reduzindo o teor massivo do meio. Essa tendência foi potencializada com a internet. O mesmo aconteceu com o rádio, que, com os podcasts, aproximou-se do modelo de música sob demanda.

Embora não possa ser classificada como uma mídia tradicional, Castells (2017) acredita que a internet está apagando as fronteiras entre as formas de comunicação. A web permite o compartilhamento de qualquer tipo de arquivo digitalizado. Essa característica faz com que a internet seja parte de vários segmentos de nossas vidas, permitindo a realização de tarefas do âmbito do profissional, familiar, de entretenimento etc. Castells afirma até mesmo que os usuários “*vivem com ela*” (2017, p.111).

Se parte de nossas vidas estão sendo transportadas para a rede, não poderia ser diferente com os meios de comunicação. Castells (2017) explica que os usuários vêm usando a internet para acessar meios de comunicação em massa como a televisão, o rádio e os jornais. Essa mudança afeta a forma como esses produtos são produzidos.

Portanto, embora o jornal continue a ser um meio de comunicação de massa, sua plataforma muda. Ainda não existe nenhum modelo comercial para o jornalismo on-line (Beckett e Mansell, 2008). No entanto a internet e as tecnologias digitais transformaram o processo de trabalho dos jornais e da mídia de massa como um todo. Os jornais se tornaram internamente organizados em rede, globalmente conectados às redes de informação na internet. Além disso, os componentes online dos jornais estimularam a formação de redes e a sinergia com outras organizações de notícias e da mídia (Weber, 2007). As redações na indústria jornalística, televisiva e radiofônica foram transformadas pela digitalização das notícias e por seu processamento permanente global/local (Boczkowski, 2005). Dessa forma, a comunicação de massa no sentido tradicional hoje é uma comunicação baseada na internet tanto em sua produção quanto em sua transmissão (CASTELLS, 2017, p.112).

⁵ *Game of Thrones* é uma premiada série de TV exibida entre 2011 e 2019 pelo canal pago HBO. A história se baseia nos livros de alta fantasia *As Crônicas de Gelo e Fogo*, escritos por George R. R. Martin. Tanto a série quanto os livros geraram muitas teorias comentadas em fóruns na internet e canais no YouTube, além de serem base de outros produtos como videogames e músicas.

Para o autor, a autocomunicação em massa surge dessas mudanças dos meios tradicionais de comunicação em massa somada às novas possibilidades da comunicação interpessoal trazidas pela Web 2.0 e 3.0. Uma observação feita por Castells (2017) é a proximidade dessa nova forma de comunicação com o “autismo eletrônico”, uma vez que muito desse conteúdo é produzido para os próprios autores. Isso não quer dizer que os conteúdos para a Web careçam de criatividade, pelo contrário. Os produtos nativos da internet, como escreve Castells (2017), tendem a ser multimodais e oferecer incontáveis possibilidades, formando redes horizontais de comunicação.

Essa interação horizontal se dá, de acordo com Recuero (2014), nas redes sociais digitais possibilitadas pela Comunicação Mediada pelo Computador (CMC). A autora explica que uma rede social é um conjunto de autores (pessoas envolvidas na rede) e suas conexões (laços sociais formados pela interação dos autores nas redes). O que muda com o advento da internet – e o distanciamento entre os comunicadores trazido por ela – é que os autores não são discernidos com facilidade, podendo o autor ou um grupo de autores serem representados por um perfil em uma rede social. Outra característica da CMC é que o autor está num processo de constante construção de sua identidade, que pode variar conforme a percepção do outro sobre o eu. Por essa razão a impressão dos outros sobre os indivíduos se torna cada vez mais importante nas redes sociais na internet.

Assim como houve mudanças nos atores que utilizam a CMC, as conexões também passaram por alterações, em especial no que tange suas ferramentas. Nas redes sociais digitais, as interações podem acontecer de forma síncrona (instantânea) ou assíncrona (em momentos distintos). Além disso, as interações podem ser mútuas, nas quais todos os interlocutores participam da construção narrativa, ou reativas, nas quais se interage unilateralmente (RECUERO, 2014).

O tipo de interação desenvolvida determina quais laços se formarão entre os interlocutores. Recuero (2014) explica que interações mútuas tendem a construir laços dialógicos – como os que acontecem em rede de troca de mensagens – já as interações reativas geram laços associativos – como aceitar ou não alguém nas redes sociais. Existem ainda laços fortes e fracos que se medem pela “quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade (confiança mútua) e serviços recíprocos” (GRANOVETTER *apud* RECUERO, 2014, p.41). Quanto mais estão presentes esses elementos, mais forte é o laço que se mantém com alguém que se conhece na via *offline* ou que se adquire *online*.

Porém, como afirma Recuero (2014), nem todas as pessoas ou grupos têm a mesma influência na internet e a qualidade das conexões varia conforme o capital social dos autores.

Recuero (2014) entende capital social como um conjunto de recursos definidos pelo conteúdo da comunicação que estão presentes nas relações sociais que podem ser usados individualmente ou em grupo. Pode-se dizer, portanto, que aqueles que se comunicam por interações reativas têm mais capital social e são mais ouvidos, uma vez que sua comunicação é centralizada e suas conexões não perdem força com o tempo.

Castells (2017) não descarta que alguns têm mais poder que outros na internet. O autor registra que as grandes empresas de comunicação também estão migrando para o meio online. Assim, redes verticais e horizontais se encontram na web. Uma das razões para isso é o caráter comercial da mídia e sua dependência da publicidade. Além de ser impossível ignorar que a infraestrutura da rede pertence a corporações. Os sites mais acessados como o Google, o YouTube e o Facebook pertencem a empresas privadas.

A difusão da internet e da comunicação sem fio descentralizou a rede de comunicação, dando oportunidade para pontos de entrada múltiplos na rede de redes. Embora o surgimento dessa forma de autocomunicação de massa amplie a autonomia e a liberdade dos atores comunicantes, essa autonomia cultural e tecnológica não leva necessariamente à autonomia comercial da mídia. Na verdade, ela cria novos mercados e novas oportunidades de negócios. Os grupos de mídia se integraram em redes globais multimídia, e um dos objetivos dessas redes é a privatização e a comercialização da internet para expandir e explorar esses novos mercados (CASTELLS, 2017, p.121).

De acordo com Moraes (2013), a capacidade de apropriação de diferentes *lexos* é uma das principais características do sistema midiático atual, juntamente com habilidade de influir na opinião pública, podendo endossar ideologias, sendo uma delas a sustentação de modelos consumistas e individualistas na sociedade. Essas características foram acentuadas com a mídia digital.

Moraes (2013) aponta que, no novo mundo criado pela internet, o grau de recursos tecnológicos que uma empresa ou grupo possui está diretamente ligado a influência que ele exercerá no mercado, assim como sua capacidade de adaptação aos diferentes públicos e regiões.

Para compreender a complexidade do sistema midiático, devemos considerar que a digitalização favoreceu a multiplicação de bens e serviços de “infoentretenimento”; atraiu players internacionais para operações em todos os continentes; intensificou transmissões e fluxos em tempo real; instituiu outras formas de expressão, conexão, intercâmbio e sociabilidade, sobretudo por meio da internet (comunidades virtuais, redes sociais); e agravou a concentração e a oligopolização de setores complementares (imprensa, rádio, televisão, internet, audiovisual, editorial, fonográfico, telecomunicações, informática, publicidade, marketing, cinema, jogos eletrônicos, celulares,

redes sociais etc.). Hoje, executivos de corporações midiáticas aludem a “multiplataformas integradas” para definir a junção de interesses estratégicos em distintos suportes: papel, digital, áudio, vídeo e móvel. Tudo isso sob a égide de três vetores: a tecnologia que possibilita as sinergias; o compartilhamento e a distribuição de conteúdos gerados nas mesmas matrizes produtivas; e a racionalidade de gastos, custos e investimentos (MORAES, 2013, n.p.).

O autor explica que essa convergência permite que um mesmo produto seja reaproveitado em diversas mídias, aumentando a mais-valia e, com isso, a capitalização robusta. A expectativa de lucro com o mercado digital é tamanha que atraiu a atenção de bancos e fundos de investimento, que passaram a se associar com empresas do ramo da comunicação, convertendo-as em importantes atores econômicos. Foi essa mudança de cenário que, segundo Moraes (2013), incentivou o surgimento de conglomerados. Ao se juntarem, as empresas diminuem os riscos de investimento, permitindo tanto um maior potencial de liberdade quanta uma obsessão pela maximização do lucro.

A concentração das propriedades de meios de comunicação tem lados positivos e negativos, para Castells (2017). Dentre as vantagens estão a possibilidade de oferta de vários produtos em uma única plataforma e a maximização das redes de publicidade por meio da customização. Por outro lado, ela também está ligada à concentração de poder, uma vez que os conglomerados midiáticos agem de acordo com suas necessidades comerciais. Moraes (2013) acrescenta ainda o aumento de poder de negociação com fornecedores e a diminuição das despesas.

Entre os desafios enfrentados pelos conglomerados estão, para Castells (2017), a complexidade na produção, direcionamento e distribuição de mensagens, monetização das redes e a construção de uma única identidade atrativa para diversas plataformas. Segundo o autor, a chave do sucesso está na sinergia entre as empresas que se fundem.

Em suma, as empresas que formam o núcleo das redes internacionais de mídia estão adotando políticas de concentração de propriedade, parcerias entre companhias, diversificação de plataformas, customização de audiências e economias de sinergia com diferentes níveis de sucesso. Por sua vez, a configuração interna das empresas de mídia é fortemente dependente de sua capacidade de influenciar a rede mais ampla de empresas de mídia e de conectar com ela. Além disso, o destino das indústrias nacionais de mídia deve-se em grande parte à sua capacidade de se conectar com as redes internacionais da própria mídia (CASTELLS, 2017, p.133, grifo do autor).

Castells (2017) explica que, embora os conglomerados midiáticos estejam se intensificando, isso não quer dizer que exista uma dominação unilateral. O que acontece, na

maioria dos casos, é que tanto a mídia global influencia na forma de funcionamento das mídias locais como vice-versa. Um exemplo desse intercâmbio ocorre com a colunista Eliane Brum que trabalha como freelancer para o conglomerado espanhol PRISA, ao qual pertence o jornal *El País*. Mesmo sendo brasileira, a jornalista escreve para a versão espanhola do jornal.

Moraes (2013) explica que os produtos cinematográficos são feitos visando um mercado mundial, uma vez que 60% dos lucros vêm de fora dos Estados Unidos. Ademais, a ampliação de canais abertos e fechados aumentou a demanda por conteúdos que aliem o estilo estadunidense com características culturais regionais. Nesse cenário, o autor acredita que saem na frente empresas que saibam utilizar dados oriundos dos circuitos digitais. Essas informações, chamadas de “big data” são obtidas por meio de análises de vídeos assistidos, quantidade de tweets feitos, links clicados e uma série de outros dados que permitem a construção de um perfil dos clientes. São esses perfis que permitem que as empresas estabeleçam suas linhas de ação em cada um dos lugares em que atuam.

É claro que, como observa Castells (2017), ao entrar em um mercado local, as multinacionais de comunicação introduzem formatos que facilitam a comunicação entre toda a rede, que são impostos às redes menores. Contudo, elas não possuem total domínio dos mercados que operam, estando sujeitas a regulamentações.

Castells (2017) aponta que, em todo o mundo, com exceção dos EUA, as regulamentações tendiam para um maior controle governamental sob a mídia. Isso prevaleceu até a década de 1980, quando houve uma liberação gradual do controle dos Estados em boa parte do mundo. No caso da web, a situação é outra:

[...] a regulamentação da internet mudou seu foco da própria rede para instâncias específicas de censura e repressão por parte das burocracias governamentais e para a privatização da infraestrutura internacional de comunicação que sustenta o tráfego da internet. Por isso, apesar da regulamentação, a internet prospera como o meio de comunicação local/global e multimodal da nossa era. Mas ela está submetida, como tudo em nosso mundo, à pressão incansável de duas fontes fundamentais de dominação que ainda pairam sobre nossa existência: o capital e o Estado. [...] Mas como os interesses comerciais parecem prevalecer em sua interação com o Estado, e como as empresas veem um novo e importante campo de investimento na expansão da comunicação digital, as políticas regulatórias contribuíram para a difusão global das novas formas de comunicação, inclusive a autocomunicação de massa (CASTELLS, 2017, p. 169).

O poder das mídias aumenta, como observa Castells (2017), à medida que as empresas midiáticas se conectam com outras redes, por meio de compartilhamento de executivos, por exemplo. Uma das redes relevantes é a publicitária. Cada vez mais concentrado, esse setor

pode determinar se uma organização midiática será bem-sucedida ou não. Neste contexto, Castells (2017) elucida que a compreensão comportamento do usuário individual tem grande valia para o angariamento de publicidade.

A identificação da audiência exige uma compreensão de seus vários códigos culturais. Assim, a evolução do formato e do conteúdo das mensagens da mídia, sejam elas genéricas ou específicas, depende da evolução cultural das sociedades. Cada sociedade tem seu próprio caminho e seu próprio ritmo nessa evolução. Mas como a sociedade em rede é global, há semelhanças e interdependências no processo de transformação cultural (CASTELLS, 2017, p. 170).

Embora exista uma aproximação das culturas, o autor aponta que as identidades nacionais e regionais ainda prevalecem sobre a identidade cosmopolita na maioria dos casos. Para Castells (2017), a cultura global pode ser observada em três situações: a primeira seria a consciência de que habitamos um mesmo planeta e que, portanto, compartilhamos um destino; a segunda seria a “hibridização e remixagem” das múltiplas culturas; a terceira é a presença global do capitalismo, levando com ele valores mercadológicos e da cultura do consumo.

Castells (2017) acredita que na contemporaneidade existam quatro tipologias de modelos culturais. Um deles seria o individualismo ligado em rede, formado pela soma do individualismo e da identificação. Ele se dá quando as pessoas buscam expandir sua sociabilidade nas redes de forma seletiva, exibindo seu mundo cultural construído. Já a fusão do individualismo com a globalização faz nascer o consumismo de marca, no qual os indivíduos atribuem significados à cultura do consumo. O cosmopolitismo, por sua vez, é a união da globalização com o comunalismo. Esse modelo visa a criar valores comuns para a sociedade global. Por fim, o multiculturalismo surge da fusão do comunalismo com a identificação, reconhecendo-se a grande variação de identidades e culturas na sociedade global.

Todos os quatro modelos, segundo Castells (2017), estão presentes tanto na comunicação de massa tradicional quanto na autocomunicação de massa, sendo necessário avaliar qual melhor se aplica a cada situação. O autor percebe como resultado dessa conjuntura que:

[...] a cultura global da transformação em commodity universal está diversificada culturalmente e é, em última instância, contestada por outras expressões culturais. As organizações da mídia usam novas tecnologias e novas formas de gerenciamento, com base na formação de redes, para personalizar suas mensagens voltadas para audiências específicas, ao mesmo tempo que fornecem um canal para o intercâmbio global, embora reflita

relações de poder, não está baseado na difusão de cima para baixo de uma cultura dominante. Ele é variado e flexível, aberto no conteúdo de suas mensagens, dependente das configurações específicas do comércio, do poder e da cultura (CASTELLS, 2017, p. 189).

É possível dizer, entretanto, que uma das mudanças mais significativas advindas da internet foi na audiência. A própria palavra utilizada está associada à passividade. Essa ideia estava mais presente na comunicação de massa tradicional, contudo, mesmo em conteúdos customizados, as empresas tendem a olhar para o destinatário como subordinado.

Castells (2017) relembra a perspectiva de Umberto Eco de que o público nunca é passivo. Isso porque as mensagens são recebidas e reinterpretadas conforme as vivências de cada um. Por mais que isso não queira dizer que o sujeito não seja influenciado em nenhuma instância pela mensagem.

Com a chegada da internet, as possibilidades de diferentes interpretações se ampliaram. Uma das razões para tanto foi a proliferação do número de mensagens disponíveis. Todavia, a grande alteração trazida pela rede foi a possibilidade de o receptor ser também emissor na autocomunicação de massa. Ainda que não necessariamente um emissor receba uma resposta de alguém que foi receptor de sua mensagem, essa possibilidade existe. Na web, a comunicação é multimodal (faz uso de várias tecnologias) e multicanal, fazendo com que os emissores/receptores negociem o significado das mensagens. É nessa negociação que há possibilidade de transformação, uma vez que, como lembra Castells (2017), os significados são poderes sociais que moldam a forma como pensamos.

As características desse novo modelo de sociedade possibilitado pela internet fazem Lévy (1999) afirmar que surgiu uma nova cultura, a cibercultura, na qual é possível existir um universal não totalizante. Diferente do que acontecia com a ciência e com a religião, a cultura advinda do ciberespaço “inventa uma outra forma de fazer advir a presença virtual do humano frente a si mesmo que não pela imposição da unidade de sentido” (LÉVY, 1999, p. 255).

O autor defende que a sociedade passou por três etapas. Na primeira delas, marcada pela cultura oral, havia um totalizante não universal, uma vez que as pessoas estavam fechadas dentro de seus próprios grupos. Não havia lei ou religião comum a todos os humanos e a memória só podia ser preservada pela lembrança dos mais velhos. A chegada da escrita marca a segunda fase. Estendendo indefinidamente a memória social, foi a escrita que possibilitou uma cultura imperialista que é tanto universal quanto totalizante, suprimindo a diversidade cultural.

A terceira etapa, da cibercultura, possibilita, na visão de Lévy (1999), uma única sociedade humana, marcada por heterogeneidades e desigualdades. A cultura foi alterada pela

simultaneidade e pela horizontalidade da transmissão. Santaella (2003) acrescenta que essa cultura descentralizada altera não só nossas relações sociais, mas também nossa identidade.

3 JORNALISMO: DE ONDE VEIO E PARA ONDE VAI?

Assim como a cultura, a sociedade e nós mesmos, o jornalismo também se alterou com a chegada da web. Embora a internet pareça ser hoje o gênero mais proeminente do jornalismo e o caminho que seguirá daqui para frente, desde sua origem, a área passou por muitas transformações. Neste capítulo faremos uma revisão da história do jornalismo e suas relações com a literatura ao longo dos anos. Trataremos de gêneros que mesclam jornalismo e literatura, como as crônicas e o *New Journalism*, descrevendo suas características. Veremos também como se desenvolveu o jornalismo no Brasil e em que momentos e de que maneira ele se aproximou da literatura no País. Ademais, revisaremos as colunas jornalísticas e suas características até chegarmos no modelo jornalístico desenvolvido na internet.

3.1 UMA ORIGEM LITERÁRIA

À primeira vista, jornalismo e literatura parecem ser de naturezas opostas. Afinal, a literatura é o espaço da imaginação, da ficção e da fantasia. Embora a narrativa literária possa se assemelhar à vida real, não há um compromisso com a contemporaneidade nem com a verdade factual. No mundo da literatura mais importa a maneira como o texto é construído do que a informação contida nele. Ao passo que ao jornalismo está reservado o pretense retrato dos acontecimentos, com o mínimo de interferência do autor. Não há texto insubstituível ou peregrino no jornalismo (BULHÕES, 2007).

[...] o jornalismo seria uma atividade baseada na urgência informativa, ocupado e preocupado somente com os fatos. Quanto à literatura, bem, ela poderia se entregar, sem culpa, aos desregramentos da ficção e da fantasia. [...] Além de encarar a linguagem como um acontecimento estético, na literatura o componente ficcional é um dos atributos mais encantadores (BULHÕES, 2007, p.16).

Contudo, a definição de literatura está em constante debate. Compagnon (1999) explica que, embora o substantivo literatura date do início do século XIX, desde Aristóteles tenta-se responder à pergunta: o que é literário?. O autor vê duas abordagens possíveis: uma contextual e outra textual. A primeira estaria ligada à ideia de que o texto é um documento e a segunda enxergaria a literatura como a arte da linguagem.

Ou seja, amplamente, literatura seria, para Compagnon (1999), tudo aquilo que é impresso. Num sentido restrito, contudo, o conceito de literatura transforma-se ao longo dos anos. Para Aristóteles, os gêneros considerados de fato poéticos seriam o épico (narração) e o

dramático (representação), enquanto o lírico era entendido como um gênero menor. Essa ideia se transforma no século XIX, quando a narração e o drama abandonam os versos para adotarem a prosa como forma de expressão. Com isso, o gênero lírico passa a ser sinônimo de toda a poesia (COMPAGNON, 1999).

Outra maneira de definir a literatura seria por meio dos grandes escritores. Conforme essa visão, como explica Compagnon (1999), tudo que foi escrito por eles é literatura, até mesmo suas correspondências. Constrói-se então um cânone de obras valorizadas por sua forma e universalidade, cujo conteúdo é singular e universal. Entender a literatura dessa forma é limitador. Isso leva as livrarias britânicas a classificarem os clássicos (obras estudadas nas escolas) como literatura e os demais como ficção, “como se *Literatura* fosse ficção entediante, e a *Ficção*, a literatura divertida” (COMPAGNON, 1999, p.30).

Se o conceito de literatura ainda é debatido, sua função está melhor definida. Para Aristóteles (*apud* COMPAGNON, 1999), a poética teria a dupla finalidade de instruir e agradar. O conhecimento propiciado pela literatura seria o da *doxa*, ou seja, “sentenças e máximas que permitem compreender e regular o comportamento humano e a vida social” (COMPAGNON, 1999, p.35). Ao mesmo tempo, aponta o autor, ela poderia cumprir uma função subversiva, capaz de romper com o *status quo*.

Ainda que reconheça ser anacrônico tratar de literatura a poética estudada por Aristóteles, Compagnon (1999) diz que a literatura, bem como a poética, se trata da “imitação ou representação (*mimèsis*) de ações humanas pela linguagem. É como tal que ela constitui uma fábula ou uma história (*muthos*)” (COMPAGNON, 1999, p. 38). O autor explica que, para o pensador grego, mais importa a história ficcional contada do que a forma como ela é escrita. Justamente por não se tratarem de ficção gêneros poéticos didáticos, satíricos ou líricos eram inferiores na perspectiva de Aristóteles. Até hoje a literatura é tida como ficção globalmente.

Contudo, ao se fazer a pergunta “o que é literatura?”, Eagleton (2003) reflete que, apesar de ser possível defini-la como uma escrita imaginativa e ficcional, essa definição não procede e não é útil. Isso porque, além de constarem na literatura clássica europeia cartas, ensaios, sermões e autobiografias – obras supostamente não ficcionais –, a própria distinção entre o que é fato e o que é ficção é ambígua. A palavra inglesa “novel” era usada para descrever tanto fatos quanto ficção do século XVI ao início do século XVII. Assim, nem romances nem notícias poderiam ser categorizados como factuais. Ao mesmo tempo, nem todas as histórias de ficção são consideradas literatura, como é o caso das histórias em quadrinhos.

Esse contexto faz com que Eagleton (2003) creia que mais importante do que a ficcionalidade é a linguagem empregada nos textos considerados literários. “A literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana”, explica o autor (2003, p.2). Essa é a visão dos formalistas russos no início do século XX. Para eles:

[...] a literatura não era uma pseudo-religião, ou psicologia, ou sociologia, mas uma organização particular da linguagem. Tinha suas leis específicas, suas estruturas e mecanismos, que deviam ser estudados em si, e não reduzidos a alguma outra coisa. A obra literária não era um veículo de ideias, nem uma reflexão sobre a realidade social, nem a encarnação de uma verdade transcendental: era um fato material, cujo funcionamento podia ser analisado mais ou menos como se examina uma máquina. Era feita de palavras, não de objetos ou sentimentos, sendo um erro considerá-la como a expressão do pensamento de um autor (EAGLETON, 2003, p.3).

Contudo, como observa Eagleton (2003), a linguagem muda conforme o tempo, o espaço e classe social. Assim, nem sempre o que é considerado cotidiano em uma época também o será em outra, não existindo, portanto, uma única linguagem normal. O autor exemplifica que, caso nos deparemos com um texto de uma sociedade antiga, não seríamos capazes de distinguir um texto como literário ou não por sua linguagem, ainda que soubéssemos que termos usados desviassem da norma, esses desvios poderiam se tratar de gírias e não necessariamente de literatura. Ademais, textos literários podem conter linguagens comuns que só poderíamos classificar como literatura se soubéssemos que compõem um romance, demonstrando que a compreensão da literatura também depende do contexto.

Da mesma forma, algumas vezes nos pareceria evidente que se trata de um texto literário. Isso porque na literatura estaria presente uma linguagem metafórica, que nos permite identificar que um poeta que compara seu amor a uma rosa vermelha não quer dizer de fato que acreditava que a pessoa por quem ele se referia assemelha-se fisicamente a uma rosa. Eagleton (2003) também aborda perspectivas que tratam da literatura como uma linguagem autorreferente. Porém, como lembra o autor, as figuras de linguagem estão presentes no mundo não literário, sendo insuficientes para definir algo como literatura. Muitas obras vistas hoje como literárias não foram escritas com essa intenção. Sendo assim, para Eagleton (2003), a literatura não pode ser definida objetivamente, dependendo mais da subjetividade do leitor e menos do que é escrito.

John M. Ellis argumentou que a palavra “literatura” funciona como a palavra “mato”: o mato não é um tipo específico de planta, mas qualquer planta que, por uma razão ou outra, o jardineiro não quer no seu jardim. “Literatura”

talvez signifique exatamente o oposto: qualquer tipo de escrita que, por alguma razão, seja altamente valorizada (EAGLETON, 2003, p.12-13).

Eagleton (2003) também considera insuficiente segmentar a literatura como um texto não pragmático. Isso porque muitos textos considerados literários hoje foram escritos com fins pragmáticos, religiosos, por exemplo. O conceito de literatura, portanto, não é estável. O que entendemos por literatura hoje pode não o ser daqui alguns anos. O autor propõe ainda que tendemos a interpretar os textos segundo nossos próprios interesses e não necessariamente da maneira como as pessoas da época na qual a obra foi produzida lhe interpretavam. Esse seria o motivo, para Eagleton (2003), pelo qual algumas obras da literatura conservam seu valor e outras não.

Uma das áreas que perdeu seu *status* de literatura foi o jornalismo. Ainda assim, como nos conta Bulhões (2007), ao longo da história dessas “duas artes”, houve muito mais aproximações do que divergências. Bem como a literatura, a definição de jornalismo está em constante mudança. Segundo Melo (1985), isso se dá pelo fato de o jornalismo tratar de fenômenos sociais, por natureza efêmeros e circunstanciais.

Embora muitas vezes o conceito de jornalismo seja confundido com o de jornal e possa abranger até mesmo outras áreas da comunicação como a publicidade e as relações públicas, Melo (1985) acredita que se pode definir a área como:

[...] um processo social que se articula a partir da relação (periódica/oportuna) entre organizações formais (editoras/emissoras) e coletividades (públicos receptores), através de canais de difusão (jornal/revista/rádio/televisão/cinema) que asseguram a transmissão de informações (atuais) em função de interesses e expectativas (universos culturais ou ideológicos) (MELO, 1985, p.10).

É possível elencar quatro pilares do jornalismo: a atualidade, a difusão, a periodicidade e a universalidade. Observa-se que entre os pilares citados por Melo (1985) não se encontra o acontecimento. De acordo com o dicionário Michaelis de Língua Portuguesa, “Atual” é aquilo que existe no tempo presente, enquanto “Acontecimento” é um fato, um evento.

Isso explica porque foram consideradas as primeiras manifestações de jornalismo, no século XV, os textos publicados em panfletos que visavam a propagar ideias políticas. Essa primeira fase do jornalismo, que durou até o século XVII, foi chamada por Habermas (1984) de imprensa artesanal ou informativa, uma vez que os jornais funcionavam mais como classificados, divulgando notas sobre casamentos, nascimentos, mortes etc. Essas publicações se assemelhavam aos classificados da atualidade e, apesar da parca presença das notícias

como as entendemos hoje, essa fase simbolizou uma mudança no polo da informação. Isso porque até aquele momento, segundo o autor, cabia aos sacerdotes a disseminação de informações, fazendo predominar, até aquele momento, a lógica religiosa.

Segundo Melo (1985), foi apenas com a ascensão da burguesia que o chamado “autêntico jornalismo” surgiu a partir do século XVIII. Foi nesse momento que se compreendeu a informação como um importante instrumento político. Predominou-se, então, o estilo francês de fazer jornalismo, opinativo e incentivador do debate, em detrimento do estilo inglês, com tendências informativas para evitar a censura.

Foi nesse período marcado por jornais como um espaço de debate e embates entre a burguesia e a aristocracia que esse tipo de publicação começou a ser produzido em massa. O motivo era a ambição dos burgueses de tomar o poder dos aristocratas. Para tanto eles passaram a usar os jornais para difundir suas ideologias. Habermas (1984) chamou de “imprensa político-literária” o jornalismo que foi feito durante os séculos XVIII e XIX.

O nome se justifica dada a forte conexão entre jornalismo e literatura neste período. Em especial durante o século XIX, quando os folhetins estavam no auge de sua popularidade. Para Bulhões (2007), os folhetins representaram um fenômeno das massas. Eram perfeitos para os donos dos jornais, que desejavam vender mais para aumentar as vendas, reduzir os custos de produção e cobrar mais pela publicidade. E eram também um ótimo negócio para os autores, que tinham seus nomes divulgados e seus pagamentos garantidos.

Mollier (2018) destaca que havia muito preconceito com relação aos romancistas que escolhiam os folhetins como meio de publicação de suas obras. Autores como Alexandre Dumas e Honoré de Balzac, vistos hoje como clássicos, foram duramente criticadas na época. Os folhetins de Dumas foram chamados de manufaturados. Meyer (1996) aponta que a própria caracterização do folhetim como literatura foi questionada, chamada de paraliteratura.

Já Pena (2013) acredita que os folhetins eram uma expressão da necessidade de se conhecer a ordem social que vigorava naquele momento. Por essa razão, muitos críticos colocam os folhetins como herdeiro do romance realista, ainda que tivesse características próprias, como a grande influência do leitor sobre o roteiro da trama. Meyer (1996) expressa a mesma opinião ao classificar os folhetins como uma história dentro da História.

Bulhões (2007) e Pena (2013) explicam que os folhetins possuíam linguagem simples e acessível, já que seu público se encontrava em todas as classes sociais. Para despertar o interesse de pessoas com origens tão variadas, eram usados recursos como estereótipos e clichês. As histórias deveriam ser melodramáticas ou despertar o riso fácil. Contudo, a principal característica dos folhetins era seu modelo narrativo no estilo de virada do roteiro.

Sua estratégia era parar a narrativa em um ponto de clímax, incentivando o leitor a adquirir o próximo número do jornal para saber a continuação da história.

Travancas (2001) nos conta que os folhetins começaram a aparecer em 1665, no *Journal de Savants*. Já no Brasil foi o *Jornal do Comércio* que, em 1838, aderiu à literatura em seus cadernos. Pena (2013) acrescenta que a grande maioria dos escritores do século XIX tiveram uma passagem pelos jornais. Livros e autores que se tornaram grandes clássicos tiveram suas histórias contadas pela primeira vez nos folhetins. É o caso de Honoré de Balzac e seus mais de 50 títulos publicados, Victor Hugo que, além de escritor e jornalista, teve participação política relevante na França e é autor de *Os Miseráveis*, Charles Dickens e seu livro *David Copperfield*, que tinha forte mensagem social, Machado de Assis e seu famoso *Dom Casmurro* e José de Alencar, com *O Guarani*, e todos os outros livros que ajudaram na construção da identidade nacional brasileira.

Contudo, segundo Travancas (2001), o estilo perde sua força com a chegada do século XX, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, quando o jornalismo passa por incontáveis transformações. Nos anos 1950, a literatura restringe-se a cadernos ou suplementos literários, cada vez mais raros por serem tidos como luxo por diversas publicações. Ainda assim, como aponta Travancas (2001), essas seções funcionam como incentivadoras da leitura e “defensoras dos livros”.

3.2 AS RAÍZES DO JORNALISMO DE MATRIZ POSITIVISTA E SEU PODER

Ainda que os folhetins tenham deixado as páginas dos jornais apenas em meados do século XX, desde o fim do século XIX o jornalismo começa a se aproximar do que conhecemos hoje. É nesse período que, acompanhando a tendência de outros setores, os jornais tornam-se grandes empresas e passam por uma concentração. Se na segunda fase havia uma ênfase no debate político, que tinha até mesmo um fim pedagógico, na terceira fase, com a burguesia estabelecida no poder, os jornais passam a priorizar o lucro (HABERMAS, 1984).

Essa maneira de se fazer jornalismo, pautada pela objetividade, desconectado de entidades políticas e mais ligado à lógica de mercado, ficou conhecida como modelo americano. Foi nesse momento que se assumiu o discurso do jornalismo como o retrato da realidade tal qual ela é.

Para atingir esses objetivos, os jornalistas passaram a usar uma metodologia padronizada que envolvia ouvir e citar fontes, dispor informações por ordem de importância e

responder no primeiro parágrafo seis perguntas sobre o fato: O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?

Assim, o jornalismo vai de fato assumindo uma identidade marcante contrária à dos produtos de ficção e fantasia. [...] Com tais credenciais, ele participa ativamente da crença de ser um reformador social, adquirindo, na vigência democrática, o estatuto de vigilante do poder político e de porta-voz da sociedade. Assim, o jornalismo passa a formular a respeito de si próprio um discurso que o associa ao compromisso de “dizer sempre a verdade e nada mais que a verdade” (BULHÕES, 2007, p. 23).

Percebe-se que o trabalho do jornalista se assemelha ao ofício do cientista. Essa aproximação não é por acaso. As características que moldaram o jornalismo americano decorrem de um movimento que ocorreu na segunda metade do século XIX, o Positivismo. Criado por Auguste Comte, o Positivismo pregava que as relações e os comportamentos das pessoas poderiam ser estudados da mesma maneira que eram abordadas as ciências naturais, gerando, ao fim da pesquisa, leis imutáveis que regem os fenômenos humanos. “Um jornalismo sob o influxo das ideias Positivistas de Comte só pode ser o que nutre uma paixão pela materialidade e a concretude da vida” (BULHÕES, 2007, p.70).

Surge, nesta época, a Teoria do Espelho, que consiste na ideia de que o jornalismo seria o reflexo da realidade. Traquina (1993) explica que esta noção se desenvolveu em meados do século XIX, época em que predominavam os conceitos positivistas, e aprofundou-se no século XX, após a Grande Guerra. Acreditava-se que o jornalista seria um observador imparcial dos acontecimentos, desde que se apoiasse na objetividade.

A Teoria do Espelho ignora, porém, o que alguns jornalistas como Eliane Brum já perceberam: o real é inapreensível. Os jornalistas, de acordo com Traquina (1993), ajudam a construir a realidade, uma vez que a notícia e o acontecimento criam-se um ao outro em igual proporção. As narrativas escolhidas para os textos jornalísticos, como a pirâmide invertida, as perguntas do lead (o quê? quem? quando? onde? como? e por quê?) dão destaque a diferentes pontos do acontecimento e o jornalista escreve a partir de suas percepções. Portanto, a narrativa ocorre pela contenção dos fatos, impedindo que o jornalismo seja um reflexo do real.

A partir da concepção da Teoria do Espelho, Tuchman (1996) aponta alguns rituais estratégicos utilizados pelos jornalistas para passar ao espectador ou leitor uma aparente objetividade e assim legitimar o discurso jornalístico. Dessa forma, o público deixaria de lado suas barreiras e incorporaria o discurso midiático sem questionamento.

Dentre os pontos citados por ela estão a apresentação da possibilidade de conflito, que acontece quando o jornalista entrevista várias pessoas sobre um determinado assunto. Quando os entrevistados têm visões coincidentes sobre o tema, é gerada uma ideia de verdade sobre o que foi dito. Pode-se ainda somar provas auxiliares, ou seja, documentos e dados que possam ratificar o que foi dito pelos entrevistados.

Mesmo citações podem ser usadas de forma judiciosa, como explica Tuchman (1996). Para não fazer uma afirmação, o jornalista pode usar em seu texto a fala de outra pessoa. Mesmo que outros elementos do texto possam questionar o que foi dito, uma outra estratégia pode ser empregada para que o leitor tenha a impressão de que uma opinião é mais relevante que a outra: a organização do texto. A escrita jornalista, como lembra a autora, é feita no formato de pirâmide invertida, no qual as informações mais relevantes são dadas primeiro e as menos importantes são deixadas para o fim do texto.

Essas características que permitiram ao jornalismo um tom de verdade, de objetividade e de imparcialidade deram um grande poder a este campo. O jornalista, como ressalta a teoria da Ação Pessoal ou Gatekeeper, passa a selecionar o que é ou não importante que a sociedade saiba. Essas escolhas são tanto fruto de um julgamento pessoal, quanto de uma cultura organizacional, conectada ao veículo para o qual o jornalista trabalha. Esses veículos, por sua vez, podem ter vínculos políticos, como sugere a teoria da Ação Política, e, assim, trabalhar para a sustentação das estruturas dominantes (WOLF, 2008).

Desde o século XX, que pesquisadores percebem a influência midiática na sociedade. Teóricos como McCombs e Shaw acreditavam num agendamento feito pela mídia sobre os temas que seriam tratados na sociedade. A seleção de temas exibidos pela mídia fazia com que os assuntos descartados por ela fossem esquecidos pela sociedade (BARROS FILHO; PRAÇA, 2014).

Para Noelle-Neumann (*apud* (BARROS FILHO; PRAÇA, 2014), os temas não abordados caíam no que ela chama de espiral do silêncio. Isso aconteceria porque, para a autora, as pessoas evitam agir e se expressar de forma contrária ao padrão dominante na sociedade para que não sejam isoladas. Assim, quanto mais uma opinião foi considerada ilegítima, menos ela será pronunciada. Isso se agrava tendo em vista a consonância entre os meios de comunicação.

Esse fenômeno pode ser explicado de várias formas. Teóricos da perspectiva construcionista nos fazem lembrar, como escreve Traquina (2001), que esses processos são intrinsicamente ligados à nossa sociedade. O autor explica que são duas as vertentes dessa teoria: a estruturalista e a etnoconstrucionista. Ambas acreditam que as notícias são

construídas pelos processos entre agentes sociais. Além disso, diferente da teoria organizacional, não descarta a influência do mundo externo às empresas noticiosas sobre os jornalistas.

Traquina explica que, para Stuart Hall e outros dos grandes teóricos da vertente estruturalista, os media não apenas relatam o que está acontecendo, como também oferecem maneiras de interpretar esses fatos. Porém, ao contrário do que alegam outras teorias, a mídia não se limitaria aos definidores primários da notícia. Esse papel caberia às fontes oficiais, as acreditadas, ou seja, a mídia apenas reproduz posições daqueles que estão no comando da sociedade. Esse determinismo de que os definidores primários estão no comando das ações é um dos pontos criticados dessa vertente.

Já a teoria etnoconstrucionista, conforme descreve Traquina (2001), acredita que as notícias são produzidas num processo interativo do qual participam variados agentes sociais. Um dos grandes desafios das empresas jornalísticas é pôr ordem no espaço e no tempo, considerando que as notícias podem acontecer a qualquer momento em qualquer lugar. No fim, algumas regiões são privilegiadas quanto à cobertura jornalística que recebem e as notícias ocorridas fora do expediente precisam ser muito impactantes para que seja deslocada uma equipe para cobri-la. Ademais, a grande preocupação com o imediato faz com que seja dado mais valor aos acontecimentos do que às problematizações (TRAQUINA, 2001).

Traquina (2001) explica que, para os teóricos dessa vertente, os políticos veem o campo jornalístico como um alvo prioritário e, portanto, tentam fazer coincidir seus interesses com o dos profissionais da mídia. Os jornalistas acabam por se beneficiar dessa aliança, já que conseguem fontes com autoridade e credibilidade que possibilitam com que sua produtividade de notícias seja maior. Por outro lado, isso reduz as chances de movimentos sociais conseguirem ter voz na mídia. Podemos dizer que: “Tanto a teoria estruturalista como a teoria etnoconstrucionista chegam à conclusão de que as fontes oficiais dominam o processo de produção das notícias e que os mídia noticiosos reforçam o poder instituído” (TRAQUINA, 2001, p. 123).

Para se colocar no jogo midiático, é necessário seguir as suas regras. Gomes (2004) escreve que uma das maneiras mais efetivas de se introduzir na mídia é utilizando os critérios de noticiabilidade. É o extraordinário, somado ao belo, que vai chamar a atenção da imprensa e do público. Portanto, a política arranja para que seus fatos sejam impactantes e atrativos, um verdadeiro show, um espetáculo. Por essa razão é comum ver comícios que contem com apresentações de artistas.

Existem cada vez menos notícias espontâneas do mundo da política, fatos que não tenham sido pré-fabricados para atrair o olhar dos noticiários. Ao mesmo tempo, os próprios jornalistas se encarregam de criar narrativas dramáticas para o cenário político, criando mocinhos e vilões, ou, como é mais comum, caracterizando todos os atores políticos como mal-intencionados e o próprio jornalista como o arauto da verdade (GOMES, 2004).

3.3 JORNALISMO LITERÁRIO

A construção da narrativa política, como apresentada por Gomes (2004), muito se assemelha aos enredos literários. A razão disso é que, mesmo com espaço restrito dado pelo caminho positivista tomado pelo jornalismo, a literatura nunca esteve totalmente apartada dos jornais. Aos textos que unem características da literatura e do jornalismo foi dado o nome de Jornalismo Literário. Essa modalidade serve como alternativa aos repórteres que querem fazer um jornalismo diferente do que tem sido visto hoje.

Na verdade, o mundo dominado pela lógica capitalista tornou complexo e raro fazer um jornalismo comprometido com a coletividade, como propunham os americanos. Dos tabloides às grandes mídias a regra é a espetacularização e o sensacionalismo (PENA, 2013).

Além disso, percebe-se a preocupação das empresas quanto à redução de seu pessoal. Tal fato obriga os profissionais da imprensa a abusarem do uso de tecnologias para ter acesso a fontes, já que, somente desta maneira, conseguem fechar todas as matérias dentro do *deadline* estipulado. Contudo, muito se perde nessa nova forma de contato.

Se o telefone e a internet são invenções geniais, não há tecnologia capaz de tornar obsoleto o encontro entre o repórter e seu personagem. Se isso acontece, é por distorção. Esse olhar que olha para ver, que se recusa a ser enganado pela banalidade e que desconfia do óbvio é o primeiro instrumento de trabalho do repórter. Só pode ser exercido sem a mediação de máquinas (BRUM, 2006, p.190).

Segundo Pena (2013), o Jornalismo Literário volta às raízes do jornalismo diário, utiliza de seus saberes e técnicas para criar um jornalismo mais profundo. Ainda é crucial a apuração rigorosa dos fatos, somada à observação atenta (que não poderia ser feita por telefone), mantendo sempre a abordagem ética.

O que chamamos de Jornalismo Literário é a conjunção de conhecimentos, saberes, *savoir-faire*, técnicas e estilos narrativos desenvolvidos pela literatura que podem (e devem) estar a serviço das rotinas de produção jornalísticas. Jornalismo Literário é, portanto, o jornalismo contextualizado com os vários campos do conhecimento humano. É, por isso mesmo, um tipo

específico do fazer jornalístico que não exclui a princípio nenhum recurso metodológico ou narrativo: diálogos, perfis, contos, cordéis, entrevistas, poesias, pingue-pongues, crônicas, matérias informativas convencionais, relatos na primeira pessoa, notinhas, cartas, ensaios, artigos, fragmentos, tudo ou quase tudo é permitido desde que se saiba usar com talento, engenho e bom senso (CASTRO, 2010 *apud* PALHARES; BARBOSA, 2014, p. 4).

Pena (2013) explica que os relatos presentes nos textos devem transcender o cotidiano. O jornalismo incorpora a perenidade da literatura. O fato não precisa ser uma novidade. No Jornalismo Literário importa que o texto proporcione ao leitor uma visão ampla da realidade. Para isso, a contextualização deve ser o mais abrangente possível. O autor deve relacionar as informações, compará-las, mostrá-las sobre outras perspectivas.

Entre os critérios de noticiabilidade do jornalismo literário está, em primeiro lugar, a cidadania. Os temas escolhidos devem contribuir para a formação do leitor como um cidadão e trabalhar para o bem comum.

O texto exige criatividade em sua construção. É preciso fugir da fórmula jornalística de escrita e buscar na literatura maneiras de tornar a narrativa mais atraente. A busca por pessoas comuns e por fontes não tradicionais pode ajudar nesse quesito, além de ampliar os pontos de vistas abordados.

Tais características são as sete pontas da estrela do Jornalismo Literário apontadas por Pena (2013): a potencialização dos recursos do Jornalismo, ir além dos limites dos acontecimentos cotidianos, exercer plenamente a cidadania, buscar novas fontes para entrevistas, fazer um lead diferenciado, proporcionar visões amplas da realidade e, sobretudo, garantir profundidade e perenidade aos relatos.

Foi em busca dessas características que um grupo de jornalistas estadunidenses criaram o chamado *New Journalism*, ou Novo Jornalismo. Esse gênero, que se tornou um dos mais populares do Jornalismo Literário, surgiu no princípio da década de 1960, nos Estados Unidos, com as reportagens especiais publicados na *Esquire* e no *Herald Tribune*.

O Novo Jornalismo, que só recebeu esse nome em meados da década de 1960, não possuía, até Wolfe escrevê-lo em 1973, um manifesto de princípios. Contudo, seus precursores, como Breslin, Tom Wolfe e Gay Talese, tinham um diferencial em seus textos, a profundidade. Essa nova forma de se fazer jornalismo pode ser vista como uma reação ao jornalismo pasteurizado, de produção quase industrial.

Wolfe (2005) defende que esta modalidade não foi criada com a intenção de ser melhor e nem mesmo nova, mas somente teve espaço porque os romancistas deixaram o realismo de lado. Na época, o romance possuía um grande status. Escrever um romance podia

ser comparado a achar petróleo. Enquanto isso não acontecia, havia uma grande concorrência entre os repórteres para conseguir maior prestígio. Ambicionavam o posto de “Melhor Repórter Especial da Cidade”.

Para conseguir o título, o jornalista deveria fazer uma reportagem especial que, como explica Wolfe, era entendida como: “uma matéria que escapava à categoria da notícia pura e simples” (WOLFE, 2005, p.13).

Os repórteres especiais viviam em disputa com os “repórteres de furo”, ou seja, aqueles dedicados às notícias tradicionais. Mas esse conflito que, muitas vezes, ocorria tanto entre jornalistas da mesma redação quanto de jornais concorrentes, era mantido velado.

E, no entanto, no começo dos anos 60, uma curiosa ideia nova, quente o bastante para inflamar o ego, começou a se insinuar nos estreitos limites da *statusfera* das reportagens especiais. Tinha um ar de descoberta. Essa descoberta, de início modesta, na verdade, reverencial, poderíamos dizer, era que talvez fosse possível escrever jornalismo para ser... lido como romance. [...] Nunca desconfiaram nem por um minuto que o trabalho que faziam ao longo dos dez anos seguintes, como jornalistas, roubaria do romance o lugar de principal acontecimento da literatura (WOLFE, 2005, p. 19).

Wolfe (2005) acredita que a literatura deveria atuar como um retrato da realidade, da mesma forma que os representantes do Realismo Social do século XIX, como Balzac e Dickens, o faziam. Para ele, entretanto, os literatos do século XX não estavam cumprindo esse papel. Os romancistas ignoraram um momento de grandes temas em voga na sociedade estadunidense, como a consciência negra, a liberdade sexual, a “morte de Deus” e as alterações nos valores. Caberia então aos adeptos do *New Journalism* cumpri-lo.

Wolfe ressalta também o fato de que, nos romances, os diálogos eram mal aproveitados, sendo feitos de formas “estranhas e curiosamente abstratas”. Os escritores do Novo Jornalismo, ao contrário, valorizavam os diálogos e também buscavam narrar seus textos em diversos pontos de vista e descrever o máximo de costumes, gestos, hábitos fossem eles de pessoas importantes ou de “gente que não tem nem estrutura nem grandeza” (WOLFE, 2005, p.64). E se por isso o Novo Jornalismo era acusado de ser “prosa de enchimento”, segundo a classificação do editor da *The New York Times Book Review*, John Leonard, ou “prova espevitada sobre gente inconsequente”, de acordo com Renata Adler, Wolfe responde:

Não tenho nada contra chamarem de “espevitado” e de “enchimento” o Novo Jornalismo. Se essas qualidades parecem negativas, basta imaginar seus opostos. Mas não acho que ninguém possa tolerar a acusação de que o Novo Jornalismo se esquivou da tarefa de “avaliar o material”. Todos os Novos Jornalistas que mencionei nesse artigo têm por costume se empenhar muito (demais, em alguns casos) na avaliação de seu material, embora quase nunca

de maneira moralista. Nenhum deles se limita a fornecer “documentários”. Tampouco se pode afirmar que escreveram apenas sobre pessoas e assuntos “inconsequentes” [...] na verdade, não consigo pensar em nenhum assunto ou questão “consequente” (exceto talvez nas ciências) que não tenha sido tratado no novo gênero (WOLFE, 2005, p. 64).

Bulhões (2007) explica que os “novos-jornalistas”, assim como é feito na literatura, registravam minuciosamente os gestos de seus personagens, assim como seus costumes e hábitos. Os espaços eram descritos minuciosamente e os autores até mesmo narravam os pensamentos das pessoas retratadas. Somando isso à maneira extravagante que alguns, como Wolfe, escreviam seus textos, cheios de travessões e exclamações, fizeram dos romancistas e literatos os maiores opositores do *New Journalism*.

Wolfe (2005) conta que os adeptos à nova técnica foram chamados de “parajornalistas”, ou seja, o contrário do que um jornalista deveria ser. Os críticos duvidavam que os métodos utilizados por esses repórteres pudessem ser eficientes e os acusavam de trabalhar de uma “forma bastarda” e de inventar grande parte de seus textos. Os que eram escritores *freelance* ou de suplementos de domingo eram chamados “lupemproletários”.

Não é mistério nenhum a razão de o povo do jornal ter se incomodado. Eles eram melhores que ferroviários na resistência a qualquer coisa rotulada de nova. A idéia que o editor médio de jornal fazia de uma grande inovação era a raspadinha *Cashword Puzzle*. A oposição literária, porém, era mais complexa. Olhando em retrospecto, dá pra entender que o que aconteceu foi o seguinte: a súbita chegada desse novo estilo de jornalismo, saído do nada, provocou pânico no status da comunidade literária. Ao longo de todo século XX, os literatos haviam se acostumado a uma estrutura de classes em moldes do século XVIII, na medida em que você tinha, sim, a chance de competir, mas apenas com as pessoas de sua própria classe. A classe alta literária eram os romancistas [...] Eles eram tidos como os únicos escritores “criativos”, os únicos artistas literários. [...] A classe média eram os “homens de letras” [...] Seu reino era a análise dos “insights”, o jogo do intelecto. Não faziam parte da classe dos romancistas, como bem sabiam, mas “eram” os principais praticantes da não-ficção... A classe baixa eram os jornalistas, os quais ficavam tão baixo na estrutura que mal eram notados. Eram tidos sobretudo como trabalhadores diaristas que desencavavam informações para escritores de maior “sensibilidade” fazerem melhor uso delas. (WOLFE, 2005, p. 44-45).

Curiosamente, foi o livro de Truman Capote, intitulado *A Sangue Frio* (1965), o responsável pela popularização do Novo Jornalismo e suas técnicas. Capote fez a aproximação entre jornalismo e literatura da maneira inversa. Ao invés de usar técnicas literárias no texto jornalístico, ele escreveu um romance com técnicas do jornalismo. O seu trabalho foi resultado de cinco anos de pesquisas e entrevistas para contar a história de dois homens que assassinaram uma família rica e rural do Kansas. *A Sangue Frio*, assim como os

textos dos “novos-jornalistas”, é repleto de detalhamento dos personagens. O autor retrata minuciosamente suas ações e pensamentos, até mesmo das pessoas assassinadas.

O livro, categorizado pelo autor como romance de não-ficção, recebeu duras críticas quanto a sua veracidade. Era a velha dicotomia entre factualidade-ficcionalidade se fazendo presente, lembra Bulhões (2007). Dentre os adeptos do Novo Jornalismo, contudo, a obra de Capote foi bem recebida. Wolfe argumenta que para narrar de forma tão onisciente basta fazer uma boa entrevista. “Assim, as entrevistas jornalísticas se transformariam em um canal de auscultação de sentimentos e sensações íntimas” (BULHÕES, 2007, p. 159).

Ainda mais radical que o Novo Jornalismo é o Jornalismo Gonzo. Essa vertente do *New Journalism* foi criada pelo repórter da Rolling Stones, Hunter S. Thompson. Ele acreditava que, para fazer uma reportagem, para retratar uma realidade, você deve vivê-la.

No que ficou conhecido como *Gonzo Journalism*, o autor, que se envolve profundamente na realidade retratada, é o personagem principal da matéria. O texto do “jornalista-gonzo” é cheio de irreverências, sarcasmo, opiniões e exageros. O objetivo é mostrar que a pretensa imparcialidade do jornalista não existe.

Thompson, através do jornalismo gonzo, propôs a transposição da barreira essencial que separa o jornalismo da ficção: o compromisso com a verdade. Também chamado de jornalismo fora-da-lei e alternativo, o gênero inventado por ele tem sua força baseada na desobediência de padrões e no desrespeito de normas estabelecidas. Essa nova modalidade não tem formatos rígidos, por isso, o gonzo encontra dificuldades de aceitação devido ao seu caráter subjetivo e ficcional. O jornalismo gonzo necessita de situações empíricas que produzem o retrato da realidade e das pessoas que vivenciaram determinadas experiências (LACERDA, 2009, p.7).

Atualmente, o movimento que liga jornalismo e literatura é o *New New Journalism*, liderado por Gay Talese e John McPhee. Sem se preocuparem com manifestos ou cartas que explicitem seus princípios, os autores desse gênero se identificam por meio de suas estratégias de apuração, não por uma linguagem pré-determinada.

O Novo Jornalismo Novo, como é chamado no Brasil, preocupa-se com aqueles que geralmente não são vistos pela grande mídia. Ele retrata o cotidiano, as subculturas, o linguajar dos personagens. Ele se mantém longe do extraordinário, foco do jornalismo convencional. “O objetivo é assumir o perfil ativista, questionar valores, propor soluções” (PENA, 2013, p.60).

3.4 JORNALISMO E LITERATURA NO BRASIL

O perfil ativista, característico do jornalismo francês, ou jornalismo político-literário, fundou a forma brasileira de se fazer jornalismo no século XVIII e imperou até o início do século XX. Os primeiros jornais brasileiros tiveram como forte característica a doutrinação política. Ademais, os folhetins eram bastante populares por aqui.

A transição do século XIX para o XX representou um momento de grandes transformações para o jornalismo feito no Brasil. Com o fim da monarquia e um desejo de modernização do país, nossos jornais passaram a ter caráter mais comercial e se distanciavam da doutrinação política para se aproximarem do jornalismo americano.

A primeira experiência com a maneira “moderna” de se fazer jornalismo é creditada pelo historiador Brito Broca (*apud* ROZENDO; MEGA 2014) a João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto. Para o historiador, João do Rio foi o primeiro cronista a sair do ambiente da redação para apurar os fatos na rua, transformando a crônica em reportagem.

Os textos de João do Rio eram marcados pelo seu olhar humanizado. No início do século XX, a cidade do Rio de Janeiro passava por muitas transformações. A modernização fez com que os pobres fossem “empurrados” para os morros, que se tonaram as comunidades atuais. Rozendo e Mega (2014) contam que João do Rio via os excluídos de maneira diferenciada, expondo seus sentimentos e pontos de vista, bem à maneira que Gay Talese faria décadas mais tarde.

Bulhões (2007), porém, aponta que João do Rio não era um repórter e, sim, um jornalista-*flâneur*, ou seja, um curioso que caminha pelas ruas querendo ser íntimo do fato, sem ter compromisso com o tempo. “Um repórter de uma época de ajustes e adaptações, sem que a atitude do profissional do jornalismo conviva com o diletantismo e a indeterminação” (BULHÕES, 2007, p.110).

Bulhões (2007) também afirma que os folhetins, nesse período, começaram a perder sua força. Agora, eram os *fait-divers* que ganhavam espaço. Os *fait-divers* são o tipo de reportagem que abordam a vida de forma extravagante e extraordinária. No início do século XX, essa maneira de se fazer jornalismo ganhou espaço e consolidou a imagem do repórter como um aventureiro. A verdade é que a ficcionalidade não deixava de estar presente.

Assim compreende-se, naquele contexto de início do século XX, a opção da reportagem por formatos narrativos dinâmicos que apelam para dramatização dos acontecimentos. Nesse sentido, pode-se dizer que o factual se impregna de aspectos consagrados da ficção (BULHÕES, 2007, p.113).

Contudo, os *fait-divers* não eram a única forma de intercepção entre a reportagem e a literatura. Exemplo disso é o livro “Os Sertões”, de Euclides da Cunha. Lançado como livro em 1903, a obra inicialmente foi divulgada como uma série de reportagens sobre a última expedição da Guerra de Canudos, ocorrida no fim do século XIX. O autor usou de artifícios literários associados à apuração jornalística para retratar a terra, a pessoa do sertanejo e a luta. O livro, originário dos jornais, se tornou um clássico da literatura pré-modernista.

O Neo-Realismo de 1930 foi outro movimento literário capaz de fazer aproximarem-se novamente jornalismo e literatura no Brasil. Um de seus principais nomes é Jorge Amado que, através de seu romance “Suor”, deu força à linha que acredita na literatura baseada na vida cotidiana.

Mas há ainda um ponto fundamental que articula o Neo-Realismo dos anos 30 à atividade jornalística do século XX. [...] Graciliano e a geração de 30 no Brasil realizaram o seu próprio movimento de aproximação da vida social. E a escrita de Graciliano se configura pela vivência do próprio escritor e pelos embates tensos e diretos com as realidades sociais deterioradas. Para Graciliano, um escritor não pode escrever sobre o que não viveu ou não conheceu em profundidade (BULHÕES, 2007, p.133).

Essa onda literária foi logo interrompida com a chegada das agências internacionais de notícias no Brasil nos anos 1950. Elas trouxeram consigo a objetividade do *lead* e da pirâmide invertida, acabando de vez com o *nariz de cera*, como eram chamados os parágrafos repletos de divagações que antecediam a notícia. A partir daí os jornais eram divididos em gêneros bem definidos, com linguagem objetiva, atendo-se ao essencial. Foi também nesse período que chegaram os manuais de redação, orientando os repórteres quanto à forma “correta” de se escrever jornalismo (BULHÕES, 2007).

Mas, como explica Bulhões (2007), a principal razão do afastamento entre literatura e jornalismo nos anos 1950 foi o crescimento dos meios de comunicação como empresas de produção industrializada. Nesse mesmo período, jornais e revistas passaram por uma ampla mudança na diagramação e começaram a abrigar fotografias em suas páginas. Tudo para atrair a publicidade internacional.

Entretanto, esse não foi o fim da relação entre literatura e jornalismo. Influenciados pelo estilo dos neo-realistas e fazendo uso dos recursos trazidos a partir dos anos 1950, começou a circular em 1966 a revista *Realidade*. Ela foi uma das publicações pioneiras do Jornalismo Literário no Brasil, abordando temas diversos ao longo de seus 10 anos de existência. O curto período de circulação, porém, não impediu que a *Editora Abril* conseguisse vender milhões de exemplares do título publicado mensalmente (WEISE, 2013).

Em plena Ditadura Militar, época na qual a imprensa passava por grande censura, a *Realidade* foi capaz, em extensas e bem escritas reportagens, de abordar temas considerados tabus de forma inovadora, influenciando muito no comportamento da sociedade, como no caso do divórcio e da liberdade sexual. Essa característica, segundo José Carlos Marão (2010), é pouco citada em pesquisas acadêmicas, que privilegiam a luta da revista contra o regime.

A luta contra os militares realmente ocorreu e só foi possível graças à criatividade das pautas e dos repórteres, que apresentavam os temas de forma irreverente e contestadora de forma a não estabelecer confronto direto. Marão (2010) conta que Alberto Leiter Filho chegou a classificar *Realidade* como uma “revista de autores”, pela diferenciação com relação às demais revistas de textos padronizados. A *Realidade* possuía: “Autores que tinham seus estilos pessoais, diferentes, nos textos que eram publicados, mas eram extremamente unidos entre si, em uma equipe coesa” (MARÃO *apud* MARÃO e RIBEIRO, 2010, p.17).

Outro diferencial da *Realidade* era seu público leitor. Era raro que homens e mulheres, jovens e adultos se interessassem pela mesma publicação. Marão (2010) aponta que era comum que se reservasse a revista na banca, pois os primeiros exemplares sempre se esgotavam logo. Nos primeiros quatro meses a venda nas bancas subiu de 250 mil exemplares para 450 mil.

Parte do sucesso se deveu também a dedicação dos “repórteres-autores” em acompanhar a crítica do público e buscar saber dele o que gostariam de ler em *Realidade*. Os comentários eram ouvidos e as sugestões aplicadas nos próximos textos. Mais tarde, a técnica passou a ser empregada por outras revistas.

Quem vê o sucesso que *Realidade* conseguiu não imagina que a formação da revista foi conturbada. Inicialmente, a *Editores Abril* pretendia lançar uma revista semanal encartada nos principais jornais da época. Não deu certo. Decidiram então, com uma equipe vinda de lugares diversos — que, para Marão (2010), não se reuniram em circunstâncias normais — montar uma publicação mensal de nome *Realidade*.

Nas bancas, a revista nova se destacou mais porque a foto de capa era muito atrativa — Pelé com um chapéu de guarda da rainha, sugerindo que o Brasil seria tricampeão de futebol na Inglaterra. Os leitores também tinham sido atraídos por uma forte campanha de lançamento nos jornais e no rádio (a televisão ainda não tinha nem sombra do alcance de hoje) que dizia: “Chegou a revista que faltava” (RIBEIRO in MARÃO e RIBEIRO, 2010, p.38).

O plano editorial da revista foi montado por Robert Civita (conhecido hoje como Roberto). A ideia era abordar temas como política, saúde, educação, religião, moda, com criatividade e originalidade. O objetivo era cativar o leitor, informá-lo e incentivar nele o pensamento crítico.

A periodicidade mensal da publicação fazia com que as pautas fossem abordadas de maneira distinta das outras revistas. No caso da morte de uma autoridade, como o papa, a revista não poderia apenas noticiar o fato, porque o mesmo já teria sido feito pelos outros veículos de comunicação. Era necessário expandir os horizontes, buscar fontes diferentes, fazer uma matéria mais profunda.

De alguma forma, *Realidade* tinha um campo aberto em quase todas as áreas, graças ao imediatismo dos jornais e revistas semanais. A periodicidade mensal, que seria um obstáculo, acabou sendo, à medida que a revista se ajustava, um trunfo, em grande parte responsável pelo sucesso nas bancas (MARÃO *apud* MARÃO e RIBEIRO, 2010, p.28).

As vendas, embora significativas, não eram a única fonte de renda de *Realidade*, que contava também com o patrocínio de empresas privadas, com raros anúncios ligados ao governo. Era uma revista rentável, mas o mais importante era o conteúdo das reportagens e a maneira como eram escritas.

Os repórteres, como conta Marão (2010), sempre iniciavam seu trabalho por uma pesquisa na Biblioteca Municipal Mário de Andrade para averiguar o que já havia sido feito sobre o tema. Na maioria das vezes optava-se por mostrar o caso geral a partir de um caso particular, ou de alguns casos particulares. Era importante que o cenário fosse o Brasil, então, em uma mesma matéria podia-se encontrar exemplos de vários estados. Também era grande a preocupação com personagens com os quais os leitores pudessem se identificar, ou seja, gente comum.

Por todas essas características, a *Realidade* é apontada como um exemplo de Jornalismo Literário no Brasil. Marão (2010) explica que os repórteres tiveram contato com os textos de Gay Talese, Truman Capote, Tom Wolfe e outros ligados ao *New Journalism*, mas, para ele, os jornalistas da *Realidade* escreviam por pura intuição e não por desejarem fazer *New Journalism*.

Realidade chegou ao fim em março de 1976, mas sua “fase áurea” foi apenas até 1968, quando toda a equipe original saiu para se dedicar a outros projetos. Alguns retornaram, como José Carlos Marão e José Hamilton Ribeiro, mas a falta de entusiasmo e o terror instaurado

pelo o AI-5 fizeram com que a tentativa de restaurar a revista e sua antiga glória fracassasse. Ainda assim, *Realidade* deixou sua marca, revolucionando nossa forma de fazer jornalismo.

A revista não reformou o mundo nem desafiou, diretamente, governos. Mas ajudou e influenciou na mudança de costumes no Brasil. Foi irreverente e contestadora. Fazia um jornalismo que não se conformava com a verdade oficial, que procurava olhar os vários lados possíveis de um mesmo tema. [...] E seu texto, claro, não tinha o tom urgente da notícia, mas a calma da observação meticulosa (MARÃO *apud* MARÃO e RIBEIRO, 2010, p.23).

A *Realidade* segue no imaginário do jornalismo brasileiro até hoje, seja como tema de pesquisas na área da comunicação ou inspiração para os profissionais que buscam textos mais profundos e que abordem temas nem sempre tratados pela grande mídia.

3.5 GÊNEROS JORNALÍSTICOS

Com tantas aproximações e afastamentos nem sempre é fácil distinguir quais gêneros fazem parte da literatura e quais fazem parte do jornalismo. Mesmo dentro de cada uma dessas áreas a divisão em gêneros está sempre em debate. “Como um organismo vivo, os gêneros literários também nasceriam, cresceriam, morreriam; e desapareceriam, dominados por outros mais fortes e resistentes” (BULHÕES, 2007, p. 37). Todavia, é consenso que esses dois campos, hoje tidos como áreas diferentes, só se cruzam quando o texto se trata de uma prosa.

Nessa vertente textual, a literatura é representada pelo conto e pelo romance. O primeiro se caracteriza pela sua brevidade, já o segundo é marcado por sua incessante transformação de função e estatuto no universo literário. Gotlib (1985) explica que o conto vem do ato de contar histórias, primeiro oralmente e depois por escrito. A autora relata que para ser considerado um conto é preciso que a história relate um acontecimento (seja ele real ou imaginado), desperte o interesse humano e tenha um narrador. Este último é capaz de interferir no discurso, ou seja, no modo como a história é contada.

Contudo, Gotlib (1985) lembra que nos romances e nas novelas também existe uma história sendo contada, portanto essa definição não seria o bastante para distinguir esses gêneros. Essa confusão acontece porque as terminologias para os tipos de história se alteraram muito ao longo dos séculos. Ainda assim, talvez a principal característica para distinguir os gêneros seja sua extensão. Um conto é uma história curta, a novela refere-se a uma história média, e o romance, por sua vez, remete a uma história longa.

Além do comprimento – mesmo que de certa forma devido a ele – conto e romances guardam outras distinções, como explica Gotlib (1985). Geralmente, os contos, por serem curtos, são lidos de uma só vez, o que permitiria, na visão de autores como Edgar Allan Poe (*apud* Gotlib, 1985), uma compreensão completa do sentido da história. O mesmo não poderia acontecer com os romances, que têm sua leitura interrompida. O romance, por outro lado, tem muito mais espaço para o desenvolvimento da história e dos personagens, podendo retratar diversos acontecimentos e não apenas um, como ocorre frequentemente com os contos.

Gotlib (1985) aponta que nos contos toda a atenção é encaminhada para o clímax, quando a história se encerra. Sendo assim, o conto pode ser descrito como o acontecimento puro, sem espaço para interpretá-lo, enquanto o romance abre espaço para discutir os acontecimentos. Ainda que não falte clímax aos romances, eles não estão no fim da história que acaba com epílogos, num momento após o auge.

Claro que, como em todo debate de gênero, há divergências a essas classificações. Gotlib (1985) destaca que outra corrente de pensamento não acredita que o conto precise necessariamente do acontecimento, podendo narrar um momento de monotonia ou epifania dos personagens.

O único ponto não questionado quando se trata de definir romances e contos e sua extensão. Gotlib (1985) apresenta a comparação feita por Julio Cortázar entre romance/cinema e conto/fotografia. Assim como a fotografia captura um momento, o conto sintetiza os acontecimentos enquanto cinema e romances agem por acumulação, não excluindo elementos.

Se na literatura há uma dicotomia entre conto e romance, no jornalismo o mesmo ocorre com a notícia e a reportagem. A notícia, como o conto, trata de um acontecimento de forma sintética, enquanto a reportagem, da mesma forma que o romance, tem mais espaço para se aprofundar, para ir além do factual.

Sodré e Ferrari (1986) apontam uma dificuldade de diferenciar reportagem de notícia, principalmente considerando que esta também carrega a potencialidade narrativa. Ao contrário do que se pensa, esses dois gêneros não se diferenciam apenas pela sua extensão e abrangência, mas também por suas funções.

À notícia cabe o papel de anunciar, tornar público um fato. Isso quer dizer que um acontecimento não é notícia por si só, apenas se tornará notícia se for “anunciado”, o que ocorrerá dependendo do interesse do meio, do jornalista e do suposto interesse do público. As notícias podem enunciar – narrar fatos como se eles estivessem acontecendo na frente do leitor, sem que este perceba que há alguém narrando – ou se pronunciar sobre um tema,

introduzindo uma opinião de forma sutil por meio da manipulação de palavras. Quando a opinião é expressa de maneira explícita, a notícia está denunciando. Uma notícia-denúncia não se caracteriza apenas pelo discurso. Isso porque os recursos gráficos também podem ajudar a constituí-la, ademais, elas podem ser articuladas com outra de mesmo tema, reforçando a mensagem (SODRÉ; FERRARI, 1986).

Os autores explicam que tanto as notícias-pronúncia como as notícias-denúncia buscam formar a opinião do leitor sobre um tema, e não apenas informá-lo. Essas notícias pedagógicas, que se caracterizam por terem discursos abstratos e analíticos, têm se tornado cada vez mais comuns, fazendo Sodré e Ferrari (1986) acreditarem que essa é a tendência do jornalismo para o futuro.

Os quatro usos dados à notícia (anunciar, enunciar, pronunciar e denunciar) podem ser aplicados também às reportagens. É graças a essa proximidade entre os gêneros que torna a sua distinção mais complexa.

Um fato pode ser tão importante que sai simples notícia ou uma enorme reportagem a respeito dele vão sempre procurar documentar seus referenciais, porque aí está a expectativa do leitor. Já um episódio de restrito interesse só ultrapassará o mero registro se envolto em circunstâncias que conduziram o leitor a um posicionamento crítico, revelando-lhe ângulos insuspeitados, salientando outros apenas entrevistos – enfim, iluminando e ampliando a visão sobre determinado assunto. Essa, talvez, a função distintiva entre o noticiar e o reportar (SODRÉ; FERRARI, 1986, p.36).

Noblat (2016) explica que a notícia é mais do que um fato relevante que desperta o interesse das pessoas. Segundo o autor, para ser considerado notícia o fato deve ser curioso, fora do comum. É notícia o que foge da normalidade e é capaz de estimular conflitos, abalar pessoas, situações e estruturas.

Já para Lima (2009), a notícia é a fórmula básica de comunicação do jornalismo contemporâneo, representando o próprio sistema jornalístico. A notícia faz parte do bojo do jornalismo informativo, que segue fórmulas de construção textual, como o *lead* e a pirâmide invertida (começando com o mais relevante e terminando com o menos relevante) para informar e orientar de forma clara, exata e concisa. Por essa razão as notícias são frequentemente relacionadas à superficialidade.

É neste ponto que a reportagem se contrapõe à notícia, sendo responsável por contextualizar os acontecimentos (LIMA, E., 2009). Outra característica que distingue reportagem de notícia, segundo Sodré e Ferrari (1986), é o tempo. Uma notícia precisa ser atual, e uma reportagem, ainda que seja de teor informativo, contextualizará e detalhará aquilo que já foi noticiado. É esta a que permite maior influência da literatura, pois nela o repórter

funciona como uma “testemunha ocular” dos fatos sobre os quais escreve, ou seja, permite a inserção de marcas de personalidade nos textos. As expressões: *romance-reportagem* e *conto-reportagem* são exemplos dessa interação.

A irrupção da reportagem na história do jornalismo, ocorrida no século XIX, se faz com a evidência a um aspecto que a acompanharia desde então, tornando-se um traço essencial do gênero: a necessidade do jornalista – o repórter – no palco das ações dos acontecimentos, trazendo a voz de quem convive estreitamente com os fatos (BULHÕES, 2007, p.45).

Lima (2009) destaca que as reportagens só se consolidaram no jornalismo nos anos 1920, quando se criou revistas semanais de informação geral, como a revista *Times*. Nesse período pós-guerra percebeu-se que as notícias eram incapazes de estabelecer relações entre os acontecimentos. A reportagem inaugura um novo tipo de jornalismo, o interpretativo, que “busca não deixar a audiência desprovida de meios para compreender o seu tempo, as causas e as origens dos fenômenos que presencia e as consequências para o futuro” (LIMA, E., 2009, p.19). Para tanto, uma reportagem deve contar com os seguintes elementos: contexto, antecedentes, suporte especializado (conseguido por meio de entrevistas com testemunhas ou especialistas), projeção e perfil.

Quanto aos perfis, Sodré e Ferrari (1986) explicam que o repórter pode deixar que o personagem se apresente, como acontece nas entrevistas, ou pode compartilhar com o leitor um momento que viveu com o entrevistado. Há ainda a possibilidade de trazer a narrativa para o tempo presente, apresentando ao leitor como foi seu primeiro contato e a descoberta da personalidade do entrevistado.

Porém, por mais que suas ações e características mudem, é indispensável apresentá-los. A essa apresentação convencionou-se chamar, no jornalismo, de perfil. Sodré e Ferrari (1986) afirmam que a escolha do estilo a ser seguido pode variar conforme o tipo de personagem que será retratado no perfil. Quando se trata de um “personagem-indivíduo”, o perfil será mais psicológico, com ênfase para a postura do personagem diante da vida. Se o perfil for sobre uma celebridade, um esportista, um membro da realeza ou o que se chama de “personagem-tipo”, os autores recomendam que se ressalte o que deu notoriedade àquela pessoa. Já no caso de um “personagem-caricatura”, as peculiaridades do personagem serão ressaltadas.

Conforme ressaltam os autores, não se deve acreditar que os perfis se restrinjam a textos inteiramente dedicados a um personagem. Eles podem também estar inseridos em reportagens cuja ênfase está nos dados e nos fatos. Nesse caso, a narrativa é interrompida para

um breve destaque para o personagem. É o Sodré e Ferrari (1986) chamam de “miniperfil”. Além dele, existe o “multiperfil”, formado pelos diversos textos publicados sobre o personagem.

Sodré e Ferrari (1986) percebem outra característica que diferencia as reportagens das notícias. Aquelas, diferente destas não possuem uma fórmula fixa de escrita. Dentro do gênero reportagem, os autores elencam uma série de subdivisões. A reportagem de fatos (*fact-story*) é a que mais se aproxima da notícia, por ser mais objetiva e seguir os modelos do *lead* e da pirâmide invertida. Já a reportagem de ação (*action-story*) é narrada de forma enunciante, iniciando com o fato mais atraente para só depois expor os detalhes. Quando esse tipo de reportagem é feita para a TV, o repórter participa da ação, em vez de ser apenas um observador. O terceiro modelo apresentado pelos autores é a reportagem documental (*quote-story*), na qual é comum encontrar uma narrativa denunciante ou pronunciante, sempre apoiada em dados, faz com que tenha um tom de pesquisa. Porém, os autores lembram que esses três modelos de reportagem podem ser combinados para despertar o interesse do leitor ou espectador (SODRÉ FERRARI, 1986).

Os autores explicam que cada texto deseja produzir um tipo de efeito no leitor. Por isso, o escritor deve manipular o tempo do texto com base no efeito que pretende causar. É importante não confundir o tempo do texto com o tempo no texto. Este se refere ao período em que se passa a história, aquele se refere ao modo como são narrados os fatos, de maneira mais acelerada ou retardada, a depender da narrativa pretendida.

Podemos observar, depois de nos debruçarmos sobre as características desses gêneros literários e jornalísticos, que as notícias têm interseções com os contos, uma vez que, como seu correspondente literário, é mais curta e focada no acontecimento, ainda que, diferente dele, possua uma forma fixa de escrita. Da mesma forma, as reportagens, como os romances, têm mais espaço para contextualização e interpretação, estando menos presa aos acontecimentos.

Porém, entre todos os gêneros literários e jornalísticos, o mais híbrido é a crônica. Ao longo da história houve um debate constante para decidir se crônica seria um gênero literário ou jornalístico, chegando-se à conclusão de que ela faz parte dos dois campos.

Segundo Melo (1985), a definição desse gênero diverge de país para país. Na França, por exemplo, a definição de crônica seria um misto de reportagem setorial e o colunismo. Já a crônica espanhola combinaria notícia e comentário. Para os italianos, crônica é o que entendemos por reportagem.

Há quem diga que a maneira brasileira de escrever crônica é única, talvez lembrando a maneira portuguesa. Porém, Melo (1985) lembra que a crônica à brasileira ganha outras denominações nos demais países, como as *action stories* para os ingleses.

Por aqui, essa forma de se escrever surgiu com os folhetins, cuja redação era dada a escritores como José de Alencar e Machado de Assis. Inicialmente tida como um espaço semanal reservado pelos jornais ao registro dos acontecimentos, a crônica foi passando por transformações ao longo dos anos.

Antônio Cândido (*apud* MELO, 1985) acreditava que a crônica sofreu influências da Semana de Arte Moderna de 1922 e das feições empresariais que tomam conta dos periódicos desse período, adquirindo, assim, o estilo que conhecemos hoje. Para Melo (1985), as crônicas estão atreladas ao espírito da notícia.

[...] a crônica adquire um lugar especial. E o cronista é o intérprete das mutações que dão nova fisionomia à sociedade brasileira. [...] A crônica moderna gira permanentemente em torno da atualidade, captando com argúcia e sensibilidade o dinamismo da notícia que permeia a produção jornalística (MELO, 1985, p. 115).

Embora a crônica seja veiculada nos jornais, o cronista é o mais livre no ambiente da redação. Isso se dá porque sua atividade não está sujeita à pressão dos acontecimentos urgentes. É essa liberdade de escolhas de temas independentes do noticiário bem como a possibilidade de escrever da maneira como quiser, usando de atributos literários em pleno jornal diário, que permite ao cronista ver o que ninguém mais viu.

3.6 JORNALISMO DE OPINIÃO

Os cronistas não são os únicos que têm maior liberdade dentro das redações. Melo (1985) escreve que o jornalismo opinativo, do qual as crônicas fazem parte, guarda semelhanças com o jornalismo pré-industrial. Segundo o autor, esse gênero pode abrir espaço para a circulação de diferentes pontos de vista.

Para Melo (1985), a opinião no jornal se origina de quatro núcleos: o da empresa, o do jornalista, o do colaborador e o do leitor. Aqui daremos ênfase ao polo do jornalista, que se subdivide nas seguintes categorias: comentário, resenha, coluna, crônica, caricatura e artigos, sendo este último menos frequente.

É comum, no Brasil, que gêneros opinativos como o comentário, a crônica ou a resenha sejam chamados de colunas, pois esse termo é entendido como todas as seções fixas do jornal. Contudo, Melo (1985, p. 105) as define como “um mosaico, estruturado por

unidades curtíssimas de informação e de opinião, caracterizando-se pela agilidade e pela abrangência”. Seu surgimento coincide com a transição do jornalismo político-literário para o jornalismo empresarial, com ênfase na informação.

De acordo com Melo (1985), as crônicas são resultado da necessidade dos leitores por pessoalidade e intimidade, tendo um forte vínculo com a figura de seu redator. Apesar de parecer apenas um compilado de informações, as colunas são altamente persuasivas, funcionando como “balões de ensaio”, insinuando ideias e situações que permitem avaliar suas repercussões, podendo também fornecer modelos de comportamento. Soma-se a isso a sensação despertada pelas colunas nos leitores de que eles participam à distância do mundo de poder e estrelato. Colunas políticas e de “mexericos” têm em comum a capacidade de mostrar ao leitor a intimidade de um mundo ao qual ele não pertence.

É importante, porém, não confundir colunas políticas com outro gênero jornalístico opinativo: o comentário. Os comentários são fortemente ligados ao acontecimento e nasceram da necessidade do cidadão de saber mais sobre o ocorrido e suas consequências. O comentarista costuma ser um jornalista experiente, capaz de conseguir informações privilegiadas capazes de elucidar as tramas que envolvem um acontecimento (MELO, 1985).

Narrativamente, o comentário se aproxima da crônica, podendo usar artifícios de humor e de ironia enquanto faz uma exposição do tema. Melo (1985) explica que o comentarista não precisa revelar sua opinião de maneira explícita, mas seu ponto de vista pode ser percebido pela forma como expõe seu raciocínio. Além disso, mais do que julgar os acontecimentos, o comentarista deve ser capaz de prever seus desdobramentos. O comentário se dividiria, então, em duas partes: o resumo do acontecimento seguido de seu significado e a argumentação do comentarista.

O jornal *Folha de S. Paulo* desempenhou um papel importante na construção do gênero comentário do país. Após um período sem que pudessem ser publicados, os comentários voltam aos jornais em meados da década de 1970, tendo a *Folha* como um dos veículos pioneiros. Nesse período, como relata Melo (1985), o gênero deixou de ter um tom rebuscado e solene e se tornou mais ágil, leve e com linguagem mais simples.

Próximo ao comentário está o artigo, que pode ou não ser escrito por um jornalista. O mais comum é que os artigos sejam escritos por especialistas no tema e que sirvam de espaço para a democratização da opinião. Melo (1985) recorre aos conceitos de Vivaldi para descrever as duas principais características dos artigos jornalísticos:

[...] dois elementos são específicos do artigo jornalístico: 1) *Atualidade* – O articulista tem liberdade de conteúdo e de forma, mas ele deve tratar de fato ou ideia da atualidade, coadunando-se com o espírito do jornal. É claro que o sentido da atualidade não se restringe ao cotidiano, mas ao momento histórico vivido. Isso justamente diferencia o artigo do comentário. Enquanto o comentário é produzido por jornalistas que analisam os fatos em cima de sua ocorrência, o artigo é normalmente feito por colaboradores que apreendem as dimensões menos efêmeras dos acontecimentos, 2) *Opinião* – A significação maior do gênero está contida no ponto de vista que alguém expõe. E essa avaliação não pode ser oculta, eventualmente dissimulada na argumentação (como por vezes ocorre com o comentário), mas deve apresentar-se claramente, explicitamente. A opinião ali emitida vincula-se à assinatura do autor; o leitor a procura exatamente para saber como o articulista (em geral personalidade destacada) pensa e reage diante da cena atual (MELO, 1985, p.92-93).

Pode-se dizer, então, que o artigo tem maior possibilidade do que o comentário de se assemelhar ao jornalismo literário, uma vez que não depende do acontecimento e tem maior clareza em seu posicionamento e liberdade estilística. Ainda assim, Rodrigues (2001) observa que essa liberdade não é tão grande, uma vez que os jornais recomendam moderação no uso da primeira pessoa, da ironia e de adjetivos na construção de artigos.

Para a autora, outra ferramenta de controle está na seleção dos articulistas e dos artigos que serão publicados. Isso não significa que opiniões contrárias às da empresa jornalística não serão publicadas, pelo contrário. Quando um jornal publica textos com posicionamentos diferentes, ele ganha mais credibilidade, por passar uma impressão de imparcialidade. Como vimos, a possibilidade de conflito é uma das estratégias de legitimação jornalísticas apontadas por Tuchman (1996).

Rodrigues (2001) lembra, no entanto, que o jornal costuma colocar suas opiniões próximas às opiniões dos articulistas. Sendo um gênero típico do jornalismo impresso, os artigos costumam ser alocados nas primeiras páginas dos jornais, um lugar de destaque. O mesmo ocorre na internet, onde artigos e editoriais costumam ficar na mesma seção.

Para marcar os artigos como opiniões pessoais, esse tipo de texto é sempre assinado. Essa assinatura costuma vir acompanhada de uma breve descrição de quem é o articulista, endossando o porquê de sua opinião ser relevante. É importante ressaltar que nem todo articulista é funcionário do jornal e, por esta razão, como explica Melo (1985) os artigos são considerados um espaço em que opiniões diferentes da linha editorial do jornal podem aparecer.

Algumas publicações, como é o caso do *El País*, coloca a seguinte observação nos textos de opinião publicados em seu site:

Artigos de opinião escritos ao estilo de seu autor. Estes textos se devem basear em fatos verificados e devem ser respeitosos para com as pessoas, embora suas ações se possam criticar. Todos os artigos de opinião escritos por indivíduos exteriores à equipe do EL PAÍS devem apresentar, junto com o nome do autor (independentemente do seu maior ou menor reconhecimento), um rodapé indicando o seu cargo, título acadêmico, filiação política (caso exista) e ocupação principal, ou a ocupação relacionada com o tópico em questão (EL PAÍS, 2019)⁶.

O *El País*, nesse trecho, coloca coluna e artigo como sinônimos, uma vez que a definição vem em um ícone ao lado do termo “Coluna”. Alves Filho (2005) argumenta que apesar de serem muito próximos, colunas e artigos não são o mesmo gênero. Ainda que ambos tenham características linguísticas semelhantes e pressuponham uma relação hierarquizada entre leitor e autor, nos artigos, por serem geralmente escritos por colaboradores sem vínculo empregatício com o veículo jornalístico, pressupõe-se uma maior autonomia do articulista. Como explicam Melo (1985) e Rodrigues (2001), os termos “coluna” e “artigo” costumam ser usados de forma genérica para definir qualquer tipo de texto jornalístico.

Coutinho (2005) ressalta a possibilidade de encontrar diferentes modelos de coluna dentro de um mesmo jornal, podendo ser escrita no formato de pequenas notas e um texto introdutório e outra com o tamanho mais próximo do de uma reportagem. Ademais, com a ascensão do gênero, as colunas passaram a também poderem ser escritas por colaboradores não titulares, já que com a personalização da notícia valeria mais a identidade do transmissor do que a informação em si.

Uma possível resposta para a popularização das colunas seria, como explica Castilho (*apud* Coutinho, 2005), a necessidade de ordenação da avalanche de notícias causada pela massificação da informação. Assim, as colunas teriam o papel de destacar o que é importante dentro do noticiário, em especial no campo da política.

Coutinho (2005) observou que existe uma tendência de as colunas pautarem o próprio jornal. Segundo a autora, as colunas, frequentemente, antecipam os fatos, uma vez que elas são tidas como relevantes na formação de opinião do público. Em sua pesquisa, Coutinho relata experiências de repórteres que se tornaram colunistas e passaram a ter uma melhor relação com as fontes, ainda que estas passassem as informações em off. Alguns colunistas contam que até mesmo o público passou a fazer mais contato com eles para pedir informações e tirar dúvidas.

⁶ Disponível em: <<http://bit.ly/2CNdqdb>> Acesso em 16 de junho de 2020.

Ao entrevistar parlamentares que tiveram seus nomes citados nas colunas estudadas por Coutinho (2005), a autora percebeu que também os políticos acreditam se pautar pelas colunas, ainda que não possa ser medido até que ponto as colunas realmente interferiram em suas ações.

Com o olhar direcionado às colunas jornalísticas de notas, seu processo de produção e recepção, é inevitável o reconhecimento de seu papel de referência não apenas no que diz respeito ao espaço público aqui considerado genericamente, mas sobretudo na relação com os próprios profissionais da imprensa. Área de status valorizado por leitores de um modo geral e também por fontes da arena política, como evidenciado nas entrevistas, as colunas e, conseqüentemente seus responsáveis, ocupam uma posição de destaque nessa dinâmica do fazer jornalismo diário (COUTINHO, 2005, p.90).

Para a autora, as colunas podem fazer uso de estratégias que não são permitidas ao jornalismo diário e isso vai além da possibilidade do autor de expressar sua opinião. Em verdade, segundo Coutinho (2005), as colunas podem ser consideradas como um “parlamento de papel”, ocupando uma posição de destaque no jornal impresso.

3.7 WEB E AS MUDANÇAS TRAZIDAS PARA O JORNALISMO

Se as colunas são populares no jornalismo impresso o mesmo pode ser dito de suas versões para a internet? Antes de responder essa pergunta, é necessário compreender as diferenças entre o jornalismo produzido para os dois meios. Segundo Ferrari (2006), ao contrário da mídia tradicional impressa, que tem como objetivo atingir e agradar um grande número de pessoas, no meio digital, é possível atingir o indivíduo. Por essa razão, a web consegue reunir assuntos diversos.

Por outro lado, os veículos digitais, geralmente, não contam com a fidelidade do público como a mídia impressa. Isso se dá pela imensa quantidade de informações às quais os internautas são expostos diariamente. Ferrari (2006) lembra os dois tipos de navegantes citados por Pierre Lévy em seu livro *Cibercultura*. O primeiro é aquele que procura uma informação específica e o segundo é o que navega pronto para abandonar o assunto pelo qual tem vago interesse por outros *links* mais interessantes. Nos próprios textos jornalísticos são apresentados links que direcionam o leitor para outra matéria do portal noticioso ou mesmo para fora do site. Esse recurso, chamado de hiperlink ou hipertexto, pode possibilitar a construção de uma pirâmide deitada, na qual o primeiro texto é o mais importante e os demais textos, abertos por meio dos hiperlinks, ajudam a construir uma narrativa, podendo

acrescentar profundidade ao texto principal ou fazer com que os internautas abandonem o texto que estavam originalmente lendo.

Os navegantes se comportam como consumidores em um shopping, correndo os olhos pelas manchetes e logo perdendo o interesse. Com isso, segundo Ferrari (2006), o leitor de portais digitais acaba por adquirir um pseudoconhecimento, já que a informação não é absorvida com comprometimento com a realidade. Assim, matérias veiculadas em meios impressos acabam tendo maior repercussão do que se tivessem sido publicadas na web.

Talvez isso se deva ao fato de a maioria dos sites jornalísticos terem surgido como reprodutores de veículos impressos. No Brasil, foram grandes empresas como o grupo Folha e as Organizações Globo que deram o pontapé inicial na Internet brasileira nos anos 1990.

Com o passar do tempo, porém, surgiram veículos que nasceram com a web. Alguns deles, os chamados portais verticais, buscavam um público interessado em conteúdo personalizado.

Focados em um assunto específico – ou em um conjunto de assuntos para uma comunidade de interesses comuns –, os portais verticais representam o perfeito casamento entre comunidade e conteúdo, uma vez que permitem personalização e interatividade com o usuário (FERRARI, 2006, p. 36).

Na rede, o jornalismo ganhou outra dimensão. As notícias não estão restritas aos textos. Elas podem ser acompanhadas de vídeos, áudios, infográficos interativos e muitos outros complementos. São mensagens multimídia. Para Salaverria (2014), o jornalista digital deve empregar esses recursos com cautela, para que cada um dos elementos converse entre si.

O autor explica que, para compor uma narrativa multimídia, é preciso que os elementos sigam critérios de composição. Por exemplo, não é possível ler um texto e ouvir rádio ao mesmo tempo. É preciso que os elementos tenham: compatibilidade, complementaridade, ausência de redundância, hierarquização, ponderação e adaptação.

Para Ferrai (2006), os jornalistas devem buscar histórias que sejam contadas de melhor forma na web do que na mídia tradicional. Ao contrário do que se pensa, é preferível demorar mais para postar uma notícia na web do que publicá-la de forma superficial. Além disso, o lead ganha ainda mais força no meio digital. Os navegantes desejam saber de forma rápida qual é a notícia e se vale a pena continuar a lê-la. Diante disso, um bom texto para o ambiente eletrônico deve ter frases concisas e simples, evitando a voz passiva. Ferrari aconselha aos “repórteres da Internet que qualquer história pode ser contada em novecentos caracteres” (FERRARI, 2006, p. 50).

O conteúdo ligado ao imediato está muito associado ao jornalismo feito para a internet. De acordo com Bradshaw (2014), a internet cortou etapas na produção do conteúdo jornalístico. As notícias precisam ir para a web imediatamente após terem acontecido, dificultando a possibilidade de detalhar os fatos e contextualizá-los. Segundo o autor, cabe ao jornalismo impresso aprofundar os temas que foram dados de forma imediata na web. Ao mesmo tempo, a internet tornou mais fácil a verificação de informações e o acesso a dados e pessoas, propiciando uma melhor apuração.

Ainda assim, como explica Bradshaw (2014), o jornalismo feito para a internet tem muito mais acessos quando trata de temas considerados menos relevantes, como esportes, arte e entretenimento, que somam 40% da audiência. Quando temas tidos como mais relevantes atingem um público menor. Notícias sobre política, por exemplo, atingem apenas 9% da audiência total.

É inegável que o jornalismo se transformou com a chegada da internet, assim como a forma de consumi-lo. Também é preciso admitir que ainda estamos em um momento de transição, em que ainda se busca o caminho a ser seguido. Contudo, como afirma Bradshaw (2014), a internet não pôs fim ao interesse por conteúdos jornalísticos mais complexos e contextualizados. Pelo contrário, ainda que possam ter menores números em audiência, as grandes reportagens e os conteúdos jornalísticos que demandam mais profundidade são aqueles capazes de atrair a interação do público, que, além de compartilhar o link em suas redes sociais, comenta seu conteúdo. Ademais, o jornalismo feito com maior profundidade consegue fazer com que o público pague pelo conteúdo jornalístico. Prova disso são os 200 mil acessos únicos que o texto mais lido de Eliane Brum obteve no site do jornal *El País* Brasil, no ano de 2016, como apontam Vivar e Abib (2018).

Ramonet (2013) aponta que a internet permitiu que o cidadão faça jornalismo através dos blogs e redes sociais. Essa possibilidade, contudo, amplia a crise de credibilidade vivida pelo jornalismo desde meados da década de 1980, quando a TV impôs um ritmo acelerado de produção de notícias, levando a uma queda de qualidade de apuração. Nos anos 1990, com o surgimento da internet os próprios jornalistas começam a usar “testemunhas observadoras do acontecimento” como fontes de informação.

Com o tempo, essas fontes passam a se tornar “amadores-profissionais” do jornalismo, como descreve o autor, o que gera a possibilidade de consumir conteúdos que ficariam de fora da mídia tradicional, engolidas pela espiral do silêncio, como disse Noelle-Neumann (*apud* (BARROS FILHO; PRAÇA, 2014). Para além disso, com a internet, as pessoas puderam criticar a crescente relação da mídia tradicional com os poderes econômico e

político. Nesse cenário, com mais pontos de vista sendo apresentados, o discurso de imparcialidade feito pelos jornais se torna insustentável e a imprensa passa a ser percebida por alguns como mentirosa. Com isso, como explica Ramonet (2013), a sociedade passa a demandar informações sobre a produção de informações.

Na visão do autor, a mídia tradicional deixou de representar a opinião pública, papel para o qual ela foi criada e passou a representar os interesses daqueles que estão no poder. Assim:

O que um cidadão mais ou menos ativo numa sociedade democrática deve fazer? Questionar a forma como a mídia dá conta da realidade. Essa função crítica consiste em informar sobre a informação, que não é neutra, sempre é construída a partir de um ponto de vista. Portanto, revelar a quem pertence essa informação, quem ela está ajudando, em que medida ela é a expressão dos grupos privados que são seus proprietários já é uma maneira de se dizer para quem os meios de comunicação estão trabalhando. Isso é criar um quinto poder, ressignificando o que a opinião pública deve ser (RAMONET, 2013, s/n).

Serrano (2013) chama a atenção para o fato de que, mesmo que hoje todos se tornem jornalistas em potencial, bastando ter um smartphone, tablet ou notebook com acesso à internet, nem por isso a informação produzida por eles é menos parcial. “Muitas vezes, os meios alternativos se transformam em tribuna para o desabafo de militantes e não é isso que eles deveriam ser” (Ibid, s/n).

Para Serrano (2013), ter uma linha editorial não significa que o veículo deva se limitar a publicar apenas o que está de acordo com a sua visão de mundo. Para o autor, é preciso publicar textos relevantes também de pontos de vista contrários para que não se caia no risco de se encerrar politicamente em uma bolha ocasionando uma distorção da realidade.

É preciso destacar ainda, como explica o autor, que nem tudo o que se produz na internet é correto ou útil. A possibilidade de que todos publiquem conteúdos ditos informativos muitas vezes, segundo Serrano (2013), pode acarretar na propagação inverdades. Esse conteúdo mentiroso pode se sobressaltar em relação à verdade graças à sobrecarga de informação.

Esse é um fato perigoso, uma vez que, de acordo com Serrano (2013), a internet se tornou o meio com maior credibilidade entre o público bem como sua principal fonte de informações.

Toda informação que recebemos deve ser tratada com prudência e desconfiança. Assim como os grandes meios de comunicação têm interesses perversos em suas linhas editoriais, na rede também há tentativas constantes de intoxicação com informações, denúncias e reivindicações falsas. As

fantasias e conspirações paranoicas estão na ordem do dia entre a cidadania mais crítica, o que acaba provocando uma grande falta de credibilidade das denúncias verdadeiras. É importante selecionar nossas fontes de confiança, os autores que merecem credibilidade, os meios alternativos que trabalham com seriedade etc. (SERRANO, 2013, s/n).

A importância dada aos autores evidenciou-se com os blogs de opinião mantidos por jornalistas reconhecidos a partir de 2005, quando estourou o chamado escândalo do mensalão. De acordo com Aldé *et al* (2007), os jornalistas-blogueiros ganharam um papel de autoridade, sendo vistos como aptos para pautar o debate público e para desvendar os bastidores do mundo da política, assim como ocorria com os colunistas dos jornais impressos. Para os autores, a possibilidade de atualização imediata proporcionada pela internet torna os blogs ainda mais atrativos. Ademais, a participação dos blogs na construção das narrativas dos escândalos políticos os caracteriza como um “híbrido entre a atualidade jornalística e a crônica pessoal” (ALDÉ *et al*, 2007, p.31).

Outro ponto que aproximam os blogs das colunas é a relação mantida com os políticos, que servem como fonte de informação. Por outro lado, diferente do que ocorre com as colunas políticas, os blogs têm destaque nos portais jornalísticos, que, como apontam Aldé *et al* (2007), remetem a eles em suas primeiras páginas. Os autores avaliam que os blogs não estão presos ao objetivismo do jornalismo, servindo quase como uma mesa de bar, onde os blogueiros fazem suas análises e os leitores podem comentar o que pensam a respeito do que foi escrito. Essa interação é incentivada pelo próprio portal onde o blog se hospeda, ainda que os comentários possam passar por algum tipo de moderação.

Aldé *et al* (2007) destacam que os jornalistas-blogueiros apenas iniciam a discussão, não participando dos debates estabelecidos pelos leitores nos comentários. Essa postura permite que eles sigam se dizendo imparciais e apartidários. Ainda assim, existem jornalistas que respondem alguns de seus leitores. Os autores explicam que por vezes essa relação entre blogueiro e leitor é complicada pelo anonimato do segundo. Sem poder ser responsabilizado, o anônimo se sente livre para dizer qualquer coisa. Por outro lado, muitos leitores cobram que os jornalistas-blogueiros se posicionem politicamente de forma mais clara.

4 ELIANE BRUM: A REPÓRTER DO COTIDIANO

Eliane Brum é uma jornalista que nunca teve medo de admitir a própria parcialidade. Ao longo de todo seu trabalho, ela posicionou-se como defensora daqueles que não tinham voz. Mas, antes de 2019, Brum não havia escrito colunas políticas. O que poderia mudar nesse cenário? Para responder a essa pergunta, é necessário revisitar a trajetória de Eliane Brum. Nesse capítulo trataremos de sua biografia e de suas obras até sua atuação no jornal global *El País*. Ademais, revisaremos os estudos feitos sobre a jornalista e o que ela própria tem a dizer sobre o seu trabalho.

4.1 TRAJETÓRIA DE ELIANE BRUM

A gaúcha Eliane Brum é uma das jornalistas mais respeitadas do Brasil, tendo ganhado ao longo de sua carreira mais de 40 prêmios por seu trabalho. Tendo passado por uma infância na qual ela própria se sentia invisível, imersa na escuridão, a repórter dedicou seu trabalho a dar visibilidade às pessoas excluídas pela sociedade (BRUM, 2017).

Ao relatar a sua vida, ela conta ter sido sempre marcada por histórias e palavras, fossem elas escritas ou ouvidas. As histórias que ela dá destaque em sua autobiografia são das mulheres que estavam a sua volta: sua irmã que morreu criança e cuja morte carregou a mãe para a depressão, a avó que abandonou um futuro como professora para se casar, a professora que ensinou o pai da jornalista a ler e permitiu que, mais tarde, a própria Eliane Brum fosse salva do caos que ela acredita ser o mundo sem palavras (BRUM, 2017).

Eliane Brum ingressou no jornalismo em 1988 e por 11 anos trabalhou no jornal gaúcho *Zero Hora*. Dez anos mais tarde começou a escrever a coluna “A Vida que Ninguém Vê” retratando histórias daqueles que para ela eram tidos como invisíveis. Apesar do sucesso comprovado pelas cartas de leitores que escreviam elogiando o trabalho de Brum e sugerindo novas pautas, a coluna só durou até 1999, quando ela deixou o jornal para integrar a equipe da *Revista Época*. Em 2006, Brum revisitou seu trabalho no jornal gaúcho e publicou o livro *A Vida Que Ninguém Vê*, com 23 de suas 46 colunas. Marcelo Rech (in BRUM, 2006), autor do prefácio do livro, acredita que esses escritos, que transitam entre reportagens, crônicas e colunas, provam que, em jornalismo, também existem histórias que partem do ordinário. A obra rendeu a Brum o Prêmio Jabuti de melhor livro reportagem em 2007.

Ainda que não tenha tido tanto destaque quanto *A Vida Que Ninguém Vê*, Eliane Brum já havia publicado outro livro reportagem em 1994. Intitulado *Coluna Prestes: o avesso da*

lenda, o livro é resultado da jornada da jornalista pelos 25 mil quilômetros da Coluna Prestes para contar a história do “povo do caminho”, que testemunhou a passagem dos integrantes do movimento.

Brum continuou a contar as histórias dos “invisíveis” durante os dez anos em que foi repórter especial da *Revista Época*, em São Paulo. Em 2008, Brum reuniu dez de suas reportagens no livro *O Olho da Rua*. A obra segue o curso de uma vida, nascendo com as parteiras do Amapá, que preservam a tradição ancestral de “pegar menino” e se encerrando com a narrativa dos últimos 115 dias de vida de Ailce de Oliveira Souza, paciente terminal de câncer que recebia tratamento na Enfermaria de Cuidados Paliativos do Hospital do Servidor. Ao longo desta experiência, Eliane Brum tenta fazer “um exercício de reportagem e de humanidade. Eliane entra em cada lugar como único – como se fosse sempre a primeira vez a realizar a entrevista” (PAVAN, 2009, p.2).

Entre o início e o fim, o nascimento e a morte, Eliane Brum nos narra a vida de pessoas excluídas, assim como Hustene Alves Pereira, o homem-estatística. Hustene, mais conhecido como Pankinca, estava desempregado, como muitos outros em 2002. Ao receber a pauta sobre pobreza, Brum buscou uma perspectiva que não fora vista anteriormente. Foi assim que ela conheceu esse homem, filho de retirantes, que perdeu o emprego, mas não perdeu o orgulho nem a fé em sua trindade (Corinthians, Che Guevera e Nossa Senhora de Fátima).

As reportagens foram em parte deixadas de lado a partir de 2010, quando ela passou a atuar como cronista *freelancer* da *Época*. Mais tarde, em 2013, a jornalista também publicou uma coletânea de crônicas no livro *Menina Quebrada*. Entre seus outros livros estão a autobiografia *Meus Desacontecimentos* (2014), a ficção *Uma, Duas* (2011) e *Brasil, construtor de ruínas* (2019).

A jornalista também já produziu cinco documentários. O primeiro deles, *Uma história Severina*, que estreou em 2005, abordava o polêmico tema da interrupção da gestação em caso de anencefalia e ganhou 17 prêmios nacionais e internacionais. Além disso, é uma das diretoras do primeiro documentário brasileiro da Netflix, *Laerte-se*, que aborda a vida da quadrinista Laerte depois de ter se revelado mulher.

Desde novembro de 2013, Eliane Brum assina uma coluna quinzenal no site do jornal global *El País*, que é publicada tanto na versão brasileira quanto nas versões espanhola e latino-americana do portal jornalístico. Além disso, Brum também é colaboradora do jornal britânico *The Guardian* e desde 2018 escreve quinzenalmente para a versão impressa do *El País* de Madri.

Os textos de Eliane Brum são bastante populares no *El País*. De acordo com dados conseguidos por Vivar e Abib (2018) com o jornal. Os 10 textos mais lidos de Brum em 2016 tiveram mais de um milhão de acessos únicos naquele ano. O texto mais lido, ainda de acordo com a pesquisa de Vivar e Abib (2018), teve mais de 200 mil acessos únicos.

A postura de Eliane Brum é bastante compatível ao do importante jornal espanhol, que sempre é associado ao progressismo. Apesar disso, o *El País* – surgido em 1976, logo após a retomada da democracia na Espanha – se propunha a não ser nem de direita nem de esquerda, e sim um jornal plural que atraísse jovens leitores. Juan Luiz Cebrián, seu fundador, queria, com esse discurso de imparcialidade, conquistar o respeito tanto das elites quanto das pessoas comuns, tornando-se um importante fundador de opinião (ARIAS, 2017).

Devido aos anos de repressão vividos pela Espanha no período franquista, quando os espanhóis não conseguiam ter acesso às informações do restante do mundo, o *El País* decidiu dedicar grande parte de suas páginas às coberturas internacionais. Até hoje o jornal conta com um amplo grupo de correspondentes internacionais. Apesar de se afirmar totalmente imparcial, Arias (2017, s/n) explica que o *El País*:

Sempre foi, e continua sendo, um jornal comprometido com a democracia e a defesa das minorias marginalizadas. Um jornal laico, que sempre defendeu a separação entre a Igreja e o Estado. Liberal na economia, progressista no campo social, crítico em relação aos poderes civis e religiosos, fiel na defesa dos direitos humanos. E, sobretudo, plural em suas ideias. Algo que sempre esteve claro para todos nós, que trabalhamos nele, é que o EL PAÍS é dos leitores. De todos. São eles os seus verdadeiros proprietários. Os jornalistas são apenas os mediadores da notícia (Ibid).

Na descrição feita anteriormente, é possível perceber que o jornal tem um posicionamento progressista nos costumes e liberal na economia, comprovando que a imparcialidade é um ideal inatingível. O *El País* chegou ao Brasil em novembro de 2013, cerca de um ano depois da versão americana. Hoje, como afirma Jiménez (2020), 40% do público do site do jornal vem da América. Em 2020, o jornal, que até então era gratuito, passou a cobrar mensalidade para aqueles que quiserem acessar as versões em espanhol do site. A versão brasileira segue gratuita, por enquanto, mas já foi anunciado que cobrarão mensalidades.

Com mais de 400 jornalistas em sua equipe, o *El País* orgulha-se, segundo Jiménez (2020), de ter profissionais alinhados com seus ideais de ousadia, democracia e defesa da justiça social. O veículo também valoriza ter em sua equipe colunistas renomados, como Gabriel García Marques e Fernando Salvater. No Brasil, um dos nomes de maior destaque da publicação é Eliane Brum.

4.2 O QUE É DITO DE ELIANE BRUM

A proposta de Brum é enxergar o invisível aos olhos comuns e fazer reportagens que dão lugar de notícia a temas que seriam ignorados pelos noticiários. Segundo a escritora, “o ordinário da vida é o extraordinário. E o que a rotina faz com a gente é encobrir a verdade, fazendo com que o milagre do que cada vida é se torne banal. [...] cada Zé é um Ulisses. E cada vida uma *Odisseia*” (BRUM, 2006, p. 187).

Seria esse olhar que a permitiria dar espaço aos que não têm voz, contando histórias nunca antes escritas ou dando um novo ângulo a temáticas que são sempre tratadas da mesma forma. Tudo isso seria possível seguindo uma única norma, a lei suprema do jornalismo aprendida por Brum com o professor Marques Leomam: “jornalista não tem direito de ser ingênuo” (BRUM, 2006, p. 195).

Seguindo essa norma, Brum diz passar a desconfiar dos heróis e só achar graça neles quando se aproximam do humano. Para a jornalista, um olhar que não é ingênuo, é capaz de ver o extraordinário no ordinário e o comum no incomum. Ela explica ainda que, antes de se enxergar o extraordinário nos outros, precisa-se vê-lo em si mesmo. “Quem é capaz de olhar para a própria vida com generosidade torna-se capaz de alcançar a vida do outro” (BRUM, 2006, p. 188).

O olhar que enxerga o “invisível” é, segundo Brum (2008), mediado por amor e compaixão pelo outro. A jornalista acredita ser capaz de ver as fraturas de seus personagens e também a capacidade de cada um deles de se reinventar e de dar significado a sua vida. Por respeitar o olhar do outro e se preencher da realidade de seus personagens, Brum (2008) acredita que a fala dos entrevistados não deve ser alterada: “Para mim, ‘melhorar a fala’ já é uma fraude. Nós trabalhamos com palavras. O que as pessoas contam, como contam. Colocar um sinônimo, nas aspas do entrevistado, já é traí-lo” (BRUM, 2008, p. 239).

Preocupada em mostrar ao leitor o máximo da realidade, o texto de Eliane Brum é rico em detalhes, para que os leitores possam tomar suas próprias conclusões e fazer suas próprias escolhas, sem se basear apenas na visão que a autora tem da realidade. Ela busca pelo complicado, pois, segundo Brum (2008), o fácil é óbvio e, por essa razão, já foi contado antes.

Além do olhar para perceber o outro, Eliane Brum conta com outro diferencial, a audição. Ela explica que a reportagem é um encontro entre jornalista e personagem e, por essa razão, não existe história arrancada. Sua técnica de entrevista é ouvir o que o entrevistado tem a dizer.

Eu não arranco nada. Só me comprometo a ouvir, escutar de verdade, sem preconceitos. E se as pessoas me contam suas histórias é porque quiseram contar, porque me deram algo precioso: sua confiança. E é o respeito pelo privilégio de entrar em suas casas e ouvir a narrativa de suas vidas que me carrega por toda a reportagem, até a publicação. E depois dela (BRUM, 2008, p. 151).

Ainda que Elaine Brum faça um trabalho de apuração bem exaustivo, detalhando tudo que viu e ouviu, mesmo que reproduza, em seus textos, a fala de seus personagens da mesma maneira como foram ditas, a jornalista reconhece que não é imparcial. Para ela, os ideais de objetividade e isenção jamais poderão ser atingidos. Ressalta ainda que essa incapacidade deve ficar clara para que o trabalho tenha maior honestidade.

A jornalista diz escrever para aqueles que “gostam de histórias tão reais que parecem inventadas” (BRUM, 2008, p. 15), mas também deseja que seu olhar desperte o interesse dos estudantes de jornalismo que buscam a melhor maneira de exercer a profissão.

Eu acredito que, nas ruas do mundo, o grande desafio é olhar para ver. E olhar para ver é perceber a realidade invisível – ou deliberadamente colocada nas sombras. Olhar para ver é o ato cotidiano de resistência de cada repórter, de cada pessoa (BRUM, 2008, p. 241).

A proposta de Brum é ousada e atraiu a atenção de pesquisadores do campo do jornalismo. Rozendo e Mega (2014), por exemplo, comparam o olhar da jornalista ao de João do Rio. Para os autores, os dois funcionariam de maneira complementar: o escritor faz um “diagnóstico” da miséria e Brum traz a esperança de que um dia todos serão vistos como iguais. Ambos com o olhar voltado àqueles que não têm espaço nos noticiários e reportando suas realidades de maneira distinta da que é vista nos jornais diários.

Eles não se prendem à objetividade e à imparcialidade jornalística, tanto que muitas de suas narrativas são escritas em primeira pessoa. Além disso, possuem formas de relato que humanizam os personagens ao expor seus sentimentos, medos e aflições; enxergando-os como protagonistas e não como “coisas”. (ROZENDO; MEGA, 2014, p. 14).

Rozendo e Mega (2014) apontam também as três regras que Eliane Brum segue, conforme diz a jornalista em seu livro *Menina Quebrada*, de 2013. A primeira delas seria a jornalista estar tomada pelo assunto sobre o qual escreve. A segunda é buscar um novo ângulo para um tema velho ou descobrir algo sobre o qual nunca foi dito nada. Por fim, Eliane Brum estuda o assunto sobre o qual vai escrever. Rozendo e Mega (2014) acrescentam ainda uma regra que não é mencionada pela jornalista: colocar-se no lugar do outro.

Para Fonseca (2013), é ainda mais inovador falar do outro usando o eu. Segundo a autora, Eliane Brum, em suas reportagens, quebrou as barreiras impostas pelo Positivismo ao jornalismo. Para Fonseca (2013), Brum toma o mesmo rumo que os historiadores da pós-modernidade. Até os anos 1970, apenas as fontes documentais tinham credibilidade no estudo da História. Contudo, nas últimas quatro décadas, o relato testemunhal ganhou força em um movimento denominado *guinada subjetiva*. Seus adeptos não acreditam que o passado possa ser reescrito em sua plenitude, pois, assim como o presente, ele está sempre sujeito a um olhar que o interpreta, seja ele do historiador ou da fonte. Sem excluir o uso dos documentos, os pesquisadores, agora, buscam também por pequenos relatos, dando voz àqueles que antes não tinham espaço. Por essas razões, até mesmo a narrativa da história foi modificada:

Além da voz em primeira pessoa, ele faz uso de estratégias variadas, como a exposição dos detalhes das coisas vistas que falam de uma época, suas percepções pessoais e emoções. Mais do que contribuir para explicar melhor os fatos, essas estratégias ajudam a aproximar ainda mais o leitor do passado reconstituído. Assim, a presença do autor na cena narrada, ao invés de incitar mais consciência do ato de mediação, faz com que o leitor tome o testemunho como a própria realidade acontecida (FONSECA, 2013, p. 2).

Fonseca (2013) aponta que o jornalismo, contudo, não abandonou sua crença na verdade absoluta. Segundo a autora, da escolha da pauta à escrita da matéria, a subjetividade é desprezada, pois é apenas com a objetividade e a com imparcialidade que se transmitem os fatos. Somente o extraordinário é digno de estar nas páginas dos jornais. Não há espaço para as pessoas comuns e seus “desacontecimentos”.

Entretanto, como esclarece a autora, a subjetividade e a parcialidade estão presentes nas escolhas dos jornalistas. Quando escolhem um tema e não outro e mesmo quando escrevem de forma impessoal, na terceira pessoa, o subjetivo é apenas mascarado.

Já Eliane Brum não esconde sua parcialidade. Fonseca observa que a jornalista, muitas vezes, utiliza a primeira pessoa, ainda que de forma sutil e sem exibicionismo. Brum dá a voz ao outro por meio de seu olhar. Ela é apenas uma testemunha que dá o depoimento do que aconteceu com o outro.

Fonseca (2013) lembra que a reportagem de Brum, como acontece nos relatos dos historiadores pós-modernos, descreve os espaços, os objetos, os personagens, imprimindo as visões da jornalista. Suas entrevistas abrem espaço para que o entrevistado diga o que quiser dizer. Em seus textos, Brum reflete e convida para que o leitor faça o mesmo. Assim, ela mostra que não pretende retratar “a verdade”, e sim, “uma de muitas verdades”.

É possível ver que Eliane Brum não busca o consenso, nem tenta explicar, mas compreender. Com isso, promove um diálogo mais acentuado com o leitor no sentido de fazê-lo pensar junto, interpretar e buscar sua própria experiência nas lacunas deixadas (FONSECA, 2003, p. 15).

Quadros (2018) observa que a forma de contar a história de pessoas comuns muda de “A vida que ninguém vê” para “O olho da rua”. No primeiro, acompanham-se as histórias de um “esquecido” por vez em textos curtos que se confundem com crônicas. Já no segundo, as histórias, geralmente, não são de uma única pessoa, mas de uma comunidade, uma realidade geral, um lugar.

Mas a proposta de olhar de Eliane Brum está presente em ambos os livros. De acordo com Quadros (2018), textos da jornalista, diferente do que se vê nos noticiários, são marcados por adjetivos. Algumas dessas caracterizações são dadas pela própria repórter, que não tem medo de dar sua opinião sobre a situação que apresenta, contudo, Brum busca dar voz às pessoas que retrata, preservando suas visões sobre o mundo e as palavras que utilizam para descrevê-lo.

Com a transição das reportagens para as colunas, Vivar e Abib (2018) acreditam que Brum pode somar aos seus textos a opinião e as possibilidades de ampliação de vozes trazidas pela internet. Segundo os autores, isso permitiu que as colunas de Brum fossem um espaço de experimentação no qual não havia um formato fixo de texto.

Essa experimentação permite a criação de um “estilo Eliane Brum” de escrita de colunas que, de acordo com Antônio Jemenéz Barca, diretor do *El País* Brasil entrevistado por Vivar e Abib (2018), é um misto de reportagem, coluna de opinião e crônica. O tradutor dos textos de Brum, Óscar Curros, concorda com Barca.

As colunas dela são textos muito complexos, porque a gente ainda chama de coluna, mas, na verdade, é quase um gênero novo, porque, em muitos casos, é uma grande reportagem, ou ensaios, e até metarrelato, porque muitas vezes ela fala de como ela constrói as histórias, a perspectiva dela. Muitas das colunas envolvem uma parte de reportagem e uma parte de opinião também. Acho que, talvez, o que elas mantêm de coluna, de maneira muito clara, é a transparência da autora (*apud* VIVAR; ABIB, 2018, p. 31).

Para Vivar e Abib (2018), o gênero criado por Brum é o Jornalismo do Desacontecimento, caracterizado por uma visão complexa, que não busca respostas fáceis e sim o aprofundamento de todas as questões tratadas no texto. Esse pensamento complexo, segundo os autores, faz com que a jornalista leve seus debates para outras áreas, diferenciando-se dos demais ao problematizar questões e ampliar horizontes.

4.3 O QUE DEFINE O ACONTECIMENTO OU O DESACONTECIMENTO

O embate entre o acontecimento e o desacontecimento é frequente tanto no discurso de Eliane Brum sobre suas obras quanto no debate acadêmico sobre a jornalista. O jornalismo tradicional tem como componente mais relevante o acontecimento. Rodrigues (1990) explica que o acontecimento seria um ponto inicial da significação. Ele é visto como o real, que existe de forma independente de opiniões, por isso é usado no discurso jornalístico. Na concepção de Rodrigues (1990), o acontecimento é tudo aquilo que interrompe o cotidiano. Quanto mais improvável, mais distante da vida ordinária, maiores as chances de o fato ir parar nos jornais.

O autor explica que existem alguns fatores que podem fazer com que um fato se distancie dos outros e se torne um acontecimento jornalístico. O mais comum deles é o excesso, tratando-se de uma afloração de um desvio à norma feita ou por indivíduos ou por instituições. Outro fator apontado é a falha, que se caracteriza pela insuficiência ou pelo defeito dos corpos. O terceiro elemento é a inversão, que ocorre quando a rotina é invertida.

A busca do jornalista pelo distanciamento da realidade pode ter influenciado num fenômeno observado por Boorstin (s/d). Segundo o autor, ao ler notícias desinteressantes as pessoas já não dizem: “como o mundo está chato”, dizem “como o **jornal**” está chato. Para Boorstin, comentários como esse demonstram que no século XX o jornalista não é mais entendido apenas como aquele responsável por contar aquilo que aconteceu. Pois, se o jornalista apenas reporta, o que ele poderia fazer se os acontecimentos estão ou não entediantes?

De acordo com Boorstin, essa busca incessante pelo extraordinário faz com que apenas os fatos não sejam suficientes para atender às expectativas do receptor pela quebra de sua rotina. Tem-se então a ideia de fabricar-se fatos, chamados por ele de “pseudo-events”, ou pseudo-acontecimentos, em uma tradução nossa. Se nada novo acontece, pode-se inaugurar um lustre em um hotel e inventar um motivo qualquer para que isso se torne relevante.

Uma lógica contrária é usada por Eliane Brum no cunho do termo desacontecimento. A palavra é empregada pela jornalista para descrever a temática de seus trabalhos. Para ela, buscá-lo é descobrir o extraordinário no comum. São situações que acontecem todos os dias, que não vão parar nos jornais, mas que não deixam de ser importantes. São as histórias de pessoas que são silenciadas pela sociedade, os invisíveis.

O olhar que enxerga o “invisível” é, segundo Brum (2008), mediado por amor e compaixão pelo outro. Sendo assim, escrever sobre o desacontecimento torna necessário o uso de novas estratégias. Preocupada em mostrar ao leitor o máximo da realidade, o texto de

Eliane Brum é rico em detalhes, para que os leitores possam tirar suas próprias conclusões e fazer suas próprias escolhas, sem se basear apenas na visão da autora acerca da realidade. Ela busca pelo complicado, pois, segundo Brum (2008), o fácil é óbvio e, por essa razão, já foi contado antes. Entretanto, para conseguir realizar matérias complexas e detalhadas, é preciso uma apuração exaustiva.

Eu costumo empurrar a mim mesma, ainda que esteja bem cansada, para buscar outra fonte, checar um local onde ainda não passei, procurar mais alguma coisa. Tento conseguir o maior número de informações e detalhes até o limite do tempo (BRUM, 2008, p. 238).

Segundo Leão (2019), Brum tenta reunir o melhor do jornalismo, com seu poder de transformação por meio da informação, com o melhor da literatura, com seus elementos estético-textuais. A autora explica que Brum busca “narrativas inéditas e surpreendentes que podem ser escritas a partir de cada acontecimento (ou desacontecimento)” (LEÃO, 2019, p.85). Nessa perspectiva, o desacontecimento pode ser descrito como a busca do extraordinário no ordinário.

Ao contar as histórias dos “heróis do cotidiano”, Brum estaria, na compreensão de Leão (2019), participando da construção historiográfica da história do Brasil. Isso porque os jornais são fontes da historiografia e ao incluir personagens invisibilizados, a jornalista estaria fazendo um registro de sua existência para a posteridade. Mas a narrativa do desacontecimento também exerce um papel no presente ao proporcionar um intercâmbio de experiências entre os personagens de Brum e seus leitores.

Essas duas figuras – fonte e leitor – são centrais para o jornalismo do desacontecimento, que se caracteriza pela humanização dos personagens e pelo aprofundamento dos fatos, permitindo que os leitores tenham maior compreensão da história sem deixar de explicitar a parcialidade da jornalista ao contá-la. É por isso que, para Leão (2019), o jornalismo do desacontecimento é uma união entre objetividade e parcialidade.

Apesar de ter sido criado como uma narrativa de reportagem, o jornalismo do desacontecimento, na visão tanto de Vivar e Abib (2018) quanto de Leão (2019), pode ser transposto para as colunas online. Uma das características incluídas nesse novo formato seria a falta de limitação do texto, que, ao contrário dos textos jornalísticos escritos para a internet, são bastante longos. Outra possibilidade é a inclusão de hiperlinks que, segundo Leão (2019), são usados para aprofundar ainda mais os temas abordados. Por outro lado, a preocupação com a historicidade e a abordagem dos excluídos como personagens e fontes são mantidas.

5 UM NOVO OLHAR?

Contudo, o trabalho de Brum mudou significativamente em especial no ano de 2019, quando se dedicou a falar mais sobre o contexto político brasileiro. Um dos indicativos dessa mudança foi sua nomeação e vitória no prêmio Comunique-se 2019 na categoria “Nacional – mídia escrita”, destinado a jornalistas que atuem na editoria de política nacional. Em 2018, ela havia ganhado o mesmo prêmio na categoria “Colunista de opinião”⁷. A partir disso surge uma nova questão: é possível continuar a fazer jornalismo do desacomodamento mesmo tratando de assuntos tão tradicionalmente ligados ao acontecimento, como a política? Até que ponto é possível abordar personagens, fontes e temáticas do cotidiano quando sua pauta principal é a política? E se Eliane Brum consegue se diferenciar dos demais colunistas políticos, que características seus textos trazem para esse gênero jornalístico? Essas são as perguntas que este trabalho pretende responder.

5.1 METODOLOGIA E *CORPUS* DE ANÁLISE

Para responder às questões propostas, serão analisados os textos publicados por Eliane Brum ao longo do ano de 2019 na versão brasileira do site *El País*. A metodologia adotada foi a Análise de Conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011). A técnica é amplamente utilizada nas Ciências Humanas para investigar fenômenos simbólicos por propor uma exploração interpretativa de documentos por meio de um conjunto de técnicas de análise de comunicação (BARDIN, 2011). A análise de conteúdo busca verificar os elementos constitutivos de um documento com o objetivo de encontrar padrões e produção de inferências. É possível fazer análise de conteúdo de qualquer mensagem codificada nos mais diversos códigos, como imagens, sons e textos.

Na definição mais corrente hoje, a análise de conteúdo envolve tanto uma análise quantitativa quanto qualitativa. Essa é a principal diferença entre a análise de conteúdo e outros métodos de interpretação. A quantidade pode revelar conteúdos que serão interpretados posteriormente. A primeira medida é selecionar categorias de análise (rubricas significativas). Analisam-se temáticas, formas e estruturas, tendo como principal foco a análise de

⁷ Informações disponíveis em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/12/politica/1536703299_432497.html> e

<<https://premio.comunique->

[se.com.br/ShowMateria.aspx?idMateria=vPDeoYodhdPm86ZQyVwUxg==](https://premio.comunique-se.com.br/ShowMateria.aspx?idMateria=vPDeoYodhdPm86ZQyVwUxg==)> Acessados em 22 de janeiro de 2019.

mensagens. Nesta pesquisa estabelecem-se como categorias preliminares de análise as seguintes: 1- Acontecimento *versus* desacontecimento (concernindo as temáticas abordadas com o enquadramento dado pela jornalista); 2 – fontes e personagens; 3 – a imagem de Brasil construída por Eliane Brum; 4 – Narrativas jornalísticas (de que forma se assemelha ou se diferencia da narrativa tradicional lead, estrutura da notícia, jornalismo declaratório); 5 – o caráter opinativo do texto (como se diferencia ou não de outras colunas políticas); 6 – elementos empregados do jornalismo literário; 7 – características do webjornalismo.

Com o intuito de aumentar a objetividade e trazer dados mais completos para a pesquisa, cada uma das 26 colunas será analisada individualmente observando-se as referidas categorias. Após essa primeira fase de análise serão feitas considerações sobre os tópicos de forma a analisar o conjunto de colunas, destacando-se as principais características observadas nos textos publicados por Brum ao longo do ano de 2019.

5.2 AS COLUNAS SOB ANÁLISE

Neste trabalho foram analisadas 26 colunas publicadas por Eliane Brum entre 4 de janeiro e 21 de dezembro 2019, que serão analisadas conforme as categorias estabelecidas acima. As colunas foram organizadas neste trabalho de forma cronológica. Configuram como parte do *corpus* deste trabalho as seguintes colunas: O homem mediano assume o poder (04/01/2019); O chanceler quer apagar a história do Brasil (16/01/19); Mourão, o moderado (01/02/2019); As crianças tomam conta do mundo (01/03/2019); Bolsonaro (des)governa o Brasil pelo Twitter (07/03/2019); Quem mandou matar Marielle? E por quê? (14/03/2019); Bolsonaro manda festejar o crime (28/03/2019); Cem dias sob o domínio dos perversos (12/04/2019); O “mártir” governa (25/04/2019); EU + UM + UM + UM+ (16/05/2019); O golpe de Bolsonaro é pela família, contra a nação (23/05/2019); A potência da primeira geração sem esperança (06/06/2019); Ei, Bolsonaro, até o pênis está diminuindo (20/06/2019); MBL usa o aborto para reposicionar a marca (04/07/2019); “Empresários não podem ser batedores de carteiras” (17/07/2019); Doente de Brasil (03/08/2019); As crianças de Altamira (15/08/2019); Bolsonaro está espionando o Papa? (04/09/2019); "A notícia é esta: o Xingu vai morrer" (13/09/2019); Como vocês se atrevem? (27/09/2019); Um Cristo amazônico... e mulher? (09/10/2019); Lula livre, sim, mas sem fraudar a história (24/10/2019); Erro de projeto coloca estrutura de Belo Monte em risco (08/11/2019); O AI-5 já se instala na Amazônia (e nas periferias urbanas) (27/11/2019); Belo Monte, a obra que une

os polos políticos (05/12/2019); Protejam Erasmo: ele pode ser assassinado a qualquer momento (21/12/2019).

5.2.1 O Homem mediano assume o poder

Na primeira coluna do ano de 2019, Eliane Brum discute a posse do presidente Jair Bolsonaro e seu significado. Apesar de não ter o linguajar direto e objetivo de um *lead* tradicional e caracterizar Bolsonaro como “mediano” e “o ‘coiso’”, o primeiro parágrafo responde às perguntas: o quê? “o Brasil tem como presidente um personagem que jamais havia ocupado o poder pelo voto”; quem? Bolsonaro; quando? 1/01/2019; onde? No Brasil; como? “pelo voto”; por quê? “Esse homem mediano representa uma ampla camada de brasileiros”.

O texto tem seu gancho em um fato: a posse de Bolsonaro. Por isso pode-se dizer que está ancorado em um acontecimento. Há que se levar em conta o fato de Brum não basear seu texto na posse em si e sim no contexto que levou à eleição de Bolsonaro. Mas, além disso, Brum quer trazer um outro acontecimento, menos óbvio, o fato de que nunca antes um homem tão comum havia chegado à presidência da República. Para comprovar seu ponto de vista, Brum evoca personagens como o ex-presidente Lula, a quem caracteriza como “excepcional” e “o melhor entre os seus”, ainda que com a ressalva “independentemente da opinião que cada um possa ter sobre ele”. Além disso, usa como fontes pessoas reconhecidas em suas áreas: os historiadores Denise Paraná e Nicolau Sevcenko. Esses fatores podem indicar uma tentativa de trazer objetividade para o texto, como explicou Tuchman (1996), ao apresentar mais de uma fonte, cria-se uma possibilidade de conflito e quando essas fontes concordam entre si, cria-se uma impressão de verdade.

Entre os personagens que compara a Bolsonaro, Eliane Brum apresenta Marina Silva, a quem também caracteriza como excepcional. Diferente dos demais personagens abordados, Marina é a única mulher, a única política que não foi eleita e a única, que concorreu com Bolsonaro nas eleições, que foi apresentada no texto. Em nenhum momento, Brum diz claramente em quem votou, mas a jornalista, que é conhecida por se preocupar com os invisíveis e com as causas ambientais, descreve a presidenciável como a encarnação “de um outro amplo segmento de brasileiros, muito mais invisível, representado pelos povos da floresta” e também diz que “Se Marina tivesse conseguido chegar ao poder, ela representaria toda essa complexa trajetória, mas também encarnaria uma excepcionalidade entre os seus. Quantas mulheres com o percurso de Marina se tornaram Marina?”. Esses fatores podem ser

indícios da preferência política de Eliane Brum por Marina Silva, uma vez que a presidenciável teve uma porcentagem irrisória de votos na eleição de 2018 (em 8º lugar, com 1% dos votos, atrás de Jair Bolsonaro, Fernando Haddad, Ciro Gomes, Geraldo Alckmin, João Amoedo, Cabo Daciolo e Henrique Meirelles) e ainda assim é a única candidata à presidência nas eleições de 2018 que é tratada no texto. Brum não esconde ao longo da coluna sua desaprovação por Bolsonaro à medida que sempre o caracteriza negativamente. Contudo, não é explícita quanto à sua preferência por Marina, deixando-a nas entrelinhas. Isso pode ser visto como um resquício da tentativa de objetividade das colunas políticas, que evita deixar evidente a posição do jornalista. Além disso, é típico do jornalismo tradicional classificar políticos como vilões, como indica Gomes (2004).

A presença de Marina é a única que destoa da lógica do texto, uma vez que não foi eleita presidente nem teve sua eleição como senadora, por exemplo, retratada. Tiririca personagem é citado, porque sua eleição, vista por outros como “a prova de que era necessária uma reforma política urgente”, é entendida por Brum como “um grande palhaço”, que atingiu o sucesso, apesar da decadência da profissão. Lula está presente por ser um “homem do povo” que chegou à presidência por ser diferente dos seus. E Brum faz questão de ressaltar que sua escolha como personagem não significa que ela o apoie, ao dizer que isso tem que ser reconhecido, apesar do que se possa pensar dele. Getúlio Vargas está presente por ser o mais popular presidente do século XX e ser representante dos demais presidentes que, para Brum, eram escolhidos entre candidatos que “foram acertos das elites que disputavam o poder”. Ser da elite também é visto como uma marca da excepcionalidade, porque “Ainda que tenha havido alguns presidentes apenas medianos durante a República, eram por regra homens oriundos da elite e alicerçados por ela” (BRUM, 2019a).

Brum deixa claro em seu texto o quanto acredita que Bolsonaro é “ordinário” e “comum”, não podendo ser comparado ao presidente estadunidense Donald Trump, que, “além de pertencer a uma parcela muito particular das elites americanas, tem uma trajetória de destaque”, nem a Lula, que, apesar de também ser exceção, representa o oposto de Bolsonaro, não apenas no aspecto político, mas, porque Bolsonaro, segundo Brum, “rompe com a ideia de excepcionalidade”.

É curioso observar, porém, que Brum, defensora de que o extraordinário da vida é o ordinário e de que todo Zé é um Ulisses, agora apresenta ser comum e ordinário como características negativas. Ela defende a teoria de que Bolsonaro foi eleito por ser igual ao brasileiro comum, por representar “um tipo de brasileiro que se sentia acuado há bastante tempo. E particularmente nos últimos anos. E que estava dentro de cada família, quando não

era a família toda”. Para Brum, Bolsonaro é “o mediano entre os medianos” e foi eleito por propor a retomada dos “privilégios que eram considerados direitos” por essa camada da população.

O “brasileiro ‘acorrentado’” também ganha destaque à medida que Brum narra as conquistas para as minorias e a consequente perda de privilégios que essa camada da população teve nos últimos anos. Destaca-se novamente a tentativa de imparcialidade quando Brum descreve essas conquistas como apenas “reconhecidas pelos governos do PT”, diminuindo, portanto, a relação entre mudanças sociais que ela considera positivas com um partido político, o que reforça a ideia de imparcialidade.

A literariedade não é uma característica marcante do texto. Ela está presente em raros momentos, como em algumas descrições de personagens, em especial de Bolsonaro, e na escolha de algumas palavras menos presentes no português cotidiano (exemplo: locupletar) que, portanto, são menos comuns ao jornalismo, que presa por termos conhecidos pela ampla maioria das pessoas. Um dos recursos literários utilizados é a metáfora, como quando Brum diz que “a violência doméstica é quase tão comum quanto arroz e feijão”. O último parágrafo é um dos trechos mais literários, quando Brum tenta narrar o que pode acontecer no futuro com Bolsonaro:

Em algum momento, Jair Bolsonaro poderá olhar no espelho e verá apenas a imagem exata de si mesmo. Assombrado pela verdade que poderá chamar de “fake news”, ele correrá para as ruas para ouvir os Queiroz gritarem: “Mito! Mito! Mito! Mito!”. Mas o grito pode ter sido engolido pela realidade dos dias. Saberemos, então, em toda sua magnitude, o que significa Bolsonaro no poder (BRUM, 2019a).

Como fonte, Eliane Brum utilizou dois historiadores, um artigo de revista, uma pesquisa de intenção de voto e os discursos de Bolsonaro. Apesar de tratar o “brasileiro ‘acorrentado’” como personagem, nenhum representante dessa categoria de “povo” é ouvido. Eliane Brum tira suas conclusões sobre os motivos de terem votado em Bolsonaro a partir de suas opiniões acerca do tipo de brasileiro que as pesquisas de intenção de voto (não especificando quais) diziam ser os eleitores de Bolsonaro: homens, brancos, em especial os que ganhavam mais. O que indica uma tentativa por parte de Brum de não apenas apresentar uma notícia, mas dizer como ela deve ser interpretada, como previa Hall (*apud* TRAQUINA, 2001).

Os recursos típicos da internet também não são usados. O único recurso presente é o hiperlink, usado 45 vezes ao longo do texto. A coluna conta apenas com uma foto, não tem vídeo ou áudio para caracterizar uma multimídia e, mesmo assim, a foto não é crucial

para o texto. Apesar de ter 64 parágrafos, a estrutura do título é similar à das manchetes, sendo bastante objetiva, resumindo a ideia central do texto e relatando um acontecimento: “o homem mediano assume o poder”. Ainda que o uso do termo vago “homem mediano” não seja o padrão online, o contexto da data de publicação bem como a foto de Jair Bolsonaro, logo abaixo da linha fina, permite a compreensão imediata de quem a jornalista se refere.

5.2.2 O chanceler quer apagar a história do Brasil

Eliane Brum baseia seu texto em um acontecimento: a posse do ministro Ernesto Araújo e, em especial uma frase que, segundo ela mesma, foi amplamente repercutida pela imprensa: “Vamos ler menos *The New York Times*, e mais José de Alencar e Gonçalves Dias”. É com essa citação que Brum inicia sua coluna. No primeiro parágrafo são respondidas as seguintes perguntas do lead: o quê? Ernesto Araújo afirmou que se deve ler mais José de Alencar e Gonçalves Dias e menos *The New York Times*. Quando? Em seu discurso de posse? Quem? Ernesto Araújo. O parágrafo é finalizado com a seguinte pergunta: “Por quê?”.

O restante da coluna é dedicado a responder essa pergunta, também indicando que mais do que dar uma notícia, Brum pretende dizer aos leitores como interpretá-la, como previsto nas teorias construcionistas. A tese de Brum é de que Araújo expressou aí uma ideologia do Governo Bolsonaro: a de que os indígenas devem ser vistos de forma similar àquela apresentada pelos autores indianistas do século XIX e não se deve levar em conta a pressão internacional para a preservação da Amazônia e dos povos originais. Para ela, o discurso de posse de Ernesto Araújo “é uma falsificação da história, com o objetivo de justificar o presente e o futuro próximo” e a comparação entre os autores do século XIX e o *The New York Times* tem o objetivo de “exacerbar um nacionalismo que se ajoelha diante de Donald Trump, mas despreza a independência do *New York Times*; idolatra o WhatsApp e o Facebook de Mark Zuckerberg, mas achincalha a imprensa brasileira” (BRUM, 2019b).

Brum, neste texto, aproxima-se muito do modo tradicional de fazer jornalismo. Além de partir de um acontecimento, o texto usa fontes de autoridade reconhecida: Ernesto Araújo; Bolsonaro; Daniel Patrick Moynihan (político); Vinícius Rodrigues Vieira (professor da USP); Hamilton Mourão; a Constituição; uma pesquisa feita pelo Instituto DataFolha; um editorial do Instituto Socioambiental, o livro “O Guarani” de José de Alencar e também o que ela chama de “imprensa séria”.

Parece haver uma tentativa de embasar todas as opiniões expressas em fatos, o que é uma estratégia de objetividade, como descrito por Tuchman (1996). Mesmo a crítica feita ao

governo é justificada no texto quando Brum diz: “A imprensa só faz sentido se fiscalizar o governo, qualquer governo”. O trabalho de Brum nessa coluna, portanto, seria uma forma de fiscalizar o governo ao denunciar a retomada de pensamentos do século XIX que pregavam a assimilação dos indígenas às culturas brancas.

A escolha deste indígena com atributos morais europeus, representado pela alusão a José de Alencar, não é um acaso. Este indígena, que na obra do escritor manteve apenas as características do corpo e a cor, vai ser branqueado pela matriz europeia da loira Ceci dos olhos azuis para fundar o Brasil pós-independência. É amor cortês, mas também é assimilação brutal. Sobre Peri, a quem não conhecemos porque Alencar também não conhecia, nada sabemos (BRUM, 2019b).

Eliane Brum tem um posicionamento crítico às afirmações de Bolsonaro, Mourão e Araújo quanto aos indígenas. Isso porque, segundo ela:

Ao tornar o indígena um ser humano que quer converter a terra em mercadoria, o discurso ideológico tem como objetivo fazer com que a soja e o boi possam avançar sobre a floresta hoje protegida. A quem isso vai beneficiar? Não a mim e a você. Mas sim aos grandes criadores de gado e aos grandes grupos plantadores de soja para a exportação (BRUM, 2019b).

É interessante observar que, como contraponto ao discurso do governo, Brum não ouve nenhum indígena e sim parte para uma análise bastante objetiva dos fatos, apresentando dados de como os brasileiros já entendem a necessidade da preservação das terras indígenas, de como essas terras já geram renda sustentável com produtos considerados de muita qualidade ao redor do mundo, de como os indígenas são centrais na preservação da floresta e esta, por sua vez, vital para o combate ao aquecimento global. Nesse sentido, Brum se distancia do jornalismo do desacontecimento que, conforme explicam Vivar e Abib (2018) e Leão (2019), prefere ouvir os que pertencem a camadas invisibilizadas pela sociedade.

Apesar de haver literariedade em alguns trechos do texto, o discurso predominante é o da imprensa tradicional, cuja função é criticar os governos, como dito pela própria Eliane Brum. Apesar de ser bastante crítica ao governo e caracterizar seus representantes sempre negativamente, ao dizer que criticar é função da imprensa, ela camufla em certo grau sua parcialidade. Essa camuflagem se acentua à medida que ela critica também os governos de Lula e Michel Temer que, segundo ela, “converteram criminosos violadores de terras públicas em representantes do ‘agronegócio’ e membros do ‘setor produtivo nacional’” (BRUM, 2019b).

Mais uma vez está presente o discurso clássico do jornalismo de retratar aos outros como vilões e a si mesmos como mocinhos, como observado por Gomes (2004). Ela critica a

inação dos professores das universidades e diz que apenas “uns poucos intelectuais” já perceberam que o debate contra os “malucos” deve ser travado na internet. Ou seja, ela coloca-se como alguém que já percebeu algo que poucos perceberam. É interessante o fato de ela usar a expressão “ali” para se referir à internet, como se fosse algo externo a ela e a seu trabalho, quando, na verdade, seus textos são veiculados na internet. Isso pode indicar que, como Han (2018), Brum não vê a web como um espaço de ação.

Apesar de serem veiculados na internet, o único recurso da rede do qual Eliane Brum faz uso é a possibilidade de se agregar hiperlink, utilizados neste texto 31 vezes. Além disso, o texto é construído sem o uso de multimídia, sendo a escrita o principal recurso utilizado ao longo dos 62 parágrafos.

5.2.3 Mourão, o moderado

Esta coluna é a primeira do ano a se iniciar de forma mais literária, assemelhando-se a uma narração que apresenta o personagem principal: Hamilton Mourão, escolhido por Bolsonaro para ser seu vice-presidente. Não vemos, de imediato, que acontecimento serviu de gancho para a escrita da coluna, uma vez que ela tem início reproduzindo uma fala de Eduardo Bolsonaro que relembra um diálogo com seu pai. Ao contrário do que é comum no jornalismo tradicional, o parágrafo não trata de um acontecimento recente, nem tem linguagem objetiva.

Em agosto de 2018, Eduardo Bolsonaro disse à repórter Josette Goulart, da Folha de S. Paulo: “Sempre aconselhei meu pai: tem que botar um cara faca na caveira para ser vice. Tem que ser alguém que não compense correr atrás de um impeachment”. Depois de várias tentativas fracassadas, Jair Bolsonaro acabou escolhendo o general da reserva Hamilton Mourão para ser seu vice na chapa que acabou vitoriosa. Ele atendia ao requisito exposto pelo terceiro filho, o de proteger o presidente, a partir da sombra das Forças Armadas (BRUM, 2019c).

Ainda em um formato de descrição e narração, mais próximo à literatura, Brum segue descrevendo o cenário em que se deu essa situação, isto é, as razões que fazem com que as Forças Armadas sejam uma sombra capaz de proteger Bolsonaro de um impeachment: o medo da ditadura, cujo retorno só era desejado por “um grupo minoritário, meio amalucado e sempre apontando nos movimentos da ‘nova direita’”.

A argumentação de Brum começa quando ela revela que a situação de Mourão, como o vice-presidente que seria temido pelo povo, se inverteu, dada a inabilidade de Bolsonaro no governo logo em seu primeiro mês como presidente. O vice, na visão de Brum, teria uma

relação mais harmoniosa que Bolsonaro tanto com a imprensa quanto com representantes de outros países.

Tudo é uma questão de referência. E, quando a referência é Bolsonaro, é fácil um Mourão soar moderado. Em caso de naufrágio, qualquer tábua de pinho vira navio. [...] Mourão melhorou? Não. Bolsonaro piorou? Não. O que acontece é que agora Bolsonaro é o presidente. Era melhor ele “Jair se acostumando”, mas Jair não se acostuma. Segue acreditando que ainda está fazendo campanha e que continuará ganhando no grito das redes sociais (BRUM, 2019c).

Eliane Brum passa, então, a narrar de que forma o presidente da República se comporta mal. Primeiro relata a situação de um dos inimigos políticos de Bolsonaro, Jean Wyllys, que foi obrigado a se autoexilar do Brasil devido às ameaças que vinha sofrendo. No dia que o político saiu do país, Bolsonaro publicou em seu Twitter a mensagem: “Grande dia”, dizendo mais tarde se referir “ao cumprimento de sua ‘missão’ no Fórum Econômico Mundial de Davos, na Suíça” que foi, segundo Brum, “também no nível escolar (ruim)”. Jornais internacionais, como o Washington Post, que definiu o evento como um “grande fracasso”, e o Le Monde que o chamou de “fiasco”, foram citados para endossar a posição crítica da jornalista, que descreve que “o presidente do Brasil soava como um estudante medíocre de colégio, apresentando um trabalho copiado de um colega, porque nem convicção havia” (BRUM, 2019c).

Brum escreve que a situação é preocupante, pois, em um mundo onde existe Greta Thunberg, uma adolescente de 15 anos que protesta contra a inação governamental frente às mudanças climáticas, há um governo Bolsonaro que governa sobre a maior parte da floresta Amazônica. E, quando o presidente do Brasil é “medíocre” e passa “vexame”, a vergonha é de todos.

Mas, para Brum, o maior problema é que apenas um mês de governo havia se passado e as crises só pareciam aumentar, como o caso de corrupção, pauta que, segundo a jornalista, foi essencial na eleição de Bolsonaro, que agora parece envolver não apenas Flávio Bolsonaro e Fabrício Queiroz, mas toda a família. Nessa situação, Brum acredita que Jair Bolsonaro “não sabe se deve se comportar como presidente do Brasil ou como pai de filho mimado”.

As atitudes do presidente são sempre descritas em tom crítico pela jornalista, que com frequência faz uso de recursos usados na literatura como ironia e metáforas, mas ela se preocupa em comprovar que tem razão citando outros jornalistas e também políticos, ou os dois, como é o caso quando Brum se refere à entrevista que Janáina Paschoal deu ao *Estado*

de S. Paulo para comprovar sua tese de que até mesmo os aliados estavam se afastando do presidente. Ela se questiona “quem quer agora ser gente como essa gente?”

Apenas no primeiro mês de governo, a família Bolsonaro aparece com suspeitas de envolvimento com corrupção e de proximidade com a milícia que pode ter assassinado uma das mais atuantes vereadoras de esquerda da nova geração de parlamentares. O que virá nos próximos meses ou nos próximos quatro anos? A pergunta não assombra apenas os opositores, começa a tirar o sono de aliados (BRUM, 2019c).

Para Brum, as atitudes de Bolsonaro podem preocupar aqueles membros da elite que o usaram ou para se manter ou para chegar ao poder. Brum resgata que sua saída do exército e consequente ingresso na política se deu porque Bolsonaro era visto como respeitava a hierarquia, mas ainda assim as forças armadas decidiram apostar nele, uma vez que “a eleição de Bolsonaro significou a chance de mudar a história”.

É só depois de ter exposto seus argumentos de como Bolsonaro é ruim que Eliane Brum volta a falar de Mourão. A jornalista busca demonstrar que Mourão não é moderado, como aponta o título, mas alguém que defende a intervenção do exército na política, primeiro em 2015, quando perdeu o cargo de comandante das forças militares do sul “ao afirmar numa palestra que a substituição da presidenta Dilma Rousseff teria como vantagem ‘o descarte da incompetência, da má gestão e corrupção’”, depois em 2017, quando “defendeu um golpe militar caso o judiciário não punisse os corruptos” e, em 2019, quando “afirmou à Globo News admitir o ‘autogolpe’ com ‘o emprego das Forças Armadas’, em caso de ‘anarquia’”.

Brum questiona que um homem “que chamou os africanos de ‘malandros’ e os indígenas de ‘indolentes’” possa agora ser chamado de “o moderado”, “o sensato” ou “o gentil”. Essa percepção se deu, segundo a jornalista,

Não apenas porque Bolsonaro vai se tornando rapidamente um bode com odor cada vez mais forte numa sala que se tornou apertada pelo acúmulo de fardas e estrelas no peito, mas também porque Mourão tem se esforçado bastante para poder convencer o Brasil da autenticidade de seu novo papel (BRUM, 2019c).

É interessante notar como Eliane Brum tenta emplacar um discurso clássico da narrativa do jornalismo político, classificando todos os políticos como ruins e a imprensa como os mocinhos. Os políticos apresentados são sempre vistos negativamente, independente do que façam. É o caso da presidente Dilma Rousseff, que, apesar de ter promulgado a Lei de Acesso à Informação, defendida por Brum, tem seus créditos dados à sociedade como um todo. A lei, escreve Brum, é “uma conquista da sociedade e da democracia em favor da

transparência”. O uso da palavra conquista implica em dizer que Dilma não promulgou a lei porque queria, mas foi forçada a fazê-lo pela sociedade. Caso semelhante acontece ao falar da Comissão da Verdade. Apesar de Brum escrever que o governo Dilma Rousseff se esforçou “para esclarecer os crimes do período de exceção”, esse esforço é chamado de “tímido”. Além disso, ao contrário de todas as críticas desferidas aos políticos, que são individualizadas, esse movimento, que é visto como positivo, é tratado no coletivo. Segundo a jornalista, não foi Dilma Rousseff, como pessoa, que fez algo bom, e sim seu governo. Ainda assim, as ações do governo são descritas apenas como um “tímido esforço”.

Mas Brum vai além e tem a tendência de classificar apenas a si mesma como mocinha e não toda a imprensa. Isso pode ser percebido quando ela usa excessivamente outros jornais como fonte de informação, como avaliadores dos fatos que ela usa para comprovar seus pontos de vista. Neste texto são citados: *Folha de S. Paulo*; *O Globo*; *Washington Post*; *Le Monde*; *O Estado de São Paulo*; Rubens Valente (repórter da *Folha*); *Globo News*; Mônica Bergamo (Jornalista da *Folha*). Contudo, a base da argumentação deste texto é que ela está vendo algo que ninguém mais viu: que Mourão não é moderado, como estão dizendo. Mas quem está dizendo isso? A imprensa? Brum diz que Mourão “manda recados amistosos para a imprensa pelo Twitter”. Isso não significa que a imprensa acredite que ele seja amistoso, ou bom, ou moderado ou gentil.

Mas Brum critica os destaques dados pela imprensa às atitudes e falas de Mourão. A jornalista apresenta duas situações: as mudanças na lei de acesso à informação e o anúncio de autoexílio de Jean Wyllys. No primeiro caso, ela afirma que o decreto “é a ação mais contundente de censura”, enquanto o vice-presidente afaga a imprensa no Twitter. Contudo, ela não demonstra como outros colunistas e outros veículos veicularam essa notícia. No caso de Jean Wyllys ela reclama que

A declaração mais valorizada de Mourão foi “Quem ameaça parlamentar está cometendo um crime contra a democracia. Uma das coisas mais importantes é você ter sua opinião e ter liberdade para expressar sua opinião. Os parlamentares estão ali, eleitos pelo voto, representam cidadãos que votaram neles. Quer você goste, quer você não goste das ideias do cara, você ouve. Se gostou bate palma, se não gostou, paciência” (BRUM, 2019c).

Não é dito quais veículos priorizaram essa fala, nem quais jornalistas. Ao contrário dos momentos em que Brum critica os políticos, quando costuma apresentar evidências, quando critica a imprensa, não há provas. Brum diz ainda que a declaração que deveria ter sido destacada é outra:

A declaração que mais demanda atenção é: “Temos que aguardar quais são essas ameaças, porque ele falou de forma genérica. Se ele está ameaçado tem de dizer por quem e como. Não estou na chuteira do Jean Wyllys. Ele que sabe qual é o grau de confusão que ele está metido” (BRUM, 2019c).

Contudo, a manchete do jornal *Valor Econômico* sobre o tema foi justamente: “Mourão: Jean Wyllys é quem sabe o grau de confusão em que está metido⁸”. Também na *Folha de S. Paulo* é apontada a mesma duplicidade apontada por Brum quando a manchete diz: “Mourão vê fala 'genérica' de Jean Wyllys, mas aponta possível crime à democracia⁹”. Apesar de não ter sido a única a ter dado a mesma abordagem à fala de Mourão, ela diz que a imprensa deu atenção ao que não devia.

Eliane Brum chega a dizer que “Parte da imprensa brasileira tem feito jornalismo como há tempo não se via” e que “todos ganham com a imprensa fazendo bem o seu trabalho”, mas a razão dessa mudança de comportamento seria que “Bolsonaro se tornou impossível de engolir, porque entrou em confronto direto com parte das famílias proprietárias dos grandes meios de comunicação”. E acrescenta “Os próximos dias mostrarão quem faz bom jornalismo sempre, e não só conforme a ocasião”. Nesta última frase dá a entender que ela, Eliane Brum, faz sempre bom jornalismo, e os outros não.

Mas o jornalismo de Brum não está assim tão diferente do dos outros. É verdade que este texto é escrito de forma mais literária, mas é amplamente marcado pela objetividade, à medida que ela sempre recorre a fatos e a fontes com credibilidade para embasar seus pontos de vista. A literatura está mais presente na descrição dos personagens que também são, por sua vez, sempre pessoas com destaque. Este texto não tem por gancho um único acontecimento, mas uma série de acontecimentos que fizeram de Mourão parecer mais razoável do que Bolsonaro. Ainda assim não é possível caracterizá-lo como desacontecimento, uma vez que o governo do país está longe de ser algo ignorado pelos jornais ou que faça parte do cotidiano de pessoas comuns.

Quanto à adequação para a internet, mais uma vez não são apresentadas narrativas multimídia e o único recurso próprio da internet a ser utilizado são os hiperlinks, presentes 28 vezes.

⁸ Disponível em: <<https://valor.globo.com/politica/noticia/2019/01/25/mourao-jean-wyllys-e-quem-sabe-o-grau-de-confusao-em-que-esta-metido.ghtml>>. Acesso em: 10 de outubro de 2020.

⁹ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/mourao-ve-fala-generica-de-jean-wyllys-mas-aponta-possivel-crime-a-democracia.shtml>>. Acesso em: 10 de outubro de 2020.

5.2.4 As crianças tomam conta do mundo

Eliane Brum inicia sua coluna com um fato, ainda que ele não seja uma notícia, e responde às seguintes perguntas do lead: o quê? “A luta contra o aquecimento global é hoje liderada por garotas de vários países do mundo”; quem? “garotas de vários países do mundo”; quando? “hoje” (2019); onde? “mundo”; como? “carregando um novo espírito do tempo no mundo sem tempo”; por quê? “só há 12 anos para tentar impedir que o planeta aqueça mais do que 1,5 graus Celsius e o futuro logo ali seja uma vida muito ruim para todos”.

Apesar disso, o texto tem marcas literárias na descrição dos personagens. Greta Thunberg, uma das personagens centrais desse texto, é descrita como: “uma menina de rosto redondo em que as tranças escoltam as bochechas”. É possível dizer que Greta Thunberg conta com a admiração de Brum, uma vez que a autora afirma que os jovens estão agindo mais que os adultos (“incapazes de aceitar que seja necessário ter limites”) na luta contra o aquecimento global e Thunberg é a líder desse movimento, com frases citadas pela jornalista diversas vezes. É interessante notar que Brum não esconde sua parcialidade quando descreve negativamente as pessoas ou grupos, mas não adjetiva positivamente aqueles que se pode supor que admira. Um exemplo é a frase: “Hoje com 16 anos, ela [Greta Thunberg] demonstra a lucidez que falta na maior parte dos líderes mundiais”. Nesse momento, a jornalista não afirma que Thunberg é lúcida, mas que **demonstra** lucidez, por outro lado diz que **falta lucidez** à maior parte dos líderes mundiais, ou seja, a lucidez é uma característica ausente nos líderes, mas que também não é intrínseca à Greta, que apenas a demonstra. Em outro momento, ela diz que essas crianças e adolescentes “não são ingênuos”. Há de se observar que não ser ingênuo é a negação de uma característica negativa, mas não a afirmação de uma característica positiva. Brum não diz: São crianças e adolescentes – e são sagazes, apenas nega que sejam ingênuos. Ao mesmo tempo, Brum é bem mais incisiva ao falar dos governos do passado brasileiro, que chama de “inconsequentes e estúpidos”.

Nesse texto é possível perceber a construção de narrativa de Brum como sendo lúcida e sensata, aquela que percebe o que ninguém mais viu. A jornalista, que tinha 52 anos quando o texto foi publicado, é adulta, mas, segundo ela, ao contrário de seus pares, percebe a importância de se lutar contra o aquecimento global.

Outro ponto a ser observado é que a coluna, apesar de não tratar de um fato isolado, tenta dar uma notícia: a de que crianças estão assumindo papéis antes desempenhados por adultos. “Nunca houve nada parecido na história”, comenta Brum. Esse comentário demonstra

que a própria jornalista considera que fala de algo extraordinário, que não está ligado ao desacontecimento.

Menos ligados ao acontecimento estão os comentários de Brum sobre a política brasileira, que relatam mais uma situação do que um fato específico. A jornalista argumenta que “O Brasil é o mais biodiverso do planeta” e que, por esta razão, “Deveria estar na vanguarda do combate ao aquecimento global [...] Mas não está” e a culpa disso é que: “Depois de governos inconsequentes e estúpidos diante da crise climática, à esquerda e a à [sic] direita, o país tem hoje um governo de extrema-direita que, além de ser inconsequente e estúpido, também contém uma parcela de alucinados” (BRUM, 2019d).

Pela primeira vez, em 2019 Brum traz um relato de uma pessoa anônima: “uma amiga de esquerda, com histórico familiar de repressão na ditadura”. Porém, não é possível creditar essa introdução de uma pessoa comum como fonte, uma vez que essa amiga, cujo nome não foi revelado, também não foi citada entre aspas nem ouvida em uma entrevista. Mais uma vez, como em outros textos, Brum usa outros jornalistas e jornais como fontes para fatos que ela usa para endossar sua opinião. Especificamente ela cita o texto de Tânia Monteiro, do jornal *O Estado de S. Paulo*, para endossar seu ponto de vista de que os militares do governo Bolsonaro “temem que o ‘clero progressista’ da Igreja Católica possa se tornar uma referência de oposição, ocupando o vácuo deixado pela incapacidade de articulação da esquerda pós-PT”. Em outro momento, Brum também cita o *Estadão* para referir-se a uma frase de Augusto Heleno, ministro chefe do Gabinete de Segurança Institucional “e supostamente o adulto com mais influência sobre o garoto Bolsonaro”.

Apesar de se preocupar em endossar sua visão sobre a oposição e sobre o que estaria acontecendo nos bastidores da política fazendo referência a uma conhecida colunista política, Tânia Monteiro, Brum não se preocupa em endossar suas afirmações sobre o que “os povos da floresta” pensam com referências a algum líder dos povos indígenas, por exemplo. A jornalista apenas afirma: “os povos da floresta, que são quem melhor a cuidam, em geral contra os interesses dos diferentes governos no poder e apesar dos sucessivos massacres, também esperam que o Brasil decida cuidar da Amazônia”. E ainda: “Os povos da floresta agradecerão”. Em nenhum momento do texto um representante dos “povos da floresta” é ouvido ou referenciado. Também nesses trechos é possível notar como os elogios de Brum são menos diretos do que as críticas. Brum não escreve que os povos da floresta cuidam bem dela, mas que cuidam melhor que os outros, que, por sua vez, segundo Brum, a cuidam mal.

Chama a atenção nesse texto a imagem negativa que Brum tem do Brasil, visto pela autora como atrasado, onde “é preciso debater os destinos da Amazônia neste nível primário

como se ainda vivêssemos no século 20”, cujo governo “é uma vanguarda do atraso” e onde “os estudantes precisam se rebelar para ter ensino”, ao contrário de países da Europa, onde protestos a favor do meio ambiente “cresceram até dezenas de milhares semana após semana” e onde “estudantes suíços, por exemplo, estão exigindo que nenhuma escola use aviões em suas excursões de estudos”. Brum levanta a questão: “como debater questões como estas, num país como o Brasil, em que estudantes têm dificuldade para chegar à escola por falta de transporte?” e a responde em seguida, dizendo: “Talvez começando por entender que é obrigatório debater. Acreditar que a crise climática é um tema para estudantes ricos de países ricos é um erro”. Mais uma vez ela endossa seu argumento com dados: primeiro da Organização Mundial da Saúde, que indica que mulheres serão as mais afetadas pelos desastres naturais, e depois com a fala da ativista climática Jaime Margolin ao BuzzFeed News, explicando que as vítimas de um sistema de opressão serão as mais atingidas, o que inclui as mulheres.

Apesar de dizer que as mulheres dos povos da floresta, jovens ou adultas, “poderiam dar aula para os estudantes que se rebelam pelo clima na Europa”, várias frases de ativistas europeus são reproduzidas em seu texto por Brum, mas nenhuma dessas mulheres dos “povos da floresta”. Já Bolsonaro tem um trecho de sua fala reproduzida, em que ele exprime o pensamento de que “indígenas e quilombolas se tornem ‘humanos como nós’”. Seu projeto de governo e os evangélicos neopentecostais são considerados culpados por tornar “o enfrentamento da crise climática ainda mais difícil no Brasil”. Apesar disso, esse texto não está entre aqueles que mais mencionam o presidente. Bolsonaro é mencionado 21 vezes ao longo dos 50 parágrafos do texto. A coluna, mais uma vez, destaca-se por sua longa extensão e pela falta de recursos multimidiáticos empregados, contando apenas com uma foto de Greta Thunberg, além de 30 hiperlinks.

5.2.5 Bolsonaro (des)governa o Brasil pelo Twitter

Eliane Brum inicia seu texto falando como o Brasil se tornou um laboratório do autoritarismo sob o governo de Bolsonaro. Segundo a jornalista, o presidente não governa pela razão, com planos e metas, mas com a emoção ou com: “urros de quem pode urrar nas redes sociais” (BRUM, 2019e). Com uma linguagem pouco literária, o primeiro parágrafo consegue responder às perguntas do lead: o quê? “O Brasil se tornou o laboratório do novo autoritarismo”; quem? O Brasil; quando? “Em apenas dois meses”; onde? No Brasil; como?

Bolsonaro governa com urros nas redes sociais; por quê? “Governa não para todos, mas apenas para sua turma”.

Outro dos argumentos usados pela autora para provar uma presença da emoção no governo é a relação familiar de Bolsonaro que se mistura à administração do país. Esse governo familiar é comparado por Brum a uma monarquia, em especial no âmbito digital, espaço no qual o pai compartilha e legitima o que os filhos dizem no Twitter. Foi o que Brum aponta ter acontecido no caso de Gustavo Bebianno que, enquanto ministro da Secretaria Geral, foi “fritado” por Bolsonaro e seus filhos na rede social. A autora defende que a gestão de Bolsonaro não é hábil, mas que ele se mantém no poder pela sua popularidade, posição esta que, acredita Brum, tentará ser mantida a qualquer custo, inclusive a manutenção da crise que assola o país.

Poderia ser uma contradição. Afinal, se a situação do Brasil não melhorar, não há popularidade que se mantenha. É preciso perceber, porém, que Bolsonaro faz parte de um fenômeno contemporâneo: as escolhas são determinadas pela fé, não pela razão. [...] As eleições e o cotidiano têm sido determinados por uma interpretação religiosa da realidade. A adesão pela fé é um fenômeno mais amplo e não necessariamente ligado a um credo, já que há muitos ateus que se comportam como crentes. E não só na política, mas em todas as áreas da vida. Esta é a marca deste momento histórico (BRUM, 2019e).

Brum relata que até o carnaval foi atacado por Bolsonaro, que tentou associá-lo à indecência ao divulgar no Twitter um vídeo de um ato sexual que teria ocorrido durante um bloco. Para a jornalista, a postagem do vídeo é uma violência. Porém, apesar das fraturas que assolam o país, o Carnaval, segundo Brum, ainda é um ponto de união e reafirmação da identidade nacional, “esta que mostrou mais uma vez neste Carnaval o quanto pode ser transgressora, contraditória e insurreta” (BRUM, 2019e).

Observamos que, neste texto, ainda que o primeiro parágrafo corresponda à estrutura do *lead*, há uma inversão na sua lógica, uma vez que o acontecimento mais recente é apresentado apenas no final do texto. Tendo em vista que o jornalismo tradicional costuma apresentar os principais acontecimentos no início do texto, deixando para o final o que é menos relevante, entende-se que Brum apresenta o incidente do *golden shower* como sendo de menor importância do que a denúncia que faz ao longo do texto.

Isso nos leva a entender que Brum se propõe a ver o que os demais não veem, tentando provar, ao longo do texto, que a verdadeira notícia não está sendo dita: a de que Bolsonaro desgoverna o país pelo Twitter. Para expor essa visão Brum faz uso da estrutura do jornalismo tradicional: o mais importante, para ela, é apresentado primeiro. É importante notar que há

uma tentativa de aproximar o jornalismo político do jornalismo do desacontecimento, ao passo que ao apresentar o episódio do *golden shower* não como um fato isolado, mas parte do cotidiano do governo Bolsonaro que instaurou um cotidiano de autoritarismo no país, Brum tenta distanciar esses eventos do âmbito do acontecimento. Porém, mesmo que se possa argumentar que ela não deixa de abordar o cotidiano, uma vez que levanta a tese da promoção do caos como estratégia do presidente para se manter no poder, expondo sua tentativa de midiaticização, pessoas comuns não são ouvidas nem tem suas histórias contadas. A coluna é centrada nas ações do presidente e seus filhos políticos.

As fontes de Brum são todas célebres, sejam políticos, como é o caso das publicações do presidente e de seus filhos no Twitter, seja de jornais, de onde, mesmo quando não mencionado, Brum extrai os acontecimentos usados para endossar sua argumentação. Ainda que fale do cotidiano, ele não é visto da perspectiva das pessoas ordinárias e sim por sua própria visão.

Percebe-se ainda que a parcialidade está presente neste texto, mas, ao contrário de seus trabalhos anteriores, Brum não usa a primeira pessoa em nenhum momento. O que não impede que sua opinião fique evidente quando a jornalista classifica a gestão Bolsonaro como um “desgoverno”, e uma “bolsomonarquia” e seus seguidores como “bolsocrentes”.

É notória a subutilização dos recursos advindos da internet. Os hiperlinks são usados 15 vezes, mas não é apresentado nenhum conteúdo multimidiático intrínseco à narrativa, ainda que a coluna seja ilustrada com uma foto de Bolsonaro usando a faixa presidencial. Poderia haver, por exemplo, prints dos tweets de Bolsonaro e seus filhos, mas não há.

5.2.6 Quem mandou matar Marielle? E por quê?

Esta coluna se inicia de forma literária, sem responder às perguntas do *lead* nem obedecer à lógica da pirâmide invertida. Eliane Brum faz uso de recursos do Jornalismo Literário como a humanização e a profundidade dos relatos (PENA, 2013) quando, nos primeiros parágrafos do texto, relembra as circunstâncias em que ficou sabendo da morte de Marielle Franco. Ela estava na Amazônia, mais especificamente no Pará, voltando da cidade onde foram assassinados a irmã Dorothy Stang, em 2005, e o padre Paulo Sérgio Almeida Nascimento dias antes de Marielle. Em seguida, Brum faz mais do que dar uma notícia, mas também indica como os leitores devem interpretá-la: o homicídio do religioso é sintoma do aumento de violência ocorrido na região desde 2015, violência esta que também chegava às periferias urbanas do país.

Essas mortes expressavam também como o Brasil arcaico, aquele que ganhou uma imagem eloquente no retrato oficial do primeiro ministério de Michel Temer (PMDB) – branco, masculino e reprodutor das oligarquias políticas – esmagava o Brasil insurgente que tinha avançado nos últimos anos, aquele que deslocava os lugares dos centros e das periferias, confrontava o apartheid racial não oficial, rompia com os binarismos de gênero, enfrentava o patriarcado com cartazes e peitos nus (BRUM, 2019f).

É possível observar neste texto uma preocupação de Brum com aqueles que considera invisíveis, à medida que o Brasil de Temer é descrito por ela como negativo, arcaico, que se opõe à periferia e ao Brasil insurgente. Ao mesmo tempo, a jornalista defende em seu texto que o assassinato de Marielle Franco, uma vereadora eleita, vai além da violência e dos genocídios com os quais o Brasil já convive, rompendo, portanto, a lógica do desacontecimento a ponto de fazer Brum acreditar que um Brasil também morrera com Marielle.

Neste ponto do texto, Brum adota um tom mais analítico ao apontar que, na verdade, esse Brasil de múltiplas identidades representado pela vereadora carioca morrera em 2016, com a abertura do impeachment de Dilma, especialmente com o voto de Bolsonaro na Câmara. A jornalista relata que o então deputado fez apologia ao crime de tortura e não sofreu as consequências previstas em lei, sendo, assim, alçado à representante das “forças arcaicas” e alguém com grandes chances de se tornar presidente da República. Brum fornece uma forma de interpretação dos fatos, porém ela o faz de forma explícita, diferente do previsto pelos teóricos construcionistas.

Segundo Brum, se o voto de Bolsonaro matou um Brasil, “rumamos para um Estado de Exceção, desde o voto *em* Bolsonaro” (BRUM, 2019f). Este “novo Brasil”, que, para Brum, também é velho, é governado “pela administração do ódio”. E a solução do crime contra Marielle, para a jornalista, é a chave para que se elucide a anatomia do Brasil “em todo seu espantoso horror”.

Este texto é um exemplo de que é possível unir acontecimentos com linguagem literária, mesmo quando eles são políticos, e que o próprio jornalista pode ser personagem para a facilitação deste processo e, neste caso, para a aproximação do jornalismo do desacontecimento, que privilegia o cotidiano. Brum é a personagem central do texto ao contar a história de como o assassinato de Marielle a afetou pessoalmente e também sua visão do país. Aliás, pode-se dizer que a visão de Brasil, como um país do atraso, do arcaico, da violência é o real foco do texto. Brum vê o país como um lugar ruim para o qual o assassinato

de Marielle era “um passo além” que marcava o início de uma “outra fase de nossas ruínas continentais”.

Apesar de ser predominante a linguagem literária, Brum também usa recursos da objetividade ao trazer fatos provavelmente extraídos de pesquisas científicas e elencar vários acontecimentos, provavelmente retirados dos noticiários e não apurados pela própria jornalista, como prova auxiliar da argumentação que faz. Ao fazer isso, emprega estratégias de objetividade observadas por Tuchman (1996). Menos tradicional, entretanto, é a extensão do texto, que tem ao todo 55 parágrafos, com poucos recursos multimidiáticos, contando apenas com uma foto que não é essencial para a narrativa da história e apenas 15 hiperlinks.

5.2.7 Bolsonaro manda festejar o crime

Neste texto, Eliane Brum comenta a tentativa de Bolsonaro de celebrar o dia em que a ditadura militar se estabeleceu no Brasil. Para a jornalista, isso significa que “uma tentativa de fraudar a história, apagando os crimes cometidos pelos agentes do Estado, está em curso” (BRUM, 2019g). Na visão de Brum, ao celebrar a violência e a opressão que caracterizaram a ditadura, Bolsonaro dá provas de que o Brasil de hoje trilha caminhos antidemocráticos.

Para comprovar seu argumento de que o país está se tornando um lugar de autoritarismo, a jornalista relata que opositores de Bolsonaro, chamado por ela de “antipresidente”, foram forçados a deixar o Brasil. Eliane Brum também usa falas de Bolsonaro para comprovar sua tendência à violência, como seu voto na abertura do impeachment de Dilma — quando saudou Brilhante Ultra, um conhecido torturador da ditadura —, ou quando disse em uma entrevista que o regime militar deveria ter matado 30 mil pessoas e, ainda, o momento em que o então candidato ameaçou levar seus opositores para uma base da Marinha onde se torturava pessoas e se desovava cadáveres. Brum enfatiza que as atitudes e falas de Bolsonaro são tidas como aceitáveis no Brasil, coisa que não acontece em outros países. No Chile, a população protestou contra a visita do presidente brasileiro.

Diante dos protestos, Bolsonaro afirmou: “Protestos assim existem onde quer que eu vá, mas o importante é que, no meu país, fui eleito por milhares de brasileiros”. Milhões, já que devemos respeitar os números. Para os brasileiros que o elegeram, a sugestão de que os ossos das mais de 200 pessoas desaparecidas do regime estão na boca de um cachorro foi – e continua sendo – aceitável. Não sentem nenhuma empatia pelos pais, mães, maridos, esposas e filhos que não têm sequer um túmulo onde chorar suas perdas. E que foram torturados por essa imagem de absoluto desrespeito. Mostram-se incapazes de compreender que um dia poderão ser os ossos de

suas mães ou de seus filhos na boca do cachorro. Já os chilenos têm espanto. E têm vergonha. Vergonha por nós que aceitamos o inaceitável (BRUM, 2019g).

Enquanto isso, no Brasil, as instituições não se demonstram fortes, na visão de Brum, perante às ameaças à democracia, nem a oposição apresenta projetos para se oporem aos de Bolsonaro. Nesse contexto, segundo Brum, a violência tende a se expandir e o ódio seguirá sendo o combustível do governo.

Brum opina que a apatia dos que são contrários a Bolsonaro não pode permanecer. Ela lembra que nem mesmo os estadunidenses ultradireitistas apoiam Bolsonaro e incentiva que o povo brasileiro siga exemplos internacionais como Nadya Tolokonnikova, a artista russa que enfrentou a ditadura de Putin, e Greta Thunberg, a adolescente sueca que é ativista do clima. Para a jornalista, os brasileiros estão inertes, à espera do que virá.

É interessante notar que os brasileiros, ou, ao menos, representantes de pessoas comuns não têm suas histórias ou perspectivas contadas no texto, que se baseia, principalmente, nos noticiários e na história do País para embasar as opiniões da jornalista. Brum se refere a documentos, pesquisas e falas de pessoas reconhecidas, como é o caso do jornalista Afonso Benites, do senador chileno Jaime Quintana Leal, do presidente chileno Sebastián Piñera, do deputado chileno Ivan Flores, da filósofa Tatiana Roque, da artista Nadya Tolokonnikova, além do próprio Bolsonaro. Mas é interessante notar que as referências de Brum, neste texto, não são provenientes de entrevistas feitas para a coluna, mas são trechos retirados da imprensa, incluindo referências a textos escritos por ela própria. Algumas vezes, mas não todas, essas citações são acompanhadas de hiperlinks, usados, no total, 23 vezes. Esses links também servem como forma de explicar quem são pessoas e instituições citadas por ela.

Essa preocupação em embasar sua opinião em dados e em falas de outras pessoas reconhecidas, ou seja, que não pertencem ao anonimato típico do desacontecimento, vincula o texto de Brum à objetividade característica do jornalismo político. Faz-se necessário também notar que fontes não são ouvidas.

A oposição, por sua vez, submeteu-se ao jogo de guerra do bolsonarismo e parece estar dominada por ele. Como a população, a oposição parece só conseguir reagir com outro espasmo. E reagir sem organização mínima, ocupada com suas próprias brigas internas. A esquerda, e também a direita que não é bandida, precisam responder com projetos, precisam convencer as pessoas que sua ideia é melhor para a vida, precisam mostrar qual é a diferença (BRUM, 2019g).

Neste ponto, Brum diz saber o que a oposição deve fazer e afirma que, juntamente com a população, ela apenas reage com espasmos. Mas em nenhum momento Brum procura membros da oposição para saber que passos estão sendo planejados, ou seja, não busca saber dos bastidores da ação política, ainda que se proponha a esclarecer os significados das ações. Então, por essas razões, pode-se afirmar que a coluna de Brum cumpre apenas parte do papel de uma coluna política, além de também se destacar por sua extensão de 42 parágrafos.

5.2.8 Cem dias sob o domínio dos perversos

Em "Cem dias sob o domínio dos perversos", Eliane Brum adota um tom distante da narrativa de um texto literário. Embora o primeiro parágrafo da coluna não possa ser associado a um *lead* por não responder às perguntas centrais do texto, a autora aproxima-se mais de uma narrativa jornalística tradicional ao abordar no primeiro parágrafo fatos, acompanhados de hiperlinks, que indicam que os cem dias iniciais do governo de Bolsonaro foram marcados pela violência.

No primeiro dos três tópicos que se seguem, "A Perversão", Brum discute como Bolsonaro, mencionado nesse texto por 49 vezes ao longo dos 58 parágrafos, tomou conta de todas as esferas sociais. Segundo a jornalista, as ações do presidente, seus filhos e aliados é tópico das conversas cotidianas e, mais que isso, ele tomou o lugar da oposição. Como exemplo dessa situação, Brum aponta o comportamento do presidente com relação à reforma da previdência, dizendo que não a achava necessária nem gostaria de fazê-la. Devido a esse discurso, como aponta a jornalista, as propostas de outros partidos ficam ofuscadas.

Nem mesmo as alas dissonantes entre seus aliados têm espaço. Como lembra Brum, para evitar o aumento de popularidade do vice-presidente e da ala militar de seu governo, Bolsonaro resolveu relembrar e celebrar a ditadura em 31 de março.

Bolsonaro promoveu a memória dos crimes da ditadura pelo avesso, negando-os e elogiando-os. Poucas vezes a violência do regime autoritário foi tão lembrada e descrita quanto neste 31 de março. Foi Bolsonaro quem menos deixou esquecer os mais de 400 opositores mortos e 8 mil indígenas assassinados, assim como as dezenas de milhares de civis torturados. Para manter os generais no cabresto, Bolsonaro os jogou na fogueira da opinião pública fingindo que os defendia (BRUM, 2019h).

Brum escreve que esse movimento de Bolsonaro, além de fragilizar seus adversários, serviu como teste de força para as instituições democráticas que se provaram frágeis, na visão da jornalista, uma vez que apenas a Defensoria Pública da União agiu, entrando com uma

ação judicial para impedir que se comemorasse o período ditatorial. A situação foi classificada por Eliane Brum como patética.

Esse controle do que é dito, que toma conta até mesmo da imprensa, é o que Elaine Brum classifica como perverso. Para a jornalista, tudo não passa de uma estratégia de Bolsonaro, chamado por ela de “antipresidente” justamente por criar uma falsa oposição a ele mesmo e, com isso, legitimar um discurso liberal que seria mais brando do que ele diz propor.

A oposição, assim como a maioria da população, foi condenada à reação, o que bloqueia qualquer possibilidade de ação. Se alguém sempre jogar a bola na sua direção, você sempre terá que rebater a bola. E quando pegar esta e liberar as mãos, outra bola é jogada. Assim, você vai estar sempre de mãos ocupadas, tentando não ser atingido. Todo o seu tempo e energia são gastos em rebater as bolas que jogam em você. Deste modo, você não consegue tomar nenhuma decisão ou fazer qualquer outro movimento. Também não consegue planejar sua vida ou construir um projeto. É uma comparação tosca, mas fácil de entender. É assim que o governo Bolsonaro tem usado o poder para controlar o conteúdo dos dias e impedir a disputa política legítima das ideias e projetos (BRUM, 2019h).

O descrito por Brum nesta primeira parte do texto se assemelha ao que a teoria da Espiral do Silêncio defende. Para Noelle-Neumann (*apud* (BARROS FILHO; PRAÇA, 2014)), os temas não abordados caíam no que ela chama de espiral do silêncio. Isso aconteceria porque, para a autora, as pessoas evitam agir e se expressar de forma contrária ao padrão dominante na sociedade para que não sejam isoladas. Assim, quanto mais uma opinião foi considerada ilegítima, menos ela será pronunciada. Isso se agrava tendo em vista a consonância entre os meios de comunicação. Eliane Brum faz uma denúncia de que a onipresença de Bolsonaro nas conversações está, na verdade, excluindo todos os outros discursos e relegando-os a uma espécie de não existência à medida que não circulam na mídia, que se dedica a falar sobre o presidente que faz oposição a si mesmo.

No segundo tópico de seu texto, intitulado “A Barbárie”, Brum observa a incapacidade de ação dos opositores de Bolsonaro em se desvencilhar das pautas propostas por ele. Para a jornalista, os políticos de esquerda estão assumindo um discurso de ódio como o de Bolsonaro, atacando seus aliados e ele por questões de obscenidade ou por não falarem um português correto.

Compreender como o discurso de ódio vai se imiscuindo na mente de quem acredita estar se contrapondo ao ódio é eticamente obrigatório. Se o governo de Bolsonaro é também oposição e crítica ao próprio Governo, isso não significa que ele não tenha um projeto e que este projeto não esteja se impondo rapidamente ao país. Tem e está. Somos hoje um país muito pior do que fomos. E somos hoje um povo muito pior do que fomos. Parte do

objetivo dos violentos e dos odiadores é normalizar a violência e o ódio pela repetição. O bolsonarismo tem conseguido realizar esse projeto com uma velocidade espantosa (BRUM, 2019h).

Enquanto esses discursos considerados por Brum como irrelevantes tomam conta do debate público, fatos que deveriam ser noticiados passam pela espiral do silêncio. Somente até a primeira quinzena de abril, quando a jornalista escreveu sua coluna, oito moradores de rua foram queimados vivos, 11 dos 25 suspeitos de assaltos a bancos foram mortos por policiais e outras 64 pessoas foram mortas pela polícia de São Paulo no mês de março.

A segunda parte do texto é dedicada a denunciar a barbaridade dos brasileiros que não se importam com essas questões o suficiente para dar a elas mais destaques do que aos atos de “auto oposição” de Bolsonaro. “Se fôssemos um país decente de gente decente parariamos diante da barbárie e exigiríamos justiça” (BRUM, 2019h).

Por fim, na última parte do texto, denominada “A Resistência”, Brum urge os brasileiros a agirem contra a barbárie e denuncia que o Brasil convive com características típicas de um sistema autoritário. Para fazê-lo, Eliane Brum propõe que criemos um comum, uma vez que “os perversos” gostam de alterar os significados das palavras. O segundo passo seria se reunir em comunidades reais, tornando-se ativista.

O ativista é aquele que deixa o conforto do seu umbigo e do seu entorno protegido para exercer a solidariedade. Governos como o de Bolsonaro agem para que cada um veja o outro como inimigo, e por isso temem o ativismo. Os bolsonaristas se alimentam da guerra porque a guerra separa as pessoas e faz com que elas não tenham tempo para criar futuro. A solidariedade é um gesto temido pelos autoritários. Por que você não está em casa lustrando o seu umbigo, é o que gostariam de perguntar? Ao corromper as palavras, é também esse o objetivo. Condenar cada um à prisão do seu silêncio (ou do seu eco), incapaz de alcançar o outro pela falta de uma linguagem comum (BRUM, 2019h).

A jornalista argumenta que Bolsonaro deseja mandar para fora todos aqueles que destoam de seu discurso neoliberal. Ela denuncia uma guerra em que a maioria dos mortos é negra e pobre. Para resistir é preciso, segundo Brum, ter união. É preciso também ter arte, que “tira as pessoas do lugar” (BRUM, 2019h). Seus últimos conselhos são que nos juntemos no riso, pois a alegria é uma das principais armas contra o perverso e que os desobedeçamos, para que nossos dias voltem a nos pertencer.

No artigo de Eliane Brum, encontramos uma jornalista que está distante da escritora que buscava os anônimos para encontrar uma forma de dar visibilidade e voz para eles em seus textos. Aqui, a escritora assume um tom panfletário, típico dos textos da fase político-literária, que aponta Habermas, de tomada de posição. Destoa, nesse sentido, do jornalismo

tradicional que trabalha sob a suposta objetividade e imparcialidade. Brum denuncia as barbaridades e assume a posição do jornalismo como ator social e político que interfere na realidade social, próximo da perspectiva construcionista. A diferença em relação ao Jornalismo Literário diz respeito ao personagem, já que aqui o seu principal alvo é o presidente Jair Bolsonaro, citado 49 vezes.

Faz-se necessário notar, porém, que nos momentos nos quais Brum recorre a acontecimentos recentes para comprovar seus argumentos, ela usa da objetividade jornalística. Ademais, o restante do texto não se conecta com características narrativas da literatura em nenhum momento e pouco fala do cotidiano.

Na verdade, “Cem dias sob o domínio do perverso” aproxima-se bastante do que é classificado como uma coluna jornalística, usando de uma linguagem objetiva para comprovar argumentações e opiniões do autor, abordando temas que estejam sendo discutidos naquele período (MELO, 1985).

Já no quesito adequação aos recursos da internet, observa-se que o único recurso usado com intensidade por Eliane Brum foram os hiperlinks, empregados 49 vezes ao longo dos 42 parágrafos. O recurso de multimídia não é empregado com eficiência, uma vez que o texto tem apenas uma foto que não faz parte essencial para a narrativa do texto.

Outra característica interessante é o fato de a maioria das informações às quais a jornalista faz referência terem sido, provavelmente, retiradas dos noticiários. Prova disso é a frase “Este é apenas um levantamento feito com base no noticiário”, quando relata que ao menos oito moradores de rua morreram até abril de 2019. Enquanto isso, a própria Eliane Brum critica a imprensa, que “ao mesmo tempo reflete e alimenta a paralisia da sociedade”. Assim, Brum constrói um discurso maniqueísta, no qual ninguém vê a verdade, com a exceção dela, que se cita várias vezes para comprovar como ela já disse algo antes.

5.2.9 O “mártir” governa

O texto de Eliane Brum parte da repercussão que gerou um dos vídeos de Olavo de Carvalho, no qual o “guru” do presidente aponta que Bolsonaro é impedido de governar pelos militares e por aqueles que não são tão bem-intencionados e limpos quanto ele. O vídeo teve que ser apagado por “pressão da ala militar”. Brum parte de um acontecimento para comentar como o governo tem uma ala de situação e outra de oposição a ele mesmo. Prova disso é que Bolsonaro ao mesmo tempo que criticou seu guru, o elogiou quando foi comentar o vídeo.

No primeiro parágrafo do texto, que é escrito em linguagem distante da literária, responde a todas as perguntas do lead: o quê? “Olavo de Carvalho, o guru do antipresidente Jair Bolsonaro, segue apostando na estratégia de falsificar a realidade”; quem? Olavo de Carvalho; quando? “ao longo dos mais de 100 dias do Governo”, em especial, “no final de semana”; onde? “em vídeo divulgado no canal de Bolsonaro no YouTube”; como? “o escritor tem tentado plantar a mentira de que Bolsonaro estaria sendo impedido de governar”; por quê? “para criar realidades”, mais especificamente a de que “Bolsonaro é um mártir” (BRUM, 2019i).

A jornalista deixa claro seu posicionamento contrário ao presidente ao usar expressões como “zerodois” para se referir ao segundo filho do presidente, Carlos Bolsonaro, e “antipresidente” para se referir a Jair Bolsonaro. Brum também usa o termo “mártir” adotado por Olavo de Carvalho de forma irônica para criticar ações do presidente, como acontece no parágrafo abaixo:

Na semana passada, o Mártir promoveu um encontro transmitido em uma “live” nas redes sociais, com indígenas escolhidos a dedo, onde assegurou, mais uma vez, que eles são humanos como ele. “Com todo o respeito, alguns querem que vocês fiquem na terra indígena como se fossem um animal pré-histórico. Não é pré-histórico não, vocês são seres humanos. Na minha cabeça tem exatamente o que tem na tua cabeça, o teu coração é igual ao meu coração”, garantiu. Aparentemente os indígenas tinham dúvidas sobre se eram humanos ou não até o Mártir, magnânimo como todo Mártir, esclarecer (BRUM, 2019i).

A estratégia da ironia também é usada na frase: “Mas o Brasil continua sendo uma democracia”, utilizada para finalizar cinco dos 18 parágrafos do texto. A expressão é usada para encerrar parágrafos ou sequências de parágrafos nos quais Brum descreve ações do governo que considera antidemocráticas, como as questões ambientais, um dos focos da jornalista. Variações da frase são usadas por outras sete vezes, demonstrando a insatisfação de Brum com o governo que considera autoritário.

Também neste texto, Brum se apresenta como aquela que vê o que os outros estão ignorando, como acontece na frase “Enquanto o novelão se desenrola, capturando e desviando a atenção do país, o ‘mártir’ governa” (BRUM, 2019i). Porém, os acontecimentos citados por Brum são retirados do noticiário, tanto do El País quanto de outros sites, como do jornal Folha de S. Paulo, como pode ser observado nos hiperlinks usados no texto. Ao todo são 16 hiperlinks, alguns que direcionam às colunas anteriores de Brum, outras a *tags* (como nome de políticos e instituições) e outras a notícias jornalísticas. Os recursos multimidiáticos, por

sua vez, são mal aproveitados, uma vez que o texto conta apenas com uma fotografia de Bolsonaro que não faz parte essencial da narrativa.

Percebe-se que há uma duplicidade no texto de Brum. Por um lado, ela faz uma seleção própria das notícias e critica aquela feita pelos demais jornalistas que, para ela, não estão agendando os temas apropriadamente. Por outro, os hiperlinks que levam a outros textos jornalísticos são usados como uma prova auxiliar (TUCHMAN, 1996) do que é dito pela jornalista.

É interessante observar que, neste texto, Brum utiliza as falas de políticos como sua principal fonte, como, segundo Coutinho (2005), é corrente nas colunas políticas. Uma exceção a esta regra é a carta do povo yanomami, que destoa do que os teóricos construcionistas entendem como fonte oficial. Mesmo assim, nenhuma das pessoas citadas é de fato ouvida por Brum.

5.2.10 EU + UM + UM + UM+

No texto “EU + UM + UM + UM+”, publicado em 16 de maio de 2019 no *El País*, Eliane Brum debate sobre a falta de ação frente aos desafios que o Brasil enfrentou no começo do ano de 2019. Ela inicia o texto de forma pouco convencional para o jornalismo da objetividade, elencando uma série de perguntas que não teriam resposta: “Como pesca o pescador sem rio?” (BRUM, 2019j) é seu primeiro questionamento. “Como os brasileiros defendem o Brasil do grupo que em menos de cinco meses destruiu direitos e sistemas de proteção construídos por décadas e ainda há 1326 dias pela frente?” (BRUM, 2019j), é a última pergunta que faz antes de responder com a voz do poeta Elio Alves da Silva, o pescador sem rio: “‘Eu, sozinho, não consigo nada. Mas, se eu for ali e chamar mais um, vai ser eu+um. Aí, esse um chama +um. E aí já é eu+um+um...’ E, para ter certeza de que foi bem escutado: ‘Entendeu?’” (BRUM, 2019j).

A resposta dada por Elio ao problema é a mesma encontrada por Zygmunt Bauman e Ezio Mauro, classificados por ela como “dois pensadores reconhecidos”. Dessa forma, Brum une estratégias do Jornalismo Literário, que busca fontes nas pessoas comuns, e do jornalismo tradicional, fazendo o que Tuchman (1996) chamaria de uso judicioso das aspas. Essas abordagens ajudam a reforçar a ideia que Brum deseja passar com o texto de que a resposta para essas questões seria uma maior união entre as pessoas que hoje estão focadas apenas no eu, em especial nas redes sociais digitais. Brum explica que, ao contrário do que pensava antes, não vê as redes sociais como ruas de bytes. Se manifestar online não é se tornar responsável pelo que é feito coletivamente, como propõe Hanna Arendt, citada por Brum.

Para a jornalista, pensar individualmente é característica do neoliberalismo, no qual ser mais um é desimportante. Para se mostrar contra o modelo neoliberal, é preciso tomar as ruas físicas, pois:

O que se passa nas redes sociais tem efeitos sobre o corpo de cada um. Mas o corpo de cada um não está lá. Ir para a rua, ocupar as ruas, o imperativo ético deste momento, só é possível com encontro. A rua pressupõe encontro real. Pressupõe se arriscar ao outro. Pressupõe conviver de corpo encarnado. Pressupõe negociação de conflitos para dividir o espaço público. A rua é onde estamos com nossos fluidos, enfiados na nossa própria pele, carregando nossas fragilidades diante do outro sem nenhum botão de curtir ou de raiva para acionar. A rua é onde nos arriscamos a nos refletir no olhar do outro e nos reconhecer num corpo que não é o nosso. Nos reconhecer na humanidade e também na diferença (BRUM, 2019j).

Brum aponta que é sintomático o fato de as primeiras manifestações contra o governo terem partido das universidades, uma vez que elas são espaços de contato entre as pessoas, um lugar mais propício para a união. Ao mesmo tempo, ao apostar na web como espaço de divulgação de sua opinião, Brum a coloca como um meio que torna possível uma ação verdadeira, ou seja, a partir do que veem em sua coluna as pessoas poderiam passar a agir da forma como foi recomendada por ela. Nesse caso, o que ela estaria fazendo ali seria mais do que aqueles que se manifestam no Twitter ou no Facebook, que são criticados por ela.

De certa forma essa atitude simboliza uma divisão de Brum que já teve uma visão bastante otimista da internet, como Castells (2017), chegando a classificar as redes sociais como “ruas de bytes”, mas que hoje percebe que a web também pode trazer aspectos negativos, quando dominada por aqueles que propagam as *shitstorms* apontadas por Han (2018).

Brum tem seu potencial de autocomunicação de massa amplificado por ter origem na mídia tradicional. Contudo, como aponta Bradshaw (2014), os textos com temas políticos contam com apenas 9% da audiência na web, o que gera uma dúvida quanto a efetividade desse tipo de coluna em estimular ação. Ao escrever “EU +UM +UM +UM+” defendendo uma maior tomada de atitude das pessoas, Brum se aproxima do pensamento de Castells (2017), acreditando que ainda que na internet exista a possibilidade de pessoas comuns conseguirem uma grande audiência, esse efeito é mais provável nos meios de comunicação tradicionais que migraram para a web. Exemplo disso é a frase do poeta Elio que, ao ser citada em um texto publicado no site de um grande conglomerado midiático, pode atingir centenas de milhares de pessoas.

Brum traz para a internet a linguagem do Jornalismo Literário, preocupado com a cidadania e adotando uma narrativa que simula uma fala direta com seus leitores, como acontece em seu primeiro parágrafo, em que faz uma série de perguntas. Ela também não se preocupa em parecer imparcial e objetiva, deixando sempre claro qual é sua opinião. Ainda assim, como no jornalismo tradicional, ela faz uso de fontes para corroborar seu ponto de vista, citando Hanna Arendt e Zygmunt Bauman. Um ponto que diverge do esperado, porém, é a citação da fala do poeta oral Elio Alves da Silva como de mesma importância que a do sociólogo renomado Zygmunt Bauman. Uma estratégia para essa apropriação é chamar ambos pelo primeiro nome: Zygmunt e Elio. Ao fazer isso, Brum coloca em prática o princípio da horizontalidade, comum na web.

Ao mesmo tempo, percebe-se que o noticiário segue sendo a principal fonte dos textos de Eliane Brum, que usa as notícias como embasamento para seus argumentos. Isso pode ser percebido no uso dos hiperlinks, empregados 23 vezes, e em momentos como no trecho “a melhor hipótese que escutei nestes últimos dias foi a proposta pelo jornalista Bruno Torturra”, em que ela cita outro membro da imprensa. É interessante notar, porém, que Eliane Brum não estabelece um diálogo com seus leitores, o que limita a horizontalidade. Além disso, Brum não privilegia a multimídia, usando apenas uma foto de um protesto estudantil no Rio de Janeiro.

5.2.11 O golpe de Bolsonaro é pela família, contra a nação

Eliane Brum começa sua coluna noticiando que o presidente e sua família pregam o autogolpe e que caso sejam bem sucedidos, “acordaremos na próxima segunda-feira em outro país. E posso garantir: não será um lugar bom” (BRUM, 2019k). Ainda que tenha um tom bastante opinativo, no primeiro parágrafo ela responde às seguintes perguntas: o quê? Pregam o autogolpe; quem? O presidente e sua família; quando? Maio de 2019; onde? No WhatsApp; como? “disseminando panfletos pelo seu próprio WhatsApp”. A única pergunta que não é respondida no primeiro parágrafo é “por quê?”. Brum responde no parágrafo seguinte, que a possibilidade de declaração de um autogolpe se deve ao fato de que “no Brasil o que resta de democracia já não segura mais nada”, mas a razão do autogolpe em si só é explicitada mais tarde no texto, quando a jornalista diz: “O autogolpe está em andamento não porque o projeto de Bolsonaro para o país está ameaçado. E sim porque o projeto de Bolsonaro para o seu próprio clã está ameaçado” (BRUM, 2019k).

A coluna de Brum, como é esperado de uma coluna política, dedica-se a avaliar os significados de um acontecimento político, neste caso, o incentivo de Bolsonaro a um protesto a favor de um autogolpe e sua subsequente desistência de apoio. “Tarde demais”, escreve Brum, “A marcha tem o DNA de Bolsonaro em todas as partes de seu corpo monstruoso”. A jornalista também avalia “o que Bolsonaro e o bolsonarismo são e fazem”. Na visão de Brum eles seriam um grupo que age “contra a nação”, uma vez que “a ideia de nação se opõe radicalmente à ideia de clã. Bolsonaro tem governado abertamente contra a nação, pelo clã”, que por sua vez é composto de sua família e seus seguidores.

Contudo Brum faz um alerta para estes últimos, que “são chamados de ‘bolsominions’ e eu prefiro chamar de ‘bolsocrentes’”: “o núcleo duro, em qualquer clã, é a família, é o sangue”. Para comprovar sua argumentação, Brum recorre ao Diário Oficial, onde foi publicada a informação de que Jair Bolsonaro deu honrarias militares aos filhos Carlos e Eduardo Bolsonaro. Pode-se dizer que o documento foi utilizado como uma prova auxiliar, servindo, portanto, como um ritual estratégico (TUCHMAN, 1996) para dar certo grau de objetividade ao texto. Também pode-se dizer que Brum prioriza as fontes oficiais, como característico do jornalismo objetivo observado pelas teorias construcionistas. Servem de fontes trechos do texto escrito por Paulo Portinho (“funcionário público e candidato derrotado a vereador pelo partido Novo”) e divulgado por Bolsonaro no WhatsApp bem como comentários do próprio Bolsonaro, do líder do Movimento Brasil Livre, Kim Kataguirí, do movimento “Vem Para a Rua” e a deputada estadual de São Paulo, Janaina Paschoal.

Esses últimos servem para mostrar como os membros do clã Bolsonaro não são permanentes. Brum cita como a própria Janaina Paschoal, principal fonte usada para sustentar seus argumentos, pede que os membros reflitam. Essa citação serve para embasar o argumento de Brum de que os “bolsocrentes” não agem com racionalidade:

Pela razão, Bolsonaro não consegue incitar uma manifestação para promover seu autogolpe. Por isso ele demanda fé. Pela razão é fácil perceber que quem mais causa problemas ao Governo é o seu clã. Pela razão é fácil conferir que Bolsonaro, que tanto critica os partidos e a política tradicional, acabou de anistiar 70 milhões de reais da dívida dos partidos, num momento crítico para o país. Pela razão é evidente que as dificuldades dos primeiros meses decorrem da incompetência de Bolsonaro. Pela razão, portanto, dão dá (BRUM, 2019k).

A troca da racionalidade pela fé, segundo a jornalista, é uma das características da sociedade brasileira atual, que tem vivenciado o crescimento do fundamentalismo evangélico. Para Brum, “É possível que o Brasil esteja sendo mais impactado pela religiosização da

política do que pela politização da justiça”, que para ela significa tanto o atravessamento da retórica bíblica do bem e do mal pelo bolsonarismo quanto a adesão à política pela fé.

Segundo Brum, esse movimento é bem representado pelo grupo de comunicação do bispo Edir Macedo, a Record, que é “ao mesmo tempo o braço de difusão da ideologia do projeto empresarial-religioso aplicado à política e a TV oficial, ainda que não formal, do bolsonarismo”. Contudo, ainda segundo a jornalista, “a realidade é irredutível à falsificação” e eventualmente as pessoas perceberão o quanto a situação do Brasil – neste texto representado como um país onde reina a irracionalidade e a religiosidade – é crítica.

É interessante observar que Brum cita a si própria neste texto. Ela ressalta que já explicou em colunas anteriores o porquê de chamar Bolsonaro de antipresidente e como ser governado por alguém como Bolsonaro é um fato sem precedentes na história do Brasil, deixando clara sua intenção de não apenas dar a notícia, como também interpretá-la. Em momentos assim a jornalista faz uso de hiperlinks, que são usados 26 vezes ao longo dos 35 parágrafos, em especial para explicar quem são as pessoas ou instituições mencionadas. Os recursos multimídia não são explorados, tendo apenas uma foto, recurso que também poderia ser usado em tempos pré-internet.

5.2.12 A potência da primeira geração sem esperança

Um dos diferenciais desta coluna em comparação com as demais publicadas ao longo de 2019 é que a própria Eliane Brum é uma personagem de seu texto. A jornalista inicia falando como deu uma palestra na universidade de Harvard e como que, apesar de ter alertado aos presentes de que não havia mais espaço para esperança ou para o desespero, a esperança foi enaltecida em um discurso após o seu. Segundo Brum, a reação favorável da plateia “é reveladora de um momento em que a novíssima geração, a de crianças e adolescentes, tem enfiado o dedo na cara dos adultos e mandado eles crescerem” (BRUM, 2019l).

Apesar de ser pouco comum que a jornalista seja personagem de seu próprio texto e isso ser descrito de maneira um pouco menos objetiva, as perguntas do lead são respondidas no primeiro parágrafo, mas não todas. Entre as que foram respondidas estão: o quê? Eliane Brum deu uma palestra em Harvard; quem? Eliane Brum; quando? Em maio; onde? Em Harvard; como? “afirmando que a esperança, assim como o desespero, é um luxo que não temos”; por quê? “com o planeta superaquecendo, não há tempo para lamentações e para melancolias”. Mas também são narrados outros acontecimentos no primeiro parágrafo: o quê? “um empresário brasileiro fez uma manifestação apaixonada em defesa da esperança e foi

aplaudido entusiasticamente por parte da plateia”; quem? “um empresário brasileiro”, que não tem seu nome revelado; quando? “assim que terminei”; onde? Em Harvard. As perguntas como e por que não são respondidas no caso deste segundo acontecimento.

Os aplausos recebidos pelo empresário brasileiro levam Brum a acreditar que ela própria é vista como “uma espécie de inimiga da esperança e, portanto, inimiga do futuro (deles)”. Neste texto é possível observar mais uma vez a construção que Brum faz dela própria como alguém diferente, incompreendida, mas correta. Ao longo da coluna ela tenta provar como, de fato, não há espaço para esperança. Na verdade, para ela, “a esperança tem progressivamente ocupado o lugar da felicidade como ativo de mercado”. A diferença é que a ideia de “‘felicidade’ como mercadoria já foi bem dissecada por diferentes áreas do conhecimento e pela experiência de cada um”, enquanto essa relação estabelecida entre felicidade e esperança provém de uma “investigação pessoal sobre a esperança [que] se iniciou em 2015”.

Mais uma vez Brum defende sua teoria de que temos “adultos infantilizados”, ainda que essa ideia não inclua a própria jornalista, novamente apresentada como alguém que vê o que as demais não veem. Outra repetição é a introdução de Greta Thunberg como personagem. A adolescente é descrita como tendo “rosto de boneca de souvenir” e ser “reconhecida por declarações tão brilhantes quanto afiadas”. Aqui é notável como os elogios de Brum não são tão incisivos quanto as críticas. Greta não é descrita como brilhante e sim suas declarações, já os adultos são infantilizados, e não suas ações e discursos. Ressalva-se, porém, que neste texto Brum também descreve Greta como “uma potência”.

Uma parte do discurso de Greta Thunberg também é citado, para endossar a argumentação de Brum de que não é possível ter esperança, mas a jornalista vai além da ativista e diz que também não é possível entrar em desespero, enquanto Thunberg, citada por Brum, diz querer “que vocês entrem em pânico, quero que vocês sintam o medo que eu sinto todos os dias” (THUNBERG *apud* BRUM, 2019). Ao escrever um texto dizendo que os adultos estão errados e são infantis, ela se mostra como diferente dos demais. Diferente até mesmo dos cientistas e ativistas do clima, que, de acordo com a jornalista, “têm dificuldades com essa afirmação” de falta de esperança. Como forma de embasar seu argumento, Brum cita uma fala (retirada da Folha de S. Paulo) de um membro do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas da ONU, Oswaldo Lucon. De acordo com Brum,

A declaração do adulto na sala foi bem intencionada, como são bem intencionados muitos adultos que enfrentam aquele que é o maior desafio da nossa espécie em toda a sua trajetória: a alteração do clima do planeta

provocada por ação humana. A questão que os adultos parecem não compreender é que há uma mudança no modo de pensar. E é uma mudança profunda. Minha hipótese é que, não fosse essa mudança no modo de pensar, adolescentes da geração de Greta não conseguiriam fazer o que fazem. Refiro-me a Greta, por ela ser o principal ícone dessa geração, mas outras lideranças da juventude pelo clima colocam a esperança num lugar menos estratégico que as gerações de seus pais. Não me parece que tenham questões com a esperança nem que ela esteja no seu horizonte imediato de preocupações. Apenas ela não é importante na vida deles como é na de seus pais. A esperança aparece no discurso porque é provocada pelos adultos [...] Só recusar à ideia fácil da esperança, os adolescentes intuem – ou concluem – que, se quiserem enfrentar a vida no planeta que virá, terão que recusar essa matriz de pensamento – ou não terão chance (BRUM, 2019I).

Além de referências retiradas de outros jornais, como a *Folha de S. Paulo* e o *The Guardian*, um texto do filósofo Peter Pál Pelbert publicado pela revista *Percurso* e uma fala de Anuna Wever (que não se especifica se foi dada dentro do âmbito de uma entrevista ou de uma conversa), Brum também faz referências a textos seus publicados anteriormente, como quando repete que a ação dos estudantes ambientalistas é sem precedentes na história.

Depois de uma extensa discussão sobre a necessidade da falta de esperança, Brum volta a ser personagem e conta como ela mesma a perdeu:

A questão da esperança apareceu, para mim, enquanto acompanhava a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte e a destruição do rio Xingu, na floresta amazônica. Uma – a construção – resultando na outra – a destruição. Vi pessoas que lutaram contra a morte e que viram seus companheiros tombarem a tiros nas lutas do passado pela floresta, mas que só naquele momento sentiam como se houvessem chegado ao fim da história. Belo Monte se erguia violando todas as leis e violando também os corpos dos mais frágeis – o que faz ainda hoje –, num governo do partido que haviam ajudado a fundar. As casas eram destruídas e incendiadas, a floresta queimava, os bichos morriam afogados, em convulsão. O mundo amazônico transfigurava. [...] Mas a história não tem fim enquanto temos memória. E então eu, como outros, temos nos dedicado à memória. Percebi ali que me tornara uma outra eu, junto com os outros que também se tornavam eu e outros. Me descobri um eu sem esperança. E descobri que não era triste, tampouco desesperada (BRUM, 2019I).

Em outra autorreferência, Brum relembra uma coluna escrita por ela em 2015 em que dizia ter a resposta para os problemas do Brasil: “O que vai costurar os rasgos do Brasil não é a esperança, mas a nossa capacidade de enfrentar os conflitos mesmo quando sabemos que vamos perder. Ou lutar mesmo quando já está perdido. Fazer sem acreditar. Fazer como imperativo ético (BRUM *apud* BRUM, 2019I)”. Mas, para a jornalista, “a maioria dos brasileiros à direita, mas também a esquerda, preferiu não enfrentar os conflitos e as contradições, mas colocar no seu lugar o ódio e a falsificação. O resultado estamos vendo”

(BRUM, 2019). Pode-se dizer que Eliane Brum acredita que, à medida que a maioria dos brasileiros não seguiu seus conselhos, “o que era ruim virou pior”.

Seguindo sua linha de raciocínio de que se deve lutar “mesmo quando já está perdido”, Brum faz referência à fala do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro na Festa Literária Internacional de Paraty, em 2014, para reforçar que “a catástrofe não é o fim, está no meio”, uma vez que os povos indígenas conseguem “reexistir” (neologia criada por Viveiro Castro) desde 1500. Brum explica:

No Xingu, de onde o Estado e a Norte Energia S.A construíram ruínas de grandes dimensões, eu vi – e vivi com – pessoas que existiram porque resistiam – e resistiam para existir. O que me impressionou, ao começar a escutar as garotas e garotos da greve estudantil pelo clima foi como essa juventude europeia, majoritariamente branca e de classe média, se aproximou tanto do pensamento dos povos da floresta sem nunca tê-los conhecido. Por que caminhos invisíveis seus pensamentos se encontram, como foi esse diálogo que aconteceu sem jamais ter acontecido? (BRUM, 2019).

Apesar das muitas referências que Eliane Brum faz a ela própria e às falas dos estudantes ativistas do clima, não há no texto nenhuma referência a algum representante dos povos da floresta, então não é possível para o leitor avaliar em que pontos “essa juventude europeia, majoritariamente branca e de classe média, se aproximou tanto do pensamento dos povos da floresta”. A falta de referências e personagens dos “povos da floresta” ou de qualquer outra minoria, torna difícil a compreensão de como “esse futuro desinventado de futuro está sendo tecido por experiências de minorias vindas de outros territórios cosmopolíticos”, como escreve Brum no último parágrafo do texto.

Nesta coluna de Eliane Brum são citadas apenas fontes conhecidas, como jornais, políticos e ativistas de relevância nacional ou global, sem espaço para os anônimos, mas com muitas autorreferências, em geral acompanhadas de hiperlinks. Estes últimos aparecem 17 vezes ao longo do texto que só tem uma foto como elemento multimidiático.

5.2.13 Ei, Bolsonaro, até o pênis está diminuindo

Eliane Brum inicia este texto tentando chamar a atenção do presidente da República. Ela questiona seus leitores se alguém poderia informar Jair Bolsonaro de que uma pesquisa feita na Itália comprova que um agrotóxico proibido no mundo, mas liberado no Brasil, afeta o pênis, deixando-o menor e mais fino, além de diminuir a fertilidade masculina e aumentar a presença de hormônios femininos nos homens.

Apesar de usar um formato um pouco diferente, falando com seus leitores, Brum responde a algumas das perguntas do *lead*: o quê? Pesquisa aponta que “jovens expostos ao composto industrial tóxico PFOS (sulfonato de perfluorotano) têm comprovadamente o pênis menor e mais fino que a média, além de problemas de fertilidade” (BRUM, 2019m); quem? Pesquisa italiana divulgada pelo Canal History; quando? No final de semana. Nem todas as perguntas são respondidas, porque Brum também informa no primeiro parágrafo que “o Brasil é um dos grandes produtores mundiais de sulfluramida [...] resulta na formação de PFOS” e pergunta “Até quando?”.

A chamada feita pela jornalista questiona o fato de Bolsonaro não se importar com o aumento da liberação de agrotóxicos feita em seu governo em níveis nunca antes vistos. Em contrapartida, o chamado “antipresidente” se importaria com o tamanho do pênis de japoneses, por exemplo. Essa observação demonstra que Brum tem a intenção de guiar a interpretação que os leitores devem fazer das notícias.

Brum comenta que a obsessão de Bolsonaro por genitais e sexualidade já chegou a ser tema de análise de outros veículos noticiosos, fazendo uso da estratégia de possibilidade de conflito observada por Tuchman (1996). Com a divulgação da pesquisa no Twitter, havia a expectativa de que o presidente comentasse o caso, uma vez que, como relata Eliane Brum, “nada poderia ser mais promissor: pinto e Twitter, duas obsessões de Bolsonaro finalmente juntas” (2019).

Não deu certo. Bolsonaro continua na sua saga de liberar venenos, argumento provado com vários dados usados como provas auxiliares (TUCHMAN, 1996). Entre janeiro e 14 de maio foram 166 produtos liberados (197 até o momento de publicação do texto), 48 deles são considerados extremamente tóxicos e 25% são proibidos na União Europeia, informa Eliane Brum em sua coluna.

E os efeitos da liberação de tantos venenos já podem ser sentidos. Os agrotóxicos provocaram a morte de centenas de milhões de abelhas. Sem esses animais responsáveis pela polinização, a produção de alimentos para o ser humano fica comprometida. E até mesmo a vida humana está em risco com os agrotóxicos. Brum cita uma pesquisa que investiga a relação entre o aumento de suicídios e o aumento do uso dos pesticidas.

Mesmo com todas essas questões, o governo Bolsonaro trabalha para a difusão desses produtos. Até mesmo o uso do termo agrotóxico pode ser vetado, dependendo de um projeto que tramita no Congresso. A palavra é considerada “ideológica”. Uma vez substituída, as pessoas se esquecerão de que estão interagindo o multiplicando venenos. Ademais, se depender do presidente, haverá uma proliferação desses produtos. Funcionários da Anvisa já

foram desviados de suas antigas funções para agilizar a liberação de agrotóxicos. São mais de mil venenos na lista de espera.

O bolsonarismo tem intoxicado o Brasil de tantas maneiras. As relações interpessoais foram envenenadas, as redes sociais estão contaminadas, as pessoas sentem o ódio como um sintoma de uma doença persistente. A violência da eleição, seguida pelo governo que mantém o clima de guerra civil como estratégia de ocupação de poder, têm causado efeitos profundos na saúde física e mental das pessoas. Como o Brasil se colocou além das metáforas, porém, é preciso acordar em pé para o fato de que o governo Bolsonaro está também – e literalmente – envenenando a população (BRUM, 2019m).

Conclui Eliane Brum, em um parágrafo que pode ser visto como um resumo que do que a jornalista tem tentado fazer com seus textos: denunciar o que ela enxerga como envenenamentos cotidianos infligidos pelo governo sobre a população. Denúncia esta amplamente embasada em textos jornalísticos que, mais uma vez, servem como uma de suas principais fontes, tanto para falas do presidente quanto para os acontecimentos relatados por ela ao longo do texto. Essas notícias, bem como *tags* sobre as pessoas citadas, são com hiperlinks, usados 16 vezes.

5.2.14 MBL usa aborto para reposicionar marca

Eliane Brum inicia seu texto com uma frase de impacto: “O Brasil tem apenas três possibilidades de aborto legal: em caso de estupro, risco de morte da mãe e feto anencefálico”. Em seguida vem a notícia: o MBL que, como já anunciado pela jornalista na linha fina, disputa pelas almas, cliques e votos dos eleitores com o restante da direita, apresentou um projeto de lei na Câmara Municipal de São Paulo que acabaria até mesmo com essas possibilidades. É apenas um truque, na visão de Brum. Isso porque as leis municipais não podem se sobrepor às nacionais. Mesmo sabendo disso, o vereador Fernando Holiday propôs a lei.

Brum, então, passa a discorrer sobre a atuação do MBL. O movimento ganhou visibilidade a partir de 2013, quando se posicionou contra a corrupção e também teve destaque na queda de Dilma Rousseff, tendo sido um dos grupos que mais clamou pelo impeachment da petista. Porém, assim que Dilma deixou a presidência, os membros do Movimento Brasil Livre passaram a fechar os olhos para a corrupção do governo de Michel Temer. Brum lembra que um dos líderes do movimento até disse que não pediria o impedimento de Temer porque em seu lugar entraria Rodrigo Maia, deputado do DEM

acusado de corrupção, que foi eleito para a presidência da Câmara com o apoio do PT e do PCdoB. Nada disso impediu, porém, como lembra a jornalista, que Kim Kataguirí se elegeu deputado federal pelo partido de Maia.

A primeira vez que o MBL usou a defesa da “moral” para angariar seguidores foi em 2017, na exposição *Queer Museu*, que chegou a ser cancelada devido à pressão do MBL, que a acusou de incitar a pedofilia. Mais uma distração, segundo Brum. Se o grande problema do Brasil era a pedofilia em museus, então era possível fechar os olhos para os malfeitos de Temer, um presidente que o MBL ajudou a chegar ao poder.

Para a jornalista, a estratégia não é nem mesmo original. Em 2010, Serra já tinha usado o aborto contra Dilma, fazendo a petista recuar suas posições para não desagradar o eleitorado. Mas o MBL soube usá-la muito bem e sem se associar a nenhum candidato à presidência. A disputa de 2018 foi marcada por esse discurso moralista, sendo Bolsonaro seu maior representante, ainda assim, a liderança do MBL conseguiu se eleger sem declarar apoio ao atual presidente.

Essa é mais uma estratégia. Não é interessante para a turma de Kim Kataguirí e Fernando Holiday se associar ao bolsonarismo. A associação só faria o MBL perder poder e dificultaria a pretensão de Kim de ter expressividade no Legislativo. Para tanto, agora o MBL tem que se afastar da imagem de conservadores tradicionais que tinham há até pouco tempo, construindo uma imagem de verdadeiros liberais. Se as direitas não se diferenciassem, o MBL perderia o protagonismo.

Nisso Eliane Brum vê um problema. O MBL teria que se comportar menos como uma milícia e mais como um partido. Contudo, o movimento não pode formar um partido, já que teriam que interromper a crítica que fazem a todos os partidos e não poderiam mais “tomar partido (e deixar de tomar partido) do que for mais conveniente para a ocasião” (BRUM, 2019).

Mas o MBL vem enfrentando dificuldades em reposicionar sua marca. A parcela da direita que eles ajudaram a criar passou a atacá-los por não terem se posicionado a favor de Bolsonaro e de Sérgio Moro nas manifestações em defesa de ambos, em 2018. Por sua vez, os membros do MBL passaram a criticar essa “direita true” por não respeitarem as diferenças entre as direitas, tema do qual Eliane Brum trata com ironia.

Para contornar essa situação, o MBL volta a atacar as mulheres com a proposta de Holiday citada por Brum no início do texto. Embora tivessem o conhecimento de que a norma não entraria em vigor, ao proporem que as mulheres grávidas passassem por procedimentos

como ouvir os batimentos cardíacos dos fetos, ver imagens de abortos e até serem levadas para manicômios, caso exista a possibilidade que realizem um aborto ilegal.

Sim, é isso mesmo. A liderança do MBL quer que a mulher que foi estuprada e engravidou do estuprador, a mulher que se encontra em situação de risco de morte e a mulher cujo filho não vai poder viver por conta de uma malformação incompatível com a vida seja obrigada a ouvir o coração do feto, a ver a sua imagem e a assistir a demonstrações de “atos de destruição, fatiamento e sucção do feto, bem como à reação do feto a tais medidas” [...] Sim, Holiday quer fazer a sua parte para o retorno dos manicômios e quer mandar as mulheres para lá (BRUM, 2019n).

Embora se digam amadurecidos, Eliane Brum aponta que os membros do MBL continuam a atacar aqueles que são invisibilizados pela sociedade. Entre seus alvos prioritários estão as mulheres, os negros e, em especial, as mulheres negras, que seriam as mais afetadas caso um projeto como o de Holiday se tornasse lei.

Percebe-se que Eliane Brum recheou sua coluna de fatos que, embora não diga, retirou dos noticiários da época. Mais explícitas são suas fontes para as falas dos membros do MBL: por vezes o perfil dos integrantes do Twitter, por vezes entrevistas dadas a jornais como O Globo e o próprio El País ou artigos publicados na Folha de S. Paulo. As fontes de Eliane Brum, geralmente, são referenciadas por meio de hiperlinks, usados um total de 25 vezes ao longo dos 39 parágrafos do texto. Contudo isso nem sempre acontece, como é o caso do vídeo para o YouTube citado por Eliane Brum no final da coluna que não foi incluído nem no corpo do texto nem por meio de hiperlink. O acréscimo do vídeo poderia tornar o texto mais multimidiático, porém a única mídia diferente do texto utilizada é uma foto de Fernando Holiday, que não é utilizada efetivamente como parte da narrativa do texto.

Neste texto, Brum tenta se posicionar a favor de um grupo oprimido pela sociedade: as mulheres. Apesar disso, faltam recursos literários e apenas fontes oficiais são utilizadas. Nesse caso, mais do que pautar ou tentar pautar a política, como Coutinho (2005) diz ocorrer com essa modalidade de coluna, Brum é pautada pelas ações dos políticos. De acordo com a Teoria Estruturalista, este é um risco que se corre ao priorizar as fontes oficiais.

5.2.15 “Empresários não podem ser batedores de carteira”

Nesta coluna Eliane Brum se aproxima do estilo empregado em seu livro *A vida que ninguém vê* (2006). O texto é uma mistura de perfil com entrevista ping-pong. Nos primeiros 11 parágrafos, ela faz uma descrição do empresário Jorge Hoelzel Neto, dono da Mercur. Mas é a própria jornalista que serve de personagem no primeiro parágrafo:

A borrachinha Mercur é uma memória na vida escolar de algumas gerações de brasileiros. Outras surgiram, algumas bem mais vistosas, mas costumava-se acreditar que só ela apagava “de verdade” os erros cometidos, apesar da feliz vontade de acertar por aqueles que estavam se iniciando na floresta de letras. Fui uma dessas crianças, armada de lápis, mas também de borracha. Aprendíamos ali que, por melhor que fosse a borracha, nunca era simples ou fácil apagar nossos erros. Algo sempre resistia na folha do caderno, lembrando-nos da nossa falibilidade (BRUM, 2019o).

Brum segue personagem no segundo parágrafo, narrando, desta vez, memórias de 2015, quando ela participava de uma expedição promovida pelo povo indígena Juruna. Foi então que ela conheceu o proprietário daquela empresa de borrachas que apagavam de verdade. Ela o descreve de forma literária:

Avistei um homem muito branco, que remava silenciosamente ao lado de um adolescente que depois eu descobriria ser seu filho. “É Jorge”, esclareceu um ribeirinho da Terra do Meio. “Ele sempre tá com a gente.” Era Jorge Hoelzel Neto, um dos acionários da terceira geração da Mercur, empresa familiar que neste ano completou 95 anos (BRUM, 2019o).

É interessante observar que o ribeirinho não tem nome e suas poucas falas só servem para representar o verdadeiro personagem, o empresário Jorge Hoelzel Neto. E, por mais que o texto se pareça com a forma literária empregada em trabalhos anteriores de Brum, a temática não se enquadra no Jornalismo do Desacontecimento, uma vez que Hoelzel não está ali para mostrar como o extraordinário é também ordinário e sim porque Brum o considera fora do normal. E isso já é percebido quando ele é apresentado por um ribeirinho que diz que Jorge “está sempre com a gente” enquanto ia para um encontro que discutira os males trazidos pela usina hidrelétrica de Belo Monte.

Mesmo dizendo que, com 30 anos de jornalismo, ela aprendeu a desconfiar e que observou Jorge enquanto ele a observava para saber se aquele era mesmo um empresário diferente, nesse texto Eliane fala de uma pessoa que já é vista como extraordinária para explicar de que forma Jorge realmente é diferente dos outros, mas que pode ser um exemplo para todos os “homens de mercado”. Ela escreve que ele é um empresário que, ao contrário dos outros, não odeia a Amazônia. Na verdade Jorge vê a floresta como uma riqueza se mantida de pé.

Ao todo são 37 perguntas feitas nessa entrevista que durou duas horas. Eles discutem a transformação da Mercur de uma empresa tradicional em uma empresa sustentável. No geral, Brum faz perguntas curtas, dando espaço para que Jorge conte da história da Mercur, sua mudança de ideais e o desafio que foi mudar a mentalidade de uma empresa que sempre buscava lucrar mais para uma empresa a favor da vida. Foi essa lógica que fez ele comprar

borracha da Amazônia, que custa o dobro da importada ou da que vem do interior de São Paulo. Foi também por princípios que ele parou de fabricar produtos licenciados, como as borrachas dos carrinhos Hot Wheels, ou vender produtos para armas ou fábricas de tabaco.

Ao longo da entrevista, é possível ver as posições de Brum que, por algumas vezes, não faz perguntas e sim afirmações, como em uma conversa. Nota-se também a ausência de detalhes dos gestos de Hoelzel, que, conforme explica Wolfe (2005), são valorizados no jornalismo literário. Por estas razões é possível dizer que esse texto se liga mais ao acontecimento do que ao desacontecimento, uma vez que foca na atitude extraordinária de Jorge Hoelzel Neto e seus comentários sobre sustentabilidade e política nacional.

Jorge Hoelzel é a principal fonte e personagem, mas nos 15 hiperlinks empregados por Eliane Brum há, além de direcionamentos às *tags*, quando faz referência a nomes de políticos, por exemplo, Brum faz alusões a outras colunas escritas por ela, ou mesmo textos completamente sem relação com o tema do próprio *El País*, como quando ela linka “a bolsa de água quente que eu costumava usar no inverno”, com o texto 9 dicas para aquecer a casa sem usar calefação, da editoria de Bem Estar. Apesar de serem pouco usadas neste texto e de não construírem uma pirâmide invertida, uma vez que linkam assuntos sem relação, os hiperlinks são o único recurso exclusivo da internet empregado por Brum. Há uma foto para ilustrar o texto, mas seu uso não pode ser caracterizado como aproveitamento da possibilidade de multimídia.

5.2.16 Doente de Brasil

Em “Doente de Brasil”, Eliane Brum trabalha a ideia de como os acontecimentos em nível nacional vêm afetando a vida cotidiana das pessoas. Ela inicia seu texto reforçando a ideia já apresentada em “Cem dias sob o domínio dos perversos” de que o país está sendo governado por um homem perverso e não um louco, como muitos têm dito.

Brum aponta que até mesmo a comparação com os loucos é ofensiva, uma vez que aqueles que são de fato loucos, ou seja, possuem algum tipo de doença mental, não representam um perigo para a sociedade, sendo, em sua maioria, pacíficos. Bolsonaro não é pacífico na visão de Eliane Brum. A jornalista o caracteriza como uma pessoa violenta, que não tem apreço pela vida humana e que estabelece algo chamado por ela de autoverdade (a crença de que se pode decidir o que é verdadeiro ou não de acordo com os próprios valores e de forma desatrelada da realidade). Ao fazer essa afirmação, Brum parece crer que está vendo

o que os outros não percebem. Ela sabe que Bolsonaro não é louco e alguns, não especificados por ela, insistem em chamá-lo assim.

É esse contexto que tem provocado um adoecimento dos brasileiros. De acordo com um levantamento feito pela jornalista com psicanalistas, psiquiatras, médicos da clínica geral, medicina interna e cardiologia, as queixas de taquicardia, tontura e falta de ar vêm aumentando nos últimos anos, ganhando um ritmo ainda mais acelerado a partir das eleições presidenciais de 2018, quando houve forte incitação da violência por parte da campanha de Jair Bolsonaro.

A causa desses sintomas físicos são doenças psicológicas: ansiedade extrema e/ou depressão. A razão para o desenvolvimento dessas enfermidades, por sua vez, não está relacionada à vida das pessoas afetadas e sim à vida do Brasil. Conflitos no âmbito da política dividiram famílias e provocaram uma crise econômica que acarretou no aumento do desemprego.

Brum insiste que é necessário que entendamos com clareza por que e o que acontece no Brasil e no mundo e o façamos sem o uso de eufemismos.

Vou insistir, mais uma vez, neste espaço, que precisamos chamar as coisas pelo nome. Não apenas porque é o mais correto a fazer, mas porque essa é uma forma de resistir ao adoecimento. Não é do “jogo democrático” ter um homem como Jair Bolsonaro na presidência. Tanto como não havia “normalidade” alguma em ter Adolf Hitler no comando da Alemanha. Não dá para tratar o que vivemos como algo que pode ser apenas gerido, porque não há como gerir a perversão. Ou o que mais precisa ser feito ou dito por Bolsonaro para perceber que não há gestão possível de um perverso no poder? Bolsonaro não é “autêntico”. Bolsonaro é um mentiroso (BRUM, 2019p).

Mesmo reconhecendo a necessidade do conhecimento da razão de como chegamos a esse ponto, Brum acredita também não ser possível ignorar as pessoas que estão doentes agora, para evitar que isso nos destrua.

Em 10 de julho, o psiquiatra Fernando Tenório escreveu um post no Facebook que viralizou e foi replicado em vários grupos de WhatsApp. Aqui, um trecho: “Acabei de atender a um homem de 45 anos, negro, sem escolaridade. Nos últimos cinco anos, viu seus colegas de setor serem demitidos um a um e ele passou a acumular as funções de todos. Disse-me que nem reclamou por medo de ser o próximo da fila. Tem sintomas de esgotamento que descambam para ansiedade. Qual o diagnóstico para isso? Brasil. Adoeceu de Brasil. Se eu tivesse algum poder iria sugerir ao DSM (o manual de transtornos mentais da psiquiatria) esse novo diagnóstico. Adoecer de Brasil é a mais prevalente das doenças. Entrei agora na Internet e vi que a reforma da previdência corre para ser aprovada sem sustos. O povo,

adoecido de Brasil, permanece inerte. Vai trabalhar sem direito a aposentadoria até morrer de Brasil” (BRUM, 2019p).

A partir desse trecho, o texto de Eliane Brum se aproxima mais da forma de escrita das notícias convencionais. A jornalista passa a não falar tanto suas opiniões, dando espaço para a fala de especialistas seja na forma de relatos ou explicações. Brum conta como o psiquiatra Fernando Tenório sofreu represálias na internet graças ao texto que publicou. Até mesmo sua filha de dois anos foi ameaçada de estupro. Já o especialista que define para Brum o que seria esse termo “doente de Brasil”, preferiu não se identificar para evitar retaliação.

Mas que adoecimento é este que Tenório chama de “doente de Brasil”? Um psicanalista que prefere não se identificar por temer represálias explica que aumentou muito nos consultórios os quadros depressivos provocados pelo momento vivido pelo Brasil, em que especialmente pessoas ligadas à esquerda, mas não necessariamente ao PT, sentem uma total perda de sentido e horizonte. “Para a psiquiatria, a depressão é a tristeza sem contexto. Ou seja, ela é relacionada à estrutura psíquica de cada pessoa, às fundações e alicerces construídos na infância”, explica. “O que temos vivido hoje nos consultórios é o aumento da depressão com contexto, esta que não tem a ver com a estrutura do indivíduo e que nem vai melhorar no divã. Esta em que o uso de medicamentos só vai servir para obscurecer o esclarecimento das questões. Esta que só pode ser sanada por mudanças sociais” (BRUM, 2019p).

Médicos passam a se sentir traficantes de drogas, prescrevendo medicamentos para pessoas que não estão fisicamente doentes, nem estão enfermas graças a condições solucionáveis com tratamentos psicológicos. A população brasileira está adoecendo porque a vida pública invadiu a vida privada e a violência, ainda que não seja aquela explícita, física e fácil de se perceber, tomou conta de suas vidas.

Somado a tudo isso há a censura. Brum denuncia que esses atos de violência que se escondem no cotidiano fazem com que as pessoas se censurem para não sofrerem as consequências de se mostrarem dissonantes do pensamento dos perversos. Uma autora escondeu a palavra gênero de seu livro, para que ele não fosse removido do catálogo da editora. Uma diretora de teatro desistiu de ter atrizes nuas no palco.

Cada vez mais as pessoas preferem se omitir e se reprimir para evitar a opressão dos outros. Brum relata como nunca antes, nem mesmo durante a ditadura militar, as pessoas pensavam no presidente da República todos os dias. Hoje isso acontece no Brasil e em outros lugares governados por semelhantes de Bolsonaro, como os Estados Unidos e o Reino Unido. Embora Brum opine que: “Boris Johnson não chega a ser um Donald Trump. E nem Donald Trump chega a ser um Jair Bolsonaro”.

Mesclando suas opiniões com afirmações de especialistas, Brum conclui que em um mundo no qual a verdade se torna uma escolha sem necessidade de comprovação, a única base de resistência para nossa sociedade é a cultura. E mesmo ela tem sido atacada. Em um Brasil doente a luta, de acordo com a jornalista, não é apenas pela democracia, mas em nome da civilização.

Percebe-se, então, que o texto prioriza fontes que tenham credibilidade, sejam elas especialistas ou textos de jornais, incluindo colunas da própria Eliane Brum. Essa preferência é uma característica típica do jornalismo tradicional que, como observado pela Teoria Estruturalista, é dominado pelas fontes oficiais. Ao dar voz apenas a especialistas, não ouvindo representantes de movimentos sociais, por exemplo, Brum se afasta do jornalismo do desacontecimento. Há também um distanciamento do jornalismo feito para a internet, uma vez que os 39 hiperlinks utilizadas são o único recurso característico da internet empregado pela jornalista. Apesar de haver uma foto para acompanhar um texto escrito, como ocorre aqui, esse recurso já era comum no jornalismo impresso.

5.2.17 As crianças de Altamira

Talvez de todos as colunas que Eliane Brum escreveu em 2019, “As Crianças de Altamira” seja uma das únicas que poderia estar presente em um de seus trabalhos anteriores. Este texto se assemelha muito ao “Expectativa de vida: 20 anos”, presente no livro *O Olho da Rua* (2008). Em ambos os casos, são contadas histórias de pessoas que tiveram a vida afetada pela violência. Na reportagem de *O Olho da rua*, a história é das mães que perdem seus filhos para o tráfico e tem que viver, ou sobreviver, com a dor que isso lhes provoca.

Em “As crianças de Altamira”, Brum inicia o texto anunciando que falará de uma história real para que, assim, todos entendam o que está acontecendo no país. Uma vez que

Parece já não bastar a imagem de cabeças e braços e pernas decepados para que os brasileiros entendam o que está acontecendo no Brasil. Parece que já não nos impressionamos com cabeças e braços e pernas decepados. Algo aconteceu dentro de nós. E, se prestarmos atenção, talvez possamos sentir o cheiro de podre que desta vez não emana de fora (BRUM, 2019q).

A jornalista narra o percurso de uma irmã e uma mãe que perderam alguém que amavam. Elas não sabem em que estado esse jovem de 20 anos se encontra. Não sabem se tem todos os membros, se ainda é possível reconhecer seu rosto. Não sabem ao certo como morreu nem o que aconteceu com ele nos últimos minutos de sua vida. Mas sabem que ele

está morto. Sabem que ele é mais uma vítima da crueldade. Sabem que ele estava sob a tutela do Estado, que falhou em protegê-lo.

É apenas após 5 parágrafos que Eliane Brum dá ao leitor informações que tradicionalmente são inseridas no lead. Houve um massacre na prisão de Altamira. E o segundo maior massacre em prisões da história brasileira matou 62 pessoas que estavam sob responsabilidade do Estado. E o que diz o chefe do Estado? “Pergunta para as vítimas dos que morreram lá o que eles acham disso. Depois que eles responderem, eu respondo a vocês”, disse Bolsonaro, desconsiderando a dor daqueles que perderam entes queridos no conflito entre facções criminosas ocorrido dentro do presídio. “Problemas acontecem”, foi como reagiu ao fato de que quatro pessoas haviam sido estranguladas durante a transferência de presos.

É tudo que essa mãe e essa irmã ouvirão. Também é toda explicação que terá a “menina com nome de rua”, de apenas 5 anos. Um dos homens mortos no massacre era seu tio. Não era a primeira vez que ela perdia alguém. Meses atrás, seu pai também havia sido morto, dessa vez pela polícia que o confundiu com outra pessoa.

A polícia tinha executado o homem errado. E isso foi dito para a sua família, como se a execução fosse permitida ao Estado. A família, porém, tem medo de enfrentar o Estado. E deve ter. Se protestar, outros poderão ser mortos. Então ficou assim: “Desculpa aí, matamos o seu filho por engano” (BRUM, 2019q).

O pai da menina também já havia sido vítima do Estado antes. Ele costumava trabalhar como oleiro, mas foi obrigado a se mudar para que a usina de Belo Monte fosse construída. Se antes sua família era pobre, com a perda de seu ofício, eles entraram para a miséria. Na morte, ele entrou para mais uma estatística: a dos 133,7 mortos a cada 100 mil habitantes de Altamira. As taxas são muito superiores às do Rio de Janeiro (35,6/100 mil habitantes).

No enterro, a menina fazia questão de contar a todos que seu pai havia sido morto pela polícia. Seu meio-irmão dizia que só deixaria o caixão quando seu pai acordasse. Ele sabia que isso jamais aconteceria, mas era necessário dizê-lo para sobreviver. Era melhor tentar esquecer que o sustento de sua família havia sido roubado, que seu pai estava morto graças à ação de policiais, que sua avó havia perdido parte do pé enquanto trabalhava, que uma de suas tias estava sendo procurada pelo tráfico, que outra era perseguida pelo marido, que o tio da sua irmã morrera incendiado no massacre, que sua mãe fora assassinada enquanto o amamentava e que por pouco ele também não morreria.

Mas não há como esquecer. Os pesadelos vêm à noite e ele os guarda como segredos. Brum escreve que este é um menino diferente. Como esperado para quem já viu muitas mortes antes de ter entendido com clareza o que é a vida, ele tem olhar de velho, mas, além disso, ele tem rugas debaixo dos olhos.

Quando encontramos crianças com olhos de velho sabemos que um crime ocorreu ali, porque crianças não podem ter olhos de velho. Mas sempre que contei delas eu me referi ao olhar, aquele olhar de quem já viveu várias vidas em apenas um punhado de anos, o olhar de quem viu mortes demais antes de sequer poder elaborar o que é a morte, o olhar de quem vive com medo de morrer enquanto o corpo ainda sequer se desenvolveu. O que vi no menino com nome de jogador de futebol é diferente. O menino tem rugas embaixo dos olhos. Eu nunca tinha visto uma criança com rugas (BRUM, 2019q).

Tudo foi tirado do menino com nome de jogador de futebol. Ele não sabe que mora no Brasil, nunca tinha ido ao Xingu nem na floresta Amazônica. Se seus antepassados podiam construir suas identidades a partir do rio e da floresta, nem a isso ele tem direito. Ele foi expulso da floresta, mas continua à margem do Brasil. Ele e os outros que foram forçados a deixar suas casas para que o local onde chamaram de lar desse espaço à Belo Monte.

Em Altamira, o Xingu é apenas dos ricos, das crianças que estudam em escolas particulares, viajam para a Disney e para Miami nas férias. Suas casas têm vista para o rio, mas os pobres não têm dinheiro para pagar a condução e ver o rio e a floresta a poucas dezenas de metros da periferia.

No meio de toda essa tragédia está Belo Monte. A construção da usina foi aprovada, mesmo sem que todos os documentos fossem apresentados. Nos acordos feitos entre a construtora e o governo estava a edificação de um novo presídio. Após o massacre, a empresa responsável disse que apressará as obras.

Na última parte do texto, Brum faz mais uma denúncia: a nossa própria barbaridade. A falta de empatia chega ao ponto de fazer circular uma possivelmente falsa ameaça de facções criminosas, ameaçando retaliação no caso de festa após as mortes.

Se 62 pessoas brancas, de classe média, tivessem sido decapitadas ou carbonizadas ou estranguladas, as reações seriam imensamente maiores. A pressão por mudanças e a eloquência também. Se 62 indígenas tivessem sido decapitados ou carbonizados ou estrangulados, as reações seriam menores. Mas, especialmente pela repercussão internacional, ainda haveria grande visibilidade e pressão. Mas, quando 62 pessoas presas são decapitadas ou carbonizadas ou estranguladas, a reação, a pressão e as providências são muito menores e o clamor se extingue rapidamente. Aqueles que são encarcerados são vistos como restos até por muitos que defendem os direitos humanos. Não no discurso formal, nem na racionalidade do pensamento,

mas na forma como a indignação é menos incorporada na ação (BRUM, 2019q).

Brum fala que a barbárie afeta até mesmo quem a denuncia, como ela. A violência se torna tão cotidiana que passamos a não nos importarmos com ela. Mas é preciso se importar e é preciso agir. Na luta pela preservação da Amazônia, a jornalista afirma ser preciso também lutar para que aqueles que foram apartados da floresta reestabeleçam seus laços. “É preciso devolver a memória às crianças de Altamira”.

“As crianças de Altamira” é um dos textos que mais se aproxima da narrativa clássica de Brum em 2019. Como lhe é característico, Brum conta sua história a partir de seu olhar somado ao olhar de personagens centrais, neste caso, do “menino com nome de jogador de futebol” e da “menina com nome de rua”.

Além da subjetividade explicitada, outro recurso trazido por Brum de seu trabalho anterior é a escolha de personagens marginalizados. Quadros (2018) aponta uma preferência da jornalista com contar a história de pessoas pobres, o que se repete aqui, bem como a tendência de somar a pobreza a outras marcas de exclusão, neste caso a infância e a região onde vivem as crianças retratadas.

Embora Eliane Brum se volte para seus preceitos clássicos, é impossível ignorar as distinções que o texto “As crianças de Altamira” tem com relação a obras como “A vida que ninguém vê” (2006) e “O olho da rua” (2008). Aqui vemos o acontecimento como motivador para a escrita do texto, característica antes ausente. Por essa razão, não é possível dizer que ele está exclusivamente ligado ao âmbito do desacontecimento. Também nas fontes destaca-se que a jornalista recorre a dados de pesquisas e textos de jornais para embasar sua coluna, traços ligados ao jornalismo tradicional.

Se essa foi uma adaptação à internet, pode-se dizer que Brum contradiz Bradshaw (2014) ao publicar na internet textos longos e aprofundados, como seriam característicos do jornalismo impresso. Ademais, os recursos trazidos pela internet são subaproveitados. O texto que tem 45 parágrafo conta com apenas duas fotos e 16 hiperlinks.

5.2.18 Bolsonaro está espiando o Papa?

Este texto está mais ligado ao acontecimento do que ao desacontecimento. Nele, Eliane Brum discorre sobre um possível conflito entre Bolsonaro e o Papa Francisco. Para a jornalista, isso pode ocorrer porque o pontífice convocou um Sínodo (reunião de bispos) para discutir a situação da Amazônia. Isso faz com que, mesmo que as chamas se apaguem na

floresta, o debate sobre o meio ambiente e as políticas adotadas por Bolsonaro não deixem de ser discutidas. A atitude de Francisco desagrade a Bolsonaro, que sempre se posicionou contra medidas que salvaguardem o meio ambiente. Por outro lado, a Igreja Católica sempre esteve envolvida na preservação da floresta. Brum lembra casos de missionárias que foram mortas por defenderem a Amazônia e como a Igreja vem atuando para a preservação da mata e das pessoas que lá habitam sem adotar uma postura doutrinadora, como foi nos tempos coloniais.

A coluna de Brum destoa das demais por sua extensão de apenas 5 parágrafos. Ao longo do ano de 2019 os textos de Brum têm uma média de aproximadamente 42 parágrafos, ou seja, uma diferença superior a oito vezes o comprimento de “Bolsonaro está espionando o Papa?”. Contudo, como acontece em outros textos, Brum utiliza como fonte textos publicados por outros jornais. A informação central, de que Bolsonaro acionou a Agência Brasileira de Inteligência (ABIN) para monitorar o Sínodo, não parte de uma apuração de Brum, mas do Estado de S. Paulo, que é referenciado nominalmente e por meio de um dos 8 hiperlinks usados no texto.

Como a notícia central é apresentada no primeiro parágrafo, é possível dizer que o texto segue uma estrutura tradicional. Nota-se também que apenas fontes oficiais são utilizadas e que as referências a documentos são expostas como provas auxiliares. Ainda que, por analisar os bastidores dos acontecimentos políticos, a coluna de Brum se aproxime das colunas políticas, Brum não obtém informações diretamente dos integrantes da classe política, como descreve Coutinho (2005), mas comenta acontecimentos que já circulam nos noticiários.

5.2.19 “A notícia é esta: o Xingu vai morrer”

Já no título da coluna, Eliane Brum nos revela sua intenção de falar sobre uma notícia. Contudo, a notícia que ela decide abordar não foi o foco dos jornais nacionais e internacionais. Enquanto a floresta pega fogo, algo que ela concorda ser muito sério, um crime ainda maior acontece: o assassinato do rio Xingu. Ou seja, Brum reforça a narrativa que constrói ao longo de seus textos de que sua proposta é ver o que não é visto.

Brum descreve como a cidade de Altamira, o maior município do Brasil, torna-se o centro dos acontecimentos de quando em vez. Recentemente, a cidade foi ocupada por jornalistas que queriam saber sobre os incêndios na Amazônia, mas logo que o fogo se apaga a imprensa vai embora sem se importar se ele pode retornar, nem com as pessoas que estão sendo deixadas para trás. Deixam também de fora de suas pautas a notícia trazida por uma

fonte de credibilidade, o Ministério Público: o rio Xingu vai morrer. Nesse sentido, Brum se deixa pautar por uma fonte oficial, o que não é diferente do que geralmente ocorre no jornalismo, segundo a perspectiva construcionista.

Mas, segundo a jornalista, a morte do rio e toda a tragédia que virá caso isso acabe por acontecer não é do interesse da imprensa nem agora nem nunca. Brum comenta que enfrentou dificuldades quando ela e outros colegas denunciaram o crime que era a construção da usina de Belo Monte. Foi esta obra megalomaniaca a responsável pelo desalojamento e empobrecimento de diversas famílias e comunidades e é também ela a responsável pelo assassinato do rio.

Brum relata que, apesar de relatórios que apontavam para a inviabilidade da hidrelétrica de Belo Monte, os governos PT/PMDB insistiram em construí-la. Todo o processo, segundo o texto de Brum, foi recheado de corrupção. Aliás, para a jornalista, esse parece ser o único motivo pelo qual Belo Monte existe, uma vez que a baixa vazão do rio Xingu não o torna propício para a construção de uma hidrelétrica.

Nesse cenário, para que a construção dê lucros, é preciso matar o rio. As condições impostas pela administradora do empreendimento fizeram com que os peixes diminuíssem em peso, tamanho e quantidade. A consequência disso são povos indígenas e ribeirinhos tendo que abandonar seus modos de vida tradicionais para viver nas periferias do município de Altamira em condições precárias.

Eles, analfabetos, foram convencidos a assinar documentos que não sabiam o que significavam. Foram forçados a abrirem mão de suas vidas e culturas para que outros levantassem uma hidrelétrica com poucas chances de lucro. Ainda assim, foi o lucro a qualquer custo que fez os governos petistas construírem Belo Monte, na narrativa apresentada por Brum.

Percebe-se que ainda existe uma preocupação de Eliane Brum com aqueles que, como diz Bourdieu (2001), sofrem violências simbólicas, porém, essas pessoas não têm mais tanto espaço nas colunas de Brum que usa poucos recursos literários e prefere as fontes oficiais às pessoas comuns. Há de se falar, porém, que o lugar onde acontece essa narrativa, como indica a própria Brum e também a Teoria Etnoconstrucionista, é distante das redações e, portanto, tem menor foco no noticiário fora de momentos excepcionais, como quando não há um incêndio. Também como indica essa vertente construcionista, os políticos estão no foco do texto.

A jornalista acredita que a lógica, por mais que os militantes do Partido dos Trabalhadores tenham dificuldades em admitir, é semelhante à do governo Bolsonaro. Não

interessa que o rio morra e com ela as pessoas que dependem do Xingu. Brum parece acreditar que o novo presidente vê os habitantes da região do rio como um impedimento à chegada de mineradoras que poderiam explorar o local.

Usando fontes ligadas à ciência para provar seus argumentos, o que, para Tuchman (1996), é uma estratégia de objetividade, Brum defende nesse texto que existem similaridades entre os governos do PT/PMDB e o governo Bolsonaro e que nem elas nem as atitudes do presidente quanto ao meio ambiente podem ser ignoradas. Com isso, Brum apresenta aos leitores uma realidade onde os políticos são todos igualmente ruins e que a imprensa, com exceção dela própria, não dá destaque ao que deveria. Esse é um aprofundamento do que foi percebido por Gomes (2004), pois, geralmente, os jornalistas apresentam a imprensa como boa e os políticos como ruins.

Brum não ignora que o PT passa por momentos delicados e que talvez o cenário não seja o mais propício para uma autocrítica, mas, para a jornalista, a questão ambiental deveria ser prioritária, o que indica uma tentativa de agendamento do tema ambiental. Contudo, “Bolsonaro já declarou que vai retomar a construção das grandes hidrelétricas na Amazônia. Depende de cada um de nós impedir que essa dívida com a verdade seja paga pelo sacrifício da Volta Grande do Xingu e de seus povos”.

Essa e outras declarações indicam que Brum ainda se preocupa com pessoas que ela considera excluídas pela sociedade. Esta, por sua vez, é apresentada como movida pela corrupção. Ao mesmo tempo é importante notar que Brum fala pelos excluídos, mas, ao menos neste texto, não os deixa falar. Ela embasa seus argumentos com textos jornalísticos (alguns até mesmo escritos por ela), cita documentos, livros, especialistas, procuradores e até mesmo um seriado de TV, mas não conversa com representantes dos “povos da floresta”. No máximo encontramos referências generalizadas como: “os Juruna da Volta Grande batizaram 2016 de ‘ano do fim do mundo’” (BRUM, 2019s) e uma foto do cacique Giliard Juruna que, segundo a legenda da imagem é “uma das principais lideranças na luta contra a morte da Volta Grande do Xingu”, mas, mesmo assim, não é mencionado ao longo do texto e nem ouvido. Esta foto e outras duas, que mostram um peixe morto pela seca do rio e o próprio rio em 2015 compõem os únicos recursos multimidiáticos empregados e são apenas uma forma de ilustrar o texto, sem integrarem de forma vital a narrativa. O recurso trazido pela internet mais utilizado são os hiperlinks, que aparecem 20 vezes ao longo dos 36 parágrafos.

5.2.20 Como vocês se atrevem?

Eliane Brum abre sua coluna falando do discurso feito por Bolsonaro na ONU. Segundo a jornalista, o presidente “defeca pela boca, sim, mas defeca sobre a ONU.” Ela relata que Bolsonaro disse um monte de mentiras sem sentir vergonha, embora envergonhasse aqueles que estavam presentes. Para Brum, o Brasil, ainda que não possua poder atômico, tem o poder da regulação climática. Ao invés de proteger a Amazônia, o presidente a fragiliza para, em breve, abri-la para exploração. Ao corrigir as mentiras de Bolsonaro, Brum se coloca como representante da verdade, além de reforçar a ideia proposta por Gomes (2004) de que os jornalistas se apresentam como os heróis (que trazem a verdade) e apresentam os políticos como vilões (que mentem para as pessoas).

Em sua coluna, Brum afirma que Bolsonaro e suas mentiras colocam em risco não só o Brasil, mas o mundo. Ele não respeita o passado ao louvar uma ditadura que matou e torturou brasileiros, não respeita o futuro ao dizer que a Amazônia está praticamente intocada quando o mundo a viu queimando. E aqueles que viverão as consequências desse governo estão ameaçados.

O texto de Brum é, na verdade, sobre essas pessoas. Crianças como Greta Thunberg e Ágatha Félix. O título do texto foi tirado do discurso de Greta na ONU. “Como vocês se atrevem?” perguntou insistentemente a garota que teve que tomar atitude ao ver os adultos destruírem o planeta e, contraditoriamente, desejarem que a próxima geração representasse esperança.

Greta é uma criança de sorte. Sua origem permitiu que ela ocupasse a posição de liderança que exerce hoje em defesa do meio ambiente. Ela cresceu com o que muitos chamam de privilégios, mas que, como Eliane Brum faz questão de lembrar, são apenas direitos, negados à uma grande parcela da população. As crianças que não tiveram tanta sorte quanto ela vivem numa espécie de “apartheid climático”, termo emprestado pela jornalista do colega de profissão Jonathan Watts.

E por denunciar toda essa situação, Greta é atacada pelos adultos:

Até então, Greta era a menina “manipulada” com rostinho de boneca. Em seguida, a garota com o rosto afetado pelo sentimento de indignação, tornou-se a menina “explorada”. Greta não tem vontade própria em nenhum caso, como se vê. Usam então a imagem da infância para atacá-la, a infância como um rostinho bonito, incapaz de sentimentos humanos como indignação ou raiva. Usam uma infância de cartão postal para dizer que ela é uma criança perturbada. Infância só seria infância se servir ao gozo dos adultos, a imagem da criança feliz. Greta também não é perdoada por quebrar essa idealização. A infância feliz inventada por esta época é a infância

amordaçada. Só há felicidade absoluta se as crianças forem proibidas de dizer o que sentem (BRUM, 2019t).

Tentam desqualificá-la também chamando-a de “doente mental”, aproveitando-se do fato de Greta ter síndrome de Asperger, mais uma vez desqualificando seu discurso ao uni-la a outra categoria de pessoas que não tem voz. Mas, para Brum, o esforço para silenciá-la prova o quão poderoso é seu discurso, capaz de ameaçar até mesmo as grandes empresas petrolíferas.

Há outras crianças, porém, que não tem voz. Em especial as crianças negras. Muitas vezes a infância lhes é roubada, sendo até mesmo vista pelos outros como outra coisa qualquer que não crianças. São pedintes, ladrões, incômodo. A cor da pele é essencial para a definição do que se é no Brasil. Mesmo crianças que tiveram a infância garantida e cujas famílias se esforçaram para fazer suas vidas serem reconhecidas como valoráveis, podem ser vistas como matáveis pelo Estado. É o que aconteceu com Ágatha, na visão de Eliane Brum.

O que falta às crianças das favelas e das periferias, como Ágatha, a maioria delas negra, como Ágatha, são os direitos assegurados por lei à infância. É a negação dos direitos que as coloca no lugar de restos, que as coloca no lugar dos matáveis. É a polícia, o braço armado do Estado, que explicita essa condição. Eles sabem quem são as crianças e quais as infâncias que devem ser protegidas. Ou alguém imagina que um policial atiraria contra um carro nos bairros nobres do Leblon ou de Ipanema, correndo o risco de atingir uma criança branca e rica? O policial reflete, ali, na ponta, a ideologia de quem governa, e governa para uma parcela da sociedade que determina quem pode viver. No momento atual, no Rio, o governador contra o Rio, Wilson Witzel. No Brasil, o presidente contra o Brasil, Jair Bolsonaro (BRUM, 2019t).

Algumas vidas são mais matáveis que outras. Contudo, segundo a autora, no mundo em que o meio ambiente não é respeitado, todos estão sob risco de morrer. A crise ambiental afeta a todos, ainda que atinja primeiro e mais rapidamente àqueles que já são afetados por outras mazelas sociais. Esses jovens constantemente descreditados por governantes como Bolsonaro e Trump lutam pela vida de nossa espécie, escreve Brum.

É importante perceber que a autora usa dois acontecimentos para escrever este texto: a abertura da Assembleia Geral da ONU feita por Bolsonaro e o assassinato de Ágatha Félix. Mas estes não são os únicos fatores que afastam este texto do âmbito do desacontecimento. Também para isso serve a ordenação do texto, que coloca o discurso de Bolsonaro, o meio ambiente e Greta Thunberg antes de Ágatha Félix. No jornalismo, com lembra Tuchman (1996), o que vêm primeiro é visto como mais importante. E num texto escrito para a internet, onde as pessoas, como escreve Ferrari (2006), se comportam como quem passeia em um shopping, é possível que nem todos os leitores tenham chegado ao vigésimo parágrafo,

quando Brum dá atenção ao assassinato da menina brasileira, nem dado importância aos seis parágrafos dedicados à análise da morte de Ágatha que são seguidos de outros seis, dedicados novamente à Greta Thunberg, ao meio ambiente e a Bolsonaro. Brum diz no quarto parágrafo que seu objetivo é:

[...] falar da sueca Greta Thunberg, de 16 anos, e da brasileira Ágatha Félix, de 8 anos. Uma acusou os adultos de hoje de terem roubado a infância da sua geração. A outra teve a infância exterminada à bala, possivelmente uma bala da Polícia Militar do Rio de Janeiro. Pelas costas, na kombi, quando voltava para casa com a mãe, no Complexo do Alemão (BRUM, 2019t).

Mas Greta tem muito mais espaço que Ágatha no texto de Brum. Ao todo, a adolescente europeia recebe 31 menções, Ágatha Félix 12. O número é menor do que o do presidente Jair Bolsonaro, que conta com 16 menções. A discrepância já começa na linha fina, quando Brum escreve: “Greta Thunberg e Ágatha Félix: as infâncias morrem junto com as democracias”, dando a entender que as realidades das duas eram próximas. Mas Greta Thunberg não foi assassinada, Ágatha Félix, sim. Ágatha Félix não teve, enquanto viva, destaque internacional, não discursou na ONU, Brum chega a dizer “Ágatha teve, sim, infância”. Já Greta Thunberg, famosa internacionalmente, que faz discursos na ONU, “acusou os adultos de hoje de terem roubado a infância da sua geração” (BRUM, 2019). Para Brum, as duas se aproximam, uma vez que “todas as infâncias, inclusive as que têm acesso à maioria dos direitos, se tornam também matáveis e sem direitos, ao perder o direito mais fundamental de todos, que é o de imaginar um futuro onde se queira viver” (Ibid).

A tentativa de aproximação feita por Brum pode ser entendida como uma tentativa de representar todo Zé como Ulisses e vice versa, mas a diferença de espaço que cada uma das garotas e das temáticas recebe liga o texto de Brum a um âmbito muito mais tradicional, pautado por fontes oficiais e que dá destaque à notícia que acontece no centro econômico do mundo, os Estados Unidos, ao invés da notícia que ocorre no Brasil. Essas são características previstas pela Teoria Estruturalista.

Em um momento que os veículos nacionais davam destaque ao assassinato de Ágatha, Brum parece querer mostrar que o foco deveria ser outro: a emergência climática e o papel das crianças e adolescentes que “lutam pelo clima”, mais uma vez mostrando a intenção da jornalista de fazer o agendamento da pauta ambiental. A escolha das fotos que ilustram a coluna não condiz com o enfoque do texto. Uma das três fotos é de Greta Thunberg discursando, as outras duas são de manifestações feitas contra a morte de Ágatha Félix. O rosto de Ágatha só aparece porque está na camisa de alguns manifestantes. As fotos são o

único recurso multimidiático empregado. Já os hiperlinks, que aparecem 20 vezes, são o único recurso trazido pela internet que Eliane Brum utiliza.

5.2.21 Um Cristo amazônico... e mulher?

O título escolhido por Eliane Brum, a princípio, não deixa claro o teor do texto, mas a linha fina explica que o propósito é explicar “por que um encontro de católicos assusta Bolsonaro, os generais e os destruidores da floresta”. E, para começar, Brum escolhe uma frase literária: “Dizem que Deus tem senso de humor”. Para ela só isso explicaria que o Papa Francisco, líder de uma “instituição paquidérmica e com um passado bastante tenebroso”, fosse “o mais importante defensor da democracia”. A jornalista diz isso como comentário de um acontecimento. O quê? O Papa é “puro alento para quem testemunha o autoritarismo se alastrar pelo mundo”; quem? Papa Francisco; quando? Em 6 de outubro de 2019; onde? Na abertura do Sínodo da Amazônia; como? Dizendo que “O fogo de Deus [...] alimenta-se com a partilha, não com os lucros”; por quê? A Igreja Católica anseia que o sínodo seja histórico e marque seu reposicionamento.

Não há dúvidas de que a coluna de Eliane Brum se baseia em um acontecimento de conhecimento geral: uma reunião da Igreja Católica que, segundo a própria jornalista, recebeu muita atenção. Parte dessa atenção e das críticas que o evento vinha recebendo no Brasil se explica, segundo Brum, porque “Bolsonaro e seus generais colaboraram bastante para a aumentar as expectativas referentes ao Sínodo, ao considerarem o encontro uma ameaça à soberania nacional” (BRUM, 2019uu).

Neste texto, Brum destaca o papel da natureza na representação do Brasil, reforçando como o país “abriga 60% da floresta” amazônica e mais uma vez representa o país como um lugar de atraso, incompetência e inabilidade, “que tem um governante cujo principal projeto é abrir a floresta para a exploração predatória, gerando uma crise internacional após outra” e onde “a devastação e as políticas contra as populações da floresta já tinham avançado nos governos de Dilma Rousseff (PT) e se acelerado com Michel Temer (MDB). Com Bolsonaro, têm alcançado níveis de tragédia” (BRUM, 2019u).

Brum chega a dizer que “o Sínodo emprestou ao Papa Francisco luzes ainda mais celestiais em meio às trevas do autoritarismo”, e que o documento proposto no Sínodo “defende exatamente o oposto do que é a política do governo brasileiro para a floresta. E reivindica um outro tipo de desenvolvimento, colocando a Amazônia no centro e os povos da floresta como protagonistas” (BRUM, 2019u). Ao expor esses argumentos, Brum associa o

Brasil a um país que é incapaz de se desenvolver corretamente, que age de forma contrária à que os europeus e Eliane Brum acreditam ser a forma correta:

A ideia da Amazônia como “Casa Comum”, propagada pelo Papa Francisco, é compartilhada pela juventude que protagoniza os grandes protestos pelo clima, inspirada pela adolescente Greta Thunberg. A ativista alertou que “Nossa casa está em chamas”, referindo-se à emergência climática vivida pelo planeta, muito antes de o presidente francês Emmanuel Macron usar uma frase similar para referir-se aos incêndios da Amazônia, o que provocou ataques de Bolsonaro que viu na afirmação uma “ameaça à soberania” (BRUM, 2019u).

É interessante perceber a repetição da narrativa de Brum sobre ela própria como alguém que vê o que as outras pessoas não estão vendo. Essa estrutura é perceptível na frase “Também o Papa propõe um deslocamento da Amazônia para o centro, lugar que ela obrigatoriamente ocupa, mas que não é nem compreendido nem reconhecido por governantes e também por parcelas da população”. Brum afirma que o Papa propôs uma obviedade, uma vez que a Amazônia ocupar o centro é, na visão dela, algo obrigatório que a população e os governantes não percebem.

Brum também se propõe a revelar intenções ocultas desse acontecimento político, como é típico das colunas deste gênero. Para ela, “O Sínodo tem ainda o desafio de solucionar problemas bem urgentes da própria Igreja Católica na região amazônica, como a crescente e acelerada perda de fiéis para as igrejas evangélicas, em especial as neopentecostais”. Esse fato, embasado por dados de uma pesquisa realizada pelo Datafolha, faz com que a Igreja cogite a possibilidade de permitir que homens casados sejam ordenados padres na Amazônia. Brum conta que a Igreja também “tem sofrido grande pressão para reconhecer a importância das mulheres” e que “O protagonismo das mulheres é um fato na Amazônia”, onde “As freiras costumam estar muito mais presentes e inseridas no cotidiano e nas lutas que os padres”, mas Brum não acredita que o Vaticano seja capaz de conferir protagonismo às mulheres. Para ela, “pode ser mais fácil conferir feições amazônicas a Cristo do que dar a ele um rosto de mulher”.

Apesar de nos primeiros 13 parágrafos de seu texto ter defendido a importância de dar protagonismo aos povos da floresta e também às mulheres, Brum escolhe entrevistar um padre branco argentino para falar da importância do Sínodo. O entrevistado, Augusto Zampini-Davies, é diretor do Desenvolvimento e Fé do Dicastério para a Promoção do Desenvolvimento Humano Integral e é um dos especialistas que ajudou a elaborar o documento que deu as diretrizes do Sínodo. Este documento, segundo a própria Eliane Brum, consultou mais de 80 mil pessoas na Amazônia e a reunião contou com 57 bispos brasileiros.

Entre os pontos abordados na entrevista estão: a participação das mulheres, a que o padre diz já terem “algum reconhecimento, sim”; a lentidão da Igreja que, segundo o padre “está antecipando-se um pouquinho os problemas”; e questões de governo. Neste ponto, Brum tenta fazer o padre comentar sobre o governo brasileiro perguntando: “Por isso a preocupação de alguns governos como o de Jair Bolsonaro com o Sínodo?”, ao que o padre responde sem mencionar Bolsonaro ou o Brasil. Em outro ponto da entrevista ele chega a dizer que “Todos os países exploram a Amazônia”. De forma geral, as perguntas de Brum foram direcionadas a entender como e quais seriam as mudanças trazidas pelo Sínodo, buscando, em alguns momentos, orientar o assunto para o governo brasileiro, que o padre evita comentar profundamente, alegando que o Sínodo trata de toda a Amazônia e não apenas a Amazônia Brasileira. Em alguns momentos percebe-se que Eliane Brum tenta pressionar o padre, chegando a interrompê-lo uma vez.

O único recurso multimidiático usado ao longo da entrevista foi uma foto do padre, mas, tendo sido feita via Skype, seria possível ter um vídeo ou mesmo uma gravação de áudio da entrevista, o que não ocorre. Além de ser de longa extensão, contando com 87 parágrafos, a coluna também tem 19 hiperlinks e referências a textos anteriores publicados por Brum.

5.2.22 Lula livre, sim, mas sem fraudar a história

Embora não seja motivada por um acontecimento, a coluna de Eliane Brum discute um tema em debate no país naquele momento: a libertação do ex-presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Fica claro desde o título e também no primeiro parágrafo que a jornalista é a favor da libertação de Lula. A prisão do ex-presidente é, para ela, a demonstração de que “até os poderosos podem ter seus direitos violados no Brasil”, reforçando, mais uma vez, a imagem negativa que tem do País, um lugar que, todos “podem ter seus direitos violados”, ou seja, onde não se cumpre as leis, um “país dilacerado por ódios”, “polarizado” que vive “em cotidiano de exceção”, onde “as diferenças entre projetos políticos são borradas em nome do objetivo maior, o de impedir a completa destruição da democracia”, onde grupos tentam apagar os crimes que cometeram quando estavam no poder. Isso aconteceu primeiro com os militares. Para a jornalista:

A fragilidade da democracia brasileira é causada, em grande parte, pela impunidade dos crimes dos agentes de Estado na ditadura. Deste apagamento da memória nasceu uma democracia de alma deformada. Um dos principais objetivos dos grupos no poder, em especial o dos generais, é apagar suas digitais das violências cometidas durante o regime militar (1964-1985). Jair

Bolsonaro tem se esforçado para torcer os fatos e reformular o passado ao seu gosto, convertendo torturadores em heróis e violências de Estado em atos de heroísmo (BRUM, 2019v).

Mas Brum também acusa Lula e o Partido dos Trabalhadores (PT) de tentar fazer o mesmo que antes foi feito por governos autoritários. Brum escreve que:

Se o PT foi violentamente atingido pelas manobras autoritárias de forças com as quais fez alianças no passado e pode voltar a fazer nas próximas eleições, como setores do MDB, é também evidente que a truculência do bolsonarismo no poder abriu uma possibilidade para, mais uma vez, o partido operar para apagar suas digitais em crimes cometidos durante os 13 anos no poder. Pessoas que estiveram em governos do PT ou os apoiaram ativamente, nos últimos anos tiveram que encarar a dura realidade de um partido que se corrompeu. Mais recentemente, porém, parecem ter retornado ao estado de autoilusão: os abusos cometidos pelo judiciário na prisão de Lula deram [sic] um forte motivo para voltar a se sentirem no lado certo da história e promover o esquecimento dos atos arbitrários do PT. Mais uma vez se ouve de parte da esquerda que não é hora de criticar o PT. Nunca foi hora, como sabemos (BRUM, 2019v).

Esses crimes que Eliane Brum acusa o PT de ter cometido são as obras na Floresta Amazônica, consideradas “monumentos à insanidade” por Antônia Melo, que é, de acordo com Brum “a maior liderança popular do Médio Xingu”. Esta é uma das raras vezes no ano de 2019 que Brum dá destaque a uma liderança popular brasileira, ainda assim, apenas estas três palavras são citadas e Antônia Melo da Silva, ganhadora de prêmios internacionais, não pode ser considerada uma pessoa anônima. No geral, Brum diz o que pensam essas pessoas de forma generalizada e usando sua própria voz, como quando diz: “Belo Monte não é um erro, mas o que os povos do Xingu chamam, e isso desde o governo Lula, de um ‘crime contra a humanidade’”, atribuindo uma expressão a todo um povo. Coisa parecida ocorre quando ela cita um documento publicado pelos “povos da região atingida por Belo Monte, os Parakanã, Araweté e Assurini”. Ela também chega a usar a frase de “um indígena do povo Araveté”, que não é nomeado, mas a fala não foi dita para Brum e sim ao antropólogo Guilherme Heurich, este, sim, tem seu nome divulgado. Neste texto só são dados os nomes de fontes que tem comprovada respeitabilidade e nem sempre fica claro como essas declarações foram obtidas.

Lula, que é uma pessoa mundialmente conhecida e ex-presidente do país, tem várias falas reproduzidas, ainda que sejam criticadas por Eliane Brum, que comenta: “Sério. Lula disse isso mesmo. Não há menção de que tenha ficado ao menos levemente ruborizado”. Em seguida, a jornalista lista uma série de documentos e pesquisas que comprovam como os governos petistas prejudicaram os povos do Xingu, mudando seus hábitos alimentares e culturais e prejudicando, assim, sua saúde, e indica que Lula os leia para que perceba a

situação “aterradora” que se iniciou com a construção das hidrelétricas na região. Mais uma vez, Brum compara os governos do PT aos governos da ditadura militar:

O Brasil recente pode ser contado por rupturas. Mas pode ser contado também por pelo menos uma continuidade: a exploração predatória da Amazônia como política de Estado. Esta era a política dos governos da ditadura militar. E seguiu sendo a política dos governos da democracia, apesar dos direitos dos povos indígenas garantidos pela Constituição de 1988. Há semelhanças entre a política para a Amazônia desenvolvida pela ditadura e a política para a Amazônia implementada pelos governos do PT – de Lula, acelerada a partir da saída de Marina Silva do governo, a Dilma (BRUM, 2019v).

Mas se para Brum o PT era ruim, ela considera Bolsonaro ainda pior. A jornalista escreve que “Com Bolsonaro, a exploração predatória atingiu níveis incomparáveis” e completa que “O bolsonarismo tenta desfazer inclusive o que foi feito de positivo pelos governos anteriores”. Neste trecho mais uma vez é possível observar como as críticas de Brum não são veladas, mas ela evita fazer elogios abertamente. Não é dito nem quem são os governos anteriores nem o que foi feito de bom por eles.

É só nos parágrafos finais do texto que Brum retoma ao tema central: a liberação ou não de ex-presidente Lula. Ela faz isso falando da Lava Jato, operação que colocou Lula na cadeia.

A Lava Jato tem muitos significados. Sempre critiquei seus flagrantes abusos, assim como o comportamento inaceitável do então juiz Sérgio Moro. Ele e o procurador Deltan Dallagnol são os maiores inimigos da Lava Jato. Por conta de sua falta de limites e da sua vaidade continental, comprometeram também o trabalho dos procuradores sérios da Lava Jato, que desnudaram como funcionava o esquema de corrupção entre partidos e empreiteiras no país e botaram na cadeia milionários que até então tinham impunidade como direito de classe. Entre os trabalhos sérios em curso está o desvendamento do esquema de corrupção que garantiu a construção de Belo Monte contra todas as violências visíveis a olho nu. Esta violação do Estado de direito é definida por Thais Santo, procuradora federal em Altamira, de “o mundo do tudo é possível” (BRUM, 2019v).

Ao mesmo tempo que diz no começo do texto ser favorável à liberação de Lula, Brum responsabiliza Lula e o PT pela “imensa destruição em Belo Monte” e dedica seu texto a acusá-los pelas obras que ela vê como crimes. Ela escreve em seu último parágrafo: “Não haverá paz na Amazônia sem justiça. Não permitiremos o apagamento da memória. Não esqueceremos. E não deixaremos esquecer” (BRUM, 2019v).

Mas Brum esquece de, em algum momento ao longo de sua coluna de 36 parágrafos, fornecer dados que possibilitem que os leitores tomem suas próprias conclusões, como é a

proposta do jornalismo do Desacontecimento. São fornecidos pela jornalista muitos dados de como houve desmatamento nas regiões das obras das hidrelétricas, mas nenhum dado de desmatamento é dado referente à ditadura militar ou aos governos democráticos não-petistas que o seguiram. É dito que o PT piorou a vida dos índios com a construção das usinas, fato comprovado com documentos do Ministério da Saúde, mas não são fornecidos dados de como os indígenas eram tratados nos governos anteriores aos do PT. Nem representantes do partido nem Lula são ouvidos para que possam se defender das acusações de Brum. Todas as vezes que o presidente é citado, suas falas foram retiradas de entrevistas dadas a outros jornalistas.

Os recursos do formato online também são mal aproveitados. Apenas os hiperlinks são frequentemente utilizados, aparecendo 20 vezes ao longo do texto. O único recurso gráfico utilizado é uma foto de uma bandeira com o rosto de Lula pertencente ao acervo da agência de notícias Reuters.

5.2.23 Erro de projeto coloca estrutura de Belo Monte em risco

Do título ao lead este é um dos textos mais ligados ao acontecimento. Ao contrário de apenas comentar uma notícia, como é característico de uma coluna política, Brum dedica-se também a dar a notícia. Talvez por isso o texto não seja marcado como “coluna” pelo próprio *El País* e apenas é descrito desta forma no site de Brum. O primeiro parágrafo do texto responde a todas as questões do *lead* e é escrito em linguagem bastante objetiva. O quê? há problemas no projeto da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. Quem? Usina Hidrelétrica de Belo Monte. Quando? 11 de outubro de 2019. Onde? Em Belo Monte. Como? “A usina precisa manter a vazão acima do mínimo de 700 metros cúbicos”. Por quê? “se não mantiver a cota mínima de 95,20 metros no reservatório do Xingu, a onda negativa que poderá se formar devido aos ventos ‘atingirá áreas da barragem não protegidas por rocha’”.

Segundo Brum, a primeira pergunta que se deve fazer é como o projeto não contemplou “o comportamento medido e documentado do rio Xingu”. A jornalista aponta que o rio já atingiu vazões inferiores a 800 metros por cinco vezes, o que pode dar ao leitor a impressão de que o rio teria atingido níveis inferiores ao menos cinco vezes, o que não é o caso, na verdade, segundo dados apresentados pela própria Brum, o rio ficou abaixo do mínimo exigido pelo projeto (700 m³/s) apenas duas vezes em 43 anos, em 1971 (691m³/s) e 1972 (639 m³/s).

Para endossar sua opinião de que o projeto da Usina Hidrelétrica de Belo Monte foi mal feito, Brum traz comentários do doutor em Ciências da Energia pela Universidade de São

Paulo (USP), Francisco del Moral Hernández, que diz não ser possível entender como a seca foi uma surpresa para a Norte Energia, ainda que essa palavra – “surpresa” – não tenha sido citada por Brum como sendo dita por representantes da empresa nos documentos usados por ela, nos quais o diretor-presidente da Norte Energia relata que a vazão do rio chegou a 750 m³/s, portanto, acima do mínimo de 700 m³/s previstos no projeto.

Brum também cita os comentários do geólogo André Oliveira Sawakuchi, também da USP, sobre o agravamento das secas que a crise climática provocará no futuro. Ele apresenta dados de 2016 que apontam uma redução de 50% na vazão do rio Xingu, que deve ocorrer entre 2070 e 2099, e de 30% no período de 2020 a 2050. Brum conclui, a partir disso, que “o futuro também não foi contemplado numa obra que já ultrapassou o valor de 40 bilhões de reais” (BRUM, 2019). Essa conclusão, porém, é, em certa medida, contraditória, uma vez que a própria Brum, ao apontar que a obra gastou mais que o previsto (21 bilhões de reais a mais), escreve que o leilão para a construção da usina ocorreu em 2010, ou seja, seis anos antes dos estudos referidos por ela.

Brum (2019w) chega a dizer que “Desde antes da construção da hidrelétrica, especialistas de diferentes áreas denunciam que a usina é economicamente inviável devido ao período prolongado de seca do rio Xingu”, mas a jornalista não chega a mencionar quais foram esses especialistas, nem documentos que comprovem essa afirmação. Ela traz, porém, dados das denúncias de corrupção que envolvem a construção da usina. Segundo Brum, “As violações cometidas no processo de construção são denunciadas por 25 ações do Ministério Público Federal”.

O que mais chama a atenção neste texto é o uso das fontes. Todas são questionadas ou ouvidas “pelo EL PAÍS” e não por Brum. Além disso, são ouvidos especialistas, ou seja, fontes oficiais vindas, em grande medida, de São Paulo. Isso, como explicam as teorias construcionistas, é uma forma de reforçar o poder instituído. Além disso, é uma contradição com o jornalismo do desacontecimento empregado por Brum em obras anteriores. Podem ser observadas todas as estratégias de objetividade apontadas por Tuchman (1996), desde o uso judicioso de aspas, apresentação de provas auxiliares, e possibilidade do contraditório acompanhado pela ordenação do texto que indique qual opinião o leitor deve dar mais valor. É o que acontece tanto com o comunicado da Norte Energia, apresentado entre falas e dados que são contrários à Belo Monte, quanto com a informação, no último parágrafo do texto, de que a Agência Nacional de Águas (ANA) e o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) não responderam às perguntas enviadas pelo El País

no início da tarde do dia anterior à publicação do texto de Brum (divulgado às 12 horas do dia 8 de novembro de 2019), que são publicados quinzenalmente.

Também ligada à estratégia de credibilidade empregada pelo jornalismo tradicional está a opção de Brum pela escassez de falas de moradores anônimos da região. Apenas a pescadora Sara Rodrigues de Lima é ouvida, em uma declaração menor que as três linhas dedicadas à Norte Energia. Quem recebe real destaque são os vários especialistas ouvidos por Brum, em grande parte ligados à Universidade de São Paulo, com exceção da procuradora do Ministério Público Federal em Altamira, Thais Santi, e da assessora do MPF e bióloga, Cristiane Costa Carneiro.

Neste texto chama a atenção o uso de fotografias e imagens usadas como provas auxiliares. São seis imagens no total, sendo um mapa e cinco fotos. Duas dessas fotos mostram a escassez de água no Rio Xingu. Nenhuma das imagens é creditada ao El País ou à Brum. Esse pode ser considerado um dos textos que mais utilizam os recursos da internet, por essa característica mais multimidiática no uso das imagens e com o uso de hiperlinks por 26 vezes ao longo dos 18 parágrafos.

5.2.24 O AI-5 já se instala na Amazônia (e nas periferias urbanas)

Nesta coluna Eliane Brum relaciona as falas de Paulo Guedes e Eduardo Bolsonaro, que evocaram o AI-5¹⁰ à crescente violência presente nas periferias urbanas e na floresta amazônica. Segunda a jornalista, os ataques dos apoiadores de Bolsonaro às Organizações Não Governamentais (ONGs) se devem à defesa que estas instituições fazem dos povos negros e indígenas. Com uma linguagem mais objetiva do que literária, assim como no restante do texto, o primeiro parágrafo responde a quase todas as perguntas do lead. O quê? “O autoritarismo já se instalou”; quem? “o autoritarismo”; quando? 2019; onde? Na Amazônia e nas periferias urbanas; como? Aumento da violência policial (1.546 vítimas no Rio de Janeiro, “mais do que qualquer ano das últimas duas décadas”). A única pergunta não respondida é “por quê?”.

Em seguida, Brum elenca notícias que comprovam o aumento do autoritarismo na Amazônia, como a morte de Paulo Paulino Guajajara, a apreensão de documentos e computadores da ONG Saúde e Alegria pela polícia civil, o que resulta numa criminalização da ONG, e a prisão de quatro brigadistas voluntários de Alter do Chão. O objetivo, segundo

¹⁰ O Ato Institucional nº5 foi estabelecido em 1968, durante a Ditadura Militar. Este ato foi um momento chave da Ditadura, tendo representado um aumento da violência, do autoritarismo e da censura.

Brum, é “desmoralizar os agentes que combatem a destruição da floresta”. Isso porque, para a jornalista, “o principal projeto do bolsonarismo é a abertura da Amazônia” (BRUM, 2019xx).

Enquanto há uma “explosão do desmatamento” e uma “ameaça e/ou assassinato dos pequenos agricultores familiares e defensores da floresta: indígenas, quilombolas e ribeirinhos”, Eliane Brum acredita que “O bolsonarismo é competente ao usar a estratégia de controlar o noticiário e manter a sociedade e a imprensa só na reprodução e na reação”. Entende-se, com essa frase que ela está agindo de forma contrária à sociedade e à imprensa, noticiando o que não se noticia e vendo o que os outros deixam escapar. “Submerso no noticiário produzido por Brasília, este que gravita em torno das declarações de Bolsonaro e de Lula, parte do Brasil não percebeu a grandeza do que ocorreu em Altamira neste encontro”, diz Brum (2019x), referindo-se ao encontro “Amazônia Centro do Mundo”, organizado por movimentos sociais da região do Médio Xingu, que contou com a presença de lideranças indígenas, religiosas e grupos ambientalistas. O evento sofreu uma tentativa de boicote por parte de fazendeiros e de grileiros que, de acordo com Brum, tentaram impedir que os palestrantes falassem, mas foram impedidos por guerreiros Kayapó, que “entraram em sua bela formação ritual” e “criaram uma barreira humana para permitir que os organizadores do encontro pudessem falar”.

É interessante notar a maneira como Eliane Brum elogia os Kayapó. A jornalista diz que eles têm uma “bela formação ritual” e que “Os Kayapó são orgulhosos e impressionantes em suas aparições públicas”. Em geral, a jornalista é menos direta em seus elogios, ainda que ela faça a ressalva de que os Kayapó sejam orgulhosos e impressionantes “em suas aparições públicas”. Também Davi Kopenawa recebe um elogio direto, sendo classificado por Brum como “o grande xamã yanomami”.

A própria Eliane Brum recebe um elogio, desta vez indireto, de si mesma, uma vez que ela denomina a reunião homônima ocorrida uma semana antes na “Terra do Meio”, da qual foi uma das organizadoras, como “uma reunião de gente que não quer roubar terra pública para especular ou tirar minério. Só quer que a floresta fique em pé para que ela siga transpirando e salvando o planeta” (BRUM, 2019x).

A coluna, de forma geral, pode ser considerada como um relato dos acontecimentos do “Amazônia Centro do Mundo”. A literatura está presente principalmente no uso de adjetivos e na descrição das ações, mas está muito misturada ao texto objetivo. É o que acontece no seguinte parágrafo:

Um dos momentos mais emocionantes aconteceu quando um agricultor da Volta Grande do Xingu, ecossistema que está sendo secado e destruído pela usina de Belo Monte e ameaçado também pela instalação da mineradora canadense Belo Sun, pediu aos prantos, perdão aos indígenas por um dia ter ocupado terras que lhes pertenciam. Ao terminar seu discurso, um Kayapó colocou sua mão sobre a dele e, imediatamente, várias pessoas foram somando mãos. A cena tornou-se uma performance artística, não planejada, da aliança que ali estava sendo consumada (BRUM, 2019x).

Entre as características mais atípicas ao jornalismo tradicional está a transcrição da fala da líder indígena Juma Xipaya por seis parágrafos. Esta declaração foi tirada do discurso dado no evento e não é fruto de uma entrevista. O único momento que uma pessoa ordinária, ou seja, que não é liderança nem especialista, tem a fala destacada é a narração deste agricultor da Volta do Xingu. Porém, ele nem tem o nome referenciado nem é citado entre aspas. Em outro momento a jornalista escreve que: “Ao final do encontro em Altamira um estudante comentaria, visivelmente abalado: ‘Quando falam na floresta os indígenas doem, né? Eles não estão falando de outra coisa, fora deles, mas da mesma coisa. Eles são floresta. Só entendi isso agora’” (BRUM, 2019x). Devido ao uso do verbo comentar no futuro do pretérito e da não menção do nome do estudante, não é possível ter certeza se a fala é real ou inventada pela jornalista, o que caracterizaria uma intervenção literária. Contudo outros personagens são citados sem nome, como é o caso do “antropólogo da banda podre” que perguntou sobre a “CPI das ONGs” para o senador Lucas Barreto, do (PSD), que também tem uma fala citada indiretamente, sem o uso de aspas.

Em sua coluna, Eliane Brum reforça a imagem do Brasil como um país definido pela natureza. Ela escreve que “O Brasil tem hoje importância no cenário global principalmente por causa da Amazônia” e é ele “que empresta relevância estratégica ao Brasil”. Observa-se que o uso do termo “empresta” deixa claro que, para Brum, o País não tem relevância estratégica, somente a Amazônia a tem e apenas o fato de abrigar 60% do bioma que “faz o Brasil um país necessário”.

Já os brasileiros se dividem em dois grupos, a parcela da sociedade brasileira, da qual Brum faz parte, “que defende a vida, a democracia e a justiça”, que percebe que “A riqueza da Amazônia é a sua imensa biodiversidade e a capacidade da floresta de, como um gigantesco coração, bombear água para a atmosfera” e a parcela que “continua acreditando que a riqueza da Amazônia é o minério embaixo da terra e a quantidade de terra para a especulação” seja “porque é burra e desinformada” ou “porque só se interessa por lucros privados e imediatos”.

Para Brum, até mesmo parte da imprensa brasileira pode estar incluída neste segundo grupo, uma vez que

Parte da imprensa tem colaborado com o método, ao divulgar prisões sem verificar o contexto nem fazer investigação própria. Quando alguém é preso no Brasil, o estigma gruda na pele, a condenação pública precede todo o rito legal. Os agentes de segurança e da justiça abusam do poder para promover linchamentos. E é exatamente este o objetivo. A suspeição lançada sobre pessoas e organizações pode durar para sempre, como a história já mostrou (BRUM, 2019x).

A própria Eliane Brum, por outro lado, está no grupo dos bons. Observa-se uma forte presença da autorreferência no texto, reforçando uma narrativa de que ela está no grupo dos mocinhos, enquanto os demais jornalistas compactuam com o poder instituído, como é apresentado nas teorias construcionistas. Além disso, Brum tenta agendar a temática ambiental que, para ela, é pouco abordada na imprensa.

É apenas do fim do texto que Brum retoma ao seu argumento inicial, ao relatar que no dia 25 de novembro de 2019 policiais armados fiscalizaram cartazes de protesto de pessoas que foram atingidas por Belo Monte e esperavam o início da reunião pública com senadores. “É assim que se institui o AI-5 sem nenhum documento, assinatura ou anúncio oficial”, escreve Brum na última frase da coluna que conta com 31 parágrafos. Este também é o primeiro texto acompanhado de um vídeo além de fotos, ainda que estes não sejam essenciais para a compreensão do texto e, portanto, não sejam parte intrínseca de sua narrativa, pode-se dizer que aproveita melhor os recursos multimidiáticos possibilitados pela internet, além de contar com 16 hiperlinks.

5.2.25 Belo Monte, a obra que une os polos políticos

Na penúltima coluna do ano, Eliane Brum apresenta um bastidor da política ao qual não estão dando atenção: o fato de que apesar de “A polarização entre o bolsonarismo e o petismo [ser] uma realidade [...] Sem enfrentarmos os porquês deste orgulho pela realização de Belo Monte, capaz de superar a atual polarização política no Brasil, seguiremos barrados como país” (BRUM, 2019y).

Nesta frase percebe-se que Brum acredita que o Brasil é um país “barrado” e, em seguida, ela apresenta o país como sendo um lugar de corrupção, onde se faz “propinoduto”, se desrespeita orçamentos e se tenta enganar o povo. Parte disso pode ser observado no trecho: “Belo Monte é apresentada como a quarta maior hidrelétrica do mundo. É importante esclarecer, porém, que a capacidade instalada – mais de 11 mil megawatts – é diferente do que efetivamente a usina vai produzir”. Brum também reforça a imagem negativa dos políticos ao destacar investigações de corrupção e ao apontar que “Perceber o que quebra a

polarização é tão importante –ou até mais– quanto perceber o que a mantém” (BRUM, 2019), ou seja, “político é tudo igual”, como é dito no senso comum. Mas se todos são ruins, talvez o Partido dos Trabalhadores seja pior:

Belo monte é produto de uma visão de desenvolvimento para a Amazônia estruturada durante a ditadura militar que nunca deixou de estar presente nos governos da democracia.

Em nenhum deles, porém, essa visão foi tão vitalizada quanto nos governos do Partido dos Trabalhadores. Na construção da obra, em si, mas também na forma como Belo Monte foi imposta às populações atingidas e ao país. Do leilão à inauguração desta última turbina, a hidrelétrica pode ser contada por uma sequência de violações de direitos humanos, animais e ambientais em conluio com os governos e com a conivência de parte do judiciário.

[...] Um dia, se restar algum resquício de democracia no Brasil, essas violações serão julgadas (BRUM, 2019y).

Brum mais uma vez se apresenta como aquela que vê o que muitos não veem ao ressaltar como ela fala contra Belo Monte desde 2011, enquanto os políticos, como o governador do Pará e ministro de Minas e Energia de Bolsonaro

[...] enaltecem todas as grandes obras e os minérios e a indústria e a engenharia etc. Esqueceram-se por completo do que é a maior riqueza da floresta. Ou seja, a própria floresta em pé, que salva o planeta todos os dias pela sua capacidade de regular o clima. Esta que ainda empresta relevância ao Brasil, país que não para de se apequenar diante da comunidade global. Poderíamos criar uma bolsa de apostas para tentar descobrir se as autoridades brasileiras vão chegar ao século 21 antes ou depois do fim do mundo (BRUM, 2019y).

Contudo, a visão do Brasil como um lugar de atraso que só tem relevância pela natureza não é característica do século XXI, mas remonta ao século XIX, quando, em 1838, há uma tentativa de construção de identidade nacional por parte do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), que incentivou pesquisas que privilegiavam a narrativa do Brasil como uma país de natureza exuberante, visão iluminista europeia sobre a natureza, que serviu à época para ocultar as mazelas da escravidão (GUIMARÃES, 1988; REIS, 2001).

Mas Brum insiste que o Brasil constrói ruínas e se orgulha delas. Para comprovar sua narrativa, Brum extrai falas de políticos em seus discursos, mas não os entrevista. Também traz falas genéricas, sem fonte exata, como ocorre no trecho: “Gente demais, à direita e também à esquerda, gosta de repetir: ‘Chega de falar de Belo Monte, é fato consumado’. Fato consumado para quem?”, e repete trechos de documentos que já usou antes e de textos que ela mesma escreveu.

No fim deste texto Eliane Brum faz uma proposta, não de algo efetivo que possa mudar a realidade do que ela dá a entender que não está consumado, mas de uma nova polarização:

O que proponho aqui não é o fim da polarização. Mas uma outra polarização que me parece urgente em tempos de escalada do autoritarismo bolsonarista: a dos direitos humanos contra a violação dos direitos humanos, a dos direitos da natureza contra a violação dos direitos da natureza, a do conhecimento contra a ignorância, a da democracia contra a quebra do Estado de Direito, a da centralidade da Amazônia viva para todos contra a predação da Amazônia para poucos. A verdade contra todas as mentiras (BRUM, 2019y).

Esta coluna é um típico exemplo da coluna política tradicional, em que o colunista pretende demonstrar um bastidor, ou seja, o que não está sendo visto, e dá ênfase à sua própria opinião, sem muita interlocução. Neste texto não há presença do jornalismo do desacompanhamento: Brum comenta a inauguração por políticos, apenas cita falas de políticos, e documentos, fazendo um uso judicioso de aspas ao escolher falas que interessam à comprovação de seu ponto e vista. Ao mesmo tempo que diz que a Amazônia e seu povo devem ser colocados no centro, quem ela chama em outros textos de “povo da floresta” não tem direito à fala nos 29 parágrafos do texto. Os recursos multimidiáticos também não são aproveitados, há apenas uma foto que não é essencial para a construção da narrativa e os hiperlinks são usados 12 vezes.

Novamente, Eliane Brum cria um enredo maniqueísta ao procurar agendar a questão da hidrelétrica de Belo Monte. De um lado, os políticos, sejam eles do grupo de Bolsonaro, do Partido dos Trabalhadores ou de Michel Temer, são tratados como vilões e, do outro lado, estão as minorias, vítimas dos grupos políticos. Brum tenta se colocar como a voz das minorias, a que denuncia, a que vê o que ninguém vê.

5.2.26 Protejam Erasmo: ele pode ser assassinado a qualquer momento

Apesar de ter um título bastante direto, este é um dos textos mais literários de Eliane Brum no ano de 2019. Ainda assim, o texto é embasado em uma notícia, que se revela no terceiro parágrafo: “Entre 4 e 9 de dezembro, dois homens já foram assassinados em Anapu”. Erasmo pode ser mais uma vítima e, com o propósito de incentivar que ele seja protegido, Brum cria, ao longo dos dois primeiros parágrafos, uma relação de identificação e solidariedade entre leitor e personagem, como é característico da literatura.

Quando eu vi Erasmo Alves Teófilo pela primeira vez, o que me chamou a atenção foi aquele homem se movimentando muito rápido numa velha cadeira de plástico branca. Vítima de paralisia infantil, porque não havia vacina onde ele vivia, Erasmo não pode caminhar. Mas lidera. Este homem que só conta com uma cadeira de plástico branca luta pela vida de cerca de 300 famílias de agricultores e pescadores na Volta Grande do Xingu, em Anapu, na Amazônia paraense, uma das regiões mais sangrentas da Amazônia. Este homem sem movimento nas pernas movimenta-se mais do que a maioria dos brasileiros para manter a floresta em pé. Hoje, ele também conta com pouco mais do que sua cadeira de plástico para escapar da morte (BRUM, 2019z).

A coluna se divide em 8 tópicos, iniciando-se com “Os defensores da floresta temem não ver o Ana Novo” e terminando com “Como proteger Erasmo?”. A primeira parte é dedicada a dar um contexto do que está acontecendo: com o fim de ano, as ONGs e instituições que ajudam a defender os “agricultores familiares, ribeirinhos, quilombolas e indígenas” entram de férias ou recesso e essas populações ficam mais vulneráveis aos grileiros, chamados por Brum de “ladrões de terra da União”. Prova disso é que “Em pouco mais de 40 dias, entre novembro e dezembro, quatro indígenas do povo Guajajara, na Amazônia maranhense, foram assassinados” (BRUM, 2019z).

A segunda parte é intitulada “Por que Anapu se tornou um campo de cadáveres” e é dedicada à história da região como sendo uma terra sem lei desde que os militares implementaram a política do “integrar para não entregar” e incentivaram a migração para a exploração agropecuária na Amazônia. O trecho tem oito parágrafos dos quais sete servem como uma contestação de Brum à afirmação do personagem central, Erasmo.

Pergunto a Erasmo, cada vez mais perto da morte matada, vivendo numa casa que até o sopro do Lobo Mau das histórias infantis pode colocar em risco, se ele acredita na lei. Ele responde: “Eu acredito. Especialmente na lei federal. Se não acreditasse, eu não estaria aqui”. Erasmo vive numa terra em que o mais forte é a lei. Erasmo é o mais fraco na terra da lei do mais forte. E Erasmo acredita na lei, esta representada pela Constituição, esta supostamente acima dos indivíduos, em defesa da coletividade. Sinto vontade de repetir esta frase dezenas de vezes e escrevê-la de trás para frente e de cima para baixo, para ver se sob algum ângulo o mistério se revela. Sentado na cadeira de plástico branco que lhe servem de pernas, sacaneado mil vezes e mais outras mil vezes. Erasmo é um brasileiro que acredita na lei (BRUM, 2019z).

Eliane Brum parece não acreditar na lei que apenas “supostamente” está acima dos indivíduos. Brum escreve sobre “a lei do mais forte” e acha um “mistério” alguém acreditar na lei representada pela Constituição. Brum se contrapõe à crença de Erasmo na lei e não permite que este explique o motivo da sua crença, ainda que Brum tenha espaço para falar das razões da própria descrença.

Na terceira parte do texto “A janela histórica perdida”, Brum reclama que o Partido dos Trabalhadores não fez o suficiente. “Embora algumas ações e políticas tenham sido implementadas, porém, a reforma agrária não foi realizada. E a oportunidade foi perdida”. O uso das expressões “embora” e “porém” indicam que Eliane Brum quer ressaltar o que não foi feito. Brum admite que “até 2014 os grileiros mantiveram uma atuação persistente, mas discreta”, creditando este fato parte à atuação do governo e parte à repercussão do assassinato da freira Dorothy Stang.

Na quarta subdivisão do texto, “O sangue dos Resplandes encharca a terra”, Brum relata como a situação piorou a partir de 2015. Entre 2015 e 2019 aconteceram 15 ou 19 (a depender da fonte) assassinatos ligados à terra e “Como parte da política parece não ter muito interesse em investigar, a maioria dos crimes segue impunes”.

O nome da seção se deve aos assassinatos na família Resplandes, em 2018. Três membros de uma mesma família foram marcados na lista de morte dos pistoleiros. Com a morte mais recente, os Resplandes tiveram que fugir. Entende-se que Brum conversou com Iracy Resplandes dos Santos, mas nenhuma fala dela é citada diretamente.

Iracy Resplandes dos Santos, 53 anos, vive acuada. Claramente está com depressão, mas conta não ter confiança de buscar tratamento. Disseram a ela que a dor pode ser aplacada com tricô. Mas ela começa a tricotar e não consegue continuar. Vive o luto do filho mais velho, do irmão e do sobrinho. Em novembro, atravessou dias e noites no hospital cuidando do filho baleado, temendo sua morte. Iracy tem dor e tem medo. Tem desespero. Tudo o que sonhou era um pedaço de terra para plantar. Acabou tendo que semear cadáveres. E nada indica que esta semeadura de corpos humanos irá parar (BRUM, 2019z).

Já Padre Amaro, tema do tópico seguinte, “O crime contra Padre Amaro”, conta com a reprodução de um trecho de sua entrevista dada ao *The Guardian* em que o padre fala da possibilidade de ser preso como estratégia dos grileiros para o silenciarem, o que duas semanas depois da entrevista acabou acontecendo. Brum denuncia que

A prisão de Padre Amaro foi precursora do método usado recentemente em Alter do Chão, na região de Santarém. No final de novembro, quatro brigadistas voluntários, que trabalhavam em conjunto com o corpo de bombeiros locais para apagar os incêndios na floresta, sob a falsa acusação de, justamente, atear fogo na mata. Na mesma data, a ONG Saúde e Alegria, uma das mais premiadas e respeitadas organizações brasileiras, foi invadida pela polícia e teve computadores e documentos apreendidos. É a nova etapa de criminalização justamente daqueles que ou denunciam os verdadeiros criminosos ou trabalham para combater seus crimes ou, ainda para fortalecer a população local. Pesquisadores da área de segurança apontam que há um crescente aparelhamento das polícias para atuar na defesa de interesses privados (BRUM, 2019z).

Em “Dezembro de sangue”, sexta parte do texto, é dada uma explicação para a escassez de entrevistas: o medo de morrer que o povo sente desde que Bolsonaro assumiu o poder. Brum relata que, desde a eleição de Bolsonaro, a violência aumentou. Brum cita os casos de Márcio Rodrigues dos Reis, de 33 anos, que “teria ‘morrido por falar demais’” e do ex-vereador do PT e conselheiro tutelar Paulo Anacleto.

Este texto é um misto do jornalismo literário, presente na descrição dos personagens e de alguns acontecimentos e do jornalismo objetivo, presente em momentos como o seguinte:

Apesar de tentar por três dias seguidos, o EL PAÍS, não conseguiu informações da polícia do Pará em nenhum nível – local, regional e estadual. O delegado Lucas Luz, responsável pela Delegacia de Conflitos Agrários (DECA), especializada sediada em Altamira, a maior cidade da região, afirmou que não poderia falar sobre os casos porque estariam “sob segredo de Justiça”. A reportagem enviou email [sic] para a Polícia Civil do Estado do Pará. A assessoria da corporação informou que o pedido estava “em análise” – e não respondeu até a publicação do artigo. Em Anapu, os dois telefones divulgados da delegacia local aparentemente não funcionam ou não são atendidos (BRUM, 2019z).

Esse elemento é também percebido ao observarmos que as pessoas cuja credibilidade é garantida pela sociedade, como padres e membros do Ministério Público Federal, tem suas falas mais destacadas e não criticadas do que as fontes comuns. A mesma lógica está presente na parte 7 do texto: “Por que agora?”. Nela, Brum traz a fala do cientista social e professor da Universidade Federal do Pará Maurício Torres, além de dados e informações extraídas de projetos de lei e medidas provisórias que comprovam os malefícios da grilagem e como ela foi facilitada pelos governos Lula, Temer e Bolsonaro. Apesar de criticar o código florestal aprovado em 2012, Dilma Rousseff, que era presidente na época, não é citada.

No último tópico do texto Eliane Brum indaga “Como proteger Erasmo?”, mas não apresenta resposta. Brum diz que Erasmo está ameaçado, como Dorothy Stang esteve, relata que tentaram provocá-lo e fazê-lo sair de casa para encarar um “capanga do grileiro” que ameaçou Dorothy, mas nenhuma fala de Erasmo é citada aqui, apenas a de Dorothy. Este é mais um sinal de que Eliane Brum está dando prioridade para as falas de pessoas de credibilidade reconhecida, ainda que Erasmo tenha tido uma fala sua reproduzida e logo em seguida criticada pela autora.

Brum também não faz bom uso dos recursos da internet. Neste texto, os hiperlinks são usados 16 vezes nos 53 parágrafos e há apenas uma foto que não compõe a narrativa de forma essencial.

5.3 UM OLHAR POSSÍVEL

Após analisar cada um dos textos publicados por Brum ao longo de 2019, é possível fazer conclusões do conjunto de acordo com as sete categorias definidas:

1- Acontecimento *versus* desacontecimento: nesta categoria serão analisadas as temáticas tratadas por Eliane Brum, com o objetivo de averiguar se elas se aproximam daquelas abordadas pelo jornalismo do desacontecimento, com foco em situações do cotidiano de pessoas comuns, ou da lógica do acontecimento, ligado ao extraordinário. Também será observado o enquadramento dado pela jornalista, a fim de sabermos se a jornalista dá uma perspectiva do desacontecimento à temas amplamente abordados pela mídia tradicional;

2 – Fontes e personagens: aqui serão observadas as pessoas e instituições citadas direta ou indiretamente por Brum em suas colunas, assim como seu pertencimento à classe de especialistas ou de pessoas ordinárias (típicas do jornalismo do desacontecimento) bem como de que forma Brum obteve essas falas. Como personagens serão entendidos aqueles que, ao longo das colunas publicadas por Brum em 2019 obtiveram destaque frequente.

3 – A imagem de Brasil construída por Eliane Brum: nesta categoria compararemos a imagem que Brum tem do Brasil e dos brasileiros com o que pensam os principais pensadores sobre o país, como Freyre (2004a e 2004b), Holanda (1987), Souza (2009), Schwarcz e Starling (2018). Essa perspectiva é observada em todos os textos, mas é vista com mais profundidade nas cinco colunas em que, proporcionalmente, Brum usou os termos Brasil e brasileiros com mais frequência.

4 – Narrativas jornalísticas: nesta categoria será observada de que forma Brum se aproxima ou se distancia da narrativa tradicional do jornalismo, como o uso do lead, de uma estrutura da notícia que usa a pirâmide invertida e do jornalismo declaratório, conforme descritos nos rituais estratégicos de Tuchman (1996).

5 – O caráter opinativo do texto: aqui serão observados aspectos que assemelham ou diferenciam as colunas publicadas por Brum em 2019 do que se entende por colunas e blogs políticos, conforme explicado por Coutinho (2005) e Aldé *et al* (2007).

6 – Elementos empregados do jornalismo literário: nesta categoria será observada a aplicação ou não dos elementos do jornalismo literário, em especial a estrela de sete pontas descrita por Pena (2013).

7 – Características do webjornalismo: esta categoria é dedicada a averiguar os pontos em que Eliane Brum utilizou os recursos trazidos pelo jornalismo online, como descritos por Salaverria (2014), Ferrari (2006) e Castells (2017).

5.3.1 Acontecimento *versus* Desacontecimento

Eliane Brum ficou conhecida por fazer um jornalismo diferente, que privilegiava o cotidiano de pessoas comuns, os Zés, que sob o olhar de Eliane Brum, tornavam-se Ulisses. A proposta era similar à de Gay Talese em seu livro “Fama e Anonimato” e o estilo de jornalismo chamado por ele de *New New Journalism*, ou Novo Jornalismo Novo. Mas a maneira de fazer jornalismo proposta por Brum não se interessava pelo lado comum dos famosos e sim pelo que Leão (2019) chamou de “herói do cotidiano”, a quem Brum chama de “invisíveis”, aqueles que ninguém vê.

Contudo, ao analisar as 26 colunas publicadas pela jornalista ao longo do ano de 2019, percebe-se que a jornalista se distanciou do desacontecimento. Nenhum dos textos publicados focam exclusivamente no cotidiano de pessoas comuns. No Quadro 2, pode-se observar os temas em destaque em cada uma das colunas.

Quadro 1 – Temáticas abordadas

<i>Título</i>	<i>Publicação</i>	<i>Temática central</i>	<i>Temática Secundária</i>
<i>O homem mediano assume o poder</i>	04/01/19	Posse de Bolsonaro	O que levou à eleição de Bolsonaro
<i>O chanceler quer apagar a história do Brasil</i>	16/01/19	O discurso de Ernesto Araújo em sua posse	A visão que se tem dos indígenas
<i>Mourão, o moderado</i>	01/02/19	Por que Mourão se tornou mais palatável	O governo desastroso de Bolsonaro
<i>As crianças tomam conta do mundo</i>	01/03/19	Crianças estão lutando contra o aquecimento global	Brasil não sabe lidar com as questões climáticas
<i>Bolsonaro (des)governa o Brasil pelo Twitter</i>	07/03/19	A irresponsabilidade de Bolsonaro ao governar o Brasil	A influência da família de Bolsonaro no governo
<i>Quem mandou matar Marielle? E por quê?</i>	14/03/19	Morte de Marielle e a falta de solução para o crime	Queda da democracia brasileira
<i>Bolsonaro manda festejar o crime</i>	28/03/19	Bolsonaro defende a ditadura	Falta de ação do povo brasileiro frente à violência
<i>Cem dias sob o domínio dos perversos</i>	12/04/19	O modo de governar de Bolsonaro	Bolsonaro tomou conta dos assuntos cotidianos
<i>O “mártir” governa</i>	25/04/19	Descontentamento com o governo	Comentário do vídeo lançado por Olavo de Carvalho
<i>EU + UM + UM + UM+</i>	16/05/19	A falta de união da população	Internet como espaço de não ação

<i>O golpe de Bolsonaro é pela família, contra a nação</i>	23/05/19	A tentativa de Bolsonaro de promover um autogolpe	O Brasil está dominado por pessoas que abandonaram a racionalidade pela fé
<i>A potência da primeira geração sem esperança</i>	06/06/19	É preciso não ter esperança	Como os jovens europeus que lutam pelo meio ambiente são extraordinários
<i>Ei, Bolsonaro, até o pênis está diminuindo</i>	20/06/19	Efeitos do agrotóxico no Meio Ambiente	Obsessão do presidente com pênis
<i>MBL usa o aborto para reposicionar a marca</i>	04/07/19	Estratégias do MBL para atrair público	Aborto
<i>“Empresários não podem ser batedores de carteiras”</i>	17/07/19	Perfil empresário da Mercur	Desenvolvimento sustentável
<i>Doente de Brasil</i>	03/08/19	Aumento da ansiedade e depressão no Brasil	Insatisfação com o governo
<i>As crianças de Altamira</i>	15/08/19	Violência do Estado contra o povo	Rebelião em prisão
<i>Bolsonaro está espionando o Papa?</i>	04/09/19	Meio Ambiente/Amazônia	Política Internacional
<i>"A notícia é esta: o Xingu vai morrer"</i>	13/09/19	Morte do rio Xingu	Similaridades PT/Bolsonaro
<i>Como vocês se atrevem?</i>	27/09/19	Apartheid climático e infâncias perdidas	Discurso de Bolsonaro e Greta na ONU. Morte de Ágatha
<i>Um Cristo amazônico... e mulher?</i>	09/10/19	Sínodo da Igreja Católica para discutir a Amazônia	A falta de ação com relação à crise climática
<i>Lula livre, sim, mas sem fraudar a história</i>	24/10/19	Lula deve ou não ser libertado?	Lula e o PT cometeram crimes contra o Brasil
<i>Erro de projeto coloca estrutura de Belo Monte em risco</i>	08/11/19	O projeto de Belo Monte foi mal feito	O projeto de Belo Monte foi mal feito
<i>O AI-5 já se instala na Amazônia (e nas periferias urbanas)</i>	27/11/19	Reunião em Altamira reúne líderes indígenas, acadêmicos e ambientalistas	Volta do autoritarismo no Brasil
<i>Belo Monte, a obra que une os polos políticos</i>	05/12/19	Inauguração da última turbina de Belo Monte	Construção de Belo Monte foi um crime
<i>Protejam Erasmo: ele pode ser assassinado a qualquer momento</i>	21/12/19	O autoritarismo e a impunidade crescem na Amazônia	Erasmo é um dos líderes da Amazônia que correm risco de vida.

Fonte: elaborada pela autora com base em dados do El País (2021)

Percebe-se que o acontecimento predomina frente ao desacontecimento. Alguns textos, porém, como “EU + UM + UM + UM+” (16/05/19), ““Empresários não podem ser batedores de carteira”” (17/07/19) e “As crianças de Altamira” (15/08/2019) têm alguma ligação com o desacontecimento, ainda que não possam ser considerados como totalmente pertencentes a esse gênero jornalístico.

“EU + UM + UM + UM+” diferencia-se por aparentar ter sido motivado por uma conversa entre Eliane Brum e o poeta Elio Alves da Silva em que este chega a uma conclusão parecida com a do sociólogo Zygmunt Bauman.

Mais tarde eu leria uma conversa entre o sociólogo polonês Zygmunt Bauman e o jornalista italiano Ezio Mauro, publicada em livro [...] O poeta oral, já que analfabeto da escrita, e dois pensadores reconhecidos do mundo acadêmico, com vários livros publicados, chegaram à mesma conclusão por caminhos diferentes (BRUM, 2019j).

Esta apresentação de duas pessoas, uma comum e outra célebre, como sendo iguais está dentro da lógica do jornalismo do desacontecimento, bem como o primeiro parágrafo que não dá uma notícia, específica, mas está cheio de questões. Por outro lado, as notícias não deixam de ser mencionadas ao longo do texto e são usadas para endossar o argumento da jornalista, assim como a fala de Elio Alves e Zygmunt Bauman, de que é necessário agir e para isso precisa-se ter união. Por ser um dos textos menos embasados no extraordinário e nos acontecimentos do noticiário, esta é a coluna que mais se aproxima do desacontecimento.

Já ““Empresários não podem ser batedores de carteira”” se mistura pouco ao jornalismo do desacontecimento. Trata-se do perfil de um empresário e não foi motivado por uma notícia do mundo político, mas a angulação dada pela jornalista é diferente daquela trazida por Gay Talese e por ela própria de que mesmo o extraordinário pode ser comum. Jorge Holzel, acionista da Mercur, não pode ser classificado como um invisível na sociedade e a abordagem que Brum faz dele o torna ainda mais extraordinário: um homem de negócios que se preocupa com a Amazônia e convive com os povos indígenas. A própria jornalista chega a classificá-lo como um empresário “diferente”. Além disso, Brum pede, em suas perguntas, que Holzel analise aspectos da política nacional, como a atuação do “mercado” no impeachment de Dilma Rousseff e na eleição de Bolsonaro, ambos fatos ligados ao acontecimento.

“As crianças de Altamira”, por sua vez, aproxima-se, em sua narrativa, do jornalismo do desacontecimento. Ainda que não use exclusivamente fontes anônimas, é inegável que, ao narrar a história da menina com nome de rua e do menino com nome de jogador de futebol, a jornalista dá espaço para o cotidiano dos invisíveis. Entretanto, também é impossível ignorar que houve uma notícia por trás da coluna: o massacre do presídio em Altamira. Por esta razão, este texto não pode ser considerado como ligado exclusivamente ao desacontecimento.

Contudo, é possível observar uma tentativa por parte de Eliane Brum de ver o que ninguém mais vê. Ainda que seus textos publicados ao longo de 2019 sejam mais próximos

do extraordinário do que do ordinário, a jornalista em vários momentos coloca acontecimentos recentes no final do texto e escreve o *lead* como se a notícia fosse outra.

É o que acontece no texto “Bolsonaro (des)governa o Brasil pelo Twitter”. À época Bolsonaro havia provocado uma crise com uma postagem sobre a prática sexual *golden shower*. Esse acontecimento aparece no final do texto de Brum, mas a notícia destacada por ela no primeiro parágrafo é a de que “O Brasil se tornou o laboratório do novo autoritarismo” (BRUM, 2019e). O mesmo acontece em “A notícia é esta: o Xingu vai morrer”, quando Brum critica os demais veículos de imprensa por darem destaque apenas aos incêndios que estavam acontecendo na floresta amazônica e não à “verdadeira” notícia, a seca no rio Xingu que coloca o rio e as pessoas que dependem dele em risco.

Isso não quer dizer que as pautas tradicionais não foram abordadas por Eliane Brum, que cobriu os 100 primeiros dias de governo em “Cem dias sob o domínio dos perversos”, a posse de Ernesto Araújo em “O chanceler quer apagar a história do Brasil”, a posse de Bolsonaro em “O homem mediano assume o poder”, o aniversário de um ano da morte de Marielle Franco em “Quem mandou matar Marielle? E por quê?”.

5.3.2 Fontes e personagens

Fontes e personagens são centrais para a caracterização de um texto como parte do jornalismo do desacontecimento. Quadros (2018) concluiu que Eliane Brum priorizava fontes que eram excluídas pela sociedade em seus livros *A vida que ninguém vê* e *O olho da rua*. Segundo a autora, o fator de exclusão mais recorrente era a pobreza, mas também eram usados como critério a presença de deficiência, a idade, o gênero e a região que habita. Em 2019, porém, ao mudar para o gênero de colunas políticas, Eliane Brum não ouviu com frequência pessoas que podem ser consideradas excluídas pela sociedade.

No Quadro 2 é possível observar as fontes usadas por Eliane Brum em seus textos. Foram classificadas como fontes pessoas ou instituições em que Brum faz referências às falas, seja de forma de citação direta, com uso de aspas, ou indireta, quando Brum relata o que foi dito.

Quadro 2 – Fontes utilizadas

Título	Publicação	Fontes
O homem mediano assume o poder	04/01/19	1. Denisa Paraná (biógrafa de Lula e historiadora) – não fica claro como Brum obteve a declaração; 2. Nicolau Sevcenko (historiador) – não fica claro como Brum obteve a declaração;

		<ol style="list-style-type: none"> 3. “As pesquisas de intenção de voto” (não especifica quais) 4. Jair Bolsonaro – em discurso; 5. Ernesto Araújo – “em artigo publicado numa revista americana”.
O chanceler quer apagar a história do Brasil	16/01/19	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ernesto Araújo – em seu discurso de posse, em artigo publicado; 2. Jair Bolsonaro – afirmações durante a campanha e “logo após a eleição”; 3. Daniel Patrick Moynihan (senador estadunidense) – em frase célebre; 4. Vinícius Rodrigues Vieira (professor da USP) – em artigo no Nexa; 5. José de Alencar – trechos de O Guarani; 6. Hamilton Mourão – em “declaração”; 7. Constituição; 8. Pesquisa DataFolha; 9. Editorial do Instituto Socioambiental; 10. A "imprensa séria"
Mourão, o moderado	01/02/19	<ol style="list-style-type: none"> 1. Eduardo Bolsonaro – em entrevista à repórter Josette Goulart, da Folha de S. Paulo; 2. Hamilton Mourão – em postagens no Twitter, discursos, entrevista à Globo News e à jornalista Mônica Bérghamo da Folha de S. Paulo, 3. Embaixador da Alemanha (sem nome mencionado) – não fica claro como Brum obteve a declaração; 4. Jair Bolsonaro – postagens no Twitter, falas no Fórum Econômico Mundial de Davos, entrevista ao O Globo, entrevista à Lally Weymouth do Washington Post; 5. O Globo – reportagem sobre ameaças à Jean Wyllys; 6. Washington Post – comentário sobre atuação de Bolsonaro em Davos, mas não fica claro como Brum obteve a declaração; 7. Uma colunista do Le Monde (sem nome mencionado) – no Twitter, 8. Robert Shiller (ganhador do prêmio Nobel de economia e professor de Yale) – depois de ouvir Bolsonaro em Davos, mas não fica claro como Brum conseguiu a declaração; 9. Greta Thunberg – discurso na Cúpula Mundial do Clima; 10. BBC News Brasil – reportagem sobre Flávio Bolsonaro; 11. Janaína Paschoal – em entrevista ao jornalista Luiz Maklouf Carvalho do jornal O Estado de S. Paulo, 12. Olavo de Carvalho – em vídeo das redes sociais; 13. Rubens Valente (jornalista) – em reportagem da Folha de S. Paulo.
As crianças tomam conta do mundo	01/03/19	<ol style="list-style-type: none"> 1. Greta Thunberg – discursos, artigos e entrevista à revista New Yorker, 2. Amiga sem nome – conversa informal; 3. Jornalista Tânia Monteiro – em texto publicado pelo jornal O Estado de S. Paulo; 4. Augusto Heleno segundo O Estado de S. Paulo, 5. Gabinete de Segurança Institucional – em nota;

		<ol style="list-style-type: none"> 6. Scott Morrison (primeiro-ministro australiano) – em fala após protestos de estudantes, mas não fica claro como Brum obteve a declaração; 7. Anuna De Wever (ativista climática) – em entrevista ao BuzzFeed News e em fala de origem não identificada; 8. Ministra do meio ambiente da Bélgica – não fica claro como Brum obteve a declaração; 9. Um professor sem nome durante manifestação em Londres – não fica claro como Brum obteve a declaração; 10. A “ministra da Mulher” (Damares Alves) – não fica claro como Brum obteve a declaração; 11. “O ministro das Relações Exteriores” (Ernesto Araújo) – não fica claro como Brum obteve a declaração; 12. “O ministro do Meio Ambiente” (Ricardo Salles) – não fica claro como Brum obteve a declaração; 13. OMS – aparentemente em alguma pesquisa não especificada, 14. Jaime Margolin (ativista climática) – em entrevista ao BuzzFeed News, 15. Bill Mckibben (ativista do clima) – em entrevista ao The Guardian.
Bolsonaro (des)governa o Brasil pelo Twitter	07/03/19	<ol style="list-style-type: none"> 1. Jair Bolsonaro – postagem no Twitter; 2. “filho 02” (Carlos Bolsonaro) – em postagem no Twitter; 3. Gustavo Bebianno (então ministro da Secretaria Geral da Presidência) – em entrevista ao O Globo; 4. “03” (Eduardo Bolsonaro) – em postagem no Twitter 5. Onyx Lorenzoni – “numa ‘ligação acidental’ de Onyx a uma jornalista de O Globo”; 6. Ernesto Araújo – não fica claro como Brum obteve a declaração; 7. Pesquisa da Confederação Nacional do Transporte 8. Hamilton Mourão – não fica claro como Brum obteve a declaração;
Quem mandou matar Marielle? E por quê?	14/03/19	<ol style="list-style-type: none"> 1. Padre Amaro Lopes – em aparente conversa informal; 2. Jair Bolsonaro – na votação do impeachment de Dilma e declaração de origem não especificada; 3. Artigo 287 do Código Penal; 4. Ernesto Geisel – em entrevista aos pesquisadores Maria Celina D’Araújo e Celso Castro; 5. Damares Alves – declaração em vídeo publicado nas redes sociais; 6. Wilson Witzel – em uma rede social; 7. Raul Jungmann (então ministro da Segurança Pública) – não fica claro como Brum obteve a declaração;
Bolsonaro manda festejar o crime	28/03/19	<ol style="list-style-type: none"> 1. Jair Bolsonaro – em vídeo nas redes sociais e afirmações sem menção de origem; 2. Defensoria Pública da União – em nota; 3. Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão – em nota. 4. Relatório da Comissão da Verdade; 5. “Uma pesquisa do Ibope”; 6. Afonso Benites (jornalista) – texto online;

		<ol style="list-style-type: none"> 7. Senador chileno Jaime Quintana Leal – não fica claro como Brum obteve a declaração; 8. Presidente chileno Sebastián Piñera – não fica claro como Brum obteve a declaração; 9. Onyx Lorenzoni (então ministro chefe da Casa Civil) – não fica claro como Brum obteve a declaração; 10. Deputado chileno Ivan Flores – não fica claro como Brum obteve a declaração; 11. Filósofa Tatiana Roque – em entrevista ao El País; 12. Artista Nadya Tolokonnikova – em trechos de seu livro Pussy Riot; 13. Fox News – em comentário sobre Jair Bolsonaro.
Cem dias sob o domínio dos perversos	12/04/19	<ol style="list-style-type: none"> 1. Jair Bolsonaro – em postagens do Twitter e outras declarações cuja origem não fica clara; 2. Olavo de Carvalho – não fica claro como Brum obteve as declarações; 3. Pesquisa do Datafolha; 4. Texto da proposta de pacote anticrime de Sérgio Moro; 5. “Noticiário”; 6. João Dória – não fica claro como Brum obteve a declaração; 7. Nadya Tolokonnikova – livro Pussy Riot.
O “mártir” governa	25/04/19	<ol style="list-style-type: none"> 1. Olavo de Carvalho – em vídeo nas redes sociais; 2. “O porta-voz de Bolsonaro” (Otávio Santana do Rêgo Barros) – em declaração; 3. “o filho zerodois” (Carlos Bolsonaro) – nas redes sociais; 4. “o chanceler do Mártir” (Ernesto Araújo) – não fica claro como Brum obteve a declaração; 5. Jair Bolsonaro – em postagens nas redes sociais; 6. Carta do povo yanomami; 7. “garoto zerotrês” (Eduardo Bolsonaro) – não fica claro como Brum obteve a declaração; 8. “um evangélico” – em conversa informal.
EU + UM + UM + UM+	16/05/19	<ol style="list-style-type: none"> 1. Elio Alves da Silva (poeta oral) – em conversa informal; 2. Zygmunt Bauman (sociólogo) – em entrevista ao jornalista Ezio Mauro para um livro; 3. Hanna Arendt (filósofa) – não fica claro de onde Brum tirou a declaração; 4. Nadya Tolokonnikova – livro Pussy Riot; 5. Bruno Torturra (jornalista) – no texto “Boletim do Fim do Mundo”.
O golpe de Bolsonaro é pela família, contra a nação	23/05/19	<ol style="list-style-type: none"> 1. Diário Oficial; 2. Jair Bolsonaro – em discursos e nas redes sociais; 3. Paulo Portinho (funcionário público e ex-candidato a vereador pelo Novo) – em texto compartilhado por Jair Bolsonaro no WhatsApp; 4. Kim Kataguirí – “em lives, tuítes, posts e entrevistas”; 5. Movimento Vem Para a Rua – declaração possivelmente feita em nota, mas não especificado pela jornalista; 6. Janaina Paschoal – postagens nas redes sociais; 7. Steve Kunda (pastor) – em vídeo divulgado por Bolsonaro nas redes sociais;

		8. Paulo Guedes – “nos Estados Unidos”, mas sem especificar como conseguiu a declaração.
A potência da primeira geração sem esperança	06/06/19	<ol style="list-style-type: none"> 1. Greta Thunberg – em discursos; 2. Oswaldo Lucon (assessor de mudanças climáticas da Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente do Estado de São Paulo) – segundo a Folha de S. Paulo; 3. The Guardian – anúncio de mudança de manual de redação; 4. Anuna De Wever (ativista climática) – à Eliane Brum, talvez em entrevista, talvez em conversa informal; 5. Texto do filósofo Peter Pál Pelbert publicado pela revista <i>Percurso</i>; 6. Eduardo Viveiros de Castro (antropólogo) – na Festa Literária Internacional de Paraty.
Ei, Bolsonaro, até o pênis está diminuindo	20/06/19	<ol style="list-style-type: none"> 1. Pesquisa realizada na Universidade de Pádua e divulgada no Canal History; 2. Diário Oficial da União; 3. Pesquisa publicada no <i>The Journal of Clinical Endocrinology & Metabolism</i>; 4. Jair Bolsonaro – declarações divulgadas na imprensa e publicações nas redes sociais; 5. Naief Haddad (jornalista) – texto publicado na Folha de S. Paulo; 6. Sharon Lerner (jornalista especializada em meio-ambiente) – em artigo publicado no <i>The Intercept</i>; 7. Levantamento de agrotóxicos liberados pelo governo feito pelas agências de jornalismo investigativo Repórter Brasil e Pública; 8. Marina Lacôrte (especialista em agricultura e alimentação do Greenpeace) – em entrevista ao G1; 9. Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) – possivelmente em documento publicado; 10. Pesquisa realizada pelo jornalista e professor da Universidade de Brasília Solano Nascimento; 11. Reportagem publicada na revista <i>Veja</i>; 12. Projeto de lei 6.299/02; 13. “a ministra do veneno” (Tereza Cristina) – declaração na abertura de uma feira em Ubatuba (MG).
MBL usa o aborto para reposicionar a marca	04/07/19	<ol style="list-style-type: none"> 1. Kim Kataguirí – em entrevista à revista <i>Exame</i>, ao jornal <i>O Globo</i>, em declarações não especificadas, em artigo no jornal <i>A Folha de S. Paulo</i>; 2. Fernando Holiday – em entrevista à <i>Folha de S. Paulo</i>, em postagens nas redes sociais, em entrevista ao repórter Felipe Betim do <i>El País</i>; 3. Projeto de lei 01-00352/2019 proposto na Câmara de Vereadores da cidade de São Paulo por Fernando Holiday;

		4. Relatório “Ente a morte e a prisão – quem são as mulheres criminalizadas pela prática do aborto no Rio de Janeiro” da Defensoria Pública do Rio.
“Empresários não podem ser batedores de carteiras”	17/07/19	1. “um ribeirão da Terra do Meio” – em conversa informal com Brum; 2. Jorge Hoelzel (acionista da Mercur) – em entrevista à Brum feita para esta coluna.
Doente de Brasil	03/08/19	1. Relatos de psicanalistas, psiquiatras e médicos da clínica geral, medicina interna e cardiologia cujos nomes não são mencionados – fruto de apuração de Brum; 2. Fernando Tenório (psiquiatra) – postagem em rede social e aparente entrevista à Brum; 3. “Uma amiga” (sem nome) – em conversa informal; 4. “Uma autora” (sem nome) – em conversa informal; 5. “Uma diretora” de teatro (sem nome) – em conversa informal; 6. “A professora de uma das mais importantes universidades públicas do país” (sem nome) – em conversa informal; 7. Dois curadores de eventos (sem nome) – em conversa informal; 8. “Um amigo estrangeiro” – em conversa informal; 9. Mario Corso (“psicanalista e escritor gaúcho”) – possivelmente em entrevista; 10. Eduardo Bolsonaro – em declaração de origem não especificada; 11. Rinaldo Voltolini (professor de psicanálise da USP) – aparentemente em entrevista; 12. Jair Bolsonaro – em declaração de origem não especificada.
As crianças de Altamira	15/08/19	1. Levantamento feito pela Folha de S. Paulo; 2. Jair Bolsonaro – em declaração sobre o massacre de Altamira; 3. Dom Erwin Kräutler (bispo emérito do Xingu) – em declaração reagindo à fala de Bolsonaro; 4. Atlas da violência produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública; 5. “um policial” (sem nome) – dito à família da “menina com nome de rua”; 6. “Uma adolescente” (sem nome) – em aparente conversa informal com Brum; 7. “Menina com nome de rua” (sem nome) – possivelmente em entrevista à Brum; 8. “Menino que já tem rugas” (sem nome) – possivelmente em entrevista à Brum; ❖ A mãe e a avó da menina com nome de rua provavelmente deram entrevista à Eliane Brum, mas a jornalista não menciona seus nomes e nem cita frases suas direta ou indiretamente.

Bolsonaro está espionando o Papa?	04/09/19	<ol style="list-style-type: none"> 1. Carta dos bispos da região amazônica; 2. Reportagem do Estado de S. Paulo.
"A notícia é esta: o Xingu vai morrer"	13/09/19	<ol style="list-style-type: none"> 1. Thais Santi (procuradora da República) – em coletiva de imprensa; 2. Celio Bermann (professor da USP) – em entrevista para Brum em 2011; 3. Reportagens do jornal The Intercept; 4. Lula – em entrevista à repórter Mariana Schreiber da BBC Brasil; 5. Livro “Xingu, o rio que pulsa em nós” do Instituto Socioambiental; 6. “Um painel dos mais respeitados especialistas e instituições brasileiras” – em artigo científico; 7. Norte Energia S. A. – em documento; 8. Documento do Ministério Público Federal de Altamira; 9. Trecho do seriado de TV Chernobyl; 10. Jair Bolsonaro – em anúncio.
Como vocês se atrevem?	27/09/19	<ol style="list-style-type: none"> 1. Jair Bolsonaro – em discurso na ONU; 2. Greta Thunberg – em discurso na ONU; 3. Jonathan Watts (jornalista) – em texto publicado no jornal The Guardian; 4. Ilana Katz (psicanalista) – “num programa da CPFL Cultura disponível na internet”; 5. Fausto Salvadori (jornalista) – “num texto essencial publicado na Ponte Jornalismo”; 6. O avô de Ágatha Félix à imprensa (sem especificar o nome do avô); 7. Wilson Witzel – “logo após ser eleito governador”; 8. Donald Trump – em declaração de origem não especificada.
Um Cristo amazônico... e mulher?	09/10/19	<ol style="list-style-type: none"> 1. Papa Francisco – no discurso de abertura do Sínodo da Amazônia; 2. Jair Bolsonaro – em discurso na ONU; 3. Documento “Instrumentum Laboris” elaborado para o Sínodo; 4. Greta Thunberg – em declaração de origem não especificada; 5. Emmanuel Macron – em declaração de origem não especificada; 6. Pesquisa Datafolha; 7. Padre Augusto Zampini-Davies – em entrevista ping-pong.
Lula livre, sim, mas sem fraudar a história	24/10/19	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Os povos do Xingu” – sem especificação 2. Ministério Público Federal – sem especificação 3. Lula – nas entrevistas que “tem dado para preparar sua possível saída da prisão”, em entrevista à BBC, em entrevista ao UOL; 4. Antonia Melo (ativista) – frase que “costuma dizer”; 5. Documento publicado pelos povos indígenas Juruna e Arara; 6. Documentos públicos de natureza diversa como do Ministério da Saúde, de leilões promovidos pelo governo e da Funai;

		<ol style="list-style-type: none"> 7. Livro “A expulsão de ribeirinhos em Belo Monte” organizado pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência; 8. Dossiê produzido pelo Instituto Socioambiental; 9. Um indígena do povo Araweté (sem nome) segundo o antropólogo Guilherme Heurich, 10. Dom Erwin Kräutler (bispo emérito do Xingu) – em frase dita em 2012; 11. Thais Santi (procuradora federal) – sem especificação;
Erro de projeto coloca estrutura de Belo Monte em risco	08/11/19	<ol style="list-style-type: none"> 1. Diretor-presidente da Norte Energia Paulo Roberto Ribero Pinto – em carta à diretora-presidente da Agência Nacional de Águas; 2. Documentos da Agência Nacional de Águas; 3. Francisco Del Moral Hernández (especialista no setor elétrico) – em análise a pedido do El País; 4. André Oliveira Sawakuchi (geólogo) – em análise a pedido do El País; 5. 25 ações do Ministério Público Federal; 6. Comunicado da Norte Energia S. A.; 7. Cristiane Costa Carneiro (bióloga e assessora do MPF) – em aparente entrevista; 8. Sara Rodrigues de Lima (pescadora) – em aparente entrevista; 9. Célio Bermann (engenheiro mecânico, arquiteto e professor da USP) – em aparente entrevista; 10. Thais Santi (procuradora do MPF em Altamira) – em aparente entrevista; 11. Dilma Rousseff – em entrevista coletiva à imprensa em 2015.
O AI-5 já se instala na Amazônia (e nas periferias urbanas)	27/11/19	<ol style="list-style-type: none"> 1. Paulo Guedes – em declaração em Washington; 2. “o zerotrês Eduardo Bolsonaro” – sem especificação; 3. Juma Xipaya (líder indígena) – em discurso durante o evento “Amazônia Centro do Mundo”; 4. Raoni (líder indígena) – em discurso durante o evento “Amazônia Centro do Mundo”; 5. Antônio Nobre (cientista) – não especificado; 6. Um estudante (sem nome) – comentário ao final do encontro (não é possível saber se o estudante é real ou fictício); 7. Lucas Barreto (senador) – durante visita da Subcomissão Temporária da Usina de Belo Monte do Senado.
Belo Monte, a obra que une os polos políticos	05/12/19	<ol style="list-style-type: none"> 1. Hélder Barbalho (governador do Pará) – cerimônia de inauguração da última turbina de Belo Monte transmitida pela TV Brasil; 2. Bento Albuquerque (ministro de Minas e Energia) – cerimônia de inauguração da última turbina de Belo Monte transmitida pela TV Brasil; 3. Manifesto do encontro Amazônia Centro do Mundo; 4. Dilma Rousseff – na primeira inauguração de Belo Monte em 2016; 5. Carta do diretor-presidente da Norte Energia S. A. à diretora-presidente da Agência Nacional de Águas; 6. Comunicado da Norte Energia S. A.

Protejam Erasmo: ele pode ser assassinado a qualquer momento	21/12/19	<ol style="list-style-type: none"> 1. Erasmo Alves Teófilo – em aparente entrevista; 2. Comissão Pastoral da Terra e “movimentos locais” – em documento; 3. Iracy Resplandes dos Santos – em aparente entrevista; 4. Padre Amaro Lopes – em entrevista ao The Guardian; 5. Documentos do Ministério Público Federal; 6. Sadi Machado (procurador da República em Altamira) – em aparente entrevista; 7. Maurício Torres (professor da UFPA) – em aparente entrevista.
--	----------	--

Fonte: elaborada pela autora com base em dados do El País (2021)

Observa-se que, usualmente, Eliane Brum não recorre a entrevistas feitas exclusivamente para o texto para extrair as falas de suas fontes. Falas de figuras públicas são retiradas de discursos – e possivelmente obtidas pela jornalista por meio da imprensa –, ou mesmo retiradas de entrevistas dadas a outros jornalistas ou à própria Brum em outro momento, ou de conteúdos publicados pelas próprias figuras públicas em suas redes sociais digitais. O mesmo acontece com especialistas. Até mesmo falas de pessoas anônimas são obtidas indiretamente pela jornalista, como é o caso do índio entrevistado pelo antropólogo Guilherme Heurich.

Entre as fontes que parecem ter sido entrevistadas por Brum são ouvidas pontualmente, para ajudar a endossar a argumentação feita pela jornalista em seus textos e, talvez por esta razão, foram selecionadas pessoas que não podem ser entendidas como pertencentes a uma camada excluída pela sociedade. Ao contrário, na maioria das vezes Brum recorre a especialistas, cuja credibilidade é reconhecida socialmente.

Como aponta Traquina, pode-se afirmar que, de certa forma, é reforçada a fala de estruturas primárias da sociedade, ou seja, fontes autorizadas e institucionalizadas que se referem a especialistas que falam em nome de determinações organizações muitas vezes ligadas a instituições governamentais ou de grupos e movimentos da sociedade civil reconhecidamente consolidados e respeitados na área, como pesquisadores.

São exceções à essa regra o ativista Erasmo Alves Teófilo, que tem apenas uma frase destacada pela jornalista que, em seguida, a contesta, a pescadora Sara Rodrigues de Lima, também com apenas uma frase, Iracy Resplandes dos Santos, cujos parentes foram assassinados por grileiros, a menina com nome de rua, seu irmão, sua mãe e sua avó, todos sem nomes apresentados. É comum que pessoas consideradas de camadas invisibilizadas pela sociedade sejam apresentadas sem nome ou de forma conjunta quando citadas. Apenas o empresário Jorge Hoelzel e o padre Augusto Zampini-Davies aparecem em um formato de

entrevista em ping-pong e recebem, conseqüentemente, mais destaque que os demais. Nenhum deles pode ser considerado um “invisível”.

Mas a principal fonte de Eliane Brum são os noticiários. É frequente que Brum faça citações de textos e mesmo entrevistas dadas a outros jornalistas. Quando essas referências foram feitas explicitamente elas foram incluídas como fontes na tabela acima, contudo, é plausível acreditar que, quando não é possível identificar como Brum conseguiu as declarações que menciona elas tenham sido retiradas da imprensa. Ademais, Brum elenca notícias em suas colunas, esses fatos foram provavelmente retirados também do noticiário. Algumas vezes esses acontecimentos são acompanhados de hiperlinks para as notícias referidas, como veremos em detalhes posteriormente, e outros não, o que não significa que sejam fruto de uma apuração individual da jornalista.

Embora não tenha sido elencada como fonte, Brum faz referências frequentes a textos seus publicados anteriormente. Essa autorreferência, faz com que a jornalista se configure como personagens de seus textos. Aqui, entendemos personagem conforme a definição do dicionário Michaelis de Língua portuguesa: “Pessoa que desfruta de atenção por suas qualidades, habilidades ou comportamento singular e diferenciado”¹¹.

Nesse sentido, é possível compreender que Brum recorre a alguns personagens ao longo de sua narrativa no ano de 2019, sendo eles: Jair Bolsonaro, a própria Eliane Brum e Greta Thunberg. Essas três figuras foram entendidas como personagens pois desfrutaram da atenção de Brum recorrentemente, apesar disso, nenhuma dessas figuras foi entrevistada por Eliane Brum para a produção de seus textos, ainda que tenham suas falas mencionadas com frequência.

Jair Bolsonaro é o personagem de maior destaque. O presidente da República foi mencionado em todos os textos publicados por Brum em 2019, contando com 516 menções explícitas ao seu nome. Pode-se dizer que Bolsonaro é o vilão dos textos de Eliane Brum, sendo sempre criticado em suas ações, descrito como inábil para governar e apelidado pela jornalista de “antipresidente”.

Se Bolsonaro é o vilão, Greta Thunberg é a heroína. Ao contrário do que acontece com as críticas, Eliane Brum não elogia abertamente. Mesmo assim, a adolescente sueca parece ser vista com admiração pela jornalista por sua atuação em defesa do meio ambiente. Ao todo, Greta é mencionada 59 vezes ao longo de sete textos, um número muito inferior ao de Bolsonaro.

¹¹ PERSONAGEM. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/personagem/>> Acesso em 3 de janeiro de 2021.

Já a própria Eliane Brum serve de personagem em alguns de seus textos. Além das menções a textos anteriores, em dois momentos a jornalista faz aberturas literárias de suas colunas que a colocam como protagonista da história. Isso acontece em “Quem mandou matar Marielle? E por quê?”, quando a jornalista narra o momento em que ela descobriu que Marielle Franco tinha sido assassinada e novamente em “Empresários não podem ser batedores de carteira”, quando Brum conta sua história com a borracha Mercur e também seu primeiro encontro com o empresário Jorge Holzel, acionista da empresa de borrachas.

5.3.3 A imagem de Brasil construída por Eliane Brum

Antes de nos debruçarmos sobre a imagem de Brasil construída por Eliane Brum, é preciso ter conhecimento de que, ao longo dos anos, a sociedade brasileira passou por muitas transformações. Freyre (2004a) foi um dos mais conhecidos estudiosos a construir uma interpretação sobre o Brasil. Uma de suas principais marcas é sua visão de que a origem das mazelas nacionais não estaria na miscigenação, mas no modelo de colonização ao qual fomos submetidos, com latifúndios, monocultura e pecuária. Para Freyre (2004a), o país passou por um período de feudalismo à brasileira. Nesse sistema, o senhor de engenho agrega em suas mãos todos os poderes.

Esse quadro só se altera, segundo Freyre (2004b), com a vinda da família real para o Brasil, em 1808. Esse processo de modernização do país é trado por Freyre como a chegada do Estado e, assim como a abertura dos portos (ou chegada do capitalismo), deu início à Revolução Burguesa no Brasil. O autor aponta que neste momento os brasileiros passaram a seguir modelos franceses e ingleses ao invés dos portugueses.

Entretanto, diferente do que ocorreu nos países europeus, aqui primeiro mudaram-se as instituições e depois os valores. O patriarca, acostumado ao domínio completo sobre os filhos, a esposa e os escravos, perdeu seus poderes paulatinamente ao longo do século XIX, momento no qual, para o autor, as mulheres tiveram seu lado romântico despertado e os jovens garotos passaram a ser valorizados.

Já Holanda (1987) vê nossa origem portuguesa como a grande mazela brasileira. Os portugueses instauraram entre nós uma civilização de raízes rurais, na qual as cidades, diferente de todos os outros lugares do mundo, são dominadas pelas propriedades rurais, já que não existe uma burguesia urbana independente. Os senhores de engenho eram a mola da riqueza e do poder na colônia, o que gerou uma predominância do privado sobre o público.

Essa é uma das principais características apontadas por Holanda (1987) que geraram nosso fracasso. Seríamos homens cordiais, ou seja, pessoas regidas por sentimentos e emoções no lugar na razão. Essa predisposição para o lado sentimental foi levada aos órgãos públicos, dando origem ao patrimonialismo.

A visão desses dois autores é criticada por Souza (2009). Para ele, as ideias de Freyre tomaram conta do senso comum, fazendo crer que os brasileiros são capazes de unir os contrários, sendo o povo do encontro cultural, da unidade e da diversidade. Enquanto Holanda teria tomado conta do que pensam os acadêmicos sobre o Brasil: um povo regido pela emoção e não pela racionalidade.

Souza (2009) acredita que a identidade nacional brasileira fez com que nos imaginemos com autocomplacência. Criou-se, para o autor, uma fantasia compensatória que nos torna cegos aos problemas atuais. Dessa forma, apaga-se a divisão de classes e seus conflitos. Ao fazermos isso, somos incapazes de crescer, estando condenados a seguir convenções ideológicas cegamente.

Schwarcz e Starling (2018) defendem uma visão nem tão pessimista nem tão otimista do Brasil. Para as autoras, o país é marcado por contrastes. Ao mesmo tempo que é sim um lugar onde se predominou a mistura de etnias e culturas, também é uma nação fundada na violência. Como apontava Freire, existem diferenças entre o racismo no exterior e o nacional. Aqui, segundo Schwarcz e Starling (2018), há uma porosidade na fronteira das cores. É por essa razão que ocorre um embranquecimento daqueles que estão em classes sociais superiores e vice-versa, mesmo que a realidade biológica não seja correspondente. Essa porosidade é acentuada pela intensa mestiçagem que caracteriza o Brasil. “Construída na fronteira, a alma mestiça do Brasil - resultado de uma mistura original entre ameríndios, africanos e europeus -, é efeito de práticas discriminatórias já centenárias, mas que, ao mesmo tempo, levaram à criação de novas saídas” (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p.15).

Entretanto, em vez de reconhecermos quem somos e buscarmos essas saídas, as autoras explicam, assim como já haviam dito Lima Barreto e Sérgio Buarque de Holanda, que os brasileiros querem negar quem são e esperar por soluções milagrosas. Uma das formas de fazê-lo seria colocar nossa identidade sempre em xeque.

Ainda assim, as autoras acreditam que algumas percepções do senso comum do que é ser brasileiro devem mudar. Elas criticam a abordagem que nos coloca como um povo pacífico e avesso à violência. Para as autoras, isso é ignorar o fato de que o Brasil, ainda que tenha uma forte presença da desigualdade social, também “luta com tenacidade para construir valores republicanos e cidadãos” (SCHWARCZ; STARLING, 2018: 18).

Na visão de Brasil das autoras, somos um país onde reina a dualidade. Nossa construção se baseou no sistema escravocrata, no qual a violência era predominante assim como a luta por liberdade. Na ditadura de Vargas não havia liberdades individuais, mas houve um avanço nos direitos sociais. Uma das provas de que aqui se valoriza os direitos sociais em detrimento dos direitos políticos. Essas experiências fizeram do Brasil um lugar ambíguo, onde violência e democracia convivem lado a lado.

Um dos primeiros pontos a serem observados é que o Brasil é um tópico constante das colunas de Eliane Brum. O nome do país bem como os termos brasileiro ou brasileiros foram utilizados em todas as colunas analisadas. Outra recorrência comum a todos os textos é a referência ao presidente da república, que também é citado em todas as colunas publicadas por Brum em 2019.

Com o fim de exemplificar a imagem retratada pela jornalista ao longo de seus textos, foram selecionadas cinco colunas escritas por Eliane Brum para o *El País* em 2019. Essa seleção foi feita com base em uma análise quantitativa do uso dos termos Brasil e brasileiro(s). Portanto, foram selecionados os textos com maior proporção entre a recorrência das palavras e o número total de parágrafos. Assim, serão feitas análises qualitativas dos seguintes artigos: “Ei, Bolsonaro, até o pênis está diminuindo”, de 20 de junho, com 26 menções em 23 parágrafos; “O ‘mártir’ governa”, de 25 de abril, com 20 menções em 18 parágrafos; “Bolsonaro (des)governa o Brasil pelo Twitter”, de 7 de março, com 18 menções em 21 parágrafos; “Quem mandou matar Marielle? E por quê?”, de 14 de março, com 46 menções em 55 parágrafos e “Bolsonaro manda festejar o crime”, de 28 de março, com 34 menções em 42 parágrafos.

No texto que mais menciona os termos chave, “Ei, Bolsonaro, até o pênis está diminuindo”, Eliane Brum tenta chamar a atenção do presidente da República. Ela questiona seus leitores se alguém poderia informar Jair Bolsonaro de que uma pesquisa feita na Itália comprova que um agrotóxico proibido no mundo, mas liberado no Brasil, afeta o pênis, deixando-o menor e mais fino, além de diminuir a fertilidade masculina e aumentar a presença de hormônios femininos nos homens.

A chamada feita pela jornalista questiona o fato de Bolsonaro não se importar com o aumento da liberação de agrotóxicos feita em seu governo em níveis, segundo ela, nunca antes vistos. Em contrapartida, o chamado “antipresidente” se importaria com o tamanho do pênis de japoneses, por exemplo. Aqui, como escreveu Holanda (1987), observamos uma presença da esfera privada na vida pública, ressaltada pela jornalista ao escolher essa abordagem. Tal argumento também é apontado por Habermas (1984) sobre a decadência da

esfera pública quando há uma ruptura entre as fronteiras do que é público, privado e íntimo, situação bem exacerbada no governo Bolsonaro, quando assuntos da esfera familiar e de questões relativas à intimidade ganham dimensão pública até para tirar o foco de discussões públicas importantes que afetariam o seu governo.

Observa-se também no texto de Brum um exemplo de como a emoção rege o brasileiro, como afirma o pesquisador.

O bolsonarismo tem intoxicado o Brasil de tantas maneiras. As relações interpessoais foram envenenadas, as redes sociais estão contaminadas, as pessoas sentem o ódio como um sintoma de uma doença persistente. A violência da eleição, seguida pelo governo que mantém o clima de guerra civil como estratégia de ocupação de poder, têm causado efeitos profundos na saúde física e mental das pessoas. Como o Brasil se colocou além das metáforas, porém, é preciso acordar em pé para o fato de que o governo Bolsonaro está também – e literalmente – envenenando a população (BRUM, 2019m).

Escreve Eliane Brum, em um parágrafo que pode ser visto como um resumo que do que a jornalista tem tentado fazer com seus textos: denunciar o que ela enxerga como envenenamentos cotidianos infligidos pelo governo sobre a população, que se materializa na forma de ódio e violência.

Também é possível perceber a crença de que no Brasil as emoções prevalecem perante a razão no texto “Bolsonaro (des)governa o Brasil pelo Twitter”. Segundo a jornalista, o presidente não governa pela razão, com planos e metas, mas com a emoção, ou com: “urros de quem pode urrar nas redes sociais” (BRUM, 2019e).

Outro dos argumentos usados pela autora para provar uma presença da emoção no governo é a relação familiar de Bolsonaro que se mistura à administração do país. Esse governo familiar é comparado por Brum a uma monarquia, em especial no âmbito digital, espaço no qual o pai compartilha e legitima o que os filhos dizem no Twitter. A autora defende que a gestão de Bolsonaro não é hábil, mas que ele se mantém no poder pela sua popularidade, posição esta que, acredita Brum, tentará ser mantida a qualquer custo, inclusive a manutenção da crise que assola o país.

Poderia ser uma contradição. Afinal, se a situação do Brasil não melhorar, não há popularidade que se mantenha. É preciso perceber, porém, que Bolsonaro faz parte de um fenômeno contemporâneo: as escolhas são determinadas pela fé, não pela razão. [...] As eleições e o cotidiano têm sido determinados por uma interpretação religiosa da realidade. A adesão pela fé é um fenômeno mais amplo e não necessariamente ligado a um credo, já que há muitos ateus que se comportam como crentes. E não só na política, mas

em todas as áreas da vida. Esta é a marca deste momento histórico (BRUM, 2019e).

Brum relata que até o carnaval foi atacado por Bolsonaro, que tentou associá-lo à indecência ao divulgar no Twitter um vídeo de um ato sexual que teria ocorrido durante um bloco. Para a jornalista, a postagem do vídeo é uma violência. Porém, apesar das fraturas que assolam o país, o Carnaval, segundo Brum, ainda é um ponto de união e reafirmação da identidade nacional, “esta que mostrou mais uma vez neste Carnaval o quanto pode ser transgressora, contraditória e insurreta” (BRUM, 2019e). Neste ponto, Brum converge com o discurso de Schwarcz e Starling (2018): o Brasil como um lugar de violência e resistência.

Entretanto, em “Quem mandou matar Marielle? E por quê?”, a autora parece acreditar na prevalência da violência. Nos primeiros parágrafos do texto, Eliane Brum relembra as circunstâncias em que ficou sabendo da morte de Marielle Franco. Ela estava na Amazônia, mais especificamente no Pará, voltando da cidade onde a irmã Dorothy Stang fora assassinada em 2005 e também o padre Paulo Sérgio Almeida Nascimento dias antes de Marielle. O homicídio do religioso é sintoma do aumento de violência ocorrido na região desde 2015, de acordo com o relato de Brum, violência esta que também chegava às periferias urbanas do país.

Essas mortes expressavam também como o Brasil arcaico, aquele que ganhou uma imagem eloquente no retrato oficial do primeiro ministério de Michel Temer (PMDB) – branco, masculino e reprodutor das oligarquias políticas – esmagava o Brasil insurgente que tinha avançado nos últimos anos, aquele que deslocava os lugares dos centros e das periferias, confrontava o apartheid racial não oficial, rompia com os binarismos de gênero, enfrentava o patriarcado com cartazes e peitos nus (BRUM, 2019f).

Brum defende em seu texto que o assassinato de Marielle Franco, uma vereadora eleita, vai além da violência e dos genocídios com os quais o Brasil já convive. A jornalista escreve que desde 2014 tem usado muito a palavra “esgarçado” para definir o Brasil, mas o tecido social está rasgado demais para ser remendado.

Brum chegou a acreditar que um Brasil também morreria com Marielle. Neste texto, contudo, ela defende que, na verdade, esse Brasil de múltiplas identidades representado pela vereadora carioca morreria em 2016, com a abertura do impeachment de Dilma, especialmente com o voto de Bolsonaro na Câmara. A jornalista relata que o então deputado fez apologia ao crime de tortura e não sofreu as consequências previstas em lei, sendo, assim, alçado à representante das “forças arcaicas” e alguém com grandes chances de se tornar presidente da

República. Assim, percebe-se que, como Freyre (2004b), Brum acredita que as instituições no Brasil não são sólidas.

Essa crença é reforçada em “Bolsonaro manda festejar o crime”. Neste texto, Eliane Brum comenta a tentativa de Bolsonaro de celebrar o dia em que a ditadura militar se estabeleceu no Brasil. Para a jornalista isso significa que “uma tentativa de fraudar a história, apagando os crimes cometidos pelos agentes do Estado, está em curso” (BRUM, 2019g). Na visão de Brum, ao celebrar a violência e a opressão que caracterizaram a ditadura, Bolsonaro dá provas de que o Brasil de hoje trilha caminhos antidemocráticos.

Para comprovar seu argumento de que o país está se tornando um lugar de autoritarismo, a jornalista relata que opositores de Bolsonaro, chamado por ela de “antipresidente”, foram forçados a deixar o Brasil. Eliane Brum também usa falas de Bolsonaro para comprovar sua tendência à violência, como seu voto na abertura do impeachment de Dilma — quando saudou Brilhante Ultra, um conhecido torturador da ditadura —, ou quando disse em uma entrevista que o regime militar deveria ter matado 30 mil pessoas e ainda o momento em que o então candidato ameaçou levar seus opositores para uma base da Marinha onde se torturava pessoas e se desovava cadáveres. Brum enfatiza que as atitudes e falas de Bolsonaro são tidas como aceitáveis no Brasil, coisa que não acontece em outros países. No Chile, a população protestou contra a vinda do presidente brasileiro.

Diante dos protestos, Bolsonaro afirmou: “Protestos assim existem onde quer que eu vá, mas o importante é que, no meu país, fui eleito por milhares de brasileiros”. Milhões, já que devemos respeitar os números. Para os brasileiros que o elegeram, a sugestão de que os ossos das mais de 200 pessoas desaparecidas do regime estão na boca de um cachorro foi – e continua sendo – aceitável. Não sentem nenhuma empatia pelos pais, mães, maridos, esposas e filhos que não têm sequer um túmulo onde chorar suas perdas. E que foram torturados por essa imagem de absoluto desrespeito. Mostram-se incapazes de compreender que um dia poderão ser os ossos de suas mães ou de seus filhos na boca do cachorro. Já os chilenos têm espanto. E têm vergonha. Vergonha por nós que aceitamos o inaceitável (BRUM, 2019g).

Enquanto isso, no Brasil, as instituições não se demonstram fortes, na visão de Brum, perante às ameaças à democracia, nem seus adversários apresentam projetos para se oporem aos de Bolsonaro. Neste contexto, segundo Brum, a violência tende a se expandir e o ódio seguira sendo o combustível do governo.

Brum opina que a apatia dos que são contrários à Bolsonaro não pode permanecer. Ela lembra que nem mesmo os estadunidenses ultradireitistas apoiam Bolsonaro e incentiva que o povo brasileiro siga exemplos internacionais como Nadya Tolokonnikova, a artista russa que

enfrentou a ditadura de Putin, e Greta Thunberg, a adolescente sueca que é ativista do clima. Para a jornalista, os brasileiros estão inertes, à espera do que virá, reforçando a tese de Holanda (1987) de que o brasileiro nega quem é e espera por um milagre.

Em “O ‘mártir’ governa”, Brum trata com ironia esse ponto. O texto parte da repercussão que gerou um dos vídeos de Olavo de Carvalho, no qual o “guru” do presidente aponta que Bolsonaro é impedido de governar pelos militares e por aqueles que não são tão bem-intencionados e limpos quanto ele. Brum também usa o termo “mártir” adotado por Olavo de Carvalho de forma irônica para criticar ações do presidente, como acontece no parágrafo abaixo:

Na semana passada, o Mártir promoveu um encontro transmitido em uma “live” nas redes sociais, com indígenas escolhidos a dedo, onde assegurou, mais uma vez, que eles são humanos como ele. “Com todo o respeito, alguns querem que vocês fiquem na terra indígena como se fossem um animal pré-histórico. Não é pré-histórico não, vocês são seres humanos. Na minha cabeça tem exatamente o que tem na tua cabeça, o teu coração é igual ao meu coração”, garantiu. Aparentemente os indígenas tinham dúvidas sobre se eram humanos ou não até o Mártir, magnânimo como todo Mártir, esclarecer (BRUM, 2019i).

A estratégia da ironia também é usada na frase: “Mas o Brasil continua sendo uma democracia”, utilizada para finalizar cinco dos 18 parágrafos do texto. A expressão é usada para encerrar parágrafos ou sequências de parágrafos nos quais Brum descreve ações do governo que considera antidemocráticas, ressaltando que um dos focos da jornalista são as questões ambientais. Variações da frase são usados por outras sete vezes, demonstrando a insatisfação de Brum com o governo que considera autoritário.

Ao longo da análise dos textos, pudemos perceber que o Brasil é um tema caro a Eliane Brum e que a visão do país e seus habitantes expressada pela autora se aproxima em vários pontos às visões clássicas. Em primeiro lugar, observa-se que a jornalista fala constantemente das emoções que influenciam o governo, em especial o ódio. Essa percepção está de acordo com o que escreveu Sérgio Buarque de Holanda, que classificou os brasileiros como sendo cordiais, ou seja, que agiam com base nos sentimentos no lugar da razão.

Também como Holanda (1987), Brum observa um Brasil que não age frente aos seus problemas, preferindo ignorá-los, fingir que não existem. Há também uma percepção de que o privado está presente na vida pública do brasileiro quando Brum relata a constante interferência da família do presidente nas ações do governo. Ao mesmo tempo que Brum vê o patrimonialismo apontado por Holanda, ela também vê uma sociedade patriarcal, como descrita por Freyre (2004a e 2004b).

Nas colunas da jornalista, o presidente da República é citado em todos os textos e, embora ela critique sua habilidade como governante, ela associa sua liderança à de um monarca quando chama seu governo de bolsomonarquia. Essa associação condiz com a descrição de Freyre do poder dos senhores de engenho e a forma feudal com que governavam o país.

Contudo, Brum discorda de Freyre quando o assunto é a violência. Neste ponto, ela aproxima-se dos estudos de Schwarcz e Starling (2018). A jornalista retrata um Brasil onde reina a desigualdade social, no qual a violência está presente principalmente contra indígenas, negros e nas áreas periféricas. Ela também descreve o país como sendo um lugar de diversidade e capaz de resistência, de insurreição.

Brum parece acreditar que o Brasil está perdendo pontos de sua identidade, ao escrever que o Carnaval seria um dos únicos pontos que ainda nos une como brasileiros. Essa desunião seria, de acordo com ela, fruto da administração de Bolsonaro, que ela classifica como autoritária e antidemocrática. A jornalista clama para que os brasileiros se unam em oposição a esse movimento. Contudo, de acordo com Schwarcz e Starling (2018), o Brasil tem uma longa tradição de ditaduras e costuma priorizar os direitos sociais abrindo mão dos direitos políticos.

Eliane Brum parece unir em seus textos parte de todas as visões sobre o Brasil estabelecida pelos intérpretes do país. O Brasil de Brum é movido pelas emoções e assolado pela violência. Ele se compara a outras nações e busca por sua identidade. Em seu retrato, os brasileiros são capazes tanto da inércia quanto da rebeldia. Brum retrata um Brasil de frágeis instituições, que estão ameaçadas por um autoritarismo que mescla ditadura e monarquia, um país que, para ela, precisa seguir exemplos do estrangeiro e lutar para não perder direitos. O Brasil de Brum é um lugar de violência e resistência.

5.3.4 Aspectos textuais

Nesta seção trataremos das seguintes categorias de análise: narrativas jornalísticas, o caráter opinativo do texto e elementos empregados do jornalismo literário. Optou-se por esta junção de categorias em um único tópico porque todas elas estão amplamente relacionadas, uma vez que abordam aspectos textuais das colunas publicadas por Brum.

O primeiro ponto a ser observado é que os comentários políticos estão presentes nos jornais desde a segunda fase do jornalismo, denominada por Habermas de fase político-literária. Resende (2008) observa que a imprensa no século XIX fazia uso de sátira e humor

para atrair o público, usando a ridicularização dos personagens políticos como ferramenta de formação de opinião e de criação de consenso. A autora relata que, em 1838, o jornal *O Parahybuna* denominava os deputados com nomes atribuídos pelo redator. Assim, Manoel Inácio de Mello e Souza é tratado apenas pelo apelido Mané Pança, Bento de Araújo Abreu se torna Matraca, Theófilo Benedito Ottoni é Tiple, Joaquim Fernandes Torres é tratado apenas por Mentira. Todos esses homens, ridicularizados nas páginas de um jornal da fase político-literária, eram membros da Assembleia Provincial de Minas Gerais, considerados parte da elite política mineira à época.

Pode-se dizer então que, se antes Eliane Brum se aproximava da literatura dos folhetins, em suas colunas políticas de 2019 ela se aproxima dos textos políticos veiculados nos jornais do século XIX. Para Brum, o presidente Jair Bolsonaro é tratado de “o coiso”, “antipresidente” e “Mártir”, enquanto seus filhos são chamados por números, como o “garoto zerotrês”, para se referir à Eduardo Bolsonaro, e o “filho zero dois”, quando fala de Carlos Bolsonaro. Também a Ministra da Agricultura, Tereza Cristina, é tratada como “musa do veneno”. Contudo, esses apelidos, em sua maioria, não foram criados pela própria Brum, mas são usados correntemente pelos opositores do presidente.

Por esta razão podemos afirmar que a parcialidade de Brum está explícita quando se trata do governo Bolsonaro. Ao usar apelidos criados por seus opositores, a jornalista se afirma contrária ao presidente da República. Contudo, isso não quer dizer que não aja uma tentativa de trazer uma aparência objetividade aos textos. Eliane Brum emprega todas as estratégias elencadas por Tuchman (1996). Ao entrevistar diversos especialistas, a jornalista faz uso tanto da possibilidade de conflito quanto do uso judicioso de aspas, pois as fontes tem visões consonantes entre si e também com a argumentação de Brum, criando uma ideia de verdade, endossada por documentos apresentados, que são usados como provas auxiliares. Ao mesmo tempo, os que tem ponto de vista contrário ou não são apresentados ou aparecem sem destaque na parte final do texto, que, como lembra Tuchman, é entendida como menos relevante na construção de um texto jornalístico.

Mascarar a subjetividade é uma característica típica das colunas políticas que, segundo Aldé *et al* (2007), iniciam as discussões, mas, ao não responderem seus leitores, podem seguir se posicionando como imparciais e objetivos. No caso de Brum, não é possível fazer comentários no site do *El País*, mas Brum segue tentando iniciar uma discussão. Como apontou Coutinho (2005), os colunistas políticos tem o papel de destacar o que é relevante dentro do noticiário. Este é um papel abraçado por Brum que, além de destacar o que considera importante, afirma ver o que os demais não veem e acusa a imprensa de não dar

importância ao que é realmente relevante. É isso que acontece na coluna “A notícia é esta: o Xingu vai morrer”, na qual a jornalista acredita que seus colegas não levaram em consideração a fala da procuradora Thais Santi e que a verdadeira notícia era a morte do rio Xingu e não os incêndios que estavam acontecendo na floresta amazônica.

O formato dos textos de Eliane Brum se assemelha, em especial em sua extensão, ao encontrado em reportagens, o que, segundo Coutinho (2005), é corriqueiro. Até mesmo é possível observar a presença do lead em alguns textos. Ainda assim, a literatura não está totalmente ausente. Brum recorre à literatura quando faz relatos de sua vida, como acontece na descrição de quando recebeu a notícia do assassinato de Marielle Franco, e para descrever situações, como acontece em “As crianças de Altamira”, quando Brum conta a história da menina com nome de rua e do menino com nome de jogador de futebol. Há momentos também que Brum faz descrições literárias de pessoas, como de Greta Thunberg, descrita como tendo “rosto de boneca de souvenir”.

É possível afirmar que, como acontece nos demais blogs sobre política, Brum recorre a um estilo “híbrido entre a atualidade jornalística e a crônica pessoal”, como descrito por Aldé *et al* (2007, p.31). São muitas as referências sobre o noticiário político, o que configura a atualidade, mas também existem referências à vida pessoal de Brum, como quando ela faz referências às falas de amigos ou mesmo eventos do qual fez parte, como acontece no texto “A potência da primeira geração sem esperança”, no qual Brum faz referência a um discurso feito por ela mesma em Harvard.

Ainda que esteja muito presente em seus textos, não é possível dizer que a escrita de Brum se aproxime do jornalismo gonzo, por exemplo, por não ter foco nas vivências empíricas da jornalista, mesmo que seja cheio de sarcasmo e opinião. Ao contrário do que ocorre com o jornalismo literário de uma forma geral, Brum não tenta dar perenidade aos relatos, que são bastante ligados aos acontecimentos políticos recentes. Mesmo a profundidade, outra característica desta modalidade jornalística, pode ser questionada, uma vez que os textos de Brum não permitem ao leitor uma interpretação própria dos fatos, já que as colunas só apresentam falas e documentos que endossem o discurso da jornalista. Esse afastamento das características do jornalismo literário também pode ser observado na estrutura do texto, que segue a lógica da pirâmide invertida.

5.3.5 Características do Webjornalismo

Foi possível observar, ao longo da análise das colunas publicadas por Brum em 2019, que a jornalista, apesar de estar na internet há mais de uma década, não usa adequadamente os recursos que a web proporcionou ao jornalismo. Em primeiro lugar, os tamanhos dos textos escritos por Brum não se enquadram ao perfil de consumo de textos descritos por Ferrari (2006). Em um cenário em que os leitores perdem rapidamente o interesse, como ocorre em vitrines de shoppings, textos quem tem uma média de 42 parágrafos podem ser menos atrativos.

Ainda nesta perspectiva, os títulos dados por Brum nem sempre são capazes de fazer com que o leitor compreenda a temática do texto. É o que acontece com “Um Cristo amazônico... e mulher?”, que não indica se tratar de uma análise sobre o Sínodo da Amazônia seguido por uma entrevista em formato ping-pong com o padre Augusto Zampini-Davies, ou “Como vocês se atrevem?”, que não indica os temas dos discursos de Jair Bolsonaro e Greta Thunberg na ONU nem do assassinato de Ágatha Félix. Em outros momentos, porém, os títulos são mais diretos, como acontece com “MBL usa o aborto para reposicionar a marca”.

Apesar de utilizar fotografias para ilustrar todos os seus textos, elas raramente acrescentam algo ao texto de Eliane Brum, podendo ser facilmente ignoradas pelos leitores sem que haja perda de compreensão. Isso comprova que Eliane Brum não faz uso da multimídia em suas colunas que, como explica Salaverria (2014) devem compor a narrativa do texto.

Mesmo na coluna “O AI-5 já se instala na Amazônia (e nas periferias urbanas)”, o único em que temos a presença de um vídeo incorporado ao texto, ele não é essencial para a compreensão da argumentação de Brum. Na verdade, apesar de ter a logomarca do *El País*, o conteúdo do vídeo se assemelha mais ao produzido por uma assessoria de imprensa do que por uma reportagem, contendo apenas imagens do evento e trechos de falas de algumas pessoas que discursaram lá. Não há nenhum registro, no vídeo, do relato de Brum sobre grileiros que tentaram interromper as falas dos palestrantes, por exemplo.

O único recurso que Brum utiliza em abundância nas colunas publicadas ao longo do ano de 2019 são os hiperlinks usados por 595 vezes. Eles estão presentes em todos os textos, como pode ser observado na tabela no Anexo.

É notório que os hiperlinks utilizados por Brum tem como objetivo mais promover a navegação dentro do site do *El País* do que de fato construir uma narrativa em formato de pirâmide deitada. Isso porque os links levam a textos não relacionados com o tema tratado por

Brum. Esse é o caso, por exemplo, quando Brum linka “a bolsa de água quente que eu costumava usar no inverno” no texto “‘Empresários não deveriam ser batedores de carteira’” com o texto “9 dicas para aquecer a casa sem usar calefação”; ou quando linka ao trecho “gente mimada e egoísta”, na coluna “As crianças tomam conta do mundo”, com o texto “‘Jogador mimado e mercenário’”: a pecha que encobre o preconceito de classe no futebol”.

É comum que os hiperlinks utilizados por Brum direcionem à *tags* dentro do site do *El País*. Na maior parte dos casos isso acontece quando a jornalista se refere a políticos ou situações, como “aquecimento global” que direciona à *tag calentamiento global* do *El País*. Outra opção recorrente é o direcionamento para colunas anteriores publicadas por Brum ou mesmo links para outros sites aos quais Brum faz referência ao longo dos textos.

7 CONCLUSÃO

Eliane Brum sempre foi uma jornalista do desacomodamento, do cotidiano, focada em pessoas comuns, que usava recursos da literatura para transformar um Zé em um Ulisses. Essas características estavam presentes em seus trabalhos publicados em livros como *A vida que ninguém vê* (2006) e *O olho da rua* (2008) e continuaram presentes nas colunas publicadas no *El País* até o ano de 2018, como garantem Vivar e Abib (2018) e Leão (2019).

Em 2019, Eliane Brum decidiu enveredar-se por outro gênero do jornalismo: as colunas políticas. Com o histórico literário premiado e estudado que Brum tem, imaginou-se que em seu trabalho publicado em 2019 seria possível observar a possibilidade de conexão entre as duas áreas que estiveram presentes desde a origem do jornalismo: a política e a literatura.

Esta dissertação tinha a proposta de responder as seguintes perguntas: é possível que o jornalismo político, na internet, utilize recursos literários?; que características do jornalismo literário são e quais não são mantidas nas colunas políticas de Eliane Brum para o *El País*?; é possível continuar a fazer jornalismo do desacomodamento mesmo tratando de assuntos tão tradicionalmente ligados ao acontecimento, como a política? ; até que ponto é possível abordar personagens, fontes e temáticas do cotidiano quando sua pauta principal é a política?; e se Eliane Brum consegue se diferenciar dos demais colunistas políticos, que características seus textos trazem para esse gênero jornalístico?

Ao longo deste trabalho, foi possível perceber que Eliane Brum optou por não usar recursos literários com frequência. Isso não quer dizer, porém, que seja impossível usar esses recursos em textos políticos escritos para a internet. Na verdade, em textos como “Quem mandou matar Marielle? E por quê?”, a própria Eliane Brum trouxe recursos literários para um texto que discutia a morte de uma política e também os rumos políticos tomados pelo Brasil. Para tanto, Brum colocou-se como personagem. Essa estratégia indica que seria possível incluir a literatura em colunas políticas ao colocar o próprio jornalista como personagem e narrar os eventos.

Embora não seja feito isso em nenhum momento por Eliane Brum, entende-se que a mesma estratégia poderia ser empregada para narrar fatos políticos pelos olhos de pessoas comuns. Essa ideia se reforça à medida que Aldé *et al* (2007) chegam a descrever as colunas políticas feitas na web como um “híbrido entre a atualidade jornalística e a crônica pessoal” (ALDÉ *et al*, 2007, p.31). E as crônicas, por sua vez, como escreveu Melo (1985), são um formato híbrido entre jornalismo e literatura que permitem uma intercessão maior entre

notícia, comentário e literariedade, o que permitiria uma maior liberdade inclusive para o uso de fontes e personagens pertencentes a camadas que sofrem violências simbólicas.

Contudo, a ausência de pessoas ordinárias, invisíveis, é uma das características mais notáveis dos textos de Eliane Brum escritos ao longo de 2019. Brum prefere dar destaque a fontes oficiais, compostas por especialistas e mesmo outros jornalistas. Muitas falas de políticos são citadas, mas elas não provêm de entrevistas feitas pela jornalista e sim retiradas de outros contextos. Ainda assim, a forte presença de políticos já havia sido apontada por Coutinho (2005) em colunas de outros jornalistas.

A autora também observou que havia uma tendência que a colunas políticas pautassem o jornal como um todo. Esta pesquisa não teve foco nas demais matérias produzidas pelo *El País*, portanto não é possível dizer que essa influência aconteceu no caso de Eliane Brum, mas é possível observar uma tentativa de agendamento feita pela jornalista. Isso se torna perceptível à medida que Brum questiona a abordagem feita por seus colegas de imprensa e tenta, por meio da ordenação de seu texto e da escolha de pautas, esclarecer o que seria mais importante. Em geral pode-se observar dois temas centrais para Brum: a pauta ambiental e a incompetência do governo federal.

Como apontado por Gomes (2004), é recorrente que jornalistas apontem os políticos como maldosos e à imprensa como boa, mas Eliane Brum vai além, caracterizando também parte da imprensa como má e a ela própria como boa. Apesar disso, é possível dizer que Brum, nos textos analisados, não foge muito ao tradicional, empregando todas as estratégias de objetividade elencadas por Tuchman (1996) e empregando pouco das estratégias do jornalismo literário. Em entrevistas, por exemplo, hábitos e gestos não são descritos por Eliane Brum, ou seja, são vistos como menos relevantes. Também não há uma preocupação da autora com a perenidade de seus textos, muito ligados aos acontecimentos recentes. A profundidade, outra característica dos textos que unem jornalismo e literatura, é apenas parcialmente obtida. Isso porque raramente as fontes são de fato ouvidas pela jornalista e os documentos apresentados como provas auxiliares, bem como a fala de especialistas, são consonantes com a argumentação de Brum e estão ali apenas como uma estratégia de possibilidade de contraditório que, como explica Tuchman (1996), é usada para criar uma ilusão de consenso e verdade.

Nesse ponto também Brum se afasta do jornalismo do desacontecimento defendido por ela. O gênero teria como foco a possibilidade que o leitor tirasse suas próprias conclusões sobre os temas, o que não é possível nas colunas de Brum em 2019. Nestes textos, a jornalista

leva seus leitores a uma única interpretação dos fatos, a dela própria. Esse recurso também é tradicional e já foi observado pelas teorias construcionistas.

Não se pode dizer que essa guinada ao jornalismo objetivo foi trazida ao jornalismo de Brum pela internet. Isso porque, outros autores já observaram construções mais próximas do jornalismo do desacomodamento nos textos escritos por Eliane Brum para o El País em anos anteriores e também porque os recursos da internet são praticamente ignorados por Brum. A jornalista não faz uso de recursos multimidiáticos e os hiperlinks utilizados por ela com frequência não servem para a construção de uma estrutura de texto horizontal.

Ao mesmo tempo, a possibilidade de uso de ferramentas tanto do jornalismo literário quanto do jornalismo do desacomodamento é observada pontualmente nos textos de Brum. Nota-se o uso de apelidos jocosos, usados no tempo do jornalismo político-literário, bem como descrições de situações do cotidiano de Brum e até horizontalidade entre fontes reconhecidas como Zigmunt Bauman e o poeta Elio Alves. E, se é possível fazer uso desses recursos, pode-se concluir que Brum escolheu não utilizá-los com tanta frequência, mas não é possível inferir que razões a jornalista teria tido para se aproximar de um jornalismo mais ligado às estruturas tradicionais.

Contudo, é possível levantar hipóteses para a mudança no estilo de colunas escritas pela jornalista. Eliane Brum deixou claro em seus textos que a ascensão de Bolsonaro ao poder representa a chegada do homem mediano a um cargo antes ocupado apenas pelos “melhores entre os seus”, como foi dito em “O Homem mediano assume o poder”. É legítimo supor que foram a eleição e a posse de Bolsonaro que levaram Eliane Brum a escrever sobre política. Um homem mediano é, afinal, um homem ordinário, um Zé e não um Ulisses. Ao mesmo tempo, ter um homem ordinário como presidente é, como escreveu Brum extraordinário. Essa dualidade entre extraordinário e ordinário, pode ter sido um dos motivadores para a mudança de temática pela qual Eliane Brum passou.

Outra possibilidade é que tenha sido um pedido do próprio El País. Considerando que Brum é uma de suas principais colunistas, tê-la na editoria de política poderia atrair seus leitores para esse segmento. É possível ainda que Brum tenha entendido que, com a chegada de Bolsonaro ao poder, a política tenha dominado o cotidiano, então, falar de política também seria falar do ordinário. Para termos a confirmação destas hipóteses seria necessário fazer uma entrevista com Eliane Brum, que pode elucidar suas decisões tanto de um aspecto temático quanto estilístico.

REFERÊNCIAS

- ACONTECIMENTO. **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos LTDA. 2015. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/acontecimento/>> Acesso em: 27 de abril de 2020.
- ALDÉ, Alessandra; ESCOBAR, Juliana; CHAGAS, Viktor. A febre dos blogs de política. **Revista FAMECOS**, nº 33, agosto de 2007, p. 29-40.
- ALVES FILHO, Francisco. **A autoria nas colunas de opinião assinadas da Folha S. Paulo**. Campinas, SP, tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2005. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270787>> Acesso em: 15 de junho de 2020.
- ARAÚJO, Maria Eduarda. De miserável à heroína: as estratégias de persuasão no Novo Jornalismo. **Ao pé da letra**, revista online, v. 13.2, s.n., jul/dez., 2011. Disponível em: <<http://issuu.com/revistaaopedaletra/docs/aopedaletra13-2> > Acesso em: 22 de agosto de 2015.
- ARIAS, Juan. **O EL PAÍS é um jornal de esquerda?** El País. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/22/opinion/1487788532_309244.html> Acesso em 24 de junho de 2020.
- ATUAL. **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos LTDA. 2015. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/atual/>> Acesso em: 27 de abril de 2020.
- BAZZO, Gabriela Santos. **Jornalismo dos Invisíveis: os diferenciais de Eliane Brum**. 2011, 90f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Departamento de Jornalismo, UFSC, Florianópolis, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/121120/299441.pdf?sequence=1&isAllowed=y> > Acesso em: 15 de Julho de 2015.
- BARROS FILHO, Clóvis; PRAÇA, Sérgio. Agenda Setting, Newsmaking e a Espiral do Silêncio. In: CITELLI, Adilson et al. **Dicionário de comunicação: escolas, teorias e autores**. São Paulo: Contexto, 2014.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOORSTIN, Daniel. **The Image: A Guide to Pseudo Events in America**. Disponível em: <http://www.columbia.edu/itc/journalism/j6075/edit/boor.html> Acesso em: 26 de outubro de 2020.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BRADSHAW, Paul. *Instantaneidade: Efeito da rede, jornalistas mobile, consumidores ligados e o impacto no consumo, produção e distribuição*. In CANAVILHAS, João (org.). **WebJornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Labcom Books, 2014.

Disponível em: <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404_webjornalismo_jcanavilhas.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2016.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da comunicação. In: **Verso e Reverso**, vol. XXV, n.58, jan/abr, 2011.

_____. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, MA., JANOTTI JUNIOR, J., e JACKS, N., orgs. **Mediação & mediação** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 29-52. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2017.

_____. O que a comunicação transforma. In **10 perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. Org. BRAGA, José Luiz... [et al]. São Leopoldo – RS: Ed. UNISINOS, 2013. p.156-172.

BRUM, Eliane. **A Vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago, 2006. 204p.

_____. **O Olho da rua**: uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Globo, 2008. 424p.

_____. **Meus desacontecimentos**: a história da minha vida com as palavras. Porto Alegre: Arquipélago, 2017. 128p.

_____. **O homem mediano assume o poder**. El País. 2019a. Disponível em: <<http://bit.ly/2CNdqdb>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **O chanceler quer apagar a história do Brasil**. El País. 2019b. Disponível em: <<http://bit.ly/2Mj4Hmw>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **Mourão, o moderado**. El País. 2019c. Disponível em: <<http://bit.ly/2TIMO9d>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **As crianças tomam conta do mundo**. El País. 2019d. Disponível em: <<http://bit.ly/2IHqWol>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **Bolsonaro (des)governa o Brasil pelo Twitter**. El País. 2019e. Disponível em: <<http://bit.ly/2IYY6zD>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **Quem mandou matar Marielle? E por quê?** El País. 2019f. Disponível em: <<http://bit.ly/2XUbo3D>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **Bolsonaro manda festejar o crime**. El País. 2019g. Disponível em: <<http://bit.ly/2HHKGXh>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **Cem dias sob o domínio dos perversos**. El País. 2019h. Disponível em: <<http://bit.ly/2OZpI6M>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **O “mártir” governa.** El País. 2019i. Disponível em: <<http://bit.ly/2IFqHZs>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **EU + UM + UM + UM+.** El País. 2019j. Disponível em: <<http://bit.ly/2W38FGT>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **O golpe de Bolsonaro é pela família, contra a nação.** El País. 2019k. Disponível em: <<http://bit.ly/2JybV7n>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **A potência da primeira geração sem esperança.** El País. 2019l. Disponível em: <<http://bit.ly/2WKHQaR>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **Ei, Bolsonaro, até o pênis está diminuindo.** El País. 2019m. Disponível em: <<http://bit.ly/2ZtvOjU>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **MBL usa o aborto para reposicionar a marca.** El País. 2019n. Disponível em: <<http://bit.ly/2RR2G3p>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **“Empresários não podem ser batedores de carteiras”.** El País. 2019o. Disponível em: <<http://bit.ly/30IuxGb>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **Doente de Brasil.** El País. 2019p. Disponível em: <<http://bit.ly/2MtYLSG>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **As crianças de Altamira.** El País. 2019q. Disponível em: <<http://bit.ly/2z0CIHA>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **Bolsonaro está espionando o Papa?** El País. 2019r. Disponível em: <<https://bit.ly/2khZOk4>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **“A notícia é esta: o Xingu vai morrer”.** El País. 2019s. Disponível em: <<https://bit.ly/2mk5oTr>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **Como vocês se atrevem?** El País. 2019t. Disponível em: <<http://bit.ly/2ISKnQ6>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **Um Cristo amazônico... e mulher?** El País. 2019u. Disponível em: <<http://bit.ly/2p7eWCG>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **Lula livre, sim, mas sem fraudar a história.** El País. 2019v. Disponível em: <<http://bit.ly/32LtGGa>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **Erro de projeto coloca estrutura de Belo Monte em risco.** El País. 2019w. Disponível em: <<http://bit.ly/2NviBUE>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **O AI-5 já se instala na Amazônia (e nas periferias urbanas).** El País. 2019x. Disponível em: <<http://bit.ly/2OqLamH>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **Belo Monte, a obra que une os polos políticos.** El País. 2019y. Disponível em: <<http://bit.ly/2sTG8XA>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

_____. **Protejam Erasmo: ele pode ser assassinado a qualquer momento.** El País. 2019z. Disponível em: <<http://bit.ly/2MktMyr>> Acesso em: 20 de outubro de 2020.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e Literatura em Convergência.** São Paulo, Editora Àtica, 2007. 216p.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação.** 2ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo. Paz e Terra, 2017.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da literatura.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

COMUNICAR. **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.** Editora Melhoramentos LTDA. 2015. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/comunicar/>> Acesso em: 27 de abril de 2020.

COUTINHO, Iluska. **Colunismo e Poder: representação nas páginas de Jornal.** Rio de Janeiro (RJ): Sotese, 2005.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura uma introdução.** 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Estudos Culturais Ingleses.* In: CITELI, Adilson et al. **Dicionário de Comunicação: escolas, teorias e autores.** São Paulo: Contexto, 2014, p.248-256.

FAUSTO NETO, Antônio. Contendas de sentidos: estratégias de midiaticização da doença do ex-presidente Lula. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática.** Vol. 11, N. 22. 2012, pp. 246 a 271.

_____. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação? In **10 perguntas para a produção de conhecimento em comunicação.** Org. BRAGA, José Luiz... [et al]. São Leopoldo – RS: Ed. UNISINOS, 2013. p. 43-64.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FONSECA, Isabel de Assis. **Guinada subjetiva no jornalismo: um olhar opaco em direção às narrativas da repórter Eliane Brum.** In: XXXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Manaus, 4-7, set. 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/r8-0287-1.pdf>> Acesso em: 3 de agosto de 2016.

FRANÇA, Vera. O objeto da comunicação/A comunicação como objeto. In: HOHLFELT, Antônio; MARTINO, Luiz; FRANÇA, Vera. **Teorias da Comunicação: escolas conceitos e tendências.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p.39-60.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** 49 ed. São Paulo: Global, 2004a.

_____. **Sobrados e Mocambos**: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano. 49 ed. São Paulo: Global, 2004b.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

GOTIB, Nádya Battella. **Teoria do conto**. São Paulo: Editora Ática, 1985.

GUIMARÃES, Manoel L. S. Nação e civilização nos trópicos: o IHGB e o projeto de uma história nacional. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**: perspectivas do digital. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HJARVARD, S. **Midiatização**: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. *Matrizes*, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 53-91, jan./jun. 2012.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 19 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. p. 169-214. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

JENKINS, Henry. **Cultura de convergência**. São Paulo – SP, Editora Aleph, 2015.

_____. The Revenge of the Origami Unicorn: Seven Principles of Transmedia Storytelling (Well, Two Actually. Five More on Friday). 12 de dezembro de 2009. Disponível em: <http://henryjenkins.org/blog/2009/12/the_revenge_of_the_origami_uni.html> Acesso em 3 de agosto de 2019.

JIMÉNEZ, Carla. **O EL PAÍS vai mudar, para melhor**. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-05-01/o-el-pais-vai-mudar-para-melhor.html>> Acesso em 29 de junho de 2020.

LACERDA, Luciene Mendes. **Jornalismo gonzo**: um possível diálogo entre Hunter S. Thompson e Arthur Veríssimo. In: 7º ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES DA HISTÓRIA DA MÍDIA, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/O%20jornalismo%20gonzo.pdf>> Acesso em: 03 de agosto de 2016.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa. Rio de Janeiro: Record, 2009.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4ª ed. Barueri, SP: Manole, 2009.

LIMA, Venício A. de. Sete teses sobre mídia e política no Brasil. **REVISTA USP**, São Paulo, n.61, p. 48-57, março/maio 2004.

LEGROS, Patrick et al. **Sociologia do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARÃO, José Carlos. Por que falar de Realidade? In MARÃO, José Carlos e RIBEIRO, José Hamilton. **Realidade re-vista**. Santos, SP: Realejo Edições, 2010, p.17-20.

_____. Vida, paixão e morte de nossa senhora Realidade. In MARÃO, José Carlos e RIBEIRO, José Hamilton. **Realidade re-vista**. Santos, SP: Realejo Edições, 2010, p.21-37.

MARCONDES Filho, Ciro. **O Capital da Notícia**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MARTINO, Luiz C. “De qual comunicação estamos falando?”. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga & MARTINO, Luiz C. (Orgs). **Teorias da Comunicação: escolas conceitos e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001a, p.11-26.

MARTINO, Luiz C. “Interdisciplinaridade e objeto de estudo”. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga & MARTINO, Luiz C. (Orgs). **Teorias da Comunicação: escolas conceitos e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001b.

MARTINS, Lilian Juliana. **Aproximações entre jornalismo e literatura no debate sobre a crise do jornal: o caso de Eliane Brum**. 2010. 103f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - Campus Bauru - UNESP. Bauru, 2010. Disponível em:

<https://www.faac.unesp.br/Home/Pos-graduacao/Comunicacao/DissertacoesDefendidas/lilianmartins.pdf>. Acesso em: 15 de julho de 2015.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985. 166p.

MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

MIGUEL, Luís Felipe, MARQUES, Danusa e MACHADO, Carlos. Capital Familiar e Carreira Política no Brasil: Gênero, Partido e Região nas Trajetórias para a Câmara dos Deputados. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 58, no 3, 2015, pp. 721 a 747.

MOLLIER, Jean-Yves. As origens do romance-folhetim: do espaço textual ao recorte de uma obra de ficção. **ALEA**. Rio de Janeiro. Vol. 20, No 3. 2018, p.17-36. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2018000300017> Acesso em: 11 de abril de 2020.

MORAES, Dênis de. Sistema midiático, mercantilização cultural e poder mundial. In: MORAES, Dênis de. **Mídia, poder e contrapoder [recurso eletrônico]: da concentração monopólica à democratização da informação / Dênis de Moraes, Ignacio Ramonet, Pascual Serrano; [tradução Karina Patrício]**. - São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 8ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

ORMANEZE, Fabiano. Eu sou o outro e o outro sou eu: a humanização no jornalismo literário. **Conectiva**, Pouso Alegre: n.5, p. 119-132, jul./dez. 2005.

PAVAN, Maria Angela. A arte da reportagem no livro “O Olho da Rua”, de Eliane Brum. **Biblicom**, v. 2, nº 1, jan/fev., 2009. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/bibliocom/article/viewFile/1528/1506>> Acesso em: 15 de Julho de 2015.

PALHARES, Mariana de Ávila; BARBOSA, Karina Gomes. **Jenipapo**: espaço-laboratorial para a reflexão e prática da grande reportagem. In: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, XXI Prêmio Expocom, 2014. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0BzN5IkiTTAiedG5oaTVQV3RVdXc/view?pli=1>> Acesso em: 21 de agosto de 2015.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013. 142p.

QUADROS, Ana Resende. **Marcas de um olhar**: um estudo das obras de Eliane Brum. Monografia (Graduação em Comunicação Social- Jornalismo). Departamento de Comunicação, Universidade Federal de São João del-Rei.

RAMONET, Ignácio. A explosão do jornalismo na era digital. In: MORAES, Dênis de. **Mídia, poder e contrapoder** [recurso eletrônico]: da concentração monopólica à democratização da informação / Dênis de Moraes, Ignacio Ramonet, Pascual Serrano; [tradução Karina Patrício]. - São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2014.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil**: de Varnhagen a FHC. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

RESENDE, Edna Maria. **Ecos do liberalismo**: ideários e vivências das elites regionais no processo de construção do Estado imperial, Barbacena (1831-1840). Tese (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - UFMG. Belo Horizonte, 2008.

RIBEIRO, José Hamilton. Está chegando pão quente. In MARÃO, José Carlos e RIBEIRO, José Hamilton. **Realidade re-vista**. Santos, SP: Realejo Edições, 2010, p.38-46.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da comunicação**: questão comunicacional e formas de sociabilidade. Editorial Presença; Lisboa, 1990.

RODRIGUES, R. H. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo**: cronotopo e dialogismo. São Paulo, LAEL/PUC-SP 2001. (tese de doutorado) Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Teses/rosangela_rodrigues.pdf> Acesso em: 15 de junho de 2020.

ROZENDO, Suzana; MEGA, Vinícius Mizumoto. **A Humanização dos Relatos em João do Rio e Eliane Brum**: Observação e Consonância que perpassam o tempo. In: 3º Encontro Regional Sudeste de História da Mídia “Mídia e Memórias do Autoritarismo” (GT 1 – História do Jornalismo), 2014. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros->

nacionais-1/encontros-regionais/sudeste/3o-encontro-2014/gt-1-2013-historia-do-jornalismo/a-humanizacao-dos-relatos-em-joao-do-rio-e-eliane-brum-observacao-e-consonancia-que-perpassam-o-tempo/view> Acesso em 02 de agosto de 2016.

SALAVERRIA, Ramón. *Multimedialidade: Informar para cinco sentidos*. In CANAVILHAS, João (org.). **WebJornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Labcom Books, 2014. Disponível em: <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404_webjornalismo_jcanavilhas.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2016.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano**. São Paulo: Paulus, 2003.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. **Brasil: uma biografia**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SERRANO, Pascual. Outro jornalismo possível na internet. In: MORAES, Dênis de. **Mídia, poder e contrapoder** [recurso eletrônico]: da concentração monopólica à democratização da informação / Dênis de Moraes, Ignacio Ramonet, Pascual Serrano; [tradução Karina Patrício]. - São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

SOUZA, Jessé. **Ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

THOMPSON, John. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TRAJETÓRIA. Eliane Brum desacontecimentos. Disponível em: <<http://desacontecimentos.com/biografia/>> Acesso em: 24 de junho de 2020.

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: TRAQUINA, Nelson (Org). **Jornalismo. Questões, teorias e ‘estórias’**. Lisboa: Editora Vega, 1993, p. 167-176.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. Unisinos: São Leopoldo, RS, 2001.

TRAVANCAS, Isabel. **O livro no jornal: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90**. Cotia: Ateliê Editorial, 2001. 162p.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. 1972. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”**. Lisboa: Vega Editora, 1996.

VIVAR, Jesús Miguel Flores e ABIB, Tayane Aidar. O expediente da argumentação no jornalismo de Eliane Brum: análise de suas colunas ao El País Brasil. **Comunicação & Inovação**, revista online, v. 19, nº40, 2018. Disponível em: <https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/5175/2471> Acesso em 24 de junho de 2020.

WEISE, Angélica Fabiane. Para compreender o jornalismo literário. **Revista Observatório de Imprensa**, revista online, nº 730, 2013. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/_ed730_para_compreender_o_jornalismo_literario/> Acesso em: 3 de Julho de 2015.

WOLF, Mauro. **Teorias das Comunicações de Massa**. Tradução Karina Jannini – 3. ed. – São Paulo: Martins Fontes: 2008.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 245p.

ANEXOS

Tabela 3 - Hiperlinks por texto

O Homem mediano assume o poder		
O que diz o texto	Link	Tipo
Jair Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/tag/jair_messias_bolsonaro/a	Tag
Luiz Inácio Lula da Silva	https://brasil.elpais.com/tag/luiz_inacio_da_silva	Tag
Palácio do Planalto	https://brasil.elpais.com/tag/palacio_do_pla_nalto	Tag
ditadura militar	https://brasil.elpais.com/tag/dictadura_brasi_lena	Tag
Partido dos Trabalhadores	https://brasil.elpais.com/tag/pt_partido_trab_ajadores_brasil	Tag
Marina Silva	https://brasil.elpais.com/tag/marina_silva	Tag
como já escrevi neste espaço	https://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/01/opinion/1409578464_024733.html	Coluna de Brum: Os Silva são diferentes
floresta amazônica	https://brasil.elpais.com/tag/amazonia	Tag
Igreja Católica	https://brasil.elpais.com/tag/iglesia_catolica	Tag
Teologia da Libertação	https://brasil.elpais.com/tag/teologia_libera_cion	Tag
evangélica	https://brasil.elpais.com/tag/iglesia_evangel_ista	Tag
Getúlio Vargas	https://pt.wikipedia.org/wiki/Get%C3%BAlio_Vargas	Artigo na Wikipedia
extrema direita	https://brasil.elpais.com/tag/extrema_derech_a	Tag
redes sociais	https://brasil.elpais.com/tag/redes_sociales	Tag
John Bolton	https://brasil.elpais.com/tag/john_bolton	Tag
Donald Trump	https://brasil.elpais.com/tag/donald_trump	Tag
Tiririca	https://pt.wikipedia.org/wiki/Tiririca_(artista)	Artigo na Wikipedia
"família" Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/31/politica/1546287904_141800.html	Texto da editoria de Política do El País
posse de Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/01/politica/1546380630_050685.html	Texto da editoria de Política do El País
WhatsApp	https://brasil.elpais.com/especiais/2018/eleicoes-brasil/conversacoes-whatsapp/	Texto do El País sobre as eleições de 2018
Facebook	https://brasil.elpais.com/tag/facebook	Tag
Mark Zuckerberg	https://brasil.elpais.com/tag/mark_zuckerber_g	Tag
Nordeste	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/30/politica/1540922712_262939.html	Texto da editoria de Política do El País
Fernando Haddad (PT)	https://brasil.elpais.com/tag/fernando_haddad	Tag
violência doméstica	https://brasil.elpais.com/tag/violencia_dome_stica	Tag
Lei Maria da Penha	https://brasil.elpais.com/tag/lei_maria_da_p_enha	Tag
LGBTI	https://brasil.elpais.com/tag/lgtb	Tag
Laerte Coutinho	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/13/estilo/1452687971_322515.html	Texto da editoria Estilo do El País

"politicamente correto"	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/01/politica/1546380630_050685.html	Texto da editoria de Política do El País
feminista	https://brasil.elpais.com/tag/feminismo	Tag
cotas raciais nas universidades	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/03/politica/1530632060_600428.html	Texto da editoria de Política do El País
movimentos negros	https://brasil.elpais.com/tag/negros	Tag
PEC (Proposta de Emenda Constitucional) das Domésticas	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/09/politica/1518183910_858999.html	Texto da editoria de Política do El País
escrava contemporânea	https://brasil.elpais.com/tag/trabajo_esclavo	Tag
igrejas evangélicas neopentecostais	https://brasil.elpais.com/tag/iglesia_evangelista	Tag
Olavo de Carvalho	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/27/politica/1543319632_709659.html	Texto da editoria de Política do El País
liberta os sentimentos reprimidos de seus iguais	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/16/politica/1531751001_113905.html	Texto da editoria de Política do El País
Paulo Guedes	https://brasil.elpais.com/tag/paulo_roberto_nunes_guedes	Tag
Sérgio Moro	https://brasil.elpais.com/tag/sergio_fernando_moro	Tag
"agronegócio"	https://brasil.elpais.com/tag/agroalimentacion	Tag
Michel Temes	https://brasil.elpais.com/tag/michel_temer	Tag
vai abrir a Amazônia para a exploração	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/07/politica/1541597534_734796.html	Texto da editoria de Política do El País
Meio Ambiente	https://brasil.elpais.com/tag/medio_ambiente	Tag
Ernesto Araújo	https://brasil.elpais.com/tag/ernesto_henrique_fraga_araujo	Tag
ministro da Educação	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/22/politica/1542910509_576428.html	Texto da editoria de Política do El País
Escola de Chicago	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/31/economia/1546289021_884592.html	Texto da editoria de Economia do El País
Operação Lava Jato	https://brasil.elpais.com/tag/operacion_lava_jato	Tag
Fabrizio Queiroz	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/21/politica/1545417445_732874.html	Texto da editoria de Política do El País
"fake news"	https://brasil.elpais.com/tag/bulos_internet	Tag
Total de hiperlinks: 49		
O chanceler quer apagar a história do Brasil		
O que diz o texto	Link	Tipo
discurso de posse	https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/01/leia-a-integra-do-discurso-do-ministro-ernesto-araujo-em-sua-posse-no-ministerio-das-relacoes-exteriores.shtml	Link para Foha de S. Paulo
a ideologia do Governo Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/02/opinion/1546450311_448043.html	Coluna de Brum
Olavo de Carvalho	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/27/politica/1543319632_709659.html	Texto da editoria de Política do El País
discurso de posse	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/02/politica/1546464944_513470.html	Texto da editoria de Política do El País
os malucos agora sapateiam no palco	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/06/politica/1544113288_218824.html	Coluna de Brum
Ernesto Araújo	https://brasil.elpais.com/tag/ernesto_henrique_fraga_araujo	Tag

	ue fraga araujo	
redes sociais	https://brasil.elpais.com/tag/redes_sociales/a	Tag
Donald Trump	http://brasil.elpais.com/tag/donald_trump/a	Tag
WhatsApp	https://brasil.elpais.com/tag/whatsapp/a	Tag
depósitos de Queiroz	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/27/politica/1545866037_984133.html	Texto da editoria de Política do El País
Facebook	https://brasil.elpais.com/tag/facebook/a	Tag
Portugal	https://brasil.elpais.com/tag/portugal	Tag
Europa	https://brasil.elpais.com/tag/europa	Tag
como ele escreveu	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/27/politica/1545925083_475905.html	Texto da editoria de Política do El País
Twitter	http://brasil.elpais.com/tag/twitter/a	Tag
Em artigo no Nexo	https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2019/O-inimigo-n%C3%BAmero-um-do-chanceler-brasileiro-Ernesto-Ara%C3%Bajo	Link para artigo no Nexo
cristianismo	https://brasil.elpais.com/tag/cristianismo	Tag
Hamilton Mourão	https://brasil.elpais.com/tag/antonio_hamilton_martins_mourao	Tag
legalização do “grilo” pelo governo do momento	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/02/opinion/1506961759_879609.html	Coluna de Brum
Como mostrou pesquisa recente do DataFolha	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/maioria-dos-brasileiros-e-contraria-a-reducao-de-terras-indigenas.shtml	Link para Foha de S. Paulo
aquecimento global	https://brasil.elpais.com/tag/cambio_climatico	Tag
e extinguiu o departamento que cuidava do clima e de energias renováveis	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/16/opinion/%20http://www.observatoriodoclima.eco.br/extincao-da-area-de-clima-itamaraty-e-medida-ideologica-e-antipatriotica/	Link quebrado
Transferiu a Fundação Nacional do Índio (Funai)	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/28/politica/1546015511_662269.html	Texto da editoria de Política do El País
Damares Alves	https://brasil.elpais.com/tag/damares_alves	Tag
Se os lucros são de poucos, o prejuízo sobrar para todos	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/07/politica/1541597534_734796.html	Texto da editoria de Política do El País
crise da água em São Paulo	https://brasil.elpais.com/tag/sequia_sao_paulo	Tag
Amazônia	https://brasil.elpais.com/tag/amazonia	Tag
Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/tag/jair_messias_bolsonaro/a	Tag
Povos Indígenas no Brasil	https://pib.socioambiental.org/	Lista de povos indígenas no Brasil
Michel Temer	https://brasil.elpais.com/tag/michel_temer/a	Tag
hoje paralisada por Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/10/politica/1547127207_473507.html	Texto da editoria de Política do El País
Total de hiperlinks: 31		
Mourão, o moderado		
O que diz o texto	Link	Tipo
disse à repórter Josette Goulart, da Folha de S. Paulo	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/defesa-contrain impeachment-pesou-na-escolha-de-bolsonaro-por-vice.shtml	Link para Foha de S. Paulo
Jair Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/tag/jair_messias_bolsonaro/a	Tag

	olsonaro	
Hamilton Mourão	https://brasil.elpais.com/tag/antonio_hamilton_martins_mourao	Tag
ditadura militar	https://brasil.elpais.com/tag/dictadura_brasileira	Tag
Marielle Franco	https://brasil.elpais.com/tag/caso_marielle_franco	Tag
conforme divulgou o jornal O Globo	https://oglobo.globo.com/brasil/veja-as-ameacas-que-levaram-jean-wyllys-sair-do-brasil-vou-te-matar-com-explosivos-23401714	Link para O Globo
notícia de que deixava o Brasil	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/24/politica/1548364530_154799.html	Texto da editoria de Política do El País
Jean Wyllys	https://brasil.elpais.com/tag/jean_wyllys_de_matos_santos/a/	Tag
Fórum Econômico Mundial de Davos	https://brasil.elpais.com/tag/foro_davos/a	Tag
seu discurso em Davos	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/22/economia/1548182020_953667.html	Texto da editoria de Economia do El País
o vazio de Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/02/opinion/1546450311_448043.html	Coluna de Brum
maior porção da floresta amazônica	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/07/politica/1541597534_734796.html%20%20	Texto da editoria de Política do El País
Flávio Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/tag/flavio_nantes_bolsonaro/a/	Tag
Fabício Queiroz	https://brasil.elpais.com/tag/fabricio_jose_carlos_de_queiroz/a/	Tag
pediu foro privilegiado ao Supremo Tribunal Federal	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/17/politica/1547754056_100066.html	Texto da editoria de Política do El País
entrevista ao jornalista Luiz Maklouf Carvalho, no jornal O Estado de S. Paulo	https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,reacao-de-flavio-parece-a-de-aecio-e-a-de-lula,70002696020	Link para O Estado de S. Paulo
gravou um vídeo dizendo	https://piaui.folha.uol.com.br/olavo-lidera-insurgencia-entre-bolsonaristas/	Link para Foha de S. Paulo
filho próximo das milícias que produzem crimes	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/22/politica/1548165508_401944.html	Texto da editoria de Política do El País
os chamados Chicago Boys	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/30/politica/1540925012_110097.html	Texto da editoria de Política do El País
em reportagem da Folha de S. Paulo	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/militares-ja-se-espalham-por-21-areas-do-governo-bolsonaro-de-banco-estatal-a-educacao.shtml	Link para Foha de S. Paulo
como já escrevi	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/21/opinion/1542809746_443796.html	Coluna de Brum
homenagear o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/20/politica/1461180363_636737.html	Texto da editoria de Política do El País
quando disse à jornalista Mônica Bergamo	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/nao-e-o-caso-de-comprar-brigas-que-nao-podemos-vencer-diz-hamilton-mourao.shtml	Link para Foha de S. Paulo
Jean Wyllys de que não assumiria o mandato	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/24/politica/1548364530_154799.html	Texto da editoria de Política do El País
ameaças de morte	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/14/politica/1544807070_057021.html	Texto da editoria de Política do El País

Olavo de Carvalho	https://brasil.elpais.com/tag/olavo_luiz_pimentel_de_carvalho/a/	Tag
Ustra	https://brasil.elpais.com/tag/carlos_alberto_brilhante_ustra/a/	Tag
torturador da ditadura	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/20/politica/1461180363_636737.html	Texto da editoria de Política do El País
Total de hiperlinks: 28		
As crianças tomam conta do mundo		
O que diz o texto	Link	Tipo
aquecimento global	https://brasil.elpais.com/tag/calentamiento_global	Tag
gente mimada e egoísta	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/10/deportes/1531176149_973978.html	Texto da editoria de Esportes do El País
movimento de crianças e adolescentes	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/21/deportes/1550784946_705165.html	Texto da editoria de Esportes do El País
Cúpula do Clima	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/15/internacional/1544875463_637919.html	Texto da editoria de Internacional do El País
Polônia	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/01/internacional/1543686099_558961.html	Texto da editoria de Internacional do El País
cidadãos foram convertidos em consumidores	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/07/cultura/1517989873_086219.html	Texto da editoria de Cultura do El País
pecuária é uma das principais causas do aquecimento global	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/28/ciencia/1446060136_851539.html	Texto da editoria de Ciência do El País
crianças e adolescentes sabem	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/21/deportes/1505949724_452491.html	Texto da editoria de Esportes do El País
evitar que o aquecimento global	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/13/opinion/1544717783_345025.html	Texto da editoria de Opinião do El País
Fórum de Davos	https://brasil.elpais.com/tag/foro_davos	Tag
efeitos concretos sobre o futuro da humanidade,	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/22/ciencia/1548172912_976395.html	Texto da editoria de Ciência do El País
pode conduzir o Brasil para o abismo	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/07/politica/1541597534_734796.html	Texto da editoria de Política do El País
governo Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/tag/jair_messias_bolsonaro	Tag
Como revelou a jornalista Tânia Monteiro, no jornal O Estado de S. Paulo	https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,planalto-ve-igreja-catolica-como-potencial-opositora,70002714758?utm_source=meio&utm_medium=email	Link para O Estado de S. Paulo
Amazônia	https://brasil.elpais.com/tag/amazonia	Tag
exploração de ouro	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/12/politica/1528817234_607438.html	Texto da editoria de Política do El País
BuzzFedd News	https://www.buzzfeednews.com/article/lesterfeder/europe-climate-change-protests-teens?fbclid=IwAR1xhAUJ3QMREKlmO1YST9OYJAPsJACDh2MgOxtI0yL2C0hu6Oj_9C72Z_E	Link para o BuzzFeed News
estudantes das escolas públicas	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/27/politica/1477567372_486778.html	Texto da editoria de Política do El País
teoria científica da evolução de Charles Darwin	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/01/politica/1541112164_074588.html	Texto da editoria de Política do El País
censurar as questões do ENEM	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/06/politica/1541536926_746995.html	Texto da editoria de Política do El País
o slogan da campanha de	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/25/p	Texto da editoria de

Bolsonaro	olitica/1551131887_454015.html	Política do El País
dessa gente que lança frases sem lastro na realidade	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/06/politica/1544113288_218824.html	Texto da editoria de Política do El País
como debater questões como estas	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/18/opinion/1547769111_232247.html	Texto da editoria de Opinião do El País
apoiou massivamente a eleição de Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/07/politica/1544190377_589794.html	Texto da editoria de Política do El País
o rio Jordão está se tornando mais e mais estreito	https://www.theguardian.com/world/2019/feb/23/israel-where-jesus-preached-holy-waters-draining-away-sea-of-galilee-river-jordan	Link para o The Guardian
Sem a maior floresta tropical do mundo	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/12/album/1544639529_920647.html	Link para Ensaio Fotográfico no El País
E morrendo	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/26/politica/1537978764_156884.html	Texto da editoria de Política do El País
Em entrevista à revista New Yorker	https://www.newyorker.com/news/our-columnists/the-fifteen-year-old-climate-activist-who-is-demanding-a-new-kind-of-politics	Link para New Yorker
disse Bill McKibben	https://www.theguardian.com/environment/2019/feb/15/the-beginning-of-great-change-greta-thunberg-hails-school-climate-strikes	Link para o The Guardian
infantilização dos governantes	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/19/politica/1550602396_936757.html	Texto da editoria de Política do El País
Total de hiperlinks: 30		
Bolsonaro (des)governa o Brasil pelo Twitter		
O que diz o texto	Link	Tipo
Jair Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/tag/jair_messias_bolsonaro	Tag
redes sociais	https://brasil.elpais.com/tag/redes_sociales	Tag
Donald Trump	https://brasil.elpais.com/tag/donald_trump	Tag
Os três filhos	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/31/politica/1546287904_141800.html	Texto da editoria de Política do El País
conhecido como o “pitbull” do pai	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/22/opinion/1550793535_378897.html	Texto da editoria de Opinião do El País
filho 02 tuitou que era “mentira absoluta”	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/13/politica/1550095248_407492.html	Texto da editoria de Política do El País
Operação Lava Jato	https://brasil.elpais.com/tag/operacion_lava_jato	Tag
É a estética da bolsomonarquia	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/02/opinion/1546450311_448043.html	Coluna de Brum
Onyx Lorenzoni	https://brasil.elpais.com/tag/onyx_dornelles_lorenzoni	Tag
transferência da capital de Israel para Jerusalém	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/02/politica/1541168533_709759.html	Texto da editoria de Política do El País
o bafo na nuca do vice-presidente, general da reserva Hamilton Mourão	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/30/opinion/1548867475_387353.html	Coluna de Brum
as pessoas decidam acreditar que a Terra é plana	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/27/ciencia/1551266455_220666.html	Texto da editoria de Ciência do El País
muitos ateus que se comportam como crentes	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/14/opinion/1457966204_346156.html	Coluna de Brum
a verdade é autoverdade	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/16/politica/1531751001_113905.html	Coluna de Brum

abrir fogo no Twitter	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/06/politica/1551883432_030434.html	Texto da editoria de Política do El País
poste o vídeo que postou no Twitter	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/06/politica/1551883432_030434.html	Texto da editoria de Política do El País
Total de hiperlinks: 16		
Quem mandou matar Marielle? E por quê?		
O que diz o texto	Link	Tipo
Marielle Franco	https://brasil.elpais.com/tag/caso_marielle_franco	Tag
Dorothy Stang	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/30/opinion/1532957463_995238.html	Coluna de Brum
São Paulo	https://brasil.elpais.com/tag/sao_paulo	Tag
Dilma Rousseff (PT)	https://brasil.elpais.com/tag/dilma_rousseff	Tag
Michel Temer	https://brasil.elpais.com/tag/michel_temer	Tag
genocídio dos indígenas	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/28/politica/1535410477_538811.html	Texto da editoria de Política do El País
negra, como é a maioria dos que morre	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/05/politica/1528201240_021277.html	Texto da editoria de Política do El País
como o fez neste Carnaval	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/06/album/1551907280_008485.html	Link para Ensaio Fotográfico no El País
A vergonha atingiu quase todos nós	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/25/opinion/1461595521_717873.html	Coluna de Brum
como já escrevi neste espaço, mais de uma vez	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/13/opinion/%20https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/26/opinion/1498488947_331660.html	Link quebrado
que parte da esquerda chama de “golpe”	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/20/opinion/1466431465_758346.html	Coluna de Brum
no seu ato de cuspir	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/13/opinion/%20https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/10/opinion/1499694080_981744.html	Link quebrado
o desejo de destruição recalcado	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/06/opinion/1541508597_737258.html	Coluna de Brum
um desejo de destruição dos corpos das mulheres	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/21/opinion/1542809746_443796.html	Coluna de Brum
pela administração do ódio	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/06/opinion/1551904505_351681.html	Coluna de Brum
Da varanda da casa de Lessa é possível	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/13/opinion/%20https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/sobrevoo-de-helicopteros-em-operacao-rompe-calmaria-de-condominio-de-bolsonaro.shtml	Link quebrado
Total de hiperlinks: 16		
Bolsonaro manda festejar o crime		
O que diz o texto	Link	Tipo
golpe militar de 1964	https://brasil.elpais.com/tag/dictadura_brasileira	Tag
determinou “comemorações devidas” nos quartéis	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/26/politica/1553609505_570456.html	Texto da editoria de Política do El País
inclusive crianças	https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/08/opinion/1418042130_286849.html	Coluna de Brum
seguir reconhecido como uma democracia	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/26/opinion/1553638697_638185.html	Texto da editoria de Opinião do El País

Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/tag/jair_messias_bolsonaro	Tag
Carlos Alberto Brilhante Ustra	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/20/politica/1461180363_636737.html	Texto da editoria de Política do El País
Supremo Tribunal Federal	https://brasil.elpais.com/tag/stf_supremo_tribunal_federal	Tag
Comissão da Verdade	https://brasil.elpais.com/tag/cnv_comision_nacional_verdad_brasil	Tag
golden shower	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/06/politica/1551883432_030434.html	Texto da editoria de Política do El País
Bolsonaro e suas milícias digitais criaram a autoverdade	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/16/politica/1531751001_113905.html	Coluna de Brum
jornalista Afonso Benites, a guerra do todos contra todos	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/26/politica/1553557825_337887.html	Texto da editoria de Política do El País
é assim definida por ele	https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/03/frases-de-bolsonaro-sobre-ditadura-sao-infelizes-afirma-pinera.shtml	Link para Folha de S. Paulo
afirmou que as declarações de Onyx são "um desatino sem paralelo"	https://oglobo.globo.com/economia/presidentes-da-camara-do-senado-do-chile-reagem-frase-de-onyx-sobre-banho-de-sangue-23540855	Link para O Globo
à administração do ódio praticada pelo bolsonarismo	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/13/opinion/1552485039_897963.html	Coluna de Brum
em entrevista a este jornal	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/20/politica/1553037448_213932.html	Texto da editoria de Política do El País
Nadya Tolokonnikova	https://brasil.elpais.com/brasil/2014/01/18/internacional/1390081595_301854.html	Texto da editoria de Internacional do El País
Pussy Riot	https://brasil.elpais.com/tag/pussy_riot/a/	Tag
Donald Trump	https://brasil.elpais.com/tag/donald_trump	Tag
sendo usadas por políticos de direita	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/24/internacional/1553454729_290547.html	Texto da editoria de Internacional do El País
a ultradireitista Fox News	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/19/politica/1552995444_314406.html	Texto da editoria de Política do El País
Marielle Franco	https://brasil.elpais.com/tag/caso_marielle_franco	Tag
estudantes secundaristas nas ruas de cidades do mundo	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/14/opinion/1552583083_746638.html	Texto da editoria de Opinião do El País
Greta Thunberg	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/09/actualidad/1552146532_090042.html	Texto da editoria de Atualidades do El País
Total de hiperlinks: 23		
Cem dias sob o domínio dos perversos		
O que diz o texto	Link	Tipo
violência de agentes das forças de segurança	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/12/deportes/1536707395_262251.html	Texto da editoria de Esportes do El País
80 tiros disparados contra o carro de uma família	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/08/politica/1554759819_257480.html	Texto da editoria de Política do El País
Rio de Janeiro	https://brasil.elpais.com/tag/rio_de_janeiro	Tag
Donald Trump	https://brasil.elpais.com/tag/donald_trump	Tag
reforma da Previdência	https://brasil.elpais.com/tag/reforma_da_previdencia	Tag
Paulo Guedes	https://brasil.elpais.com/tag/paulo_roberto_nunes_guedes	Tag
contra a memória da ditadura militar	https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/08/opinion/1418042130_286849.html	Coluna de Brum

apagando os crimes do regime de exceção	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/05/politica/1554419295_939718.html	Texto da editoria de Opinião do El País
aqui	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/30/opinion/1548867475_387353.html	Coluna de Brum
Hamilton Mourão	https://brasil.elpais.com/tag/antonio_hamilton_martins_mourao	Tag
os mais de 400 opositores mortos e 8 mil indígenas assassinados	https://brasil.elpais.com/tag/crimenes_ditadura_brasileira	Tag
revisão da lei de anistia	https://brasil.elpais.com/brasil/2014/04/17/politica/1397764903_857222.html	Texto da editoria de Política do El País
Olavo de Carvalho	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/27/politica/1543319632_709659.html	Texto da editoria de Política do El País
golpe militar de 1964	https://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/26/opinion/1395847968_469405.html	Texto da editoria de Opinião do El País
ação na justiça para impedir as comemorações de crimes contra a humanidade	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/30/politica/1553963400_195148.html	Texto da editoria de Política do El País
Ricardo Vélez Rodríguez	https://brasil.elpais.com/tag/ricardo_velez_rodriguez	Tag
Twitter	https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1115261421321883648	Postagem de Bolsonaro no Twitter
redes sociais	https://brasil.elpais.com/tag/redes_sociais	Tag
Rodrigo Maia	https://brasil.elpais.com/tag/rodrigo_felinto_ibarra_epitacio_maia	Tag
Guedes	https://brasil.elpais.com/tag/paulo_roberto_nunes_guedes	Tag
extrema direita	https://brasil.elpais.com/tag/extrema_direita	Tag
neoliberalismo	https://brasil.elpais.com/tag/neoliberalismo	Tag
artigo anterior	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/27/opinion/1553688411_058227.html	Coluna de Brum
Recente pesquisa do Datafolha	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/04/apos-3-meses-bolsonaro-tem-a-pior-avaliacao-entre-presidentes-de-1o-mandato.shtml	Link para a Folha de S. Paulo
mostrando uma cena de “golden shower”	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/06/politica/1551883432_030434.html	Texto da editoria de Política do El País
sexualidade	https://brasil.elpais.com/tag/sexualidad	Tag
Alexandre Frota	https://brasil.elpais.com/tag/alexandre_frota_de_andrade	Tag
Sérgio Moro	https://brasil.elpais.com/tag/sergio_fernando_moro	Tag
pacote anticrime	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/20/politica/1550619251_555945.html	Texto da editoria de Política do El País
discurso de ódio	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/07/internacional/1544180778_836431.html	Texto da editoria de Internacional do El País
Paraná	https://brasil.elpais.com/tag/parana	Tag
Pernambuco	https://brasil.elpais.com/tag/pernambuco	Tag
Distrito Federal	https://brasil.elpais.com/tag/distrito_federal_brasil	Tag
João Doria	https://brasil.elpais.com/tag/joao_agripino_da_costa_doria_junior	Tag
houve 43 homicídios por parte	https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/201	Link para a Folha de S.

de policiais	9/04/mortes-demais.shtml	Paulo
militares dispararam 80 tiros	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/08/politica/1554759819_257480.html	Texto da editoria de Política do El País
Michel Temer	https://brasil.elpais.com/tag/michel_temer	Tag
o cotidiano de exceção	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/29/opinion/1496068623_644264.html	Coluna de Brum
leia aqui	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/10/opinion/%20https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/06/politica/1544113288_218824.html	Link quebrado
"comunismo"	https://brasil.elpais.com/tag/comunismo	Tag
nazismo é de “esquerda”	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/13/politica/1536853605_958656.html	Texto da editoria de Política do El País
aquecimento global é um “complô marxista”	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/16/opinion/1547664512_125565.html	Coluna de Brum
aqui	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/20/opinion/1466431465_758346.html	Coluna de Brum
aqui	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/10/opinion/1499694080_981744.html	Coluna de Brum
intervenção federal no Rio	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/10/opinion/%20https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/04/08/Os-80-tiros-de-militares-contr-a-um-carro-com-uma-fam%C3%ADlia-dentro	Link quebrado
ela foi tachada de “pornográfica” e “pedófila”	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/30/opinion/1509369732_431246.html	Coluna de Brum
Pussy Riot	https://brasil.elpais.com/tag/pussy_riot	Tag
Vladimir Putin	https://brasil.elpais.com/tag/vladimir_putin	Tag
Carnaval	https://brasil.elpais.com/tag/carnavales	Tag
Total de hiperlinks: 49		
O “mártir” governa		
O que diz o texto	Link	Tipo
Jair Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/tag/jair_messias_bolsonaro	Tag
ao longo dos mais de 100 dias do Governo	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/10/opinion/1554907780_837463.html	Coluna de Brum
vídeo divulgado no canal	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/23/politica/1555974866_824033.html	Texto da editoria de Política do El País
o vice Hamilton Mourão	https://brasil.elpais.com/tag/antonio_hamilton_martins_mourao	Tag
estão sendo “repcionados” pela Força Nacional	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/22/politica/1555962370_134082.html	Texto da editoria de Política do El País
O Mártir quer abrir as terras indígenas	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/07/politica/1541597534_734796.html	Coluna de Brum
indígenas	https://brasil.elpais.com/tag/indigenas	Tag
o povo yanomami já enviou uma carta	http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/588556-yanomami-respondem-bolsonaro-nao-somos-pobres-e-nao-queremos-garimpo	Link para o site da Unisinos
deletar centenas de conselhos sociais	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/15/politica/1555364075_912856.html	Texto da editoria de Política do El País
a lista está atrapalhando os lucros das companhias	https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/04/ministerio-da-agricultura-pede-fim-da-lista-de-animais-aquaticos-	Link para a Folha de S. Paulo

	ameacados.shtml	
democracia	https://brasil.elpais.com/tag/democracia	Tag
tinha sido condenado por improbidade administrativa	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/09/politica/1544379683_286039.html	Texto da editoria de Política do El País
Dias Toffoli	https://brasil.elpais.com/tag/jose_antonio_dias_toffoli	Tag
Gilmar Mendes	https://brasil.elpais.com/tag/gilmar_ferreira_mendes	Tag
Alexandre de Moraes	https://brasil.elpais.com/tag/alexandre_de_moraes	Tag
Viktor Orbán	https://brasil.elpais.com/tag/viktor_orban	Tag
“paralisia” do Governo	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/30/deportes/1553901938_175156.html	Texto da editoria de Esportes do El País
Total de hiperlinks: 17		
EU + UM + UM + UM+		
O que diz o texto	Link	Tipo
hidrelétrica de Belo Monte	https://brasil.elpais.com/tag/represa_belo_monte	Tag
pesquisa o estudante sem bolsa	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/01/politica/1556673723_670461.html	Texto da editoria de Política do El País
arma uma parte da população	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/08/politica/1557344559_959983.html	Texto da editoria de Política do El País
Jair Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/tag/jair_messias_bolsonaro	Tag
avanço de poucos sobre a Amazônia	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/07/politica/1541597534_734796.html	Coluna de Brum
Zygmunt Bauman	https://brasil.elpais.com/tag/zygmunt_bauman	Tag
ameaça porque trata de perguntas	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/09/cultura/1557411080_605702.html	Texto da editoria de Cultura do El País
filósofa	https://brasil.elpais.com/tag/filosofia	Tag
eles têm um guru que se autoproclama filósofo	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/14/politica/1555201232_670246.html	Texto da editoria de Política do El País
Hannah Arendt	https://brasil.elpais.com/tag/hannaharendt	Tag
universidades	https://brasil.elpais.com/tag/universidad	Tag
Governo que está atacando as universidades	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/02/politica/1556819618_348570.html	Texto da editoria de Política do El País
projeto a favor do crime	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/19/politica/1550607962_517514.html	Texto da editoria de Política do El País
reforma da previdência	https://brasil.elpais.com/tag/reforma_da_previdencia	Tag
neoliberalismo	https://brasil.elpais.com/tag/neoliberalismo	Tag
Já reproduzi em coluna recente	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/27/opinion/1553688411_058227.html	Coluna de Brum
lobistas	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/24/politica/1556137351_969753.html	Texto da editoria de Política do El País
Ruas de bytes	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/07/opinion/1478525620_328691.html	Coluna de Brum
redes sociais	https://brasil.elpais.com/tag/redes_sociales	Tag
Ir para a rua	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/15/album/1557947728_420644.html	Ensaio Fotográfico no site do El País
“Boletim do Fim do Mundo”	http://www.fluxo.net/boletim-fim-do-mundo	Link para o site Fluxo
destruir a universidade	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/15/o	Texto da editoria de

	pinion/1557878110_995023.html	Opinião do El País
Brasil	https://brasil.elpais.com/tag/brasil	Tag
Total de hiperlink: 23		
O golpe de Bolsonaro é pela família, contra a nação		
O que diz o texto	Link	Tipo
Jair Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/tag/jair_messias_bolsonaro	Tag
população é convocada para ocupar Brasília	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/21/politica/1558399452_106186.html?rel=mas	Texto da editoria de Política do El País
“marcha da loucura”	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/21/opinion/1558451534_123473.html	Texto da editoria de Opinião do El País
Carlos	https://brasil.elpais.com/tag/carlos_bolsonaro	Tag
Eduardo	https://brasil.elpais.com/tag/eduardo_nantes_bolsonaro	Tag
Flávio	https://brasil.elpais.com/tag/flavio_nantes_bolsonaro	Tag
Itamaraty	https://brasil.elpais.com/tag/ministerio_relacoes_exteriores_brasil	Tag
Bebiano compreendeu isso tarde demais	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/18/politica/1550519459_982750.html	Texto da editoria de Política do El País
investigação pode alcançar outros familiares	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/14/politica/1557863308_090753.html	Texto da editoria de Política do El País
milícia de Rio das Pedras	https://apublica.org/2019/02/como-vota-riodas-pedras-reduto-da-mais-antiga-milicia-carioca/	Link para A Pública
texto em que o autor afirma que o Brasil é “ingovernável”	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/20/politica/1558376079_070401.html	Texto da editoria de Política do El País
manifestações contra os cortes na educação	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/15/politica/1557925930_773928.html	Texto da editoria de Política do El País
já expliquei em artigo anterior	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/10/opinion/1554907780_837463.html	Coluna de Brum
extrema direita	https://brasil.elpais.com/tag/extrema_derecha	Tag
deputado federal Kim Kataguiri	https://brasil.elpais.com/tag/kim_patroca_kataguiri	Tag
Movimento Brasil Livre	https://brasil.elpais.com/tag/mbl_movimento_brasil_libre	Tag
Vem Para a Rua	https://brasil.elpais.com/tag/mvpr_movimento_vem_pra_ua	Tag
Janaina Paschoal	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/23/politica/1556035073_742218.html	Texto da editoria de Política do El País
“Na política, mesmo os crentes precisam ser ateus”	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/14/opinion/1457966204_346156.html	Coluna de Brum
anistiar 70 milhões de reais da dívida dos partidos	https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-sanciona-projeto-que-anistia-multas-a-partidos-valor-pode-chegar-a-r-70-mi,70002833695	Link para O Estado de S. Paulo
que se manifestava claramente contra os valores humanitários mais básicos	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/06/politica/1538859277_033603.html	Texto da editoria de Política do El País
Bolsonaro e a autoverdade	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/16/politica/1531751001_113905.html	Coluna de Brum
Produtos de entretenimento	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/03/c	Texto da editoria de

como as novelas e os filmes	cultura/1522791788_412077.html	Cultura do El País
bispo Edir Macedo	https://brasil.elpais.com/tag/edir_macedo_bezerra/a	Tag
realidade é desemprego crescente	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/01/album/1554147054_806610.html	Ensaio Fotográfico no site do El País
torturador Carlos Alberto Brilhante Ustra	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/20/politica/1461180363_636737.html	Texto da editoria de Política do El País
Total de hiperlinks: 26		
A potência da primeira geração sem esperança		
O que diz o texto	Link	Tipo
Estados Unidos	https://brasil.elpais.com/tag/estados_unidos	Tag
capitalismo	https://brasil.elpais.com/tag/capitalismo	Tag
felicidade	https://brasil.elpais.com/tag/felicidad	Tag
primeira geração sem esperança	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/27/opinion/1551290093_277722.html	Coluna de Brum
Greta Thunberg	https://brasil.elpais.com/tag/greta_thunberg_ernman	Tag
greves globais de estudantes pelo clima	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/15/internacional/1552653279_352247.html	Texto da editoria de Internacional do El País
segundo a Folha de S. Paulo	https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/05/protesto-pelo-clima-em-sp-pedecoacoes-imediatas-e-tem-encontro-com-autoridade.shtml	Link paa a Folha de S. Paulo
Hollywood	https://brasil.elpais.com/tag/hollywood	Tag
Vale do Silício	https://brasil.elpais.com/tag/silicon_valley	Tag
anunciou que mudaria seu manual	https://www.theguardian.com/environment/2019/may/17/why-the-guardian-is-changing-the-language-it-uses-about-the-environment	Link para o The Guardian
mudança climática	https://brasil.elpais.com/tag/cambio_climatico	Tag
Usina Hidrelétrica de Belo Monte	https://brasil.elpais.com/tag/represa_belo_monte	Tag
refugiados dentro de seu próprio país	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/22/politica/1442930391_549192.html	Coluna de Brum
Em defesa da desesperança	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/21/opinion/1450710896_273452.html	Coluna de Brum
na minha coluna no jornal El País de Madri	https://elpais.com/elpais/2019/04/02/opinion/1554211145_146964.html	Coluna de Brum
Donald Trump	https://brasil.elpais.com/tag/donald_trump	Tag
Jair Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/tag/jair_messias_bolsonaro	Tag
que se comportam na política como crentes religiosos	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/14/opinion/1457966204_346156.html	Coluna de Brum
Total de hiperlinks: 18		
Ei, Bolsonaro, até o pênis está diminuindo		
O que diz o texto	Link	Tipo
Jair Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/tag/jair_messias_bolsonaro	Tag
ao ser divulgada pelo Canal History	https://br.historyplay.tv/noticias/agrotoxico-que-causa-diminuicao-no-penis-e-produzido-em-larga-escala-no-brasil?utm_source=meio&utm_medium=email	Link para o site do Canal History

Dilma Rousseff	https://brasil.elpais.com/tag/dilma_rousseff	Tag
Tereza Cristina	https://brasil.elpais.com/tag/tereza_cristina_correa_da_costa_dias	Tag
The Journal of Clinical Endocrinology & Metabolism	https://assets.documentcloud.org/documents/5316830/EDCs-Androgenic-Activity-Perfluoroakyl.pdf	Link para artigo científico
reforma da Previdência	https://brasil.elpais.com/tag/reforma_da_previdencia	Tag
postou no Twitter	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/11/opinion/1552309318_164942.html	Texto da editoria de Opinião do El País
foi amplamente analisada pelo jornalista Naief Haddad	https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/06/de-golden-shower-a-piada-com-japoneses-obsessao-falica-marca-bolsonaro.shtml	Link para a Folha de S. Paulo
jornalista especializada em saúde e meio ambiente	https://theintercept.com/2019/04/29/brasil-pfos-banido-pesticidas/	Link para o site do The Intercept
Ricardo Salles	https://brasil.elpais.com/tag/ricardo_de_aquino_salles	Tag
o Robotox, um robô que tuíta	https://portrasdoalimento.info/2019/05/14/conheca-o-robotox-um-robo-que-tuita-sempre-que-o-governo-federal-libera-um-novo-agrotoxico/	Link para o site Por trás do alimento
com quantos agrotóxicos é feita a água que bebe	https://apublica.org/2019/04/coquetel-com-27-agrotoxicos-foi-achado-na-agua-de-1-em-cada-4-municipios-consulte-o-seu/	Link para o site da Agência Pública
25% dos produtos aprovados pelo governo neste ano	https://g1.globo.com/economia/agronegocio/s/noticia/2019/05/26/ritmo-de-liberacao-de-agrotoxicos-em-2019-e-o-maior-ja-registrado.ghtml	Link para o G1
mais de 500 milhões de abelhas foram encontradas mortas em quatro estados brasileiros	https://reporterbrasil.org.br/2019/03/apicultores-brasileiros-encontram-meio-bilhao-de-abelhas-mortas-em-tres-meses/	Link para o site Repórter Brasil
A reportagem publicada pela revista Veja	https://veja.abril.com.br/brasil/terra-dos-enforcados/	Link para o site da revista Veja
a palavra “agrotóxico” será deletada	https://reporterbrasil.org.br/2019/01/agrotoxico-veneno-defensivo-entenda-a-disputa-pelo-nome-desses-produtos-agricolas/	Link para o site Repórter Brasil
Total de hiperlinks: 16		
MBL usa o aborto para reposicionar a marca		
O que diz o texto	Link	Tipo
aborto legal	https://brasil.elpais.com/tag/aborto	Tag
Movimento Brasil Livre	https://brasil.elpais.com/tag/mbl_movimiento_brasil_libre	Tag
sabe que o projeto pode ser contestado na Justiça	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/26/politica/1561577998_364180.html	Texto da editoria de Política do El País
José Serra	https://brasil.elpais.com/tag/jose_serra	Tag
Dilma Rousseff	https://brasil.elpais.com/tag/dilma_rousseff	Tag
Eduardo Cunha	https://brasil.elpais.com/tag/eduardo_cosentino_da_cunha	Tag
Jair Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/tag/jair_messias_bolsonaro	Tag

redes sociais	https://brasil.elpais.com/tag/redes_sociais	Tag
na exposição do “Queer Museu”	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/18/opinion/1505755907_773105.html	Coluna de Brum
provocando ataques contra artistas	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/12/opinion/1518444964_080093.html	Coluna de Brum
Rodrigo Maia	https://brasil.elpais.com/tag/rodrigo_felinto_ibarra_epitacio_maia	Tag
Lula	https://brasil.elpais.com/tag/luiz_inacio_da_silva	Tag
calculadamente canalizado contra falsos monstros	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/30/opinion/1509369732_431246.html	Coluna de Brum
afirmou Kataguiri após ser eleito deputado federal por São Paulo	https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/07/eleito-deputado-federal-kim-kataguiri-declara-voto-util-em-bolsonaro.htm	Link para o site UOL
impeachment de Dilma Rousseff	https://brasil.elpais.com/tag/proceso_destiucion_dilma_rousseff	Tag
reforma da Previdência	https://brasil.elpais.com/tag/reforma_da_previdencia	Tag
Carlos Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/tag/carlos_bolsonaro	Tag
Escola Sem Partido	https://brasil.elpais.com/tag/programa_escola_sem_partido	Tag
afirmou à Folha de S. Paulo	https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/04/transformar-os-professores-no-problema-da-educacao-e-errado-diz-fernando-holiday.shtml	Link para a Folha de S. Paulo
em entrevista ao jornal O Globo	https://oglobo.globo.com/brasil/lider-do-mbl-critica-bolsonaro-por-demonizar-politica-23682445	Link para O Globo
em artigo na Folha de S. Paulo	https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2016/03/1749131-a-nossa-geracao-sobreviveu.shtml	Link para a Folha de S. Paulo
para apoiar Sergio Moro	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/01/politica/1561933679_383538.html	Texto da editoria de Política do El País
leia aqui	http://documentacao.saopaulo.sp.leg.br/iah/fulltext/projeto/PL0352-2019.pdf	Link para o projeto de lei 01-00352/2019
afirmou ao repórter Felipe Betim	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/27/politica/1561649621_458153.html	Texto da editoria de Política do El País
o relatório “Entre a morte e a prisão	http://cejur.rj.def.br/uploads/arquivos/f8528a283b544defb6429ec0c3e86f0a.pdf	Link para documento Entre a morte e a prisão
Total de hiperlinks: 25		
“Empresários não podem ser batedores de carteiras”		
O que diz o texto	Link	Tipo
indígenas do povo Juruna	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/03/opinion/1491235482_452762.html	Coluna de Brum
Instituto Socioambiental	https://www.socioambiental.org/pt-br	Link para o site da ONG Socioambiental
usina hidrelétrica de Belo Monte	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/06/opinion/1436195768_857181.html	Coluna de Brum

a bolsa de água quente que eu costumava usar no inverno	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/22/estilo/1421926098_497439.html	Texto da editoria de Estilo do El País
declarações e ações do Governo Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/07/politica/1541597534_734796.html	Coluna de Brum
ditadura militar	https://brasil.elpais.com/tag/dictadura_brasileira	Tag
Forlândia	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/19/politica/1492639197_781633.html	Texto da editoria de Política do El País
A maioria dos empresários brasileiros parece ter raiva da floresta	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/19/opinion/1560981343_901218.html	Texto da editoria de Opinião do El País
número alarmante de suicídios de agricultores	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/19/opinion/1560948146_966466.html	Coluna de Brum
Semana do Extrativismo da Terra do Meio	https://www.socioambiental.org/pt-br/tags/vi-semana-do-extrativismo-da-terra-do-meio	Tag no site da ONG Socioambiental
na cidade de Altamira	https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/01/opinion/1417437633_930086.html	Coluna de Brum
Amazônia	https://brasil.elpais.com/tag/amazonia	Tag
Disney	https://brasil.elpais.com/tag/disney_world	Tag
sustentabilidade	https://brasil.elpais.com/tag/desarrollo_sostenible	Tag
Dilma Rousseff (PT)	https://brasil.elpais.com/tag/dilma_rousseff	Tag
Total de hiperlinks: 15		
Doente de Brasil		
O que diz o texto	Link	Tipo
Jair Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/tag/jair_messias_bolsonaro	Tag
como os fiscais do IBAMA	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/11/politica/1555009346_229285.html	Texto da editoria de Política do El País
desmatamento da Amazônia	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/29/opinion/1564359268_903425.html	Texto da editoria de Opinião do El País
ao seu redor outros perversos e alguns oportunistas	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/10/opinion/1554907780_837463.html	Coluna de Brum
psiquiatras	https://brasil.elpais.com/tag/psiquiatria	Tag
ansiedade extrema e/ou depressão	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/24/eps/1545644753_434921.html	Link para o El País
nos últimos anos de polarização política	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/30/politica/1564516182_689279.html	Texto da editoria de Política do El País
desemprego	https://brasil.elpais.com/tag/desempleo	Tag
baseada no incitamento à violência	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/24/opinion/1540394956_656180.html	Coluna de Brum
Adolf Hitler	https://brasil.elpais.com/tag/adolf_hitler	Tag
que mente sistematicamente sobre tudo	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/30/opinion/1564520568_228934.html	Texto da editoria de Opinião do El País
WhatsApp	https://brasil.elpais.com/tag/whatsapp	Tag
Adoeceu de Brasil	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/02/opinion/1493754832_298868.html	Texto da editoria de Opinião do El País
reforma da previdência	https://brasil.elpais.com/tag/reforma_da_previdencia	Tag

Rio de Janeiro	https://brasil.elpais.com/tag/rio_de_janeiro	Tag
traficante de drogas legais	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/23/ciencia/1519399587_495425.html	Texto da editoria de Ciência do El País
reforma trabalhista aprovada em 2017	https://brasil.elpais.com/tag/reformas_laborales	Tag
rede social	https://brasil.elpais.com/tag/redes_sociais	Tag
já aprovou 290 agrotóxicos	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/31/politica/1564581103_642583.html https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/19/opinion/1560948146_966466.html	Texto da editoria de Opinião do El País
PT	https://brasil.elpais.com/tag/pt_partido_trabajadores_brasil	Tag
depressão	https://brasil.elpais.com/tag/depresion	Tag
pequenas dores e preocupações com as coisas	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/03/opinion/1559594866_948491.html	Texto da editoria de Opinião do El País
orientação sexual	https://brasil.elpais.com/tag/orientacion_sexual	Tag
como faz com desmatadores e grileiros na Amazônia	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/28/politica/1564267856_295777.html	Texto da editoria de Política do El País
racista, ela vai ser processada – e não virar presidente do país	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/06/politica/1538859277_033603.html	Texto da editoria de Política do El País
campo de concentração nazista	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/24/internacional/1511539758_597235.html	Texto da editoria de Internacional do El País
ditadura militar do Brasil	https://brasil.elpais.com/tag/dictadura_brasilena	Tag
por medo do “poder de polícia” dos alunos	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/14/politica/1557790165_316536.html	Texto da editoria de Política do El País
Donald Trump	https://brasil.elpais.com/tag/donald_trump	Tag
barbaridade que o presidente americano escreveu no Twitter	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/20/internacional/1563646669_258627.html	Texto da editoria de Internacional do El País
Boris Johnson	https://brasil.elpais.com/tag/boris_johnson	Tag
Estados Unidos	https://brasil.elpais.com/tag/estados_unidos	Tag
futuro possível embaixador do país nos Estados Unidos, Eduardo Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/22/internacional/1563822867_797050.html	Texto da editoria de Internacional do El País
a amputação da palavra	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/20/opinion/1466431465_758346.html	Coluna de Brum
como escrevi neste espaço	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/16/politica/1531751001_113905.html	Coluna de Brum
a destruição da palavra	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/06/politica/1544113288_218824.html	Coluna de Brum
Decidiu que a jornalista Míriam Leitão não foi torturada	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/19/politica/1563563566_553897.html	Texto da editoria de Política do El País

Decidiu que ninguém mais passa fome no Brasil	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/19/politica/1563547685_513257.html	Texto da editoria de Política do El País
Albert Einstein	https://brasil.elpais.com/tag/albert_einstein	Tag
Total de hiperlinks: 39		
As crianças de Altamira		
O que diz o texto	Link	Tipo
Brasil	http://brasil.elpais.com/tag/brasil/a/	Tag
não só desta mãe, mas de todas	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/10/politica/1560155313_626904.html	Texto da editoria de Política do El País
massacre de Altamira	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/29/politica/1564416995_796203.html	Texto da editoria de Política do El País
quatro homens foram estrangulados	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/31/politica/1564588258_788162.html	Texto da editoria de Política do El País
levantamento da Folha de S. Paulo	https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/08/maioria-dos-presos-mortos-no-para-era-negra-tinha-ate-35-anos-e-cometeu-crime-violento.shtml	Link para a Folha de S. Paulo
Jair Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/tag/jair_messias_bolsonaro	Tag
bispo emérito do Xingu, Dom Erwin Kräutler	https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/07/nao-e-resposta-que-um-presidente-de-a-essas-familias-diz-bispo-de-altamira-sobre-bolsonaro.shtml	Link para a Folha de S. Paulo
Hidrelétrica de Belo Monte	https://brasil.elpais.com/tag/represa_belo_monte/a/	Tag
aqui	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/06/opinion/1436195768_857181.html	Coluna de Brum
está diretamente relacionada à construção de Belo Monte	https://www.uol/noticias/especiais/vidas-barradas-de-belo-monte.htm#vidas-barradas-de-belo-monte	Link para o site UOL
Altamira “perdeu” o posto para Maracanaú	https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/08/120-cidades-do-pais-concentram-metade-dos-homicidios.shtml	Link para a Folha de S. Paulo
maneira de lidar com uma realidade que é quase toda ela violência	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/14/politica/1565803890_702531.html	Texto da editoria de Política do El País
Amazônia	http://brasil.elpais.com/tag/amazonia/a/	Tag
o município que mais desmata na Amazônia	https://www.metropoles.com/brasil/meio-ambiente-brasil/altamira-pa-e-a-cidade-que-mais-sofre-desmate-na-amazonia-diz-inpe	Link para o site Metrópolis
a liberação da hidrelétrica	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/11/opinion/1460390361_909016.html	Coluna de Brum
Xingu	http://brasil.elpais.com/tag/rio_xingu/a/	Tag
Total de hiperlinks: 16		
Bolsonaro está espionando o Papa?		
O que diz o texto	Link	Tipo
Jair Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/02/politica/1567424420_050223.html	Texto da editoria de Política do El País
Papa	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/3	Texto da editoria de

	1/actualidad/1554064374_329424.html	Atualidades do El País
desmatamento aumentaram 278%	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/16/politica/1565909766_177145.html	Texto da editoria de Política do El País
O Estado de S. Paulo	https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-diz-que-abin-monitora-sinodo-da-amazonia,70002991566	Link para O Estado de S. Paulo
Dorothy Stang	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/30/opinion/1532957463_995238.html	Coluna de Brum
maioria dos evangélicos	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/15/politica/1565869021_409047.html	Texto da editoria de Política do El País
Emmanuel Macron ao atacar sua esposa Brigitte	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/26/internacional/1566819824_184009.html	Texto da editoria de Internacional do El País
Total de hiperlinks: 8		
"A notícia é esta: o Xingu vai morrer"		
O que diz o texto	Link	Tipo
incêndios na floresta	https://brasil.elpais.com/tag/c/33526609add9652b05add95df9797696	Tag
Amazônia	https://brasil.elpais.com/tag/amazonia/a/	Tag
criminoso Dia do Fogo	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/31/politica/1567273764_557825.html	Texto da editoria de Política do El País
Jair Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/11/opinion/1568219236_285570.html	Texto da editoria de Opinião do El País
publiquei uma entrevista na Revista Época	https://uc.socioambiental.org/pt-br/noticia/107864	Coluna de Brum para a revista Época no site da ONG Socioambiental
Dilma Rousseff	https://brasil.elpais.com/tag/dilma_rousseff/a/	Tag
Belo Monte	https://brasil.elpais.com/tag/represa_belo_monte/a/	Tag
quanto das populações ribeirinhas	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/22/politica/1442930391_549192.html	Coluna de Brum
pessoas analfabetas foram pressionadas a assinar papéis que não eram capazes de ler	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/16/opinion/1424088764_226305.html	Coluna de Brum
Operação Lava Jato	https://brasil.elpais.com/tag/operacion_lava_jato/a/	Tag
The Intercept	https://brasil.elpais.com/tag/glenn_greenwald/a/	Tag
a falácia da ameaça à soberania	https://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/31/opinion/1396269693_200037.html	Coluna de Brum
afirmou à repórter Mariana Schreiber, da BBC Brasil	https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49504987	Link para a BBC Brasil
Xingu, o rio que pulsa em nós	https://www.socioambiental.org/sites/blog.socioambiental.org/files/nsa/arquivos/xingu_o_rio_que_pulsa_em_nos.pdf	Link para arquivo em PDF
afirmou em artigo científico	http://www.mpf.mp.br/pa/sala-de-imprensa/documentos/2019/artigo-vgx.pdf	Link para arquivo em PDF
O leilão que tornou a Norte Energia	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/06/opinion/1436195768_857181.html	Coluna de Brum
nem a direita nem a esquerda estavam interessadas em	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/11/opinion/1460390361_909016.html	Coluna de Brum

denunciá-lo		
58 presos foram mortos no presídio de Altamira	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/09/politica/1565369026_650082.html	Texto da editoria de Política do El País
e a crescente impossibilidade da existência dos indígenas	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/03/opinion/1491235482_452762.html	Coluna de Brum
No seriado de TV Chernobyl	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/24/cultura/1558697040_440107.html	Texto da editoria de Cultura do El País
Total de hiperlinks: 20		
Como vocês se atrevem?		
O que diz o texto	Link	Tipo
Jair Bolsonaro mostrou, na abertura da Assembleia Geral da ONU	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/24/politica/1569340250_255091.html	Texto da editoria de Política do El País
Amazônia	https://brasil.elpais.com/tag/amazonia/a/	Tag
ditadura	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/14/politica/1565802126_256909.html	Texto da editoria de Política do El País
emergência climática	https://brasil.elpais.com/tag/cambio-climatico/a/	Tag
Raoni	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/23/opinion/1569195112_615765.html	Texto da editoria de Opinião do El País
floresta em chamas	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/22/opinion/1566505990_416637.html	Coluna de Brum
o planeta que está ameaçado	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/17/opinion/1539799897_917536.html	Coluna de Brum
falar da sueca Greta Thunberg	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/27/opinion/1551290093_277722.html	Coluna de Brum
Ágatha Félix	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/22/politica/1569186636_712007.html	Texto da editoria de Política do El País
Aspenger	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/02/opinion/1567445846_689424.html	Texto da editoria de Opinião do El País
apontou no jornal britânico The Guardian	https://www.theguardian.com/environment/2019/sep/19/the-crisis-is-already-here-young-strikers-facing-climate-apartheid	Link para o The Guardian
discurso antológico	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/23/opinion/1569250791_978883.html	Coluna de Brum
ocupar as ruas do mundo em nome da emergência climática	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/20/internacional/1568961989_411664.html	Texto da editoria de Internacional do El País
programa da CPFL Cultura disponível na internet	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/12/opinion/1520873905_571940.html	Coluna de Brum
num texto essencial publicado na Ponte Jornalismo	https://racismoambiental.net.br/2019/09/24/no-pais-onde-ser-crianca-e-coisa-de-branco/	Link para o site Racismo Ambiental
Wilson Witzel	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/21/politica/1566423448_948955.html	Texto da editoria de Política do El País
redução da maioria penal	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/04/politica/1551708869_841247.html	Texto da editoria de Política do El País
mirar na cabecinha	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/08/opinion/1557268763_938547.html	Texto da editoria de Opinião do El País
imaginar um futuro onde se queira viver	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/05/politica/1559743351_956676.html	Coluna de Brum
é tecer o comum na casa	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/2	Coluna de Brum

comum	3/opinion/1569250791_978883.html	
Total de hiperlinks: 20		
Um Cristo amazônico... e mulher?		
O que diz o texto	Link	Tipo
Donald Trump	https://brasil.elpais.com/tag/proceso_desti-tucion_donald_trump/a	Tag
Jair Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/tag/jair_messias_bolsonaro/a/	Tag
Recep Erdogan	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/07/internacional/1570427871_758839.html	Texto da editoria de Internacional do El País
Daniel Ortega	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/20/internacional/1555774595_576493.html	Texto da editoria de Internacional do El País
Nicolás Maduro	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/29/internacional/1469811779_708844.html	Texto da editoria de Internacional do El País
Papa Francisco	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/06/internacional/1570365990_513584.html	Texto da editoria de Internacional do El País
Sínodo da Amazônia	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/28/politica/1569686623_240843.html	Texto da editoria de Política do El País
fogo de Deus	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/06/internacional/1570365990_513584.html	Texto da editoria de Internacional do El País
Igreja Católica	https://brasil.elpais.com/tag/iglesia_catolica/a/a/	Tag
monitorando	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/03/opinion/1567512098_079706.html	Coluna de Brum
Com Bolsonaro, têm alcançado níveis de tragédia	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/07/politica/1541597534_734796.html	Texto da editoria de Política do El País
Bolsonaro chegou a atacar Raoni	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/24/politica/1569340250_255091.html	Texto da editoria de Política do El País
adolescente Greta Thunberg	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/23/opinion/1569250791_978883.html	Coluna de Brum
“Nossa casa está em chamas”	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/23/opinion/1569250791_978883.html	Coluna de Brum
um deslocamento da Amazônia para o centro	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/09/opinion/%20https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/09/opinion/1565386635_311270.html	Link quebrado
há 800 comunidades e apenas 30 padres	https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/excluir-mulheres-da-igreja-e-nonsense-diz-assessor-do-papa-para-a-amazonia.shtml	Link para a Folha de S. Paulo
a missionária americana Dorothy Stang	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/30/opinion/1532957463_995238.html	Coluna de Brum
Anuna de Wever	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/23/opinion/1569250791_978883.html	Coluna de Brum
na Volta Grande do Xingu, no Pará	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/12/opinion/1568300730_780955.html	Coluna de Brum
pela Usina Hidrelétrica de Belo Monte	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/06/opinion/1436195768_857181.html	Coluna de Brum
Total de hiperlinks: 20		
Lula livre, sim, mas sem fraudar a história		
O que diz o texto	Link	Tipo

Luiz Inácio Lula da Silva	https://brasil.elpais.com/tag/luiz_inacio_da_silva	Tag
direitos violados no Brasil	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/10/opinion/1544400114_405615.html	Texto da editoria de Opinião do El País
viajar pelo Brasil	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/24/deportes/1571954026_450975.html	Texto da editoria de Esportes do El País
contradições do PT no poder	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/16/deportes/1571249867_755400.html	Texto da editoria de Esportes do El País
pela administração predatória da água por Belo Monte	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/12/opinion/1568300730_780955.html	Coluna de Brum
Antonia Melo, a maior liderança popular do Médio Xingu	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/14/opinion/1442235958_647873.html	Coluna de Brum
uma administração da água que poderá condenar a Volta Grande do Xingu, onde vivem os povos Juruna e Arara, à morte	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/03/opinion/1491235482_452762.html	Coluna de Brum
Em entrevista à BBC Brasil	https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49504987	Link para o site da BBC Brasil
numa entrevista ao UOL	https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/10/18/lula-entrevista-uol-segunda-parte.htm	Link para o site UOL
“A expulsão de ribeirinhos em Belo Monte”	http://portal.sbpcnet.org.br/livro/belomonte.pdf	Link para documento em PDF
Dossiê produzido pelo Instituto Socioambiental	https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo_noticia/31046_20150701_170921.pdf	Link para documento em PDF
aqui	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/06/opinion/1436195768_857181.html	Coluna de Brum
os testemunhos dos ribeirinhos constrangidos	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/16/opinion/1424088764_226305.html	Coluna de Brum
milhares foram submetidos à “remoção compulsória”	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/22/politica/1442930391_549192.html	Coluna de Brum
as crianças dos “Reassentamentos Urbanos Coletivos”	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/14/opinion/1565799016_403909.html	Coluna de Brum
Lula e Dilma passarão para a história como predadores da Amazônia	http://elianebrum.com/opiniao/colunas-na-epoca/dom-erwin-krautler-lula-e-dilma-passarao-para-a-historia-como-predadores-da-amazonia-2/	Colunas de Brum para a Revista Época em link para seu próprio site
Dilma inaugurou Belo Monte explodindo de orgulho	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/09/opinion/1462804348_582272.html	Coluna de Brum
seus flagrantes abusos	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/26/opinion/1474905644_588160.html	Coluna de Brum
são os maiores inimigos da Lava Jato	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/26/opinion/1498488947_331660.html	Coluna de Brum
“o mundo do tudo é possível”	https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/01/opinion/1417437633_930086.html	Coluna de Brum
Total de hiperlinks: 20		
Erro de projeto coloca estrutura de Belo Monte em risco		
O que diz o texto	Link	Tipo

Usina Hidrelétrica de Belo Monte	http://brasil.elpais.com/tag/represa_belo_monte/a/	Tag
um documento da Norte Energia SA	http://ep00.epimg.net/descargables/2019/11/08/993782089dbeab9c785748cc5484f834.pdf	Documento em PDF
Volta Grande do Xingu, região que vive uma situação de total insegurança das condições de vida	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/03/opinion/1491235482_452762.html	Coluna de Brum
Amazônia	https://brasil.elpais.com/tag/amazonia	Tag
rio Xingu	http://brasil.elpais.com/tag/rio_xingu/a/	Tag
Universidade de São Paulo	https://brasil.elpais.com/tag/usp_universidade_de_sao_paulo	Tag
crise climática	https://brasil.elpais.com/tag/cambio_climatico	Tag
BNDS	https://brasil.elpais.com/tag/bndes_banco_nacional_desenvolvimento_economico_social	Tag
município de Senador José Porfírio	https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/11/opinion/1512997340_266770.html	Coluna de Brum
o Tabuleiro do Embaubal, refúgio das tartarugas da Amazônia	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/05/ciencia/1515172862_322540.html	Texto da editoria de Ciência do El País
Operação Lava Jato	https://brasil.elpais.com/tag/operacion_lava_jato	Tag
primeira família ser expulsa e a primeira árvore derrubada	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/22/politica/1442930391_549192.html	Coluna de Brum
tragédias de Mariana	https://brasil.elpais.com/tag/desastre_mariana	Tag
Brumadinho	https://brasil.elpais.com/tag/rompimiento_presa_brumadinho	Tag
já condena a Volta Grande do Xingu, onde vivem dois povos indígenas	https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/01/opinion/1417437633_930086.html	Coluna de Brum
As comunidades de pescadores afirmam que a pesca caiu	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/16/opinion/1424088764_226305.html	Coluna de Brum
depressão é resultado do súbito colapso da paisagem	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/11/opinion/1460390361_909016.html	Coluna de Brum
conflito da água na Volta Grande do Xingu apenas começou	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/18/opinion/1468850872_994522.html	Coluna de Brum
Ministério de Minas e Energia	https://brasil.elpais.com/tag/mme_ministerio_minas_energia_brasil/a	Tag
Lula	https://brasil.elpais.com/tag/luiz_inacio_da_silva	Tag
Ela também estuda a responsabilização do Estado brasileiro por ecocídio	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/12/opinion/1568300730_780955.html	Coluna de Brum
Parlamento Europeu	https://brasil.elpais.com/tag/parlamento_europeo	Tag
Dilma Rousseff	https://brasil.elpais.com/tag/dilma_rousseff	Tag

	ff	
ao reconhecer pela primeira vez as falhas na barragem	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/09/opinion/1462804348_582272.html	Coluna de Brum
Jair Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/tag/jair_messias_bolsonaro	Tag
desde antes da eleição sinaliza que o grande plano do seu governo é abrir a floresta amazônica	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/07/politica/1541597534_734796.html	Coluna de Brum
Total de hiperlinks: 26		
O AI-5 já se instala na Amazônia (e nas periferias urbanas)		
O que diz o texto	Link	Tipo
evoca o AI-5	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/22/politica/1574424459_017981.html	Texto da editoria de Política do El País
o zero três Eduardo Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/politica/2019-11-26/conselho-de-etica-vai-apurar-se-eduardo-bolsonaro-quebrou-o-decoro-ao-falar-em-novo-ai-5.html	Texto da editoria de Política do El País
seis delas já tombaram por bala “perdida”	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/21/politica/1569099826_106579.html	Texto da editoria de Política do El País
Paulo Paulino Guajajara	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/02/politica/1572726281_632337.html	Texto da editoria de Política do El País
Amazônia	https://brasil.elpais.com/tag/amazonia	Tag
aumentou 30% entre agosto de 2018 e julho de 2019	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/18/politica/1574092783_837610.html	Texto da editoria de Política do El País
Amazônia Centro do Mundo	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/15/opinion/1573820553_621324.html	Coluna de Brum
Greta Thunberg	https://brasil.elpais.com/tag/greta_thunberg_ernman	Tag
ocorrida uma semana antes na Terra do Meio	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/24/politica/1574625811_669555.html	Texto da editoria de Política do El País
Vladimir Putin	https://brasil.elpais.com/tag/vladimir_putin	Tag
Belo Monte e seu conjunto de violações	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/06/opinion/1436195768_857181.html	Coluna de Brum
ecossistema que está sendo secado e destruído pela usina de Belo Monte	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/12/opinion/1568300730_780955.html	Coluna de Brum
uma das mais invadidas e desmatadas do país desde a construção de Belo Monte	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/11/opinion/1460390361_909016.html	Coluna de Brum
da Usina de Belo Monte	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/08/politica/1573170248_680351.html	Coluna de Brum
Belo Monte	https://brasil.elpais.com/tag/represa_belo_monte	Tag
moravam no Bairro Independente I	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/14/politica/1526322899_121198.html	Coluna de Brum
Total de hiperlinks: 16		
Belo Monte, a obra que une os polos políticos		
O que diz o texto	Link	Tipo
Belo Monte é a obra que demanda o enfrentamento das	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/06/opinion/1436195768_857181.html	Coluna de Brum

contradições		
transmitida ao vivo pela TV Brasil	https://www.youtube.com/watch?v=YGfidvUfpiE	Vídeo no YouTube
que milhares de pessoas tiveram seu modo de vida inteiramente destruído	https://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/22/politica/1442930391_549192.html	Coluna de Brum
uma crise humanitária na Volta Grande do Xingu	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/12/opinion/1568300730_780955.html	Coluna de Brum
foi construída num microcosmo de exceção	https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/01/opinion/1417437633_930086.html	Coluna de Brum
uma parte da esquerda ligada ao PT quer também apagar essa memória	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/24/opinion/1571924140_406343.html	Coluna de Brum
No manifesto do encontro Amazônia Centro do Mundo	https://www.abaixoassinado.org/abaixoassinados/48467?fbclid=IwAR3Uz1E99VMltj9tUqczNK5gM_IXgx4fiedPeaffULC65IKLhqBwHSfW28#inicio	Link para abaixo assinado
que salva o planeta todos os dias	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/15/opinion/1573820553_621324.html	Coluna de Brum
na primeira inauguração de Belo Monte	https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/09/opinion/1462804348_582272.html	Coluna de Brum
Uma carta do diretor-presidente da Norte Energia S.A	https://ep00.epimg.net/descargables/2019/11/08/993782089dbeab9c785748cc5484f834.pdf	Link para arquivo em PDF
reportagem do El País de minha autoria	https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/08/politica/1573170248_680351.html	Coluna de Brum
The Guardian em 8 de novembro	https://www.theguardian.com/environment/2019/nov/08/death-of-a-river-the-ruinous-design-flaw-in-a-vast-amazon-rainforest-dam	Link para o The Guardian
uma longa carta da empresa	https://brasil.elpais.com/politica/2019-11-22/estrutura-de-belo-monte-nao-corre-risco-diz-norte-energia.html	Texto da editoria de Política do El País
Total de hiperlinks: 13		
Protejam Erasmo: ele pode ser assassinado a qualquer momento		
O que diz o texto	Link	Tipo
Amazônia	https://brasil.elpais.com/tag/amazonia	Tag
Jair Bolsonaro	https://brasil.elpais.com/tag/jair_messias_bolsonaro/a/	Tag
Organizações Não Governamentais (ONGs)	https://brasil.elpais.com/tag/ong_organizacione_no_gubernamentales	Tag
quilombolas	https://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/28/sociedad/1396039867_792085.html	Tag
foram assassinados	https://brasil.elpais.com/brasil/2019-12-13/erisvan-soares-o-quarto-indigena-guajajara-assassinado-no-maranhao-desde-novembro.html	Texto no El País
Anapu entrou no mapa mental do Brasil e do mundo	https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/30/opinion/1532957463_995238.html	Coluna de Brum
Kátia Abreu	https://brasil.elpais.com/tag/katia_regina_de_abreu	Tag

Padre Amaro deu uma entrevista	https://www.theguardian.com/world/2018/mar/27/amazon-priest-amaro-lopes-brazil-land-rights-arrested	Link para o The Guardian
assédio sexual	https://brasil.elpais.com/tag/delitos_sexuales	Tag
foram presos	https://brasil.elpais.com/brasil/2019-12-12/talvez-nao-voltemos-a-alter-do-chao-dizem-brigadistas-voluntarios-do-para.html	Texto no El País
direitos humanos	https://brasil.elpais.com/tag/derechos_humanos	Tag
meio ambiente	https://brasil.elpais.com/tag/medio_ambiente	Tag
lei 11.952	http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2009/lei/l11952.htm	Link para o site do Planalto com a lei 11.952
Michel Temer	https://brasil.elpais.com/tag/michel_temer	Tag
lei 13.465/17	http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2017/lei/L13465.htm	Link para o site do Planalto com a lei 13.465/17
Total de hiperlinks: 15		

Fonte: elaborada pela autora com base em dados do El País (2021)